

**UM THRILLER ÉPICO E ARREBATADOR
SOBRE A GUERRA SUJA E SUAS CONSEQUÊNCIAS**

PUA



LORENZO SILVA



PUA

LORENZO SILVA

PUA

TRADUÇÃO
DIEGO FRANCO GONÇALES

 Planeta

Copyright © Lorenzo Silva, 2023
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2023
Copyright da tradução © Diego Franco Gonçalves, 2023
Obra editada em colaboração com a Planeta Espanha.
Todos os direitos reservados.
Título original: *Púa*

Preparação: Mariana Muzzi
Revisão: Débora Dutra e Caroline Silva
Projeto gráfico e diagramação: Jussara Fino
Capa: LookatCia
Adaptação de capa: Emily Macedo
Imagem de capa: Collaboration JS / Trevillion Images
Adaptação Para Ebook: Hondana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Silva, Lorenzo
Pua [livro eletrônico] / Lorenzo Silva ; tradução de Diego Franco Gonçalves.
-- São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.
ePUB

ISBN 978-85-422-2398-9 (e-book)
Título original: *Púa*

1. Ficção espanhola I. Título II. Gonçalves, Diego Franco

23-5222

CDD 863

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção espanhola

Ao escolher este livro, você está apoiando o manejo responsável



das florestas do mundo

2023

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar

Consolação – 01415-002 – São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

Para Laura, sempre do lado da luz.

ADVERTÊNCIA

Esta é uma história de ficção. Fatos como os que nela são contados ocorreram, ocorrem e seguramente continuarão ocorrendo em diversos tempos e lugares, mas de nenhum deles, nem de seus protagonistas ou suas circunstâncias, pretende o que aqui se relata ser reflexo fidedigno, nem sequer aproximado.

A raiva é inimiga da temperança, sem a qual nada pode ser perfeito. Os filósofos peripatéticos afirmam que a raiva é necessária para a guerra porque gera força no coração, mas, segundo Sêneca, a virtude nunca deve ter a ajuda do vício.

ALONSO DE CASTRILLO,
Tratado da República

Cette vie, la mienne, pauvre vie misérable et quelquefois vivante, et quelquefois aimante, n'a pas été qu'illusions et déroutes et folie, et le peché mortel c'est de l'oublier. Il est vital, dans les ténèbres, de se rappeler qu'on a aussi vécu dans la lumière et que la lumière n'est pas moins vraie que les ténèbres.

EMMANUEL CARRÈRE,
Yoga

Você precisa conhecer o bem e o mal,
ainda que não me deixe explicar o porquê.

FRANCISCA AMADOR CALVO,

Relva de outono

1 A MENSAGEM

Sou uma má pessoa. Como muitas outras, eu poderia dizer. Com a diferença, eu poderia alegar, de ter parado de procurar uma desculpa para justificar meus erros. E daí: o primeiro não me torna bom e o segundo não me torna melhor. São apenas complementos circunstanciais. Quando alguém aceita tornar-se uma má pessoa, pouco importa todo o resto. Tanto faz, tanto fez quem terá que sofrer, e isso nem alívio traz.

Não é que eu seja mau o tempo todo, nem que desconheça o doce sabor das boas ações, que, como qualquer ser humano que não tenha perdido a razão e o sentido da existência, eu prefiro às outras. Aliás, dedico a elas o máximo de minhas energias. Nada é mais reconfortante do que topar com um semelhante que precisa ou a quem pode ser útil sua ajuda e prestá-la sem a menor esperança de receber algo em troca. Nada nos conforma ou nos conecta mais a essa natureza confusa que arrastamos pelo mundo, com a suspeita de que bem poderíamos ser o erro final que a vida cometeu para aniquilar a si mesma.

Neste lugar onde há anos decidi me aposentar, tenho oportunidades diárias de exercer a bondade, e não deixo de aproveitá-las. Faço isso toda vez que arregajo as mangas,

pego os utensílios de limpeza e não apenas espano os livros enfileirados nas prateleiras da loja, mas aproveito para reorganizá-los para que os clientes possam encontrar com mais facilidade aquilo que os interessa ou que procuram, em vez de ter que sondar como mergulhadores e remexer como sucateiros, o que a maioria dos meus concorrentes os obriga a fazer sem nenhum remorso. Sou particularmente consciente, pela minha experiência com o caos, com as sujidades e até com a mais extrema imundície, do valor da limpeza e da ordem, algo que vai além da beleza que oferecem aos olhos. Quem dispõe na sua frente um espaço arrumado e bem organizado faz de você o beneficiário de um ato de amor no qual só um imbecil ou desgraçado pode reparar sem experimentar um turbilhão instantâneo de gratidão.

E quando acontece de eu testemunhar no cliente que aparece diante de mim um amor semelhante pelo livro que procura ou por aquele outro com o qual acabou de trombar inesperadamente, não posso deixar de lhe fazer um favor do qual pode nascer algum gesto de generosidade. Posso cobrar pelo livro menos ou muito menos do que realmente vale, desde que o desconto não prejudique irreparavelmente o negócio, e até lhe fornecer, também com desconto, algum outro livro semelhante que ele jamais teria encontrado sozinho, paralisado como está pelo deslumbramento de poder adquirir aquele que tem nas mãos. É mais forte do que eu: sou vencido pela ternura que me invade diante daqueles

olhos acesos, diante do tremor na voz que chego a notar em alguns, e mais ainda se se trata de um homem ou uma mulher ainda jovens, ou de um velho que, nessa idade, recupera de verdade a inocência do passado. Muito mais se, além disso, tenho a certeza de que eles não têm dinheiro sobrando. Essa emoção que os arrebatava me amolece e me comove de tal maneira que não posso deixar de lhes dar tudo o que está ao meu alcance, e às vezes sofro até dores físicas por não ter como recompensar melhor sua ilusão.

Eu mesmo, que vim para este ramo do comércio para tirar proveito de um desejo juvenil que, quando assumi a loja, não era mais do que o rescaldo de uma paixão extinta, e só porque me pareceu um disfarce tão bom quanto qualquer outro para me salvar da minha vida anterior, pego-me mais de uma vez acariciando algum volume antigo ou telefonando para o encadernador para que ele o restaure para mim sem adulterações, disposto a pagar por essa operação quanto ele quiser me cobrar. E nem tanto para poder vendê-lo mais caro, porque pode muito bem acontecer que, ao restaurá-lo, eu acabe por vê-lo nas mãos de algum desses bibliomaníacos febris e apaixonados aos quais não hesitarei em vendê-lo com prejuízo; mas para não permitir que algo feito com amor, do autor, do editor, do impressor que o produziu ou do artesão que em algum momento o encadernou, seja esfarrapado e arruinado pelos insensíveis estragos do tempo.

No entanto, assim que a oportunidade se apresenta, esse negócio também tira a má pessoa que há em mim. Acontece,

por exemplo, quando entra pela porta um daqueles herdeiros rudes em cujo colo acaba caindo, absurda e injustamente, todo o esforço de uma vida dedicada aos livros, e que se apresentam como possuidores de um patrimônio incômodo que lhes urge liquidar. Todo o seu esforço é para extrair do despojo da biblioteca alheia um rendimento cujo valor os excede, mas que aspiram recolher até o limite do possível. Sem ter nem ideia do que o chato do avô ou do pai, ou um após o outro, conseguiu reunir graças ao seu conhecimento e sua tenacidade, eles se colocam diante de mim com aquela autossuficiência do dono que não consentirá em ser privado de nem um centavo sequer do valor de sua propriedade. Como se fosse eu quem estivesse desesperado para fazer a transação, quando são eles os que mal podem esperar para se livrar daquela pilha de papel que não querem levar para casa. Eu os escuto, os observo, finjo que me impressiono com a sua desenvoltura, que reconheço a sua habilidade como vendedores, enquanto penso, com absoluta frieza, como vou depená-los e saqueá-los, ao mesmo tempo que os faço acreditar que são os negociantes mais astutos e eu, um pobre homem à mercê deles.

Eles são tão tolos, tão idiotas, tão vulneráveis ao abuso, que não é preciso uma estratégia muito elaborada para enganá-los. Recorro sempre à mesma: faço um primeiro levantamento de suas coleções e identifico algumas peças de verdadeiro valor, aquelas que lhes digo ser as que mais me interessam, e as avalio a um preço que sei que eles aceitarão

e que jamais será inferior ao que outros possam lhes oferecer. Via de regra, isso já rende uma quantia que os tenta, porque de repente eles veem dinheiro onde só viam um despropósito comido pelo pó, e a partir daí começo a negociação do restante: livros que, para o meu gosto, comunico, não compraria, porque não poderei mais do que liquidá-los ou vendê-los como papel por quilo, mas que estou disposto a adquirir em troca de manter os que realmente me interessam. Procuro fazer com que a quantia que lhes ofereço por essa segunda parte da transação pareça algo para eles, o que não é muito difícil depois que a desvalorizei com base no desprezo que eles já têm por ela. Não há um sequer que não morda a isca, que não me dê, praticamente de graça, livros que mais tarde se tornarão os mais valorizados do meu catálogo. Nem mesmo corro o risco de que depois descubram a trapaça: se não sabiam o que tinham, menos ainda se lembrarão depois de os ter vendido. Com algumas dessas bibliotecas tristemente caídas nas mãos de idiotas, multipliquei por dez e até por quinze o meu investimento. No máximo, sinto pena daqueles que as formaram. Nunca sinto nada pelo herdeiro que roubo.

A mesma coisa acontece quando chega o comprador arrogante, seja por sua educação superior, seja por sua carteira ou por ambas as circunstâncias, que, desde o momento em que entra pela porta, trata-me como um criado estúpido que deve facilitar seu capricho nas condições que o agradam, e que para tanto ele sabe, vale e tem o que os

outros não têm. Aqui a negociação é mais árdua, e nem sempre se concretiza. Mais de uma vez, não vou esconder, ela termina com o sujeito bufando, dando um ataque e saindo da loja de forma grosseira. Aborrece-me um pouco, por não ter podido lhe dar tudo aquilo o que merece, mas sou recompensado pelas ocasiões, que não faltam, em que um desses vaidosos – tendem a ser homens, embora algumas mulheres também tenham surgido – sai com um livro debaixo do braço e algum outro de brinde, deixando no meu caixa duas ou três vezes o que, se ele fosse mais humilde, poderiam ter lhe custado.

Há um detalhe que me preocupa em esclarecer neste ponto: ao enganar e – embora elas não saibam – maltratar essas pessoas, nem por um momento cedo à crença de que o que faço possa ter algum tipo de justificativa moral ou, em outras palavras, algum tipo de álibi que converta o mal em bem. Estou roubando delas, estou rindo delas, estou as desprezando tanto ou mais do que elas desprezam a mim ou a herança de seus parentes, cujos cuidados desperdiçam. Eu não o faço para restaurar ou instaurar na pequena parte do mundo que administro algo semelhante à justiça, ou para reparar os danos que a sua maldade é capaz de causar, nem com a esperança de que o castigo ou o ridículo redima de alguma forma quem eu sei que não pode ser redimido e nem aspiro redimir. Faço isso apenas para prejudicá-los e, por isso, fico feliz em saborear a sensação de que o consigo, ainda que eles nem sequer percebam.

Renego a autoindulgência. É o tipo de sujeira que nunca, desde que tomei consciência da minha maldade, permiti que se acumulasse em cima da sujeira que já carrego por minhas más ações. Já vi muitas pessoas – e já vi a mim mesmo mais vezes do que gostaria – recorrerem a esse expediente covarde e vergonhoso de procurar na infâmia uma explicação benigna para o infame, que nada mais é do que uma forma rasteira de exacerbar a crueldade para com suas vítimas. Às minhas aspiro apenas sobrecarregá-las com o dano que lhes faço: há muito desisti de lhes impor, aliás, a obrigação de arcar com as merdas que eu possa ter na cabeça para justificar-me com os que não as têm. Se alguém quer fazer o bem, não há outro caminho senão as ações gentis. Se o seu caráter ou seus passos o levam a agir perniciosamente, o que você faz é o mal e o que você deve fazer é viver a partir de agora com a consciência do que fez, do que você é capaz de fazer e do que deve evitar se não quiser que isso acabe tomando conta de todo o seu ser, sem deixar espaço para mais nada.

Por isso, e porque não me orgulho de ser uma má pessoa – não tenho a alma endurecida nem o cérebro amolecido a ponto de tal delírio –, resolvi distanciar-me de tudo o que fui e de tudo o que fiz em outros tempos e escolhi essa pacífica atividade comercial que só muito pontualmente, e de forma limitada, lança-me em conjunturas em que pode aflorar, e aflora, o demônio que sempre me acompanha. É por isso que aceitei uma existência modesta, sem chegar ao extremo de sofrer privações, graças ao exercício criterioso e não de todo

incompetente de um ofício em que as emoções são escassas e de uma intensidade menor que aquela de que meu coração se recorda. Por isso sou apenas uma sombra do que fui e essa é hoje a melhor das minhas conquistas.

Também por isso que, somado ao peso inevitável da memória e das lealdades, sobretudo as forjadas no calor do fatídico e do incondicional, meu pulso, que mal se acelera, e meu pensamento, que raramente experimenta a ansiedade, foram abalados quando pus os olhos na mensagem que acabei de receber e dos olhos passaram à minha mente as letras que a compõem. Ali, instantaneamente, revelou-se, como quem de repente fecha uma cortina que oculta a visão de uma cidade em chamas, todo o significado que as palavras formadas por aquelas poucas letras não podem deixar de ter para mim.

A primeira coisa que pensei é que não quero que isso aconteça. Que não aguentei durante todo este tempo a culpa e o fracasso sem falhas em que me resignei a viver para que agora o desvio que os causou bata novamente à minha porta e me reclame como seu servo e sua miserável consequência. Aliás, investi todos os meus esforços na criação deste reduto onde posso resistir e escapar da parte de mim que não tenho a menor vontade de reencontrar.

A segunda coisa que pensei, enquanto sentia de repente aquele estranho tipo de serenidade que acompanha a catástrofe, é que não posso escapar da mensagem. Ela invoca

meu nome, o verdadeiro, e quem a envia é aquele a quem menos posso recusar ajuda. Releio:

Pua, sou eu. Não me resta muito tempo. Preciso de você.

A terceira coisa que penso é sob que pretexto fecharei a loja.

2 O MENINO

Eu me lembro do menino. De onde estou, o que mais me impressiona, por outro lado, é ele não estar sozinho. Ele ainda não fez nada que o condene a isso. Ainda vislumbra um futuro melhor. As pessoas que o cercam e protegem o incitam a retribuir seu afeto, e por elas, tanto quanto por ele, ele quer progredir, conseguir criar algo que um dia as deixe orgulhosas. Deve isso a elas, elas merecem. O menino ainda tem pai, mãe, tem até um irmãozinho. O menino sonha, e por isso lê livros compulsivamente, esperando encontrar neles tudo o que por enquanto a realidade lhe poupa. Ou talvez seja o contrário: por ler quase sem parar, desde que aprendeu a ler, ele está fadado a se tornar um sonhador inadaptado à realidade. Dá na mesma. Pouco ou nada importa saber se a galinha ou o ovo vem primeiro.

Vejo-o nitidamente desenhado nas dobras da minha memória, e custa-me aceitar que esse menino também sou eu, este mesmo eu que agora tem que recordá-lo desde a orfandade, a solidão e a convicção de que a vida já não pode mais lhe trazer nada melhor do que durar sem sobressaltos, depois da abolição definitiva de todos os sonhos e da vitória esmagadora da realidade em todas as frentes. Faz muitos anos que não tenho pai nem mãe; faz ainda mais tempo

desde que meu irmão soçobrou como uma folha caída do galho prematuramente. Faz anos, enfim, que não leio uma página que faça vibrar a corda do coração.

De vez em quando, obrigo-me a me lembrar: dele e dos outros que fui um dia, melhores, em todos os sentidos, do que este que resta para fazer este relato. Isso não só me conforta; talvez para sobreviver seja necessário guardar a memória daqueles dias mais luminosos. Pode ser que seja apenas uma superstição, mas acho que não terei acabado de morrer e não terei sido completamente aviltado enquanto guardar dentro de mim uma brasa daquela chama que um dia carreguei, brilhante, e que agora não carrego nem brilha. E, no entanto, nem essa crença nem a emoção que a saudade daquele menino ainda possa despertar em mim me impedem de perceber que já nele, já então, porque não poderia ser de outra forma, estava latente, camuflada, se você preferir, mas já delineada e perceptível, a escuridão onde meu caminho ia desembocar.

Assim, confusa e problemática, é a alma humana. Aquele menino que ama seus pais, que tenta cuidar de seu irmãozinho, que se emociona com as histórias que os livros lhe contam, seja de um casal apaixonado, seja de um herói que dá a vida para salvar a de seus companheiros de aventura, aquele menino tão permeável aos bons sentimentos, ao calor e à beleza que o comportamento das pessoas pode conter e projetar, também é capaz justamente do contrário, embora a existência apenas lhe ofereça

ocasiões para trazê-lo à tona e, portanto, seja anedótica, no decorrer de seus dias, a prática consciente do mal. O valor da anedota tende a ser subestimado: isso permite ao menino minimizar a importância dos momentos em que aparece aquele outro, menos cativante, que já é; mas o homem que viveu e compreendeu sabe que o todo está representado nos mínimos detalhes. Na frieza e na feiura de uma só de nossas ações respira, inteiro, o desalmado que carregamos dentro de nós.

Não me faz bem, mas não posso deixar de lembrar a primeira vez que brota do menino a força sombria que ele carrega. É verão, um daqueles verões longos, parados e sem brisa que eram a regra na infância e na juventude e se tornaram impensáveis ao chegar à idade adulta. Estou em uma vila não muito longe do mar, com um dos meus melhores amigos na época. Chamava-se Álex, não éramos muito próximos, também não nos víamos sempre, mas, por uma razão que só comecei a vislumbrar naquela tarde, havia uma cumplicidade natural entre nós que mal precisava de palavras. O que fizemos, como costuma acontecer naquela idade, por volta dos doze anos, não teve importância alguma e ao mesmo tempo teve toda a importância do mundo. Deixavam-nos soltos e andávamos pelos arredores da vila imaginando que éramos guerreiros, bandidos ou exploradores. Graças a ele, dentro dos limites que à ambição infantil impõe a carência de recursos, coloquei em prática as histórias que lia nos livros. Graças a mim, ele teve

argumentos para tornar mais agradáveis as aventuras às quais era empurrado por seu desejo incontável de ampliar seus horizontes e colocar em risco a integridade física própria e alheia.

Subíamos em lugares desaconselháveis, fabricávamos armas caseiras carregadas de perigo e construíamos para nós mesmos esconderijos precários nos quais nenhuma pessoa sensata ousaria se meter. Ele se encarregava da tática, da orientação e da administração, enquanto eu concebia a estratégia que dava sentido a tudo dentro de uma história da qual ele me reconhecia como diretor. Exceto naquela tarde. O que me lembro agora é que Álex já tinha tudo planejado. Pela primeira vez, apenas executei o roteiro que ele tinha elaborado sem me consultar. Imaginei que havia algo errado quando o vi chegar. Com a testa franzida e os punhos cerrados.

— Vamos procurar aquele filho da puta — disse. Essa foi a saudação dele.

Álex tinha esse hábito, entre outros: soltar palavrões como aquele, que me chocavam muito e eu não ousava pronunciar, sobretudo para não parecer ridículo, mas que para ele soavam naturais, como para o homem que os tenha murmurado mil vezes. Perguntei a ele de que filho da puta se tratava, e Álex me respondeu indiretamente:

— Ele fez isso. Abriu a gaiola e o comeu, o filho da puta.

Não precisei que ele me dissesse mais nada. Ele já tinha me contado antes que vira mais de uma vez o gato rondando

à espreita de seu canário, que era levado ao pátio por sua mãe para que tomasse um pouco de ar e sol. A gravidade do fato foi reforçada por uma circunstância singular: o canário em questão, que estava em sua casa desde que meu amigo se lembra, era cego. Não precisei nem quis perguntar mais nada: entendi que a determinação que o movia era irrevogável, e apenas me perguntei, sem lhe dizer, como iríamos encontrar o gato, que andava à vontade pela vila, entrava em todas as casas e tinha em várias delas quem lhe pusesse um prato de comida. Álex não duvidava de que iria caçá-lo, e eu simplesmente me deixei contagiar por sua certeza.

Nós o encontramos em um aterro nos arredores da vila. Estava de pé, com os olhos apertados, contemplando o horizonte e deixando que os raios do sol já declinante lhe aquecessem o sangue. Claro que notou a nossa presença, mas, por algum motivo, ele apenas virou o pescoço e observou nossos movimentos com um ar solene. Não contava com o fato de que Álex já carregava na mão a pedra que havia escolhido para derrubá-lo e não conseguiu reagir a tempo de evitar o golpe, que o atingiu em cheio na parte de trás, ali onde a pata esquerda se articulava com o restante de seu esqueleto. O gato desabou com um miado de dor e quando tentou fugir descobriu que a pata não respondia. Apenas um segundo depois, outra pedra, que Álex havia pegado do chão, atingiu-o em cheio nas costelas e lhe causou outro gemido. Foi quando meu amigo olhou para mim, e eu

não hesitei. Abaixei-me, alcancei uma pedra, enquanto ele já agarrava a terceira, e atirei-a no gato, que não pôde fazer nada para escapar da morte decretada para ele pela cólera daquelas duas almas infantis. A punição continuou por um período de tempo interminável: a partir de certo momento, o animal parou de tentar rastejar e só conseguiu estremecer em convulsões que também acabaram por cessar. Mesmo assim, continuamos a apedrejá-lo até reduzi-lo a um bolo de carne sanguinolento. Álex afinou sua pontaria até conseguir fazer saltar-lhe os olhos. Havia um brilho de alegria em seus olhos quando ele finalmente conseguiu acertar o segundo.

Nós o deixamos lá, onde o havíamos executado, para que começasse a apodrecer quando a noite caísse sobre o povoado. Meu amigo estendeu a mão com um gesto de satisfação. Não pude fazer outra coisa senão sacudi-la e reconhecer, assim, que havíamos nos tornado irmãos naquele holocausto felino. Minha sensação era confusa: eu tinha gostado de ouvir o barulho surdo das pedras contra o couro do assassino oportunista do pobre canário cego, principalmente quando a pedra certa saiu da minha mão; mas de repente a visão dos restos inertes me causou um mal-estar e uma tristeza que não pude evitar e que não pude compartilhar com aquele que tinha me levado para arrebatá-la daquela vida.

Nunca mais matei um animal de sangue quente. Esmaguei com alívio uma multidão de insetos irritantes, como qualquer outra pessoa, mas desde aquela tarde me abstive

escrupulosamente de apedrejar qualquer ser vivo que pudesse sangrar e agonizar como fez aquele gato. Não queria sentir de novo o que senti naquela tarde: que não só era capaz de matar, mas também de desfrutar disso se a vida que eu interrompia me parecia indigna e odiosa, como meu amigo soube caracterizar aquela. E que depois de consumir o ato meu espírito ficava seco e vazio.

Alguns anos depois, o menino teve outra oportunidade de reencontrar sua pior versão. O gatilho foi novamente o abuso de uma vítima fraca por um predador mais forte. No caso, meu irmão, que um dia vi saindo da escola sem roupa e com sinais evidentes de ter chorado. Ele ainda era pequeno: tinha oito anos, mais ou menos. Embora tenha resistido o máximo que pôde, envergonhado, acabou me contando o que tinha acontecido com ele. Um menino quatro anos mais velho o encurralou no pátio, insultou-o, sacudiu-o e, ainda por cima, levou-lhe o lanche. Ele também não quis me dizer logo quem era, talvez porque visse em meus olhos o que aconteceria se identificasse o valentão, mas eu não desisti. No final, ele me deu o nome e me mostrou quem era, para que não houvesse possibilidade de dúvida.

Resolvi esperar o agressor no dia seguinte, na hora da saída, e surpreendê-lo no caminho, quando ele menos esperasse. Naquela época eu já tinha outro amigo, com quem dividia mais coisas do que com o Álex, e talvez por isso essa amizade tenha durado mais tempo. Ele chamava-se Mário, compartilhávamos jogos e leituras e nos divertíamos

inventando histórias juntos. Eu lhe disse que tinha que ensinar uma lição a um idiota que havia machucado meu irmão, e ele se ofereceu para ir comigo. Eu lhe disse que não precisava dele para estrangular o valentão, a quem eu superava por mais de meia cabeça e poderia dominar sem muito esforço. Mário, que era um menino calmo e tranquilo, argumentou com uma parcimônia que me deixou confuso:

— Mesmo que você não precise. Se formos nós dois, ele vai se cagar mais.

E lá fomos nós, e quando cortamos a passagem do garoto o olhar dele mostrou, de fato, um susto do qual não iria se recuperar. Sem lhe dar tempo para reagir, empurrei-o para um canto contra a parede e, quando ele ameaçou fugir, agarrei-o pelo pescoço e derrubei-o no chão. Estávamos ao lado de um prédio e ali ninguém passava. Talvez em algum momento ele tenha pensado em gritar, mas o medo foi mais forte do que seu impulso de pedir ajuda. Eu montei nele para evitar que ele se virasse, e então ele ficou parado, como se esperasse com isso despertar a piedade daqueles dois vingadores contra os quais não tinha chance, e assim evitar a punição. Não pensei duas vezes e o fiz abandonar todas as esperanças com duas bofetadas, da direita para a esquerda e da esquerda para a direita. Suas bochechas pegaram fogo.

— Que tal ficar por baixo, hein, porra? — cuspi nele.

Ele não respondeu. Agarrei-o pela gola da camisa e coloquei meu nariz a um milímetro do dele enquanto procurava seu olhar. Ele fechou as pálpebras e começou a

implorar com uma espécie de gemido. Tomei isso como um sinal para esbofeteá-lo de novo, e de novo, e de novo. Então ele começou a chorar. Eu o observei choramingar com todo o desprezo que cabia em mim. Eu queria humilhá-lo, fazê-lo sofrer, e me confortou ver que eu conseguia. Chegando mais perto, Mário colocou a mão no meu ombro. Eu entendi que já estava bom. Levantei-me.

Naquela noite, lembrando-se do incidente, a inquietação do menino voltou. Queria acreditar que no fundo ele não era, não podia ser tão cruel, e por isso se sentia mal. Ele ainda desfrutava do privilégio de ser capaz de enganar a si mesmo.

3 MARRETA

Ao percorrer os corredores do hospital, cujas paredes gotejam a tristeza e a gana de estar em outro lugar que sempre transmitem os espaços onde a doença e a morte demarcam as horas, custa-me afastar da retina a imagem da paisagem que acabei de deixar lá fora. Fazia muito tempo que eu não voltava à Cidade, àquelas ruas que um dia me pertenceram, e não porque me foram oferecidas de bom grado, mas porque lutei para torná-las minhas. Nelas aprendi a ter olhos na nuca, a ler as esquinas antes de dobrá-las e a estar sempre pronto para encontrar um portal ou uma viela por onde pudesse escapar de olhares que não me convinham que pousassem em mim. Então me acostumei a amá-las e a odiá-las por igual, e a intensidade de ambos os sentimentos era tão insuportável que, assim que pude, me afastei daqui para sempre. Nunca entendi por que ele preferiu ficar para enfrentar a lembrança diária de nossos excessos. Por que é neste hospital frio e sombrio, ainda mais pelo céu cinzento que domina suas janelas, que ele vem, enfim, reunir-se com a única que de ninguém descuida.

Procuro o número do quarto sem aquela antiga ansiedade que me afligia quando não tinha a certeza de encontrar algo de que dependesse a minha sobrevivência ou a dos outros.

Sei que vou encontrá-la e que ele estará lá, porque não dá para ser de outra forma. Os desejos não se realizam, mas as maldições são todas cumpridas.

Acaba que chego ao número em questão. Eu me pergunto se devo apenas bater e entrar ou bater e esperar que alguém me diga que entre. Finalmente eu bato, espero alguns segundos e empurro. O homem que vim ver está deitado na cama, com o rosto voltado para a porta. Atrás dele, um firmamento cinzento promete pouco ou nada através do vidro. Há uma expressão calma em seu rosto, quase de resignação. Não me lembro de alguma vez o ter visto resignado, e por isso me custa reconhecê-lo.

— Cara — ele murmura. — Você chegou a tempo.

— Estava duvidando?

— Sim e não.

— Você não parece tão mal.

Minto, é claro. Acho-o magro, pálido, abatido, sem aquela energia torrencial que sempre transbordava nele. Ver seu corpo grande derrotado sobre a cama é como ver um carvalho caído na grama.

— Diga a verdade, Pua — ele exige. — Devemos isso um ao outro.

— Você está acabado. Melhor assim?

— Melhor. Você não veio aqui para ter pena de mim, eu espero.

— Não faria isso. Por que você me chamou?

— Você se surpreende que eu queira te ver antes de partir?

— Sim e não.

Ele avalia minha resposta. E emenda com outra pergunta.

— Faz quanto tempo?

— Dez anos — calculo. — Arredondando.

— Sem nenhuma comunicação. Não deixa de ter seus méritos.

— Foi o que combinamos. Por uma razão.

Ele concorda com um gesto lento de cabeça.

— Pois é. Estou prestes a escapar para sempre. Você, não.

— Você é muito sortudo. No final, descobrirá que você foi o esperto.

Ele nega com a cabeça.

— Não, isso nunca. O esperto sempre foi você. Não vou esquecer, nem mesmo agora, o motivo de eu estar aqui e não em outro lugar. De por que não tive que carregar o peso que os outros carregaram.

— Você sempre exagerou isso. Tivemos mais sorte, nada mais.

— Sorte não existe. Muito menos onde você e eu estivemos.

— Então você me chamou para me agradecer.

Minha dedução lhe arranca o primeiro sorriso.

— Não, te chamei para te foder. Me desculpe, companheiro.

— Sei que tem um bom motivo. Pode ser que eu não me vá.

— Eu tenho o melhor dos motivos. E você vai embora, Pua.

— Faz dez anos, Marreta, eu não estaria tão seguro.

Ao ouvir seu nome de guerra em meus lábios, algo de repente se acende dentro dele, como se acendeu em mim quando li o meu na mensagem em que ele me convocou à sua cabeceira. O que estou lhe dizendo com isso é justamente o contrário do que dizem as palavras com as quais o acompanho: que me lembro do que fomos e do que somos, pelo que tivemos que fazer juntos; e que não há a menor possibilidade de que ele deixe de honrar o vínculo que nos une, para além de qualquer juramento e qualquer outra forma de compromisso entre os seres humanos. Nem mesmo o amor na mais feroz de suas versões pode unir tanto aqueles que são vítimas dele. Nosso vínculo é fruto do erro e do desvio, e quem está ao lado do outro naquele transe irreversível e fatídico já não tem mais como ignorá-lo. Para que eu negasse o que ele queria me pedir, teria que ser algo que contrariasse tudo isso. E sei que ele não vai se permitir, como eu jamais me permitiria, cair em tamanha incoerência.

— Estou tão feliz em ver você — ele diz enfim. — Aqui, onde não há alegria nenhuma, e quando nada mais poderia me fazer feliz, isso não é pouco.

— Vamos ver se você vai se curar agora e tudo o mais — eu brinco.

— Não, isso está fora de questão. Pedi aos de jaleco branco que fossem sinceros e eles foram. Dificilmente vou conseguir passar deste mês.

— E você quer passá-lo aqui?

— Tanto faz. Não tem importância. Quando eu sentir que o fim está próximo, pedirei à enfermeira para aumentar a medicação que permite que eu esteja falando com você agora, em vez de estar gritando. Se ela for muito gentil, minha última visão será a de uma praia sob um céu alaranjado de verão, com o mar rebentando do outro lado da bochecha da minha mãe, que me pega no colo, me embala e canta para mim.

— Pronto — eu observo com espanto. — Você virou poeta.

— E filósofo. O precipício ensina o que você não aprendeu antes.

— Ainda bem que é assim. Também para mim, não vou esconder isso de você. No caminho para cá, pensei que o encontraria amargo e deprimido.

— Não tenho razão para isso. Já acabou, eram as regras do jogo desde o início e poderia ter sido muito pior. Poderia ter sido muito antes, ninguém sabe disso melhor do que você. Poderia ter sido de uma forma muito mais feia, você sabe do que estou falando também. No fim, estou tendo o que não mereço. Que eles cuidem de mim, e que sejam essas meninas que façam isso, elas que não sabem quem eu sou e que não me devem nada.

— Elas são pagas para fazer isso — eu o lembro.

— Se soubessem de quem cuidam, talvez não o fizessem, mesmo que fossem pagas.

— É o trabalho delas. Elas podem aguentar você e coisas piores.

— Algumas delas me fariam uma cara feia, tenho certeza, mas olha você, no entanto. Vou até usar essa luz do seu sorriso.

— Você se tornou uma boa pessoa. Começo a me perguntar para que precisa de mim. Sobre o que era aquela mensagem que você me enviou?

— Não estou deprimido, mas há algo que me preocupa.

— Agora é que você vai me foder — adivinho.

— Receio que sim.

— Bem, não pense mais nisso. Antes você não pensava tanto.

— Antes eu não tinha o que tenho agora.

Ele abre a gaveta da mesa de cabeceira ao lado da cama e dela tira uma carteira danificada pelo tempo e pelo uso. O couro está gasto e curvado. Ele a entrega para mim e vejo que seu pulso está tremendo.

— Eu prefiro que você faça isso. Meus dedos não são mais tão confiáveis. Nem tão rápidos. Procure nos bolsinhos de dentro. Vai encontrar uma foto.

Obedeço, com aquela sensação incômoda que provoca a intromissão na privacidade alheia quando nem o trabalho nem o desejo o impõem. Vejo seu documento de identidade, em que ele aparece usando uns óculos que eu não conhecia. Ele parece ainda mais velho com eles do que agora, abatido e desgastado sob a camisola do hospital. Enfim consigo encontrar a fotografia. É apenas um pouco menor do que a carteira, e nela vejo uma jovem de beleza insolente. Deve ser

uma daquelas ampliações que dão quando tiramos fotos para a carteira de motorista, e não posso deixar de me perguntar como reagiria o funcionário a quem ela entregou a versão menor para que lhe emitisse algum documento. A menina olha para a câmera de uma forma que não poderia ser mais provocativa, com a maquiagem que destaca seus traços e a serpente tatuada que lhe sobe o pescoço. Minha reação não escapa ao meu companheiro.

— Sim, você deduz bem — diz ele. — É um problema ambulante. E minha filha.

— Sua filha?

— Nunca escondi isso de você.

— Por isso mesmo — digo em minha defesa. — Esta garota é a mesma que você me mostrou naquela foto do carrossel?

— Com alguns anos a mais. E sem carrossel.

— A propósito, percebo que ela não está aqui para cuidar de você.

Marreta dá de ombros.

— Não a culpo. Ela sabe quem eu sou.

— E a mãe dela?

— Também sabe. E já tem problemas o suficiente. Ela não está bem.

— Por causa da menina?

— Em parte. Ela também não cuida da mãe. De ninguém, na verdade. E muito menos de si mesma. Foi por causa dela que eu te chamei.

— Eu também não sou muito bom em cuidar de ninguém.
— Vejo-me tendo que esclarecer. — E menos ainda de quem quer complicar a própria vida. Nunca fui, e todos esses anos me deixaram ainda menos paciente. Faz muito tempo que cuido só de mim, Marreta.

— Eu já te disse que ia te foder, me desculpe. Eu não tenho mais ninguém a quem recorrer. Se você não cuidar disso, não vou conseguir partir em paz.

— E o que você quer? Que a sustente? Que a eduque?

Meu velho companheiro olha para o teto e reconhece:

— Nem uma coisa nem outra. Algo mais simples.

— Diga.

Ele se vira para mim e implora:

— Que a impeça de acabar numa cova antes de mim.

— Ela está em perigo?

— Em grave perigo. E se ela escapar desta vez, eu gostaria que seguisse outro caminho, e que um dia ficasse velha e se lembrasse de que o pai se preocupou com ela até o fim e me perdoasse tudo o que ela tem para me perdoar. Mas isso, Pua, não estou te pedindo.

— É um problema a menos para mim.

— Diga-me que você não se recusa.

— Não, mas uma fotografia é muito pouca informação. Talvez o que quer que a ameace esteja além de minhas forças. E elas, por outro lado, não são mais o que já foram um dia.

— Sua maior força ainda está em você — apostou. — Recorro a ela, como recorri em seu tempo. Nunca me falhou

antes. Não vai me falhar agora.

— Eu insisto. Você vai ter que me contar mais coisas.

— Vou te dizer onde ela está, ou melhor, onde está o fio que te permitirá alcançá-la. Vou te atualizar com o que sei sobre ela e garanto que será o suficiente para te dar uma ideia do que encontrará pela frente. E se me permite apostar, diria que não é algo páreo para você. Também não seria para mim se eu não estivesse prostrado aqui, mas meu tempo de solucionar problemas acabou.

— Você parece muito seguro. Isso me tranquiliza.

— Eu estou. Seguro de você.

Do outro lado do vidro chove na Cidade, o que é o mesmo que dizer sobre o pouco que resta de sua vida e sobre o que agora vem pesar na minha por causa dele. Devia odiá-lo por me obrigar a voltar aqui, a este horizonte de aguaceiro, à dureza dos seus dias e das suas noites. Não consigo. Ouço o demônio acordar. Aceito a missão.

4 OS SOLDADOS

O menino já é um homem. Com apenas dezoito anos, o obrigam a aceitar a farda que veste e a arma de fogo que lhe foi atribuída, bem como os homens com quem vive, alguns deles vários anos mais velhos, alguns com pelos no peito e dois ou três com olhar sombrio e um saco de maldades comprovadas nas costas. Ele não pediu para estar ali: para os homens do seu tempo e do seu lugar, de tantos tempos e tantos lugares, ser soldado é um dever que só pode ser evitado aceitando ir para a cadeia, e o menino gosta ainda menos de pôr os pés no pátio de um complexo prisional. Embora algumas manhãs e algumas noites ele se pergunte qual a diferença entre ser um soldado e ser um prisioneiro, e ele mesmo responda que um preso não é forçado a fazer a atividade incessante que lhe é exigida, que vai desde marchar por horas até limpar o restolho dos lotes não cultivados no interior do quartel. Ao arrancar cardos e arbustos sob o calor de um julho escaldante, sente que fez o péssimo negócio de trocar a prisão por trabalhos forçados, sem que a atividade, como queria acreditar, fosse necessariamente melhor.

Acima de tudo, ele sente isso quando vê Rai ao seu lado, é assim que ele prefere ser chamado: um recruta de olhos claros e intenções sombrias que, como todos, acata a

disciplina para não atrair o castigo ou o peso das tarefas ingratas e não ficar sem folgas, mas que não perde a oportunidade de exhibir, quando fora da visão de superiores, a matéria de que é feito. O menino, embora agora capinando ao seu lado, mede as distâncias e tenta nunca o perder de vista. Diante de um sujeito assim, quem o faz se arrepende, e se não, perguntem ao Pato, o recruta desajeitado que sempre há em cada pelotão, que ninguém conhece a não ser pelo apelido pejorativo e que Rai o converteu desde o primeiro dia no alvo preferido daquela crueldade sombria que ele carrega dentro de si. A zombaria dá lugar ao tapa na nuca, o tapa ao trote, o trote ao chute na bunda que ressoa em todos os tímpanos, menos nos dos chefes. Graças ao Pato, Rai extravasa diariamente a frustração causada por ser pouco mais que um escravo, como todos os outros, quando veste o uniforme e se submete às regras inflexíveis do exército. Não há escuridão que possa competir com o brilho de seus olhos quando o vê e o domina.

Já o menino, agora um homem, enxada e suor em uníssono com tal criatura, pensa mais uma vez que deve fazer alguma coisa, que é muita injustiça que o elo mais fraco daquela cadeia de desgraçados esteja condenado a suportar, dia após dia, os golpes daquele martelo vil. E, no entanto, não consegue ver como salvá-lo dele. Contra a queixa aos comandantes ergue-se a férrea lei do silêncio que impera entre a tropa, segundo o código não escrito dos soldados cuja transgressão acarreta um ostracismo a que seria preferível o

pior castigo da chefia. Assumir para si a defesa do infeliz encontra o mesmo obstáculo: não vai contra o código subjugar os desajeitados, e a manada que os soldados formam não se opõe aos maus-tratos, porque as risadas provocadas são para todos uma válvula de escape. Ninguém chega ao extremo de Rai, mas também ninguém tem pena de sua vítima. É melhor que ela esteja lá para receber todos os chutes e salvá-los do resto. Se o menino tomasse suas dores, não só teria que enfrentar o grupo como também correria o risco de compartilhar o destino do infeliz de agora em diante. Para o primeiro, ele não parece forte; o segundo, deseja tão pouco como qualquer outro.

É por isso que, quando olha de relance para Rai, ele não pode deixar de odiá-lo. Sente que o odeia mais do que tem pena do pobre Pato, que o asco que o indesejável lhe produz pesa mais do que a pena por quem o sofre. A sensação torna-se fisicamente insuportável: ele o ouve ofegar, vê como ele sua e tem vontade de enchê-lo de pedradas, como fez com um gato predador em um dia longínquo de sua infância.

O menino não imagina que no dia seguinte o destino fará o trabalho por ele, de uma forma muito mais refinada e sutil, porém mais devastadora para o impiedoso Rai. Acontece quando, em uma das aulas teóricas sobre armas, o sargento manda que Rai se levante e leia o manual em voz alta. O primeiro sinal de que algo vai acontecer é oferecido pela tonalidade carmesim que de repente adquire a pele do indicado. A catástrofe que o apavora é desencadeada no exato

momento em que ele começa a ler, em voz gaguejante, um texto simples que, no entanto, ele só é capaz de decifrar com uma lentidão desesperada e grotesca. A gargalhada se anuncia primeiro como um rumor e explode no final como um artefato pirotécnico. O sargento não a interrompe de imediato: deixa que atrapalhem os balbucios de Rai por alguns segundos intermináveis, nos quais o inapto leitor se esforça para ser ouvido quase tanto como tenta desvendar o mistério das letras alinhadas. Sua boca fica seca e sua voz falha quase ao mesmo tempo que o sargento manda calar a tropa jubilosa. Rai quer morrer, porque de repente, além de prisioneiro e escravo, ele é o motivo de chacota da tropa. Exatamente o que ele tanto gostava de fazer com o Pato, que o olha em silêncio.

Não: por mais que eu quisesse, não conseguiria discernir nas feições do recruta desajeitado o mais remoto sinal de que ele se consolava com o espantoso e angustiante ridículo de seu algoz. Pato era nobre demais para isso, ou talvez tenha acontecido, pensei uma vez, que ele nunca tenha percebido totalmente as coisas, e por isso virava para a direita quando o instrutor mandava ir para a esquerda. Pareceu-me que no rosto impassível do sargento havia um leve traço de satisfação, o que me levou a suspeitar que ele estava mais ciente do que pensávamos do que se passava entre a tropa, e que aquele transe miserável em que tinha acabado de se meter o canalha iletrado do Rai estava longe de ser um acidente. De minha parte, tive que me conter para não

expressar minha alegria e manter a indiferença que, desde que me deram aquelas botas e me obrigaram a colocar aquelas correias, entendi que era a melhor atitude para enfrentar os acontecimentos, fossem eles quais fossem. Talvez o prazer que senti devesse ter sido abrandado pelo que soube de sua vida, de repente, ao ver como aquele indivíduo lia: que vinha de uma precariedade e, portanto, de uma vergonha da que certamente se alimentava sua implacabilidade. Mas não. Comemorei comigo, em uma euforia silenciosa, que a vida o tivesse jogado naquela sarjeta e deixado ali em pedaços.

Houve, porém, uma pessoa que adivinhou facilmente o meu pensamento: bastou para isso que os nossos olhos se encontrassem. Max era o cara mais carismático do grupo e meu fornecedor regular de livros. O que nunca acontecia com ele era o que acontecia comigo, que ficava sem leituras porque os poucos momentos de lazer eram dedicados a devorar febrilmente os livros que eu tinha colocado na mochila na última folga de fim de semana. Ele lia mais devagar, como fazia com todo o resto; inclusive mirar e disparar o fuzil, característica que o tornava, aliás, o melhor atirador do quartel. E por outro lado, guardava tantos livros em seu armário que o móvel mais parecia uma biblioteca. Como ele me contou, quando fez as malas, pensando no tédio que o esperava e que não ia poder voltar para casa por um tempo porque morava longe, tinha decidido encher uma mochila só com livros. Ninguém como Max, enfim, sabia o

que a leitura significava para mim, nem podia perceber com tanta exatidão o desprezo triunfante com o qual me diverti naquele dia em que vi o idiota do Rai sucumbir à sua lamentável ignorância. E embora seu rosto também não demonstrasse, nem ele se permitisse juntar-se ao riso dos outros, eu sabia que o compartilhava plenamente.

Deve ter sido pouco depois que me vi ao lado dele na galeria de tiro, ambos deitados de bruços e com várias dezenas de cartuchos para gastar com nossos fuzis. Fiquei maravilhado com a facilidade com que Max manjava o dele: ele tinha braços fortes e poderosos, perto dos quais os meus ainda eram os de uma criança. Não só pelos seus três anos a mais, mas também pelo trabalho árduo a que ele teve que se dedicar depois de terminar os anos do ensino obrigatório. Eu não era ruim com as armas, mas não as conseguia engatilhar com a facilidade, quase desenvoltura, que ele demonstrava em cada movimento. Ele não procurava, no entanto, apavorar ninguém com sua destreza. Enquanto me observava lutar com o ferrolho, ele sorria para mim com sua expressão mais bem-humorada.

Armas carregadas, ambos nos rendemos ao ritual do atirador. De tudo que me obrigaram a fazer lá, aquilo era o que eu mais gostava. Os alvos estavam longe, mas eu sentia a força da arma, a linha tensa do tiro, e várias vezes tinha a sensação de poder alcançar e perfurar no alvo aquele papelão que simulava o inimigo. Não estávamos em guerra, por isso o treinamento não deixava de ser uma rotina um pouco

exagerada considerando uma ameaça que só muito remotamente, ou assim eu pensava àquela altura, corríamos o risco de ter de enfrentar. Ainda assim, era prazeroso puxar o gatilho, recarregar, puxar de novo e sentir-me capaz de derrubar o adversário à minha frente. Max atirava sem se alterar, pelo menos até onde eu podia observar, enquanto mantinha sua cadência de tiro regular.

Quando fomos retirar os alvos e verificar nossos resultados, notei que o nível dele, mais uma vez, era inatingível, mas ele reparou que o meu estava apenas um pouco abaixo, e acima da média.

— Seu olho não te deixa na mão — observou ele. — Seu pulso também não está tremendo.

— Um pouco mais do que o seu.

Max sorriu modestamente.

— Eu tenho mais força — disse ele. — O seu é mais incomum, você tem controle.

— Eu tento.

— E consegue. Tenha cuidado. Isso sim é perigoso.

— Qual é o perigo?

— Quem quer que esteja na sua frente vai descobrir.

Fiquei pensando naquilo por um tempo, porque Max falava pouco: ele era mais de ouvir, observar e guardar seus julgamentos para si. Quando ele abria a boca, geralmente era apenas para trocar piadas inconsequentes com os demais, mas que havia muito mais em sua cabeça era um fato que não se vislumbrava só daquele armário cheio de livros do qual eu

me beneficiava em momentos de jejum de leitura. Em todo caso, durante o restante do serviço militar, que compartilhamos, não houve oportunidade de verificar se o seu prognóstico estava correto. Meses se passaram sem que a paz fosse perturbada, ou melhor, sem que fosse perturbada de tal forma que fosse preciso nos mobilizar, porque havia alguém que insistia em perturbar a tranquilidade dos outros e que nos colocava na situação mais parecida com a de uma guerra que guardo na memória. Aconteceu no final do meu tempo naquele lugar, quando chegou uma ameaça de bomba e nos espalhamos pelo perímetro externo do quartel para tentar localizá-la. Max e eu já éramos veteranos, o que pela lei consuetudinária dos soldados nos dava o privilégio de nos esforçarmos o mínimo possível e conduzir os recém-chegados para que eles lutassem em nosso lugar. O mesmo se dava com a limpeza das dependências ou na hora de realizar qualquer outra tarefa desagradável; por exemplo, vasculhar os campos ao redor do quartel em busca de vultos suspeitos.

Tenho boa lembrança daquele dia. Não encontramos nenhuma bomba: foi um dos muitos alarmes falsos que ocorreram na época e que não podiam ser ignorados, já que de vez em quando aconteciam explosões reais. Entre os novatos que Max e eu pastoreávamos, e que se dedicavam às enxadas enquanto circulávamos com os nossos rifles confortavelmente pendurados no pescoço, estava o mais perigoso de todos os soldados com quem tive que conviver:

um tipo já com algumas condenações nas costas, os olhos ainda mais claros que os de Rai e a alma três vezes mais sombria. Um chacal de quem ninguém poderia esperar misericórdia nem reabilitação, mas que, no entanto, submeteu-se como um cordeiro às nossas ordens. Max apontou para mim e disse:

— Olhe para ele. No fundo, é insignificante. Piores somos você e eu.

É a última coisa de que me lembro de Max antes de sermos dispensados, ficarmos bêbados e esquecermos de tudo, como deveríamos ter feito. Muitas vezes me perguntei como ele demonstraria isso.

5 VERA

Eu a observo com a vantagem que me dá a assimetria que existe entre ela e eu, e enquanto o faço penso que isso, a assimetria, sempre foi a ferramenta que melhor manejei, para meu próprio mal e para o mal de outros. Neste caso, revela-se especialmente abrupta. Com a minha idade, minhas roupas e a capacidade que desenvolvi para impedir que meu rosto expresse minhas emoções, posso chegar a um grau de invisibilidade que me permite espioná-la à vontade. Sou um homem de fisionomia comum, sem nenhuma estridência, e sou completamente desinteressante. E se ninguém me nota pela minha aparência, a minha forma de estar nos lugares leva a arte de desaparecer a níveis difíceis de igualar. Ela, por outro lado, não poderia mais ser vistosa.

Não é só a maquiagem, nem o olhar que carboniza tudo o que a rodeia a trezentos e sessenta graus, nem a serpente desenfreada que chega quase à orelha esquerda, subindo em seu corpo sabe-se lá de onde. Agora que posso apreciar sua imagem tridimensional, percebo que a garota não é apenas escandalosa e provocativa, mas o é de uma forma tão perturbadora que quase torna inevitável que sua existência despenque dos penhascos onde, segundo seu pai, transita já faz algum tempo. Essa imagem é sublinhada por seu vestido

preto, e é claro que ela sabe disso e é por isso que se veste assim para ir a um encontro como o que a traz a este café movimentado onde eu a observo. Não posso reprimir um sentimento de compaixão por ela. Porque continua a ignorar que aquilo que nos ajuda a deslumbrar os outros é também aquilo que nos destrói e nos lança, mais cedo ou mais tarde, numa miséria de dar pena. E porque em nenhum momento, nem quando ela entra no local fincando os saltos no carpete, nem quando se senta à mesa perto da janela com ar de proprietária, nem quando cruza as pernas e olha para a rua enquanto equilibra a que fica por cima com desdém imperial, antevê o que acontecerá naquela tarde, jogando por terra tantas certezas. Ninguém comparecerá ao encontro e ninguém sabe disso melhor do que eu. Foi comigo que ela marcou o encontro por telefone, e não tenho intenção de atravessar a sala do canto onde finjo escrever no meu caderno para resgatá-la da perplexidade e do aborrecimento que sentirá ao se ver plantada, esperando.

Faço as contas dos dias em que o pai dela a exibia para mim sobre o cavalinho no carrossel com um sorriso inocente e concluo que mal deve ter vinte anos. Não é a primeira vez que noto em uma mulher tão jovem aquele porte majestoso que muito raramente está disponível para o homem jovem e que tem a ver com o mistério da condição humana, do qual as mulheres são participantes muito antes e muito mais profundamente que os homens, sempre enredados em quimeras superficiais, e a quem só a experiência conecta, e

nem sempre, com a dimensão definitiva em que se assenta o que somos. Sua pele clara, quase translúcida, seus olhos com reflexos dourados e seus cabelos pretos e lisos, assim como o seu vestido, ajudam-na a transmitir aquela sensação de estar do outro lado das coisas. Quanto ao restante, não é muito alta e suas formas são mais exíguas e estilizadas do que opulentas. Se ela se mostra infalível no ato da sedução, e eu atesto isso, não é tanto pela evidência quanto pela intensidade de seus atrativos. Combinando com a serpente que adorna seu pescoço, sua beleza é cortante e implacável.

Escrevo todos esses detalhes como se não fossem comigo, e afinal é verdade que não são, porque por razões diferentes das dela eu também estou do outro lado das coisas. O homem e o jovem e o menino que ainda devem sobreviver de alguma forma dentro de mim anulam seus apetites diante do observador profissional que não está ali para trocar notas de sua carteira por falsos momentos de posse daquela juventude à venda, mas para, com objetivos específicos, extrair e posteriormente processar informações sobre aquela pessoa. É por isso que me alegro, mesmo que seja um prazer infame, ao ver que, conforme o tempo vai passando e ninguém aparece, sua autoconfiança se quebra e cede lugar primeiro à perplexidade e depois a um fugaz desamparo que a devolve ao que ela é: uma garota que queima seus cartuchos muito rápido. Como se soubesse o que não sabe, que eu a observo, ela supera imediatamente a debilidade. Com uma expressão de raiva, faz uma última varredura visual da multidão,

procurando o porco que marcou o encontro para observá-la e rir dela. Não adianta muito. Mais uma vez, o homem encolhido sobre o caderno com ar distante escapa de suas suspeitas. Por fim, a moça desiste, paga a garrafa de água mineral que pediu e se levanta da cadeira.

Ao vê-la sair, noto a expressão de aborrecimento que se contorce em seu rosto e deduzo que, embora isso não lhe aconteça normalmente, não é a primeira vez que ela se depara com algo semelhante. Dúvidas ou arrependimentos de última hora de clientes já a devem ter feito esperar em vão em alguma outra ocasião. Dou-lhe certa vantagem, não muita – porque meu café está pago desde que o pedi –, coloco o caderno no bolso e vou atrás dela.

Se eu pude passar despercebido no café, do lado de fora sou indetectável. Ao marcar o encontro, fiz questão de encontrá-la em um local próximo ao seu apartamento, onde combinei com ela a prestação do serviço. Por isso estou certo de que caminhará até lá e de que não será difícil acompanhá-la. Não tenho certeza de que mora ali, mas sim de que posso procurá-la nesse lugar se for necessário, confiante de que mais cedo ou mais tarde ela aparecerá. Por enquanto, e para começar, me contento com isso. Como sabe quem conhece o ofício de seguir os passos dos outros, o que importa é ter um fio permanente para puxar, em vez de insistir em nunca os perder de vista.

A silhueta dela, emoldurada pela capa de chuva preta que a protege, combinando com o vestido, não podia ser mais

característica. Eu a sigo sem esforço, sempre deixando um número razoável de transeuntes no meio. Aperto um pouco o passo quando a vejo dobrar uma esquina, para não correr o risco de perdê-la em alguma manobra repentina que ela faça logo em seguida, mas minha observação logo me convence de que ela não aplica medidas de contravigilância. Ela caminha resoluta, os olhos fixos à frente, os ombros ligeiramente curvados, talvez para que o capuz a proteja melhor da água que, em gotas minúsculas, mas teimosas, procura seus olhos, ou porque afinal ela está com pouca roupa para o frio úmido que o outono, como sempre, provoca na Cidade. Em pouco mais de cinco minutos de caminhada, ela chega diante da entrada de um prédio de certo porte. A Cidade não é barata, então me permito observar a possibilidade de que alguém se encarregue de pagar o aluguel. Ela só empurra a porta, que ao menos neste momento está destrancada, o que facilita meus propósitos e me poupará tempo. Ocupo um lugar coberto e observo a fachada por alguns minutos. O dia está escuro, o sol que ainda deve estar lá, além da cobertura de nuvens, mal consegue iluminá-lo, e isso me oferece outra oportunidade.

Vejo uma janela no terceiro andar se iluminar. Antes que eu consiga distinguir qualquer silhueta, a persiana cai de uma vez. Só me serve para formar um palpite, mas já é alguma coisa. Para afiná-lo, sigo esperando um pouco mais. Não há outros movimentos no apartamento onde fixo a minha atenção e decido me aproximar da entrada. Por

precaução, não faço isso diretamente, mas vou até a esquina e avanço colado à fachada. São rotinas que não pratico há muito tempo, mas que automatizei tanto que as recupero sem esforço. Assim que chego ao prédio, entro com facilidade. Examino o saguão, o elevador e as escadas e vou direto para as caixas de correio. Verifico todas elas de relance e, em seguida, concentro-me nas do terceiro andar. Das quatro, duas são de famílias com vários membros, conforme atestam os sobrenomes; outra corresponde a um casal e a última a um homem. Memorizo os nomes. Também treinei essa aptidão em tempos antigos, mas, para não me testar muito, e também para não prolongar minha presença ali, saio do saguão de entrada e caminho rapidamente até um ponto de ônibus onde posso abrir meu caderno sem que ele se molhe.

Escrevo a toda velocidade os nomes que a minha memória me oferece e paro por um instante naqueles que mais me interessam. Os do casal. O do homem. Não esperava encontrar o nome da menina, que não esqueci desde que seu pai me contou pela primeira vez, tantos anos atrás. Vera, ele me disse que era o nome que havia colocado, porque era curto, porque o agradava e porque representava o que ele e eu tínhamos feito ao viver escondidos, a verdade do que éramos, o que nos teria exposto justamente ao que tínhamos que evitar. Fiquei surpreso com aquela confissão: de todos os colegas que tive, juraria que ele era o que menos sofria de problemas de consciência e o que suportava com mais

naturalidade o desgaste contínuo de ser uma coisa e aparentar outra, até mesmo o contrário. E eis que ele deu à sua filha um nome que veio a ser um lamento pelo pedágio que a vida lhe cobrava.

Eu me pergunto se o nome feminino que li em minha anotação é o que Vera usa para viver perigosamente e, se for, se o do homem que escrevi antes é o do meu alvo. Então leio o outro nome masculino, aquele que aparece sozinho na caixa de correio do outro apartamento do terceiro andar. Já identifiquei dois possíveis destinatários da minha atenção.

Guardo o caderno no bolso da jaqueta e olho para a rua, por onde passam os carros, levantando bruscas cortinas de água das poças. Pergunto-me em que momento dei o passo que ia me trazer até aqui, quando comecei a ser esse homem que se refugia debaixo de um ponto de ônibus sem esperar ninguém, simplesmente para ver de longe a vida que concerne a outros, que compromete a outros, que é a outros a quem recompensa ou pune, com ou sem justiça. Penso no bandido que vou fazer sofrer e a quem ainda não conheci. Penso na menina que, depois de tê-la visto, estou convencido de que não vou conseguir salvar da desgraça que ela leva estampada na testa, por mais que eu quisesse dar essa esperança a seu pai. Ninguém poderia invejar a sorte de nenhum dos dois, mas eu invejo a ambos. Os dois ainda mantêm uma aposta, mesmo que a dela seja maluca e a dele, fadada ao fracasso – que cuidarei para que sinta da forma mais óbvia possível. Eu já não aposto. Eu resisto, nada mais.

Ando debaixo de chuva até o hotel onde estou hospedado. Não é perto, demorarei não menos de meia hora para alcançá-lo. Confio no sobretudo e na viseira à prova d'água que me protegem de não ficar totalmente encharcado. Atravessar a Cidade assim me traz de volta a ela, e no reencontro experimento um prazer masoquista. Por um instante me abandono à sugestão de voltar no tempo e volto a ser aquele outro, mais jovem, mais forte e menos corrompido. Aquele que nessas mesmas calçadas buscava um remédio que, como Vera, embora de outra forma, estava fadado a não encontrar. Desconheço, embora possa imaginar, a origem da raiva que a leva a esbanjar o fogo de sua alma na triste empreitada de aquecer o sangue de quem a menospreza a ponto de avaliá-la em dinheiro. Eu sei a raiva que me empurrou e anseio pelos dias em que estava intacto, quando ainda podia aguentar tudo.

Mais uma vez me vem a imagem daquele jovem que cometeu erros, a quem preciso amar apesar do preço que hoje pago em seu nome, e digo a mim mesmo que também preciso encontrar uma maneira de amar você, Vera. Devo ser capaz de ver, sob a máscara que você está usando, a frágil criatura que seu pai me encarregou de preservar. Ao menos uma vez, gostaria de poder acreditar que é a ternura que me move, e não a minha predisposição fatal para alimentar o animal que carrego dentro de mim, mas meu cérebro, como se quisesse negar meu propósito, já planeja a todo vapor o passo seguinte. Tenho que descobrir qual desses dois nomes

é o certo e quem está por trás disso. E não vou demorar em fazê-lo. Quem me fez vir sabe bem o que pôs em andamento.

6 OS ENFERMOS

Houve alguns dias azuis, antes e depois do chamado às armas ao qual o menino atendeu e do qual o homem conseguiu escapar ileso. Foram dias de gratificação e aprendizado, em que as descobertas, comparadas ao que viria depois, não tiveram o revés da sujeira e da dor. A companhia ajudou: naquela idade, pouco antes e pouco depois dos vinte anos, meu principal camarada, além daquela amizade forçada e fugaz que durante um ano envolveu o uniforme, era alguém de quem eu me sentia próximo em todos os sentidos. Com ele pude me abandonar à certeza de ser o que devia ser, ou, o que dá no mesmo, de ser aquilo para o que a minha natureza, a melhor parte dela, me dotava e me preparava sem necessidade de qualquer violência contra ninguém, nem contra mim mesmo.

Com Mário, a amizade era espontânea, fecunda e apaziguadora. Nós nos entendíamos com palavras e sem elas, nunca tive a menor desconfiança em relação a ele e ousaria jurar que ele também não tinha nenhuma em relação a mim. Ele nunca teve que lidar com o meu pior lado e, se teve, também não posso ser chamado a testemunhar. A nossa solidariedade consistia, no fundo, em nossa percepção compartilhada da beleza do mundo: das noites de verão, das

manhãs de primavera e das tardes de outono no nosso bairro, dos filmes com que nos esbaldávamos nas sessões contínuas do cinema, da música que ouvíamos e desfrutávamos, e dos livros, mais uma vez os livros, nos quais nos reconhecíamos.

O período do meu serviço militar – do qual ele foi dispensado por um problema de visão – apenas interrompeu esse caminho comum, que retomamos como se nada tivesse acontecido quando regressei. Compartilhamos também o ingresso nas aulas universitárias, em cursos diferentes, o que não nos impediu de buscar, graças aos nossos hobbies, espaços comuns no campus junto a outros que os cultivavam. Assim pudemos verificar, repetidamente, que com ninguém alcançávamos uma harmonia tão perfeita como a que havia entre nós dois. De resto, ele logo desistiu do curso e eu, embora também não estivesse satisfeito com o meu, perseverei e não deixei de passar nas provas e concluir as disciplinas. Fiz isso pensando em meus pais, para quem era um esforço que eu estudasse e que tinham expectativas sobre meu desempenho acadêmico, mas o melhor de meu tempo e minhas energias iam para outro lugar. Na memória, que por algum motivo simplifica a felicidade e a desgraça, esse tempo divide-se entre dois desejos acima de todos os outros: a leitura e as garotas.

Do primeiro, nada me marcou tanto como o punhado de enfermos, de escrita e no sentido usual da palavra, com quem tropecei naqueles anos, com consequências irreparáveis. Às vezes, penso que a forma como leio a vida,

com as suas luzes e as suas sombras, os seus cansaços e os seus prazeres, até a forma como leio a mim e ao que vi e que aconteceu comigo, foi em grande parte moldada pela minha convivência próxima com eles naquela época: uns seres que nunca conheci, que já estavam mortos quando vim ao mundo, e que ainda considero os mais decididos e persistentes dos meus companheiros.

Chamo-os de enfermos porque todos eles, de uma forma ou de outra, estavam doentes, e talvez essa doença com que conviviam, por sorte, fosse o que lhes dava a clarividência para escrever o que escreviam. Quem está doente enfrenta a consciência contínua do sofrimento, que é a face mais reconhecível e inapelável do mal. Quem tem o mal à vista desde o princípio, como eles tiveram, não só aprende a reconhecê-lo e a evitá-lo na medida do possível – como não aprenderam aqueles de nós que receberam o doce e o envenenado dom da saúde –, como também precisa de tal maneira do seu inverso, o bem que emana da beleza, que treina e se aperfeiçoa como ninguém na esquiva arte de observá-la, capturá-la e transmiti-la.

O primeiro que me vem à mente é o mais puro de todos, e talvez também o mais acometido pela doença. De tal modo martirizou seu corpo e sua alma que o levou a ver o que ninguém do seu tempo viu, embora fosse algo que pouco depois de sua morte cairia pesadamente sobre todos. Atormentado pela insônia e pela culpa do que nunca tinha feito, do que lhe fizeram desde antes de nascer, e mais tarde

pela dor física e pela falta de ar, nunca deixou de ir além das palavras ditas, escritas e pensadas. Assim mergulhou na escuridão que reside nas profundezas para dela retirar não o rancor, nem a reprovação, nem o amargo sarcasmo a que os outros se entregam diante das calamidades e dos infortúnios. O que se encontrava em suas páginas era exatamente o contrário: o ideal de compaixão e justiça que sua existência lhe negava, a fé em uma inteligência que sustentaria aquele ideal contra todas as aberrações do mundo. E essa inteligência brilhava na trama de sua prosa e na transparência de seu olhar. Viu o absurdo onde outros obedeciam por inércia, apontou o intolerável onde outros tinham se acostumado a tolerá-lo. Ele nunca se sentiu limpo, e ninguém era tão limpo quanto ele. Se me ensinou alguma coisa, foi, acima de tudo, a não me permitir a complacência para com esses miseráveis que nunca se culpam, enquanto empestieiam tudo o que tocam.

O segundo dos meus enfermos naquela época também tinha o mal na cabeça e no corpo, ou neste por causa daquela, e em sua escrita deixava vestígios suficientes e até excessivos para o diagnóstico. Talvez tenha sido isso o que me conquistou para sua causa: que alguém gastasse tanto tempo da vida – seu livro mais importante era imenso, e ele o tinha reescrito até a exaustão, com obsessão febril – em fazer com que seus leitores percebessem até que ponto ele não era apenas um enfermo, mas um sujeito pouco recomendável sob qualquer faceta de sua conduta. Não furtava ao leitor

nenhuma de suas muitas fraquezas, nenhuma das baixezas de que poderia ser capaz, nenhuma de suas alucinações, por mais insanas que fossem. E, mesmo assim, o que se depreendia de sua história no final, graças ao cuidado de ourives com que moldou seu tortuoso percurso, foi um hino à grandeza gloriosa e imperecível da mais insignificante das nossas impressões, quando quem a recolhe e depois a recorda sabe tirar dela o tremor da verdade que todas contêm. Só aí, e nunca nas crenças ou nos discursos com que são abençoadas até as piores atrocidades, está o que pode e deve ser contado, e só se chega a enxergá-lo, ele dizia numa de suas páginas, se alguém está disposto a adentrar sem cerimônia e abertamente a escuridão interna que ninguém mais conhece.

A terceira enferma era talvez a mais fria e inacessível dos três. Ao lê-la, muitas vezes tinha a sensação de que mais do que descrever seus personagens, ela os dissecava, sem poder evitar, arrastada pelo poder analítico de seu cérebro, capaz de lidar ao mesmo tempo com personagens, circunstâncias e motivações últimas daqueles que apareciam em suas histórias. Conseguia fazer as emoções parecerem, às vezes, fruto dos intrincados processos mentais que aprisionavam suas criaturas, como se o que eram, o que viviam e sentiam obedecesse, sobretudo, a uma transferência de energia intelectual. Logo descobri que aquela mulher tinha passado a vida inteira em guerra com o pior dos monstros, caminhando à beira da loucura enquanto escrevia. Daí veio sua busca

desesperada por um sentido, sua sede constante por uma paz que nunca poderia mais do que tocar. Daí seu olhar perdido, no qual se projetavam imagens de uma vivacidade e delicadeza sem precedentes. Assim, de repente, quando menos se esperava, brotou de suas linhas uma paixão irresistível e desconcertante, que arrastou as mulheres e os homens dos seus livros para além do racional, rumo à perdição ou a uma redenção que desafiava toda a lógica. Daí, enfim, o brilho misterioso que emanava dela e de sua escrita.

Desconfio que, além de ter contribuído para a construção do leitor que fui, e de quem hoje só me lembro como mais um dos que me habitaram, meu encontro com ela teve uma influência, talvez não muito proveitosa, nos caminhos que me levaram a seguir meu outro grande impulso daqueles anos: a atração que o sexo feminino provocava em mim.

Pelo menos, isso poderia explicar o fato de eu ter sido seduzido repetidas vezes por garotas distantes e problemáticas, a ponto de me fazer temer que essas duas características fossem as premissas de minha paixão. Não posso garantir que, na realidade, eram todas assim, independentemente da projeção fictícia que, como qualquer amante, eu fazia delas. Minha incapacidade de conseguir que alguma delas me correspondesse impedia-me de desfazer aquela ficção, como certamente teria acontecido, se eu as conhecesse mais de perto. O fato é que eu várias vezes era abalado pela comoção de resumir todos os meus desejos em alguém inalcançável, e isso, que era frutífero para meus

devaneios, era uma mudança contraproducente para meu equilíbrio. O curioso é que, com o tempo, não me lembro mais das dificuldades que passei perseguindo amores impossíveis como um episódio infeliz da minha existência. Para me prevenir disso havia a arte, a começar pela literatura e pelos livros que eu contava entre os meus preferidos. Circunstância comum aos dois enfermos masculinos da minha trindade particular era a explosão de amor por mulheres que sempre estavam fora de seu alcance, que nunca poderiam possuir e que passavam por suas vidas como aquelas meninas que alguém toca de leve durante um momento em sonhos, para compreender ao despertar que o interlúdio onírico não tinha outra finalidade senão ajudá-los a tomar consciência da afronta que representa viver privado delas.

Compartilhei essa insatisfação amorosa com meu amigo Mário, que, sendo vítima de leituras semelhantes, também vivia sujeito a depositar suas oferendas diante do altar de deusas ariscas que o rejeitavam com igual contundência. Compartilhando com ele as mágoas, não conseguia distinguir suas amadas das minhas, e quando elas surgem nas brumas do passado tendo a vê-las todas, as minhas e as dele, confundidas num só esquadrão de ninfas desdenhosas. O melhor que se pode dizer de ambos é que nunca as odiamos por nos ignorar, e que mesmo muitos anos depois ainda nos lembramos delas com carinho, porque não eram ou não foram tanto o que cada uma tinha dentro de si e não nos

quiseram dar, mas o peso que nossa paixão imatura colocou sobre elas. Não podíamos odiá-las, porque teria sido o mesmo que odiar não a nós mesmos, mas à coisa mais sincera que conseguimos ser.

Fico tentado a me demorar na lembrança dessa inocência, que hoje e há tanto tempo não me acompanha, mas a vida continuou a revelar quem eu era, e com essa revelação acabou chegando o momento em que uma daquelas criaturas sonhadas sem esperança concordou primeiro em me ver, depois em me ouvir e, por fim, em atender aos meus impulsos. Não o teria feito se tivesse sido menos generosa, ou se tivesse um pouco mais de experiência em pressentir as emboscadas que armamos uns contra os outros sem querer, mas também sem vontade de impedi-las. Chamava-se Luz e luz foi o que me trouxe, e ainda chega até mim, da distância sideral em que agora a contemplo. Foi algo breve, belo e imerecido, como o melhor que aos humanos é concedido. Houve ilusão, houve desejo, houve entrega por parte de ambos, e da entrega não deixaram de nascer, entre os dois, momentos em que eu venci e ao mesmo tempo ela venceu. Isso é tudo que posso alegar em minha defesa, porque depois de envolvê-la em meu caminho, fui eu quem sentiu a sombra cair sobre nós e não encontrou em seu coração ânimo para dissipá-la.

Eu devia ter entendido um pouco melhor o que tinha acontecido, ao ver suas lágrimas, e me comprometido a evitar que alguém mais as derramasse. Mas eu não entendi,

não me comprometi, e a má pessoa que a feriu ainda conseguiria fazer chorar outra incauta. A nossa despedida, embora eu não pudesse imaginá-la naquele momento, foi o prelúdio da virada drástica e brutal que meu caminho estava prestes a sofrer. Eu já estava terminando meu último ano na universidade, mas não era a formatura que iria mudar minha vida, mas alguém que eu não conhecia, e que não apitava nada por ali. Ou assim pensei naquele momento. Agora enxergo de uma maneira diferente. O que acreditamos ser coincidência pode ser apenas um dos disfarces do destino, principalmente quando nos atinge.

7 ABUTRE

Imaginava que seria fácil, mas não esperava que fosse tanto assim. Quem foi o que eu fui mantém, a não ser que se empenhe em perdê-la, a opção de mexer certos pauzinhos, e assim consigo descobrir que um dos nomes da caixa de correio, o do homem solitário, não só não figura nos registros como morador daquele andar e daquele número, como também corresponde a um indivíduo com antecedentes que apontam para ele todas as minhas suspeitas. Ainda mais quando verifico que o outro, aquele que compartilha a caixa de correio com um nome feminino, identifica, como também comprovo, um cidadão que está ali domiciliado e que tem um trabalho regular e ficha ilibada.

O que meu companheiro me contou, quando me encarregou de tirar sua filha do labirinto em que ela tinha se metido, foi que, em um momento de desespero, a jovem confessara a ele que tinha se envolvido com um homem mais velho, que ele a iniciara em práticas arriscadas e que, a partir daí, tinha sido arrastada para uma espiral em que, segundo lhe disse, se vira fazendo o que não queria com quem também não queria. Essa foi, reconheceu Vera, a razão pela qual acabou internada na enfermaria psiquiátrica do hospital onde fez ao pai essa confidência após uma tentativa de

suicídio que os médicos consideraram grave o suficiente para mantê-la sob controle pelo menos por alguns dias e que, segundo um deles deu a entender, não era a primeira.

Marreta, com quem Vera não falava havia muito tempo, aproveitou a circunstância para visitá-la todas as tardes no hospital e tentar reconquistar a confiança perdida entre eles. Na quarta vez, ele encontrou sua cama vazia e a enfermeira lhe informou que ela tinha se dado alta naquela mesma manhã, depois que o médico considerou que seu estado não era mais tão crítico que justificasse mantê-la contra sua vontade. Ela não tinha deixado um endereço de contato onde pudesse ser encontrada: limitou-se a dar o da casa da mãe, com quem não morava havia meses e que confirmou que ela não tinha aparecido por lá durante o dia todo.

A partir daquele momento, Marreta entregou-se a uma atividade febril para tentar descobrir onde e com quem estava sua filha. Dirigiu-se à casa noturna de onde a ambulância a retirara inconsciente, mas asseguraram-lhe que ela não tinha voltado lá e também não a esperavam, e as vigílias que ele fez não desmentiram a informação. Ele percorreu todos os lugares em que ela poderia estar ou onde havia a possibilidade de ir, ligou para todos os números de telefone em que achava que poderiam lhe dar informação de seu paradeiro, sem sucesso, até que uma boa samaritana lhe deu um número em que lhe garantiu que ela poderia ser encontrada e por meio do qual costumava contratar seus serviços. Assim que o anotou e guardou o papel na carteira,

seu corpo, abalado pela doença e exausto pelo estresse da busca, não aguentou mais e perdeu a consciência no meio da rua. Ele acordou no hospital, de onde me mandou a mensagem e onde fui visitá-lo. Acamado e sem perspectiva de sair vivo dali, ele não poderia queimar aquela única pista; precisava contar com alguém que pudesse explorá-la adequadamente. É isso que, agora, devo levar até o fim.

Recapitulo todas essas informações enquanto espio o homem, agora que sei, sem sombra de dúvida, que é ele quem estou procurando. Para seguir o seu rastro, só preciso aguardar logo pela manhã em frente ao prédio de Vera. Imagino que talvez ele passe a noite lá, mas o que acontece é que por volta das dez horas ele aparece na rua dirigindo um carro preto, que estaciona perto do prédio. Ele entra e sai depois de meia hora. Entendo que foi ver a garota, e quando temo que ele volte para o carro, cuja placa eu anotei, mas não tenho os meios para persegui-lo naquele momento, ele começa a andar lentamente na direção oposta, rumo a um bar no qual acaba entrando.

Deixo passar um bom tempo e vou até o estabelecimento, que reconheço pela fachada. Uma vez lá dentro, peço um café e uma fatia de pão doce. Já tenho um jornal debaixo do braço, então não preciso pegar nenhum dos que estão no balcão. Com meu café e meu pão, passo por ele, a caminho da mesa livre que localizei em um canto de onde se pode ver todo o lugar e também a saída. Vejo-o absorto em alguns papéis.

Parece algum tipo de documentação. Sobre a mesa, olho com o canto do olho, também há uma agenda e uma revista.

Quando me sento, verifico se, como eu esperava, ele só pode me ver se virar o rosto mais de noventa graus. Isso me dará tempo de sobra para fixar os olhos no jornal aberto diante de mim. Com essa vantagem, dedico-me a uma observação meticulosa do sujeito. Ele tem cerca de quarenta anos, um pouco mais que isso, mas, em todo caso, não muito mais. Está bem-vestido, usa roupas caras e novas que também estão ajustadas ao seu tamanho. Não é calvo, mas o cabelo está cortado bem curto, tanto que parece ter menos do que a sombra do couro cabeludo sugere que teria se o deixasse crescer. Tem também uma cor boa, que chama a atenção neste local onde o sol não bate. Eu diria, se estivesse interessado em homens, que ele é um sujeito bonito, do tipo que geralmente não precisa elaborar a fala para superar as defesas femininas. Eu também diria que ele está muito ciente disso, e talvez seja por isso que se dedica a caçar jovens confusas e depois as introduzir em seu submundo particular.

Presto atenção especial à sua forma física. O suéter que está usando, apertado em volta dos braços, sugere que é um adversário de respeito no caso de um confronto físico direto. Não me faltam recursos em um confronto desse tipo e, embora ele tenha alguns centímetros e vários quilos a mais do que eu, não é improvável que eu encontre um ponto fraco nele. Entretanto, com essa observação superficial, decido

que esse cenário está fora de questão. Não há necessidade de jogar com vantagem curta, ou sem ela, quando está em suas mãos organizar completamente as condições e o campo de jogo de tal forma que a inferioridade do oponente seja absoluta. Aqueles que uma vez me ensinaram o que sei sobre aniquilar a vontade dos outros não me perdoariam se eu deixasse de preparar nosso encontro de modo a deixar claro para ele a inutilidade de qualquer tentativa de resistência.

Também aprendi nessa escola que o que importa em um homem não é o que ele levanta do chão ou a grossura de seus braços. O que faz de alguém um rival digno de ser levado em consideração é sua capacidade de aceitar o horror da existência sem se desesperar quando ele bate à sua porta e o faz enxergar, sem sombra de dúvida, que a hora que acaba de soar no relógio da fatalidade é a sua, e a de nenhum outro. Não é fácil distingui-lo antes do momento da verdade, mas um prognóstico pode ser feito a partir de alguns sinais indiretos. Um que não está a meu favor é sua propensão para escolher vítimas sobre as quais exerce o poder que lhe conferem a sua idade e a ingenuidade das escolhidas. Geralmente, não é entre pessoas assim que os heróis são recrutados. Pode ser que ele seja capaz de assistir sem hesitar ao espetáculo da dor alheia. O que parece menos provável, à primeira vista, é que esteja preparado para conviver com a dor sem entrar em colapso quando ela o atingir.

Pronuncio mentalmente seu nome, o que não desperta nenhuma emoção em mim. E me lembro de um hábito antigo, aquele que tínhamos de nunca chamar as pessoas que visávamos por seus nomes verdadeiros ou pelos apelidos que normalmente usavam, mas pelos nomes que lhes dávamos. Decido, de supetão, que ele combina com o apelido de Abutre. Admito que não me esforcei muito, mas também não tenho motivos para isso. E o que importa, afinal de contas, não é que o apelido seja mais ou menos espirituoso, mas que cumpra sua função, que não é outra senão indicar e, ao mesmo tempo, despersonalizar aquele a quem é atribuído. Pensando nele dessa forma, como Abutre, sinto que algo entra em funcionamento dentro de mim.

Ele agora lê sua revista. Foi ao balcão pedir um segundo café e, de vez em quando, enquanto o bebe sem pressa, olha pela janela. Pela expressão de seu rosto, posso dizer que está desfrutando de um desses momentos de bem-estar nos quais nos deixamos acreditar que não é necessariamente horrível viver dentro da nossa própria pele. Embora eu o descreva assim, com base na minha percepção, é possível que na percepção dele a sensação seja ainda mais voluptuosa. Sem chegar a esse extremo, também acho agradável sentir que observo contra a luz a existência de outra pessoa e que, ao fazê-lo, posso enxergar o que há nela e o que a rodeia com uma clareza que falta a seu protagonista.

Há, no entanto, uma ideia que me persegue quando o vejo e que não tenho outra opção senão admitir que me deixa

mais perturbado do que eu gostaria. Preferiria, por outro lado, que a imagem nunca tivesse sido projetada em minha mente, mas o hábito de representar para mim tudo o que não vejo, consubstancial ao que fui e agora, de certa forma, sou de novo, não me deixa alternativa. Olho para ele e imagino-o na intimidade física que provavelmente alcançou com a garota, e que deve ter sido, aliás, a forma que usou para manipulá-la. Não posso deixar de pensar que ela concordou com isso a partir da inconsciência própria da juventude, que acredita estar brincando com a vida, enquanto é a vida que começa a brincar com ela e a consumi-la como costuma fazer, sem um pinga de piedade. Para ele, não passa de um jogo para tirar partido dessa energia cega e extrair dela o prazer e o benefício que a garota lhe proporciona. Pergunto-me se a esta altura ele sente algo quando uma presa cai em sua rede ou se já é apenas um drogado que toma a sua dose, aplaca assim o vazio que a ausência dela lhe produz e segue em frente, arrastado pela inércia. E me dói que ela tenha que continuar a viver com a marca dele na memória. Por experiência própria, sei que o que foi vivido pode ser deixado para trás, mas, nas profundezas do ser onde tudo brota, seus ecos nunca deixam de ser ouvidos.

Deixo de lado essa fraqueza sentimental e me concentro no que agora me ocupa. Além dessas imagens desagradáveis, meu objetivo impõe algumas dificuldades que não devo subestimar. Acima de tudo, estou preocupado e alerta com o que descobri sobre a sua biografia. Quinze anos na polícia

que terminaram abruptamente, após uma investigação interna por práticas irregulares, com uma dispensa precoce e voluntária em que não é preciso muita desconfiança para enxergá-la como uma solução conveniente para um assunto embaraçoso. Nos três anos que se passaram desde então, sua atividade esteve ligada aos negócios obscuros que iniciou enquanto manteve um distintivo, e que já incluíam então o uso de mulheres como mercadoria e também apontavam para outros tráficos ilícitos. O que essa informação me obriga a contemplar, em suma, é a possibilidade de que ele não esteja sozinho e disponha de conexões que possam complicar o meu trabalho. E isso exige de mim, por um lado, uma vigilância completa de sua atividade antes de fazer qualquer movimento e, por outro, ser extremamente persuasivo no momento de transmitir a mensagem que tenho para ele.

Minha mente está entretida, analisando as opções para sublinhar os termos da minha oferta e fazê-lo enxergar que não lhe cabe recusá-la, quando Abutre se levanta e caminha presunçosamente para o balcão. Depois de conferir a conta, ele paga a garçonete como se estivesse fazendo um favor a ela e sai do bar com passos determinados. Vejo-o partir sem sair do meu lugar, saboreando a convicção de que nós nos veremos novamente. Da próxima vez virei de carro e espiarei o restante de sua rotina, que por hoje o deixo continuar sem tirar meus olhos de suas costas. Antes de sair do bar, peço outro café. A funcionária o prepara com esmero, e na vida há que aproveitar quando se depara com alguém que o tenha.

Além disso, me espera um dia longo pela frente. Agora que já vi o rosto e a alma do meu inimigo, tenho que ver até onde arrastou a criatura desprotegida que teve a infelicidade de topar com ele. Mesmo que seja a última coisa que eu desejaria investigar.

8 A REVIRAVOLTA

Nada me atormentou tanto na vida, até o dia de hoje, que eu me lembre, como não conseguir descobrir o culpado. Durante anos, isso foi o que mais desejei: teria sido muito bom encontrá-los, a todos, e ter a oportunidade de matá-los, um a um, para causar em seus pais e mães, sem conhecê-los, a mesma dor que eles causaram nos meus, também sem conhecê-los. O tempo e alguns acontecimentos posteriores acabaram por me aliviar dessa aspiração truculenta, mas o desejo de saber, por mais que eu tenha tentado aceitar que ficará para sempre insatisfeito, permanece e nunca poderá ser extinto.

Quando o céu cai pesadamente em cima da sua cabeça, você não consegue esquecer o modo como o cataclismo acontece. No meu caso, aconteceu quando cheguei em casa depois de uma das minhas últimas provas na universidade. O primeiro sinal foi o carro da polícia. O segundo foi a multidão de pessoas que se aglomeravam diante do prédio com um ar sombrio. O terceiro foi o vizinho que, ao me ver chegar, se separou dos outros e veio até mim, agarrando-me pelos ombros e dizendo, talvez porque não lhe ocorresse nada melhor:

— Você não sabe, não é? Agora é a sua vez de ser forte, filho.

— Forte para quê? — perguntei, sem entender.

— Aconteceu uma desgraça.

Ele usou essas palavras, que eu nunca esqueci. Aconteceu. Uma desgraça. A última traçava a linha entre o antes e o resto da vida. A primeira sugeria que a adversidade tinha caído como um raio: um ataque sem rosto vindo do alto, que não podia ser previsto, muito menos evitado. Um golpe de ódio de Deus, como diria o poeta.

Compreendo que ele deve ter acreditado que, naquele momento, essa era a opção mais compassiva. Antes de tudo, era preciso abrir as comportas da tragédia aos inocentes; depois, haveria tempo para a delinear em todos os seus odiosos pormenores: o como, o quem, a ausência ofensiva de um porquê.

Soube tudo mais tarde, em ondas sucessivas. Foi assim que me senti: como se cada coisa descoberta fosse a pancada de uma onda selvagem no meio de uma tempestade. Meu irmão voltava da escola, como fazia todas as manhãs, quando um carro passou por ele, transportando alguém para quem a hora tinha chegado. Podia ter acontecido um minuto antes ou um minuto depois e tudo teria sido apenas um susto. Mas aconteceu bem no momento em que meu irmão chegou à van estacionada onde estava a bomba e, quando esta explodiu, matou a pessoa a que se destinava e, ao mesmo tempo, atingiu com estilhaços e partiu em pedaços o garoto que

caminhava pela calçada. Não havia dúvida: quem quer que tivesse acionado a distância o explosivo tinha que estar consciente de que a sua ação, irremediavelmente, iria tirar aquela vida de lambuja.

Não foi muito difícil, em termos gerais, identificar o causador do estrago, que não foi um raio nem Deus, mas um dos executores que a mesma organização cuja ameaça já me havia feito procurar bombas nas imediações de um quartel tinha espalhado pela minha cidade. A forma como atuavam era quase equivalente a uma assinatura. Por via das dúvidas, não demorou muito para que seus porta-vozes reivindicassem a responsabilidade pela morte que eles tinham pretendido e conseguido provocar, sem lamentar-se pela que eles não se importavam de acrescentar à sua conta, e que não deixava de servir aos seus objetivos. Mais complicado seria encontrar o nome e o sobrenome da pessoa que tinha acionado o detonador: naquela época, eram muitos os que estavam dispostos a isso e poucas e imprecisas eram as pistas que os seus perseguidores tinham a seu respeito. De fato, passaram-se meses e ninguém foi preso pelo atentado. E depois passaram-se os anos e as pistas que poderiam ter levado ao autor do crime foram completamente apagadas. Eu sei bem porque, durante muito tempo, estive obcecado em encontrá-lo e só consegui fazer conjecturas inúteis. Não se pode atacar alguém que mudou a direção da sua vida com base numa teoria ou numa suposição incerta. A vingança exige exatidão total.

Até aquele dia, eu também considerava aquelas pessoas uma espécie de fenômeno atmosférico que, de vez em quando, abalava os outros e que pouca ou nenhuma influência tinha nos meus assuntos. Eu me horrorizava com o fato de existirem indivíduos capazes de tirar assim a vida de alguém, e cada vez que ouvia falar de uma das suas ações, partilhava da rejeição e da consternação que provocavam na grande maioria, especialmente devido à falta de escrúpulos que os terroristas demonstravam na hora de abater os inocentes e os indefesos. Mas doía-me daquela forma um pouco abstrata com que alguém se dói da injustiça que não atinge a própria carne e que acaba por transformar a dor em algo que não é: aquela consciência gratificante de não estar do lado execrável do mundo, de não compartilhar a condição imunda daqueles que provam não ter nenhum caráter.

Talvez eu pudesse ter ficado vivendo naquela margem confortável se não fosse a série de coincidências desastrosas que derramaram o sangue do meu próprio sangue, o do meu irmão mais novo, que regou ao meio-dia aquela calçada. Pude, assim, conhecer a dor absoluta: aquela que nos perfura os ossos e, mais profundamente ainda, essa medula da alma que não sabemos ter até que uma agulha em brasa a desperta e sua ponta incandescente se fixa ali para nunca mais sair. O sofredor quer dissolvê-la de qualquer forma, e quanto menos consegue, mais se entusiasma com a ideia de silenciá-la com a dor de quem a causou.

Foi assim que, aos meus vinte e poucos anos, descobri o ódio verdadeiro. Antes disso, eu só tinha conhecido aproximações superficiais. Era o impulso que tinha me levado a acompanhar meu amigo na caçada a um gato comedor de canários, o impulso que me empurrara a fazer um valentão da escola ser ridicularizado ou o que permitira que eu me regozijasse com a humilhação de um recruta semianalfabeto e cruel. Mal haviam se instalado em minha mente quando já lhes tinha dado vazão. Em contrapartida, aquilo que agora me trespassava nunca mais desapareceria.

Houve naquela dor, além de sua intensidade, outra novidade que seria decisiva nas suas consequências: eu não a vivi sozinho. Às vezes penso, talvez para me acreditar melhor do que sou, que se a dor fosse só minha eu teria encontrado outra forma de canalizá-la, que até me teria sido possível contê-la, encapsulá-la, reduzi-la a proporções que a impedissem de me fazer aquele mal insuportável e me poupassem de fazer mal aos outros. O fato é que tive que enfrentar não só meu próprio luto, mas também, e sobretudo, o luto que aquela bomba tinha colocado sobre os ombros daqueles que tinham mais razões para chorar a morte do meu irmão: as duas pessoas que lhe tinham dado a vida, que tinham cuidado dele desde os primeiros passos e que acreditaram ter o direito de sonhar para ele um futuro que, de repente, já não estava mais à frente.

Vi como isso os atingiu no exato momento em que entrei em casa, acompanhado por aquele vizinho que se encarregou

de me apresentar o horror que de repente se apoderava de nossas vidas. Minha mãe chorava arrasada numa poltrona, enquanto meu pai andava de um lado para o outro na sala, gritando, batendo nos móveis e nas paredes, enterrando a cara entre as mãos. Eu não sabia de qual dos dois eu devia me aproximar primeiro. Tentei decidir quem precisava mais ser abraçado e, antes que pudesse tirar essa dúvida, minha mãe me viu, levantou-se e veio na minha direção. Enquanto ela se agarrava ao meu pescoço e me encharcava as bochechas com seu pranto, vi meu pai, com raiva e as forças esgotadas, cair de joelhos no chão, onde se encolheu e se afundou num soluço silencioso.

Meu mundo estava desmoronando e, de repente, eu me vi assistindo ao espetáculo a uma distância estranha, como se estivesse dividido em dois. De um lado, aquele que chorava com eles sem ruído e sem lágrimas, quebrado como eles pela crueldade do que acabara de acontecer. Do outro, o que já se erguia dentro de mim para reagir ao golpe de uma forma muito diferente. Fiquei chocado ao vê-los desmoronar assim, subitamente reduzidos a uma sombra de si próprios que ameaçava apagar aqueles que tinham sido para transformá-los em espectros. Nem minha mãe nem meu pai jamais se recuperaram daquele golpe. Quando penso neles, me empenho para recordá-los nos seus melhores dias, quando meu pai ria e até cantava e não parava de contar anedotas e histórias; quando minha mãe, que falava e ria menos, não deixava, porém, de sorrir ao vê-lo feliz e ao ver

os seus filhos crescerem saudáveis e sem sofrimentos extraordinários. Mas para isso tenho que fazer um esforço enorme, para afastar com toda a minha energia a imagem daqueles dois seres derrotados e devorados pela dor. O golpe que a vida lhes tinha dado apanhou-os sem forças para se recuperarem.

Assim, foram se apagando e definhando, e vê-los decair foi, desde aquele primeiro momento, a minha principal razão para reagir de outra forma. Eu era muito jovem para me deixar morrer como eles se deixaram, um após o outro: primeiro minha mãe, apenas três anos depois de termos enterrado meu irmão, e depois meu pai, que conseguiu sobreviver a ela apenas alguns meses. O vigor da minha juventude e aquele ser insensível e sombrio que sempre carreguei comigo deram um rumo diferente aos meus passos. A ambos devo o meu caminho, e com ele o meu fracasso e o fato de ter me tornado quem sou. Embora não sirva mais de nada, não posso deixar de imaginar que talvez tivesse tido uma oportunidade de me salvar e, de quebra, salvar meus pais, se tivesse podido ou sabido concentrar meus esforços numa direção diferente. Se tivesse me resignado, como eles, a aceitar o acontecido como uma fatalidade contra a qual não podia lutar, e tivesse me dedicado a apoiá-los, a tentar repará-los e a substituir, mesmo que não conseguisse, o que lhes tinha sido tirado.

Isso simplesmente não era da minha natureza, penso agora. Por isso acabei deixando-os sozinhos com sua dor e

encontrando uma maneira de me dedicar à minha vingança. Aquela comoção não me impediu de receber o diploma, que me foi entregue depois de fazer, meio sonâmbulo, as duas provas que me faltavam, mas pôs fim para sempre aos meus devaneios literários. Naquela altura, tinha começado inclusive a escrever os primeiros rascunhos de um romance, que eu só dava para o Mário ler, e que ficaram ali, numa coisa que podia ter sido e nunca chegou a ser. Após o atentado, a simples ideia de escrever e gastar meu tempo inventando uma história me parecia infantil, quando não um passatempo de mau gosto. Nada podia competir com a fábula crua e atroz que me reclamava completamente e que agora era a minha vida.

Alguém sempre acaba encontrando o que precisa, especialmente quando precisa desesperadamente daquilo. A dica me foi dada por um colega da universidade no dia em que fomos buscar as notas. Ele tinha ouvido falar de um processo de seleção para graduados em nível superior, não importava em quê. Deu-me a entender que as qualificações seriam levadas em conta, e as minhas não eram ruins, mas também que valorizavam a vontade dos candidatos de se entregar, com absoluta dedicação, a uma tarefa que exigia coragem e astúcia e levar uma existência fora do comum.

Assim, como um acaso necessário, foi como a Companhia surgiu no meu horizonte, num momento em que era, justamente, a única resposta possível para as minhas inquietações. Tudo o que tinha a ver com ela estava envolto

em segredo, mas sabia-se que uma das frentes em que desenvolvia suas atividades era a luta contra a organização que tinha abreviado a vida do meu irmão. Não seria fácil que me escolhessem, entre todos os que se apresentariam, muitos com referências com as quais eu não poderia contar. Certamente também não ajudaria o fato de ter me candidatado à vaga sob o impacto de um evento que não poderia esconder deles e que lhes faria duvidar do meu discernimento. E mesmo que eu conseguisse superar esses dois obstáculos, e passasse nas provas às quais depois me submeteriam, era muito arriscado supor que acabariam me designando exatamente para onde eu estava interessado em ir.

Apesar de tudo, e da incompreensão dos meus pais, que tinham imaginado outro futuro profissional para mim, não hesitei: apresentei a minha candidatura. E alguns dias depois, eles me chamaram para uma entrevista.

9 FLOR DE LARANJEIRA

Eu a vejo entrar no prédio de braço dado com o homem. Segundo a convenção, deveria ser ele a exibi-la como uma conquista. Um sujeito na casa dos cinquenta, e não muito agraciado fisicamente, poderia se gabar mais de ter uma garota novinha, de vinte e poucos anos, pendurada no seu braço do que o contrário. E, no entanto, o homem vai com olhos baixos e é ela quem levanta o queixo e desafia os transeuntes com o olhar, como se fosse um triunfo seu arrastar aquele que a acompanha até lá. É verdade que ele está bem-vestido, denotando dessa forma uma solvência econômica fora do comum. A capa de chuva, os sapatos, a gravata; até o guarda-chuva revela que quem o segura tem bom gosto e meios para exercê-lo. De resto, e embora seu porte não seja apolíneo, é um homem asseado, de feições não inteiramente desagradáveis, que mostra contenção e elegância em seus gestos, como quando cede o passo para que ela entre primeiro, sem parar em momento algum de protegê-la da chuva. O que me pergunto é até que ponto o sorriso dela é autêntico ou faz parte do serviço que a pessoa que acabou de contratá-la vai pagar.

Penso por um momento no que teria acontecido se ontem, em vez de manter distância no café, eu tivesse tomado a

iniciativa de abordá-la e me identificar como o cliente que a tinha chamado ali. Talvez seu sorriso não teria sido tão radiante, apesar da minha disposição para pagar seus honorários nada modestos. Talvez seu profissionalismo não chegasse a ponto de aceitá-los com a mesma alegria de quem cheira a perfume caro e veste roupas de rico, comparado a quem simplesmente procura estar limpo e se vestir com decoro. Suponho que isso não teria sido um obstáculo para subir ao apartamento com ela e, de quebra, ter a oportunidade de bisbilhotá-lo, poupando-me o trabalho que teria ao fazê-lo sem o consentimento dela. O ruim é que eu teria queimado a possibilidade de vigiá-la incógnito e teria sido forçado a fazer com ela o que não quero fazer. Ou, na falta disso, inventar alguma desculpa que não teria deixado de instilar nela suspeitas indesejáveis. Também não é uma coisa complicada invadir uma casa, uma vez que se tenha perdido o escrúpulo de fazê-lo. E isso eu perdi há muito tempo.

Enquanto espero que o homem saia, não posso deixar de imaginar o que está acontecendo no terceiro andar, longe da minha observação. Talvez ela o convide para se sentar, inclusive para tomar um drinque. Em algum momento, ela vai ficar na frente dele para alimentar ainda mais seu desejo. Talvez coloque alguma música e se insinue para ele de forma sedutora. Pelos seus movimentos e seu andar coordenado, acho que ela não deve ser uma dançarina totalmente inepta, e quase posso ver os olhos do homem brilharem de

excitação. Chegará o momento em que a menina começará a se despir, enquanto o cliente mal consegue se conter. Quero acreditar que, apesar de tudo, ele manterá a compostura e não a atacará. Será Vera quem, depois de se despir, se aproximará dele e começará a desamarrar sua gravata, com a qual talvez brinque um pouco antes de tirar outras peças. A partir daí, ou logo depois, a cena se tornará muito obscena e sórdida, por mais que ele tente impedi-la. Na verdade, será ainda pior se ele a acariciar, se lhe disser algo gentil, se tentar compensá-la.

Imagino que ela tenha aprendido a cobrar antecipadamente, para que as notas que caem na cama ou em um móvel não sejam o último ato da transação entre os dois. O homem parece ser daqueles que se veem impelidos a dizer algo caridoso antes de partir, daqueles que não conseguem sentir que o dinheiro, como alguém disse, seja capaz de curar por si só a ferida vergonhosa que a compra da privacidade de um ser humano abre na comunidade que a aceita, normaliza e promove. Talvez ele lhe conceda um último galanteio, ou lhe faça ver de outra forma que essa mulher jovem e bela merece mais consideração do que a quantia que ele concordou em pagar por possuí-la. Carrego nas costas experiência suficiente para conceder a essa hipocrisia o valor que ela tem, e que não é maior do que qualquer das mentiras que um viciado ou um jogador conta a si mesmo para se convencer de que controla seu vício. E, no entanto, prefiro que seja assim, que Vera tenha uma chance,

por mais remota e falsa que seja, de não se sentir apenas um pedaço de carne. Não posso tirá-la desse negócio até que descubra como me livrar de quem a colocou nele, mas me dói estar ciente do que está acontecendo enquanto espero na frente de seu prédio. E quando uma hora depois de entrar eu o vejo sair, ajeitando o nó da gravata, alisando a franja já um tanto rala e respirando fundo antes de começar a andar e continuar, aliviado com o dia, tenho que fazer um esforço para não o seguir e fazê-lo ver de uma maneira terrível que ele não é um galã nem um cavalheiro, mas um saqueador barato.

Meia hora depois, Vera aparece no saguão do edifício. Está vestida com roupas confortáveis, como se fosse às compras ou a um passeio. Pode ser qualquer uma das duas coisas, porque a chuva parou e, entre as nuvens, surgem de repente algumas clareiras por onde se infiltram tímidos raios de sol. Ela começa a caminhar na direção de um parque próximo e eu só penso no passo seguinte. Quando seu vulto já se encontra diminuto no fim da rua, saio do meu esconderijo e dirijo-me sem hesitar para o saguão. Uma vez lá dentro, procuro a escada, que utilizo para subir ao terceiro andar. Antes de começar a manobra, encosto o ouvido nas outras três portas, especialmente na que tem vista direta, através do olho mágico, para a porta do apartamento da garota. Não se ouve nenhum ruído atrás de nenhuma das três: para quem não tem uma vida atípica, como a de Vera ou a minha, ainda é hora de trabalho ou de escola. Examino a fechadura da

porta: acho que não vou ter muitos problemas. Tiro da minha capa de chuva um estojo de pano com as ferramentas e dedico-me à tarefa. Não demoro mais de dois minutos para terminá-la e quase não faço barulho algum. Fecho a porta depois de abri-la, apoio sobre ela as minhas costas e paro por um segundo para recuperar o fôlego. Calculo que tenho pelo menos meia hora, sem correr riscos desnecessários. Decido me arranjar com metade desse tempo. Tempo suficiente, para quem sabe aproveitá-lo.

Passo o primeiro minuto fazendo um levantamento geral do apartamento. Não é muito grande: é composto por uma cozinha, uma sala de estar e um quarto ao qual está anexado um banheiro. Não parece desarrumado nem sujo, o uso profissional impede a inquilina de se entregar a tal negligência ou simplesmente essa indisciplina não faz parte do caráter da garota, apesar do acúmulo de clichês desfavoráveis que pesam sobre os jovens. A pia está livre de louças e não há roupas pelo chão. Abro o guarda-roupa do quarto e vejo suas peças bem penduradas e passadas a ferro. Encontro também um par de calças e blazers masculinos e várias camisas e, em duas das gavetas da cômoda, roupa íntima masculina. Deduzo que Abutre às vezes durma ali.

Em primeiro lugar, me concentro em todas as gavetas que aparecem à minha frente e percorro-as com dedos cuidadosos e ligeiros, ao mesmo tempo. Abro-as o máximo possível sem as deixar cair, levanto as camadas de roupa, papéis e objetos, e examino rápida e metodicamente os

quatro cantos. Não posso deixar de observar que Vera, imagino que também por razões profissionais, tem uma quantidade abundante de lingerie, dobrada de modo um tanto mais descuidado do que o restante do seu guarda-roupa. Uma parte das peças tem um leve aroma de flor de laranjeira, que chega ao meu nariz sem que eu precise me aproximar. A outra não cheira a nada. Entendo que isso se deva ao fato de ainda não ter sido estreada, e algo se agita dentro de mim quando percebo que essa fragrância é a que emana da pele de alguém que já vestiu outras roupas. Até aqui, Vera era apenas uma imagem captada ao longe. Agora começa a ser um perfume, e nele se anuncia, de forma sutil, a ameaça da sua proximidade. Porque toda proximidade humana contém uma ameaça, como sabe qualquer pessoa que tenha dedicado seus dias a registrar os atos de outras pessoas.

No fundo de uma das gavetas de roupa íntima encontro um pequeno saco com uma substância que não tenho grande dificuldade para identificar. Surpreende-me apenas em certa medida, e não creio que Marreta, se estivesse no meu lugar, ficaria mais espantado ao descobrir que a filha, além de outras imprudências, está cometendo a maior de todas: aquela a que, eu e ele aprendemos, nunca poderíamos nos permitir. Aqueles que têm mais dificuldade em lidar com a consciência de sua existência são os últimos que podem cometer o erro funesto de confiar em remédios que a atenuem, a suavizem ou lhe deem um falso brilho. Todos têm

a compreensão prejudicada por tal prática, mas, para aqueles que estão na boca do lobo, pode custar-lhes tudo. Tanto ele como eu já vimos isso acontecer, felizmente para nós, com a cabeça de outra pessoa. O fato de ver outros caindo no precipício ao nosso lado ajudou-nos a aprender a cerrar os dentes até as mandíbulas ficarem doloridas, em vez de ceder à tentação de tais fugas. Com um sentimento de amargura, deixo o pacotinho onde eu o encontrei e coloco tudo o que havia em cima dele exatamente como estava. Se há algum objeto na minha inspeção que possa ser verificado por quem ali estiver e que, por isso, deva permanecer intacto, é precisamente esse, mesmo que meu primeiro impulso seja jogar tudo pela privada.

No banheiro, dentro de um armário, encontro outra coisa. Vera não está apenas tomando drogas ilegais: tem também uma provisão abundante das que são vendidas nas farmácias. Algumas delas, suponho, foram receitadas pelos psiquiatras que a trataram, mas há uma quantidade muito grande para que todas tenham essa origem. Sob essa luz, compreendo de forma diferente a sua atitude de um momento atrás, e também o seu comportamento na véspera, no nosso encontro abortado. E pergunto-me que parte dela é ela neste momento e que parte é resultado do coquetel de drogas e substâncias com que ela passa os dias. Uma questão que terei que esclarecer mais tarde. O que preciso fazer agora é terminar isso de forma limpa e silenciosa.

Numa prateleira branca está o frasco de colônia de flor de laranjeira. Só olho para ele, não o toco nem o cheiro, mas nele quero adivinhar algum vestígio do que poderia ter sido Vera antes de se ter desviado pelo caminho em que agora avança sem controle. Talvez seja a colônia que usa desde criança; às vezes, essas coisas permanecem, apesar de tudo. Claro que a colônia não combina com sua aparência atual, nem com sua vida, mas terá algum significado manter esse apego ao aroma dessa flor branca e efêmera.

O restante da busca me permite confirmar que, além das roupas que vi antes e do equipamento de barbear, não há mais pertences do homem – nenhum documento ou qualquer outra coisa –, e apreciar a quantidade de objetos caros e extravagantes com os quais Vera gasta seu dinheiro ou que lhe são dados por seu patrocinador. Não é incomum que alguém se dedique a colecionar bugigangas para se esquecer de como dilapida o que é importante, mas me entristece ter que fazer um balanço desta coleção.

Quando Vera retorna, uma hora depois de sair, já estou na rua para vê-la chegar carregada de sacolas. Mais bugigangas para tirar de sua mente a sensação de estar se desintegrando, até a próxima noite escura, quando não haverá ninguém para protegê-la dos monstros do medo, da aversão a si mesma e da falta de fé. Espero ter concluído meu trabalho antes que eles retornem e que não a apanhem tão indefesa.

No final do dia, Abutre retorna para se certificar de que tudo ainda está sob controle. Ele fica no apartamento por

pouco mais de uma hora, o que levanta em minha mente as suspeitas mais obscuras. Quando ele desce, está com um sorriso de satisfação no rosto. A moça está feliz, ela foi às compras, talvez ele tenha lhe dado alguma atenção especial pela qual ela agradeceu generosamente. Antes de entrar em seu carro preto, ele estica as mangas e puxa a calça até os quadris. Eu o vejo tão encantado com sua figura e seu talento que quero acelerar meus preparativos para vê-lo o mais rápido possível implorando como um verme. Eu me domino, apesar de tudo. Vou seguir o plano, sem pressa e na ordem.

10 ARANHA

O que mais me intrigou no meu primeiro contato com a Companhia foi o ambiente em que ele ocorreu. Eu tinha imaginado que a entrevista seria realizada em algum escritório ou unidade administrativa e que, enquanto aguardasse a minha vez, teria que fazer uma fila com outros candidatos. Para minha surpresa, o local aonde fui chamado era um bloco residencial e, antes que eu pudesse sair do meu estupor – em qual dos vinte e tantos andares daquele número naquela rua eu deveria me apresentar? –, uma mulher de aparência insossa se aproximou de mim e me chamou pelo nome. Quando me virei, ela anunciou:

— Eles estão esperando por você no apartamento D.

E saiu andando pela rua como se não fosse nada demais.

Hesitei por apenas alguns segundos. Abri a porta da frente e subi apressadamente as escadas até o quarto andar – o prédio não tinha elevador –, onde apertei a campainha da porta D. Disseram-me mais tarde que esse era o primeiro teste, no qual eles eliminaram um bom número de candidatos. Aqueles que hesitavam e demoravam mais do que o necessário provavam com isso, sem desperdiçar o tempo do entrevistador, que não eram adequados para o trabalho. Uma vez que tinham as mínimas informações

necessárias para saber que ação tomar, como foi o caso aqui, esperava-se que agisse com coragem e determinação, sem deixar que a incerteza o paralisasse.

A porta se abriu e do outro lado estava outra mulher, mais velha que a anterior, quase uma idosa. Pela sua aparência, alguém poderia pensar que era uma dona de casa, completamente inofensiva. Isso foi desmentido, no entanto, pelo gesto quase autoritário com o qual ela me chamou para entrar e pela voz nada amigável com a qual, assim que passei pela soleira da porta, ela me ordenou:

— Sente-se naquele sofá. Eles virão falar com você agora.

Depois de dizer isso, ela fechou a porta e desapareceu na cozinha, onde eu a ouvi alguns segundos depois fazendo barulho com panelas e frigideiras. Daquele sofá, eu olhava com espanto para o que parecia ser a sala de estar de uma casa humilde, com seus móveis baratos, seus quadros nas paredes, suas cortinas amareladas. Tive tempo de memorizar bem tudo aquilo, pois fiquei sozinho ali durante cerca de dez minutos, enquanto da cozinha ainda podia ouvir o barulho da mulher no que parecia ser uma reorganização geral dos móveis da casa. Não se ouvia som algum do restante da casa, que começava atrás da porta trancada do outro lado da sala de estar.

Por fim, a porta se abriu e apareceu um homem de trinta e poucos anos, de estatura mediana e vestido como se fosse fazer uma caminhada no campo. Fiquei particularmente impressionado com suas calças, com bolsinhos nas pernas, e

suas botas de montanhismo. Imediatamente me levantei e fiquei esperando por uma mão que ele nunca estendeu para mim. Apesar disso, e em contraste com seus companheiros, quase me pareceu que aquele homem era muito gentil. Pelo menos ele estava sorrindo e, quando enfim abriu a boca, depois de me observar em silêncio por dois ou três segundos eternos, sua voz estava tingida de um calor inesperado.

— Obrigado por ter vindo. Desculpe pela espera.

— Não há de quê — eu disse. — Obrigado por considerar minha candidatura.

Estava claro que tudo o que eu dizia ou fazia estava sujeito a um exame minucioso, mas, surpreendentemente, isso não me afetou mais do que deveria, também não achei difícil me acostumar com os muitos detalhes estranhos que envolviam a entrevista. O homem se sentou no sofá oposto ao que eu ocupava e não indicou que eu deveria me sentar, como qualquer anfitrião atencioso teria feito. Essa mistura calculada de deferência e descortesia era mais um teste para minha coragem e, felizmente, eu sabia como interpretá-la. Assim que o vi se sentar, e sem esperar por sua permissão, resolvi sentar-me também.

— Nós nos interessamos pelo seu perfil — disse ele, sem preâmbulos. — Como é mais do que óbvio. Caso contrário, você pode imaginar que não estaria aqui.

— Eu imagino.

— Posso ter uma ideia de algumas de suas virtudes pelo seu histórico. Você tem notas boas, recebeu seu diploma no

tempo certo. Isso significa que é capaz e coerente com as metas que estabelece para si mesmo.

— Obrigado.

— Só descobriremos se tem outras virtudes com alguns testes, caso você seja aprovado nesta entrevista e o aceitemos como candidato para trabalhar conosco. É por isso que gostaria de me concentrar em outra coisa agora, e gostaria que fosse o mais honesto possível comigo.

— Às suas ordens.

— O que há em você que não nos convém?

Não respondi de imediato. Achei que poderia ganhar tempo:

— Não sei. Não sei em detalhes o que esperam de mim...

Ainda sorrindo, ele me fez perceber que eu não estava indo bem.

— Adivinhe.

Percebi que cada instante que eu desperdiçasse agora poderia ser letal.

— Fazendo um esforço, talvez eu consiga pensar em algo.

— Não seja tímido. Compartilhe comigo.

— É algo que tem a ver com meus motivos para estar aqui.

— Não seja tímido.

— Não estou procurando dinheiro, nem posição, nem reconhecimento. Nem me considero um aventureiro, nem vim em busca de patriotismo. O que me move é a injustiça. Não posso ficar de braços cruzados diante dela.

— E o que há de inconveniente nisso?

— Não estou falando de injustiça em geral. Mas de uma que me afeta diretamente.

— Você se refere ao seu irmão.

Embora não houvesse nenhuma menção na minha candidatura sobre o atentado que tinha atingido a minha família, considereei que, antes mesmo de avaliarem minha candidatura, eles teriam feito averiguações e que estas os teriam levado à pista imediatamente. É por isso que suas palavras não me pegaram de surpresa, e é também por isso que preferi colocar o assunto na mesa antes que ele o trouxesse à tona. Por um momento, me senti inseguro: talvez tivesse me mostrado relutante demais, e tê-lo obrigado a insistir comigo para confessar isso ia jogar contra mim.

— Sim, me refiro ao meu irmão — admiti.

— Antes de prosseguirmos, acho que devo deixar algo claro.

— Estou ouvindo.

Eu disse isso com o máximo de desenvoltura que consegui. Ele não pareceu se desagradar.

— Não nos dedicamos a fazer justiça. Não somos a polícia nem levamos ninguém ao tribunal. Nós coletamos informações.

— Mas essas informações...

— Essas informações — ele me interrompeu — são disponibilizadas àqueles que precisam delas para tomar as decisões apropriadas.

— Entendo — concordei, docilmente. — Mas posso presumir que os tomadores de decisão, entre outros, têm como objetivo evitar a repetição de injustiças como a que tirou a vida do meu irmão.

— Esse é um dos seus objetivos, sim.

— E, portanto, para garantir que os responsáveis sejam responsabilizados por elas.

— Dependendo da circunstância.

Um brilho de malícia apareceu em seus olhos pequenos, escuros e penetrantes. Ele esperou que eu pensasse no que responderia diante daquilo.

— Então, estou desqualificado? — perguntei-lhe diretamente.

O homem assentiu lentamente com a cabeça.

— De cara, sim. A questão é se você nos fará reconsiderar.

— E o que devo fazer para conseguir isso?

— Quero te explicar algo primeiro. Não pense que o que te desqualifica são os motivos que você diz não ter. Preferimos que nosso pessoal não seja excessivamente apegado ao dinheiro, pois esse é um desejo que nos incita a seguir caminhos que não nos convêm nem nos agradam. Também é melhor que você não busque reconhecimento, pois não o obterá aqui, e aventura é bom para romances: o que temos aqui é perigo e, acima de tudo, precisamos de alguém que saiba enxergá-lo e evitá-lo. Quanto ao patriotismo, não atrapalha, é claro, mas é um sentimento abstrato demais, e

sentimentos abstratos facilmente dão lugar a outras coisas. Por outro lado, o seu...

Ele se interrompeu. Sabia que tinha toda a minha atenção, mas, pelo modo como me olhava, senti que o que iria dizer em seguida, que era o ponto crucial, ele queria que ficasse gravado em minha memória.

— Seu sentimento nunca vai se apacar, sabemos disso. É o que lhe dá força, uma força que quase ninguém tem, mas também é o que o torna fraco. É uma questão de saber se você pode dominá-lo, quando isso lhe for solicitado.

Eu não podia hesitar e não hesitei.

— Podem me testar.

O homem olhou para mim com uma expressão afetuosa.

— Tenho outra pergunta para você.

— Pergunte.

— Por que nós? Quero dizer, por que você não tenta ingressar na polícia, ou se tornar um juiz ou promotor, ou entrar para a política?

— Acho que a Companhia é mais adequada ao que sou.

— O que você é?

— Alguém que prefere ir direto ao coração do mal.

— Isso tem um risco, como você provavelmente já sabe.

— Eu o aceito.

— Talvez você o aceite porque não sabe o que significa.

— Estou disposto a aprender. E a suportá-lo.

— Você é muito jovem. Não quero que se engane.

— Sobre o quê?

— Você nunca será um herói aqui. E não quero dizer que não será reconhecido, é que nem ao menos o será em segredo. Você nem sequer, ouça o que estou dizendo, você nem sequer será um herói para si mesmo. Ao contrário.

— Eu também não preciso disso.

O homem balançou a cabeça.

— Teremos que ver isso.

— Espero que me deem uma chance de demonstrá-lo.

Nesse momento, o homem deu um tapinha nas coxas e se levantou de repente. Eu o imitei automaticamente, sem saber se aquilo era tudo, se eu tinha acabado de reagir da maneira errada e se não apenas aquela entrevista, mas também a minha passagem pela Companhia tinham acabado.

— Vamos dar uma volta — ele me informou inesperadamente.

Ele atravessou a sala com dois passos, abriu a porta do apartamento e me indicou a escada. Quando eu estava do lado de fora, ele me seguiu e fechou a porta sem se despedir da mulher que permanecia na cozinha, embora nenhum som estivesse vindo de lá há algum tempo. Ele desceu as escadas em um ritmo acelerado e eu não tive outra escolha a não ser segui-lo.

Uma vez na rua, ele caminhou com as mãos nos bolsos em direção a um descampado. Estávamos em um subúrbio, ligeiramente elevado em relação ao restante da cidade. Quando chegamos ao descampado, sem que ele tivesse

aberto a boca até então, subimos uma ladeira e chegamos a uma elevação de onde tínhamos uma visão relativamente ampla do horizonte urbano. Não era grande coisa: a cidade onde eu tinha morado até então não era particularmente bonita e o céu parecia sujo e cinza. Ele ficou olhando para a paisagem e de repente me perguntou:

— Você pode me descrever todos os detalhes de que se lembra agora da sala onde estávamos conversando até cinco minutos atrás?

Comemorei o fato de não ter desperdiçado o tempo em que fiquei sozinho. Consegui descrever a sala de estar, os móveis, os objetos, os quadros, o piso, as paredes, as lâmpadas, as maçanetas, os rodapés, as tomadas e até os interruptores. Ele sorriu para mim, satisfeito.

— Parece que você não é uma pessoa desorientada — ele disse. — Pode me chamar de Aranha. Na verdade, não pode me chamar de outro modo.

— Isso significa...

Ele me interrompeu novamente com aquele sorriso indecifrável.

— Nada, moleque. Não significa nada. Ainda não.

11 ROTINAS

Talvez eu nunca tenha sido tão bom em nada quanto sou nisso. Sempre fui ruim em tarefas que exigem que eu tenha esperanças, me comprometa ou me apegue a algo ou a alguém. Por outro lado, quando se trata disto, de vigiar, seguir e estudar os pontos fracos e fortes de uma presa e acabar por caçá-la, as habilidades, os recursos e a inspiração me ajudam e se desdobram espontaneamente. Estou na trilha de Abutre há várias horas e não só não me expus ante ele em nenhum momento, como também acho que a esta altura já tenho uma visão mais do que aproximada da vida e das circunstâncias do indivíduo que, desta vez, foi colocado na minha mira. E acontece que, enquanto minha mente está envolvida nisso, em desvendar da forma mais meticulosa e fria possível quem é realmente o sujeito com quem tenho de lidar, todas as sombras e amarguras que me acompanham se dissipam e deixam de ser um peso. Sinto novamente o que senti tantas vezes, que a caça e a perseguição me salvam não da dor em geral, mas, acima de tudo, da dor mais teimosa e definitiva: a dor de ser quem eu sou.

E mesmo sabendo que não passa de uma ilusão, ou, sendo inclemente comigo, a coisa mais parecida em minha vida a uma daquelas drogas que nunca me permiti tomar, não posso

deixar de saborear os momentos que essa ocupação me proporciona e que não tenho há tanto tempo. Por exemplo, quando Abutre, previsivelmente, retorna de manhã cedo ao apartamento de Vera e, depois de passar pouco mais de meia hora lá – tempo para tomar um café, verificar se sua conquista ainda está estável e talvez, com pressa, um pouco mais –, ele entra novamente em seu carro, que dessa vez estou preparado para seguir. Acho divertido, como sempre é recuperar as sensações do passado, dirigir atrás dele pelas ruas da Cidade em meu carro alugado, de modelo comum e cor pouco vistosa, mas com potência suficiente para adaptá-lo às circunstâncias da perseguição. Eu me mantenho próximo quando é possível e lhe dou vantagem assim que o trânsito fica livre e corro o risco de ser descoberto, sem temer em nenhum momento não ter tempo de alcançá-lo quando for conveniente. Não é fácil seguir um carro dirigido por alguém minimamente atento ao seu entorno sem ser detectado, especialmente se você fizer isso sozinho. Ainda conservar essa habilidade é tão gratificante para mim quanto a facilidade com que eu o ultrapasso quando ele para e eu consigo estacionar o mais próximo possível dele, enquanto mantenho o olhar no meu alvo. Nada melhora o humor como resolver problemas concretos à medida que eles surgem.

Assim, posso reconstruir o que para ele parece ser a sequência de um dia normal no escritório. Seu primeiro destino é um sobrado no subúrbio: não é luxuoso, mas uma daquelas casinhas antigas e um tanto decadentes. Não vejo

quem abre a porta, porque, naquele momento, estou procurando um lugar para deixar o carro sem levantar suspeitas, mas vejo quem se despede dele quando ele deixa o local, uma hora e meia depois: um casal de mulheres jovens, mas não tão jovens como Vera, vestidas com roupões de tecido leve. Não noto nenhum tipo de afeto entre elas e ele, no máximo aquela cordialidade cautelosa que se estabelece entre alguém que está fazendo um trabalho e alguém que o está supervisionando. O que observo ali é suficiente para que eu deduza que aquela casa abriga o estabelecimento a partir do qual Abutre desenvolve a maior parte de sua atividade lucrativa. A questão é se Vera já passou por aquele lugar em algum momento e, após a crise e sua hospitalização, ele optou por retirá-la por um tempo, ou se ainda não a vê suficientemente acostumada com o negócio para integrá-la ao restante de suas funcionárias. Olhando para uma das duas, a mais jovem, não tenho dificuldade em imaginá-la em uma fase anterior, recebendo as atenções do cortejador que seu atual empregador é capaz de fingir. Talvez até morando naquele apartamento no centro da cidade que Vera ocupa agora.

De lá, Abutre segue para a marina. Aqueles que têm a sorte de morar perto do mar, onde a Cidade está localizada, e têm dinheiro e tempo, acham difícil resistir ao prazer de relaxar à beira da água de vez em quando. Aproveitando o fato de que hoje a chuva deu uma trégua, ele toma um drinque enquanto observa os barcos em um terraço à beira do cais. Em

determinado momento, começa a olhar para o relógio. Depois de três ou quatro olhares, ele chama o garçom, paga a bebida e começa a caminhar em direção ao Clube Náutico, onde mais tarde descubro que ele tem um almoço marcado. A pessoa com quem ele vai compartilhar a mesa não chegará antes de quinze minutos após a hora marcada, a partir da qual Abutre já a espera no bar. Na verdade, ele está lá desde cinco minutos antes, o que me leva a pensar em uma relação de subordinação. Por fim, vejo um homem de meia-idade entrar, vestido com um terno um tanto desgastado pelo uso, com uma gravata frouxa e camisa bem cortada, mas que, pendurada em sua figura, parece um pouco pior. Sua atitude, na verdade, é a de alguém que pode ser perdoado pelo atraso, e Abutre aceita, com uma expressão submissa, as escassas desculpas oferecidas por seu companheiro de mesa. Da minha mesa, observo o almoço a uma distância que me impede de ouvir o que eles dizem um ao outro, mas para isso tenho prática suficiente para decifrar os gestos humanos. Parece-me claro que Abutre está pedindo algo que o outro está relutante em conceder, ou pelo menos em concedê-lo conforme lhe foi solicitado.

Isso fica evidente no que parece ser a parte crucial do encontro, que ocorre entre o segundo prato e a sobremesa. Abutre insiste várias vezes, com a cabeça baixa e os ombros caídos, com o olhar de um cachorro espancado e gestos nervosos e suplicantes. O outro, a quem atribuo naquela hora o apelido de Batráquio, inclina-se cada vez mais para trás em

seu assento, com a cabeça cada vez mais virada para o outro lado, o queixo mais fundo, os lábios cada vez mais retorcidos e o olhar cada vez mais fixo na toalha de mesa. Depois de ouvi-lo durante algum tempo, deixando escapar apenas algumas frases curtas ou algum monossílabo, ele levanta a mão e fala lentamente, sem tirar os olhos da mesa. No total, seu discurso não dura mais do que um minuto, depois do qual ele pega sua taça de vinho e a esvazia. “E acabou”, ele parece dizer com esse gesto, e Abutre, a partir de então, quase emudece.

Quando Abutre paga a conta, depois da sobremesa e do café, que transcorreram com seu convidado discorrendo sobre assuntos que eram visivelmente mais agradáveis para ele, a minha já está paga e estou pronto para sair atrás deles no momento exato que for mais conveniente para o meu sigilo. Após a breve conversa entre os dois, uma vez que já estão ao ar livre, vejo-os se despedirem com uma frieza que apenas é quebrada pelos dois tapinhas que Batráquio dá no ombro de Abutre antes de entrar no carro que parou na porta do Clube Náutico. Um policial uniformizado sai com um ar diligente para abrir a porta para ele e a fecha atrás de si assim que ele se acomoda no assento. A expressão no rosto do meu alvo enquanto ele observa o carro se afastar diz tudo.

Em seguida, há um breve e melancólico passeio pelas docas, que ele novamente interrompe abruptamente após consultar o relógio. Naquele momento, é chamado por outra de suas rotinas, que, como verei em breve, não tem nada a

ver com as anteriores. Eu o acompanho até uma escola em um dos bairros ricos da cidade. Ele estaciona em fila dupla e caminha até a porta, onde um grande número de pais já está esperando a saída dos alunos. Eu o observo sem ter que sair do carro nem mesmo estacioná-lo, graças à falta de disciplina no trânsito nas proximidades da escola àquela hora do dia. Alguns minutos depois, ele retorna ao carro com um menino e uma menina de mãos dadas. O menino tem cinco ou seis anos de idade e sua irmã não é muito mais velha. Com dificuldade, ele os coloca no banco de trás do carro e parte novamente. Eu o persigo mais uma vez, determinado a permanecer sendo a sua sombra.

Ele leva as crianças para comer em uma lanchonete próxima, com janelas amplas. Não considero necessário entrar, também não quero abusar da sorte, embora tenha roupas no carro para mudar de aparência quantas vezes forem necessárias ao longo do dia. Através das janelas vejo-o compartilhando um lanche com quem devem ser seus filhos. O menino parece ainda fascinado com ele. A menina, um pouco mais distante. Em todo caso, esse interlúdio paterno dura apenas meia hora. Uma hora depois de pegá-los na escola, ele os deixa na porta de um lindo prédio residencial, onde uma mulher mais ou menos da sua idade os pega. Os beijos e abraços que ela dá nas crianças contrastam com a secura glacial com que apanha das mãos de Abutre seus pertences escolares. O homem se despede com alguns beijos

apressados das duas criaturas, e sorrio para mim mesmo sabendo que acabei de descobrir sua fraqueza mais profunda.

De lá, ele volta ao sobrado no subúrbio, onde suponho que espera ser recebido com um pouco mais de consideração por seus méritos e onde tem negócios para cuidar. Passa o restante da tarde lá, até que, em torno das oito horas, ele volta para o carro e se dirige de novo para o centro, para um endereço que me permito adivinhar a fim de fazer a maior parte do rastreamento à sua frente, e não atrás dele. Não me engano: Abutre é um homem de rotina regular e acaba procurando estacionamento próximo ao prédio onde encontrei seu rastro. Ele passa mais tempo lá do que no dia anterior, algumas horas, e enquanto espero deduzo que a garrafa de vinho com a qual ele saiu do carro era para acompanhar um jantar íntimo. No entanto, o gesto com que volta a aparecer à porta e se detém a observar a noite, novamente úmida, não é o de um homem satisfeito. Algo o preocupa, a ponto de obrigá-lo a caminhar de cabeça baixa em direção ao carro esportivo, no qual desta vez ele entra como se fosse um pugilista derrotado.

Ele volta ao sobrado no subúrbio. E é aqui onde estou estacionado agora; enquanto recapitulo os acontecimentos do dia, a noite avança e decido se é tarde o suficiente para supor que ele vai dormir ali e me dou o direito de desfrutar de algumas horas de sono que permitam-me retomar o trabalho amanhã mais descansado. Por sorte, não me precipito, porque ainda me resta algo para ver.

Por volta da meia-noite, dois veículos param em frente à casa e meia dúzia de pessoas saem. São todos jovens, entre vinte e trinta anos, com exceção de um que deve ter mais ou menos a idade de Abutre e que, pelo ar com que lidera a comitiva, parece ser o de maior hierarquia. A maneira como se vestem e se movimentam, com constantes olhares desconfiados de um lado para o outro, não leva a supor que sejam cidadãos que ganham a vida honestamente. Eles tocam a campainha na parede exterior do sobrado e depois de meio minuto a cancela se abre para eles. Logo depois abre-se a porta da casa. Na soleira, aparece a silhueta de Abutre recebendo a visita com sinais visíveis de obsequiosidade. Ele os convida para entrar e fecha a porta atrás deles.

Aceito com resignação o fato de que terei de perder mais um pouco de sono. Os homens permanecem no lugar por pouco mais de uma hora, tempo que passo tentando inutilmente vislumbrar algo pelas janelas. As luzes estão acesas em todos os cômodos da casa, mas as cortinas são grossas o suficiente para que seja impossível ver algo através delas. Portanto, tenho de me contentar em imaginar o que está acontecendo lá dentro, que pode ser simplesmente a farra de um grupo de clientes ou pode ser algo de natureza mais significativa. Quando eles saem, seja lá o que for que tenham ido fazer, Abutre os acompanha até os carros, e é então que percebo algo que me permite apostar no que aconteceu no interior da casa. Há angústia nos gestos de meu

alvo e, nos do homem que ele entretém até o fim, uma contrariedade mal disfarçada. No final, o visitante se volta para seu anfitrião e o olha por alguns segundos sem dizer nada. Em seguida, entra no carro, cuja porta é aberta por um de seus companheiros. Pela segunda vez, vejo Abutre olhar como uma alma penada para um carro que está partindo.

Por um momento, quase sinto pena dele. Não há mérito em derrubar alguém que mal está conseguindo se segurar. Mas não estou aqui para ter pena dele.

12 ASPIRANTE

Não éramos mais que uma dúzia de aspirantes trancados naquela casa isolada nas montanhas. Quando o processo de seleção terminou, tínhamos ficado reduzidos a um terço. Os demais haviam desistido ou tinham sido convidados a que o fizessem. Para cada um de nós, o instrutor principal, Aranha, que também tinha sido o entrevistador em todos os casos que nos tinha dado o aval antes de sermos autorizados a passar pela triagem, certificou-se de que tivesse ficado claro desde o primeiro dia o que deveríamos esperar:

— Alguns de vocês podem acabar ficando. Outros, com certeza, não conseguirão passar pelo processo e terão que voltar para suas vidas. Seja qual for, é melhor lembrarem-se do seguinte: o que vivenciaram aqui não existiu, não faz parte do mundo real. Você não poderá contar para ninguém e, se contar, ninguém acreditará em você e, se alguém acreditar, nunca poderá prová-lo; portanto, minha recomendação é que não percam tempo. Também é meu dever avisá-los de que, se a Companhia souber que algum de vocês foi indiscreto, terá mecanismos para fazê-los se arrepender, mas tenho certeza de que sua inteligência tornará isso desnecessário.

Com essa advertência preliminar, começaram quatro semanas de intensidade avassaladora. Não apenas por causa das longas jornadas, que começavam às oito da manhã e podiam se estender até a meia-noite ou além, mas também por causa da grande quantidade de aprendizagens e tarefas com as quais tínhamos de lidar, quase sem descanso. Depois de dois ou três dias, pude ver um padrão mais ou menos regular naquela sobrecarga de conteúdos e trabalho: o aspirante recebia todo tipo de informação, que também era diferente para cada um e tendia a se aprofundar em áreas em que sua formação não lhe dava vantagem ou o colocava em uma posição inferior com relação aos outros. Essa quantidade enorme de informação tinha que ser digerida a toda pressa e da maneira menos superficial e imprecisa possível, e com essa noção apressada era necessário resolver problemas que estavam se tornando cada vez mais urgentes e tortuosos. O objetivo, estava claro, era provocar um curto-circuito no aspirante, de modo que sua força de vontade não tivesse sucesso no desafio ou até mesmo que o descartasse como gratuito e absurdo.

Foi com essa consciência que me vi enfrentando as tarefas mais impensáveis para mim, desde a montagem de uma peça complicada de maquinário que alguém havia quebrado com as piores intenções até desvendar as pistas de um esquema de desvio de dinheiro em um livro contábil complicado. Se algum dos aspirantes ousasse perguntar o que tinha a ver o que estava aprendendo ou sendo confiado a ele com os

negócios da empresa, Aranha tinha uma resposta que dissuadia os outros de apoiar o cético:

— Se está além de você, tem a ver. A porta da rua é a serventia da casa.

Além dessa parte, digamos, personalizada, o treinamento ali ministrado tinha elementos comuns, relacionados à filosofia de atuação da Companhia e a seus procedimentos operacionais. Quanto ao primeiro, a ideia era simples e expressa categoricamente: não estamos em lugar nenhum e podemos estar em qualquer lugar onde formos necessários, por mais difícil que seja. Quanto ao segundo, naquele curso seletivo nos ensinaram apenas os rudimentos. O acesso às ferramentas e técnicas reais era reservado para aqueles que passavam na seleção; os que ficavam pelo caminho nem sequer podiam imaginá-las. Eles só testavam nossa aptidão mostrando-nos as mais básicas, aquelas que eram tão elementares e familiares que quase nunca eram usadas.

Os testes de exigência física eram um capítulo à parte. Além das duas sessões de exercícios por dia, uma pela manhã e outra à tarde, em que nossa capacidade de sofrer era continuamente desafiada, a cada dois ou três dias havia marchas e exercícios de orientação nas montanhas, independentemente do clima adverso ou não, e começamos a temer na terceira noite em que voltamos para casa encharcados, que procuravam os dias com o clima mais desagradável para organizá-las. Às vezes, aquelas semanas me lembravam do serviço militar, mas sem os rígidos

protocolos disciplinares que tive de suportar sob o uniforme. As relações lá, não apenas com Aranha, mas com os outros quatro instrutores que nos observavam o tempo todo, eram mais informais. Não havia patentes, nem tratamentos, nem formações, nem movimentos preestabelecidos nem nenhuma dessas outras rotinas rígidas usadas para manter as tropas unidas para o combate. Na Companhia, como logo percebemos, tratava-se de algo muito diferente: encontrar indivíduos que sabiam ser seus próprios líderes e seus próprios soldados, em pequenos grupos, em duplas e até mesmo sozinhos.

Durante aquelas semanas, não tínhamos nomes. Cada um de nós era chamado, e assim chamávamos uns aos outros, por um número, de um a doze. Eu recebi o sete, que considerei um bom presságio, embora, com o passar dos dias e as exigências do curso, eu tenha perdido a fé na numerologia. Era estritamente proibido dar-nos os nomes verdadeiros uns dos outros ou informar-nos de qualquer outra circunstância pessoal e, para que ninguém sequer pensasse em violar a proibição, Aranha semeou-nos a todos, também no primeiro dia, uma dúvida perversa que também era definitiva:

— Vocês não têm como saber se um de vocês não é, de fato, um de nós. Na verdade, eu diria que vocês devem temer que alguém o seja.

Por essa razão, ninguém confraternizava muito. Quem conseguia abrir o seu coração a qualquer um dos que

compartilhavam daquela experiência, não importa quanta afinidade ou simpatia ele pudesse inspirar, quando não lhe cabia excluir a possibilidade de estar sendo sincero com um dos avaliadores que o mantinham sob constante escrutínio? Conheci a solidão, antes e depois daqueles dias, mas raramente ela foi tão completa como a que experimentei enquanto estive trancado naquela casa, com outros onze colegas com os quais eu estava enfrentando uma provação que, de outra forma, teria podido estabelecer uma profunda solidariedade entre nós, porque nada une mais os seres humanos do que compartilhar o sacrifício e a ânsia de resistir à dificuldade e prevalecer sobre ela.

De fato, foi somente na última semana que recebemos tarefas em duplas. Naquela altura, Aranha e sua equipe já nos conheciam bem, o que lhes permitiu nos colocar em pares com aqueles que seriam os mais difíceis de nos acostumarmos. Fiz par com um rapaz que não era muito falante e tinha uma mente matemática fora do comum. Ele tinha formação nessa área e nunca entendi muito bem por que se candidatou para entrar na Companhia. Quando discutíamos a maneira como deveríamos resolver o desafio que tínhamos recebido, percebi quanto ele não me estimava. Eu me sentia atraído pelo pensamento simbólico, que para ele era completamente inútil, enquanto sua preferência era pelo raciocínio analítico e quantitativo, cuja utilidade eu não desprezava, mas que me interessava muito menos. De

qualquer forma, inclinações à parte, fomos obrigados a nos dar bem e não nos saímos mal.

Conseguimos sair vitoriosos das três provas que tivemos que resolver juntos dentro do tempo que nos foi dado. Quando havia uma dificuldade relacionada à sua capacidade, ele respondia com prontidão e eficiência devastadoras. Quando o que precisava ser esclarecido tinha mais a ver com minhas habilidades, ele se afastava e adotava uma atitude condescendente, como se ter que lidar com isso fosse uma deferência que nossos examinadores me prestavam e à qual naturalmente cabia a mim corresponder. Como Aranha me confidenciou algum tempo depois, foi essa atitude, juntamente com outros detalhes, que levou à sua desqualificação no final do curso, que ele aparentemente havia cumprido com menos dificuldades do que os demais.

O último teste foi individual. Só posso fazer um relato do meu; não sei se os outros foram submetidos ao mesmo teste ou a um similar, com as variações que cada caso aconselhava. No início, parecia tão fácil que despertou minhas suspeitas. Eu tinha que conseguir parar um carro em uma estrada secundária próxima àquela em que fui abandonado, sem documentação nem dinheiro, e conseguir uma carona até uma cidade próxima, onde tinha que encontrar um endereço. Lá, alguém me encontraria para me dar mais instruções. Não demorei muito para convencer um motorista de caminhão a parar e depois fazer um pequeno desvio para me deixar na entrada da cidade em questão. Também não precisei de

muito esforço para chegar ao endereço que me foi dado no horário estipulado. O que aconteceu depois disso me revelou a verdadeira natureza desse teste, que, como eu havia imaginado, estava longe de ser o que parecia. Tratava-se, nem mais nem menos, de procurar meu ponto mais fraco. E cutucá-lo.

O primeiro sinal perturbador foi o olhar do indivíduo que se colocou à minha frente e me olhou de cima a baixo. O segundo foi o fato de ele ter ficado em silêncio, sem dizer a frase combinada, à qual eu, por minha vez, tinha que responder de uma forma predeterminada. A terceira foi o capuz que foi colocado em mim enquanto dois pares de braços mais fortes que os meus me imobilizavam pelas costas. Depois disso, amarraram meus pulsos e me arrastaram para uma espécie de van, o que reconheci pelo chão plano e duro, onde fui jogado como um fardo e na qual fiz uma viagem de cerca de vinte minutos.

Novamente os braços me agarraram e fui levado à força, depois de um breve trecho ao ar livre, para uma cadeira onde me sentaram, com os braços amarrados atrás das costas e ainda sem tirar o capuz. Então ouvi pela primeira vez a voz de um deles. Ele me perguntou:

— Nome e sobrenome. Os verdadeiros.

Eu me perguntava o que deveria fazer, o que deveria provar nesse teste, que não era apenas desagradável e perturbador, mas que tinha sido acompanhado de uma violência física contundente. Aqueles que me renderam e me arrastaram o

fizeram sem qualquer consideração e me amarraram de tal forma que meus pulsos começaram a doer e minhas mãos ficaram dormentes. Optei por sair desta forma:

— Vocês me amarraram com muita força. Minha circulação está interrompida.

A resposta não demorou a chegar:

— Como se suas mãos estivessem gangrenadas. Nome e sobrenome.

Estava claro. Eu tinha sido proibido de revelá-los. Tinha que ficar calado.

— E esta é a terceira e última vez que eu te pergunto — insistiu a voz.

Fiquei em silêncio. O soco que se seguiu, mesmo através do capuz, me deixou meio atordoado. Então, trata-se de ver se suporto a tortura física, pensei, e imaginei que eles não iriam além de um certo grau de maus-tratos. Nada que me causasse ferimentos, por exemplo, embora aquela primeira viagem, no mínimo, fosse me deixar com algum hematoma. No quinto golpe, um soco na boca do estômago que me deixou quase sem fôlego, eu comecei a duvidar dessa suposição otimista, mas a surpresa veio quando a voz me avisou com calma:

— Se você me obrigar, vou te mandar para fazer companhia ao seu maldito irmão.

Ainda não sei como consegui reprimir o que aquela ameaça desencadeou dentro de mim. Meu primeiro impulso foi lembrar de todos os mortos e, caso estivessem assistindo ou

escutando, de Aranha e dos demais instrutores. Em vez disso, mordendo as palavras, respondi:

— Vá em frente. Não vou falar.

Eles ainda me deixaram levar mais três socos, antes que eu ouvisse a voz de Aranha, que pediu aos meus torturadores que parassem. De acordo com o que me contaram mais tarde, eles foram levados a acreditar que eu era um terrorista de quem era preciso extrair informações e que meu irmão havia morrido ao manusear uma bomba. A força de seus golpes era imprópria de uma simulação, pois para eles tratava-se de uma ação real.

No dia seguinte, dos seis de nós que ainda não tínhamos nos rendido, restavam quatro. Dois não tinham marcas visíveis. Ao meu lado, vi outro rosto machucado, o do número três. Foi sua mão, grande e quente, que apertei pela primeira vez quando Aranha nos disse que tínhamos sido aprovados.

13 A PROMESSA

Olho para sua mão, que ainda é grande, mas que agora está fria e mole e tem um soro na parte de trás. Marreta me olha com ar de estranheza, com a consciência turva por causa dos analgésicos injetados através daquela via, que suspeito estarem ficando mais fortes a cada dia. É verdade que não facilito as coisas para ele: na primeira vez, vim vê-lo sem me caracterizar muito, portanto, nesta segunda ocasião, achei apropriado me disfarçar e até me desfigurar um pouco, caso passe por alguém no hospital que eu não gostaria de encontrar. Como da outra vez, esperei até que ele estivesse sozinho e entrei em seu quarto depois de bater na porta algumas vezes para anunciar minha entrada. Como da outra vez, eu o encontrei com o rosto voltado para a porta, mas desde o primeiro momento vi em seus olhos uma névoa que não os encobria antes, e temi que minha visita já estivesse atrasada ou fosse inútil.

No entanto, quando coloquei minha mão sobre a sua, ele sorriu, o que me devolveu, mesmo que fracamente, a esperança de que esta visita pudesse servir para algo. Eu não queria vir antes de estar em condições de lhe dar um relato de resultados dignos desse nome, e teria me entristecido se demorasse muito para poder oferecê-los a ele. Agora que sei

que ele me enxerga e me reconhece, embora ainda esteja desorientado, tento comprovar até que ponto consegue me ouvir e me entender.

— Olá, Marreta. Sabe quem eu sou, não é?

— Claro que sei, idiota — ele murmura.

— Desculpe-me, eu não tinha muita certeza.

— De que... de que merda você está disfarçado?

— Não sei, diz aí.

— Parece um cruzamento de palhaço com coveiro.

— Não era essa a minha intenção, mas se serve para você se divertir...

— Nem um nem outro, na verdade.

— Obrigado. Fico feliz de ver que você ainda está em forma.

— Sim, estou pensando em atravessar a baía a nado. Já tem alguma coisa?

Seu gesto me estimula. Penso em como lhe dizer.

— Tenho tudo — respondo, enfim.

— O que isso significa?

— Tenho o alvo identificado, seus hábitos e pontos fracos verificados, a estratégia definida e os recursos necessários planejados.

— Entre em detalhes, vamos.

Conto-lhe tudo, ou quase tudo. Ao examinar os detalhes da vida e do caráter de Abutre, penso até que ponto devo ser minucioso, tendo em mente que tudo o que diz respeito à filha dele, por mais drogado que ele esteja, o afetará. Acima

de tudo, tento fazer com que ele veja que não há dificuldades intransponíveis a serem enfrentadas e que seu parceiro fez a lição de casa, tanto na coleta e análise de informações quanto no planejamento da ação. O tempo e a inatividade podem ter tornado minhas habilidades, assim como as dele, um pouco enferrujadas, mas, em outros tempos, nós dois tivemos que resolver na hora, e com muito menos, tarefas infinitamente mais difíceis. Acredito que isso sirva para tranquilizá-lo, que é o meu principal objetivo. Dar-lhe a possibilidade de partir em paz e sem angústias, ou pelo menos sem a angústia que o levou a me trazer de volta da aposentadoria. Marreta me ouve com atenção e, por um momento, em seus olhos há novamente a centelha de outra época: a do caçador que ele foi um dia e que agora se torna novamente por meu intermédio.

— Um policial, que deprimente — ele observa.

— Ex-policial — pontuo.

— Não importa. E ainda com conexões com seus colegas.

— De baixa qualidade. Devo te dar minha interpretação?

— Claro.

— Eles o usam. Alguém em sua situação é útil para o que eles querem. Se ele deixar de ser útil, não há por que cuidar dele.

— Espero que você esteja certo. Mas talvez tente envolver esses contatos.

— Duvido que ainda esteja disposto quando eu acabar com ele. E se tentar, já sei a resposta que lhe darão. A mesma que

lhe deram no restaurante do Clube Náutico: a merda é sua, você está por sua conta.

— Quero que ele desapareça de verdade da vida dela.

— Ele vai desaparecer.

Por um instante, uma sombra cruza seu olhar.

— Pua... — ele murmura.

— Diga.

Ele não fala. Ele volta os olhos para mim. Eu vejo a súplica neles.

— Esqueça, Marreta. Isso não — digo a ele.

— Por que não? — ele me testa.

Suspiro e olho pela janela por um momento. Não está chovendo hoje, ainda não, mas as nuvens se vestem para a ocasião com seu cinza chumbo. Fragmentos de imagens passam pela minha mente, as lembranças e as sensações que ele não pode deixar de saber que está evocando e pelas quais não lhe agradeço.

— Porque não — digo-lhe enfim. — Não quero matar ninguém, se eu puder evitar, e ninguém melhor do que você deveria entender isso. Você vai, mas eu fico. Não pode me pedir para carregar esse fardo por você.

— Você tem razão, não posso — ele admite.

— Confie em mim. Ele vai sair de cima dela.

— Não tenho escolha.

Agora é ele quem se volta para a janela, onde está procurando, talvez, uma resposta para a grande pergunta a que sua vida o levou. Qual foi o objetivo de tudo o que ele fez,

de tudo o que nós fizemos? O que ele fez, e nunca deveria ter feito, para que o sangue de seu sangue se veja onde se vê, e não em um lugar mais gentil, menos escuro e mais pacífico. Lamento que, neste momento, a pessoa que está sentada ao lado de seu leito seja eu, que não tenho muito mais argumentos do que ele para acalmar e confortar seu espírito. Penso que tudo o que estou lhe oferecendo é o que ele me pediu, dentro dos limites que imponho a mim mesmo e a ele, e que ainda é a mesma coisa que fomos e fizemos naqueles dias, aquilo que nos consumiu e destruiu, de passagem, aqueles que tiveram a infelicidade de compartilhar nosso ar ou cruzar nosso caminho. Penso também que nunca conheci a criança que Marreta deve ter sido um dia e da qual ele nunca me falou. Talvez, se a tivesse conhecido, teria algum argumento para lhe dar esperança, ou pelo menos para acreditar que nem tudo foram desvios e desastres em seu caminho e que no legado que ele deixa para a filha há algo mais do que inadequações, abandonos e desgostos. Eu posso me lembrar e lembrá-lo, isso sim, do cara altruísta e generoso que o vi ser mais de uma vez, o homem corajoso que se arriscou por mim e pelos outros, o camarada que nunca desistiu e nunca deixou de me proteger e a quem não devo a vida de outros, mas a quem hoje devo a minha.

— Não vou falhar com você — prometo. — Se ela quiser uma chance de deixar para trás o que está fazendo agora e buscar uma vida melhor, ela terá. Isso eu lhe devo, e não sou do tipo que deixa de pagar suas dívidas.

- Não duvido de você. Você está aqui.
 - O que quer que eu faça depois?
 - Depois?
 - Quando eu me livrar dele. Para onde levo a menina?
- Marreta dá de ombros.
- A questão é outra. Para onde ela se deixará levar?
 - Digamos que eu seja persuasivo.
 - Ela tem mãe. É uma boa mulher. Faça uma tentativa.
 - Conte com isso.

Marreta concorda com a cabeça. E tenta se livrar de uma última dúvida.

- Você volta para confirmar que está feito?
- Eu te aviso, não se preocupe. De uma forma ou de outra.
- Não demore muito, ou não haverá mais ninguém aqui.
- Não vou demorar. É por isso que estou aqui.

Ele fica em silêncio, como se não houvesse mais nada para falar, mas noto que há algo que ainda o incomoda. Hoje, talvez porque veja o fim mais próximo e porque não esteja claro para ele que vou concluir minha tarefa a tempo, ele não está tão ansioso como durante a minha visita anterior. Talvez também sinta que esta poderia ser a última vez que nos vemos e, ao pensar nisso, percebo que é mais do que uma possibilidade e pondero as consequências que isso tem para mim. Com ele se vai meu principal vínculo com aqueles dias e se perde, exceto pelo que consigo reter, a memória de nossas ações e as ações daqueles que as permitiram e incentivaram.

De repente, ele me olha fixamente e pergunta:

— Você se lembra de quando nos conhecemos, número sete?

— Sua dúvida me ofende, número três.

— Como ficamos atônitos.

— Fale por você. Eu estava convencido. E sabia o que queria.

— Eu não sabia — ele admite.

— Por que se envolveu, então?

— Para me testar. Porque o resto me entediava.

— Eu me pergunto como você conseguiu esconder isso do Aranha.

Ele balança a cabeça, lentamente e quase sem vigor.

— Não consegui. Ele sabia desde o início.

— Eu me pergunto então como ele deixou você entrar.

— Porque aquele filho da puta conseguia ver o futuro. Sabia que quando chegasse a hora não ia me fazer perguntas. Que eu simplesmente agiria.

— Talvez tenha tido sorte, simplesmente.

O movimento de sua cabeça é mais determinado dessa vez.

— Não, Pua, não se iluda. Ele acertou com você também, e nós não poderíamos ser mais diferentes, você e eu. Ele estava procurando pessoas que valessem a pena, as razões pelas quais cada um de nós era bom o suficiente eram indiferentes para ele. Eu valia a pena para ele porque era inconsequente, e você pelo motivo contrário, mas ele fez a mesma coisa com nós dois: nos moldou e nos manipulou a seu bel-prazer. É

por isso que eu te digo que estávamos atônitos. De qualquer forma, o que isso importa agora?

Noto, pela forma como ele respira depois desta divagação, que falar tanto e com tanta frequência lhe é um esforço sobre-humano. Digo a mim mesmo que não devo contribuir para prolongar esta conversa, o que não lhe faz bem, e que meu propósito de vir vê-lo já foi cumprido. Coloco minha mão em seu ombro, que sinto estar vencido e ossudo, e o convido a não se torturar:

— O que está feito, está feito.

Resignado, ele concede:

— Claro. E eu não poderei fazer mais nada.

— Deixe a tarefa em minhas mãos. Fique em paz consigo mesmo.

— É fácil dizer.

— Faça um esforço. Peça ajuda a sua mãe.

Seus olhos se turvam.

— E você, o que tem conseguido fazer com sua vida? Conte-me algo.

— É uma história desinteressante. De que isso adiantaria para você?

Uma lágrima escapa e escorrega pela bochecha dele.

— Sinto muito, Pua. Você não conseguiu o melhor parceiro.

— Pelo contrário. Sem você, eu não teria saído vivo daquela.

— Às vezes... é melhor não sobreviver.

— Não concordo. Para isso você teria que saber qual é o gosto da morte, e isso só descobre quem já não pode mais contar.

— Eu vou descobrir em breve. Se encontrar uma maneira, eu te conto.

— Não se esforce. Vou descobrir quando for a minha vez.

— Você tem que me prometer algo.

— Diga.

— Sei que não está em dívida comigo, e que é um último truque sujo que eu faço com você. Se for a única maneira, se ele não se afastar, prometa-me que o matará.

Naquele momento, ele deixa de ser meu companheiro e se torna a voz do meu animal interior, que me pede que eu confirme o que ele já sabe.

— Prometo que o afastarei — eu lhe digo, e nós dois entendemos.

14 PUA

Há muitas coisas que eu poderia contar sobre o treinamento que recebemos como aspirantes na Companhia, que durou quatro meses, e talvez nenhuma delas me serviria para transmitir a essência do que nos foi ensinado. Nem as técnicas de defesa pessoal, nem as de criação e manutenção de identidades fictícias, nem as de comunicação criptografada, nem as de abertura de portas, nem as de rastreamento ou interrogatório, nem as de manuseio e fabricação de armas, isoladas ou em conjunto, esgotam o treinamento pelo qual um agente da Companhia tinha de passar. Digamos que elas não passavam de habilidades indispensáveis para desempenhar aquela tarefa, da mesma forma que um historiador precisa saber ler ou um engenheiro precisa saber álgebra. Os testes específicos pelos quais os nossos progressos em todos aqueles campos eram avaliados, e que eram sempre imaginativos e complicados a ponto de serem impraticáveis, eram suficientes para dar a medida da forja à qual estávamos sujeitos. Cada um deles tentava expor nossos pontos fracos, mas nenhum foi suficiente para certificar que estávamos aptos para o ofício.

E não porque os testes não fossem projetados para chegar perto do que a realidade do trabalho exigiria de nós. Durante

aqueles quatro meses, que passamos reclusos em uma casa perto da costa, saímos várias vezes para provar, no mundo real, que estávamos à altura do ofício quando entrássemos em serviço. As casas que invadíamos, os cidadãos que seguíamos, enganávamos ou subjugávamos, até mesmo aqueles que tínhamos a tarefa de persuadir, eram tão reais quanto aqueles com os quais lidaríamos mais tarde, e é por isso que insistiam que a ação deveria ser limpa e que não deveríamos deixar rastros que mais tarde seriam úteis para a investigação policial que poderia ser aberta se o cidadão em questão apresentasse uma denúncia. Dado o perfil dos escolhidos para servir de cobaias, pessoas com um estilo de vida desordenado e irregular, muitas vezes acampadas do outro lado da lei, isso não era provável, mas também não podia ser descartado. O mesmo acontecia com os exercícios com armas, que eram sempre com fogo real, ou quando nos pediam para que elaborássemos um código indecifrável, que sempre acabava na mesa de algum dos criptógrafos da Companhia. Digamos que, naquele tipo de treinamento e provas, o que eram testados, repetidas vezes, era a nossa habilidade, nosso sangue-frio e nossa determinação. Para que os superiores consentissem em nos liberar para agir em nome da Companhia, era necessário algo mais: uma confiabilidade absoluta.

Aquela parte foi supervisionada pessoalmente pela pessoa que tinha sido nosso mentor desde o primeiro contato. Uma ou duas vezes por semana, Aranha reunia os quatro que

tínhamos passado na fase de seleção e nos submetia a sessões estranhas, que me lembravam tanto um sermão quanto uma terapia de grupo, para liberar as tensões que o curso nos impunha, embora meu instinto nunca tivesse deixado de me alertar a respeito de qualquer tentação de confiar demais nele. O que eu podia ter como certo, em qualquer momento, era que ele nunca deixava de nos manter sob constante escrutínio.

Durante uma dessas sessões, ele nos confrontou de repente com uma pergunta que imediatamente adivinhamos que estava carregada de intenções:

— Quando este curso terminar, se vocês forem aprovados, o que vocês acham que os distinguirá, acima de tudo, daqueles que não trabalham aqui?

Nós quatro olhamos uns para os outros. Além de Marreta, que naquela época ainda era simplesmente o número três, estavam na sala o que ainda era o número quatro, um jovem ruivo de aparência inofensiva e inteligência de aço, e o número dez, um indivíduo quatro ou cinco anos mais velho do que os outros, que se destacava, acima de tudo, por sua impenetrabilidade. Ninguém queria responder primeiro, como Aranha previu.

— Não quero ter que acreditar que selecionei quatro covardes — disse.

Com isso, ele semeou a dúvida em nossa mente. Se ser o primeiro poderia ter sido visto antes como imprudente, ser o último agora equivaleria a uma demonstração de fraqueza.

Ou ele valorizaria isso como um sinal de força individual, diante da pressão sobre o grupo?

— A questão é se estamos em condições de saber — disse quatro.

— Eu achei que fosse uma pergunta retórica — disse Marreta.

O olhar do número dez se encontrou com o meu. Não me pareceu que ele estava particularmente preocupado em se antecipar. Decidi ser o terceiro.

— Eu não sei — admiti. — Só tenho um pressentimento. Prefiro não estragar tudo.

Aranha deixou escapar um pequeno sorriso diabólico.

— E quanto a você, dez? O gato comeu sua língua?

Número dez não ficou nem um pouco perturbado.

— Talvez o sucesso seja nos tornarmos indistinguíveis — ele disse, por fim.

— Prêmio para a melhor evasiva — julgou Aranha —, mas isso não tem mérito, porque você levou mais tempo do que os outros. O três estava certo: era uma pergunta retórica, eu não esperava uma resposta de nenhum de vocês.

Marreta sorriu com satisfação.

— Isso pode servir de lição para todos vocês — continuou Aranha. — Muitas vezes, as coisas são apenas o que parecem. Nesses casos, pensar demais não passa de uma forma masoquista de perder tempo.

— Com certeza há uma reviravolta nessa pergunta — disse dez.

— É claro — corroborou nosso instrutor. — Mais de uma. A primeira foi dada por você e a segunda será dada por mim. Faço isso porque alguém me deu antes e isso me ajudou a entender, mas também pelo que vi e fiz durante meus anos de serviço. Nem um só dia deixei de confirmar o que vou lhes dizer agora.

Aranha sabia como captar a atenção de um público. É por isso que nunca me esqueci daquela sessão, nem do que ele nos disse a seguir. Também pude confirmar na prática aquela teoria, que ele compartilhou conosco como se estivesse nos informando que, faltando apenas algumas semanas para o fim do curso e os últimos testes, já nos considerava praticamente colegas. Por isso, ele nos deu o direito de ter plena consciência do que isso significava.

— O que nos distingue, queridos aspirantes, é o fato de não estarmos sujeitos aos limites aos quais os outros devem se submeter. Não apenas não somos obrigados a respeitar as leis, como quando entramos em uma casa sem a permissão de um juiz, exercemos violência contra alguém ou o privamos de sua liberdade sem ter o poder para prendê-lo. É fundamental para nossa atividade nos acostumarmos a usar a farsa, a surpresa e a vantagem, e há uma pergunta que nunca podemos nos fazer quando fazemos uso de tudo isso para vencer os nossos adversários.

Aqui ele se interrompeu.

— Alguém consegue adivinhar a que pergunta me refiro?

Número dez respondeu como um raio:

— Se é moral ou imoral agir dessa forma.

Aranha assentiu com a cabeça, com alguma reserva.

— Quase. O julgamento moral sempre se baseia em um terreno instável. Pode ir para um lado ou para o outro, dependendo das crenças de cada um. A pergunta que nunca se pode fazer quando se abusa de outra pessoa que esteja desprevenida, enganando-a ou violentando-a, é se o que se está fazendo é legítimo ou ilegítimo. A Companhia, com as instruções que lhes transmite, lhes dá uma legitimidade indiscutível e, quando é legítima, qualquer conduta que alguém possa considerar imoral, independentemente de seus próprios critérios, deixa de estar proibida. Desde bater em alguém até roubar o que ele mais deseja. Desde enganar outra pessoa a forçá-la a fazer o que ela não deseja.

Ele fez uma pausa para avaliar o efeito de suas palavras sobre nós.

— A principal consequência do que eu disse — continuou ele — é que, enquanto atuarem para a Companhia, vocês devem estar cientes de que nada do que façam poderá ser conhecido e, se algo for conhecido, não poderá ser defendido. Oficialmente, vocês não existem, nem vocês nem suas ações, e além do fato de que possam ter ouvido falar dela antes de virem para cá, não podem nem mesmo ter certeza de que a Companhia exista ou seja assim. Pensem nisso por um momento: eu poderia ser um impostor, assim como o restante das pessoas com quem vocês lidaram até agora. Poderíamos expulsá-los antes do final deste ano, ou do

próximo, ou daqui a dez anos, e tudo o que vocês teriam para contar a um terceiro seria uma história bizarra que, pensando bem, poderia ser interpretada como uma gigantesca farsa na qual vocês caíram. Seus salários são pagos por uma empresa registrada em uma atividade que não tem nada a ver com os fins da Companhia. Não seria muito difícil que se chegasse a acreditar, se sustentarem ter feito parte dela, que vocês são uns pobres coitados.

Um silêncio espesso caiu sobre a sala. Uns mais, outros menos, todos nós que estávamos ali havíamos contemplado aquela possibilidade. Não só por causada circunstância que Aranha acabava de mencionar e que todos nós tínhamos podido observar em nossos contracheques desde o primeiro mês, mas também por causa da ausência de formalidades de qualquer tipo, pelos locais onde éramos treinados e alojados e do pequeno grupo de pessoas com quem estávamos lidando. De acordo com a desculpa que nos foi dada para justificá-la, a ideia era replicar em tudo o modo de operação das organizações que teríamos que enfrentar, que recorriam à clandestinidade e a compartimentos estanques para se preservar. O que para eles era uma garantia de sobrevivência, para a Companhia era uma condição de sua eficácia. Com toda a sua malícia, Aranha acabava de colocar em cima da mesa que aceitar isso não passava, afinal de contas, de um ato de fé.

— Vocês não vão entrar em pânico agora, não é? — brincou. — Também tenho algo para tranquilizá-los. Algo

que os convencerá de que não se juntaram a um bando de malfeitores nem caíram nas mãos de uma gangue de vigaristas psicopatas, e essa é a terceira reviravolta na pergunta que lhes fiz no início. Por que vocês acham que terão permissão para se diferenciar dos demais, fazendo o que ninguém mais pode fazer?

Naquele ponto, ninguém se atreveu a abrir a boca. Aranha também não esperava por isso.

— Aqui está a chave de tudo — disse. — A Companhia lhes dará licença para violar as leis e a moral, a de vocês e a de qualquer outra pessoa, porque seus fins são limpos e justos. E para merecer fazer parte dela e poder usar a prerrogativa de passar por cima dos outros, teremos que ter certeza de que vocês são limpos e justos, os mais limpos e justos que podemos encontrar. Pois assim farão o que fazem apenas porque é necessário e nunca hesitarão ao fazê-lo.

Agora, ao me lembrar daquilo, penso se foi isso o que Aranha disse ou foi o que eu entendi, porque era o que eu precisava entender para não questionar o que eles iriam exigir de mim. E me pergunto se cada um dos outros três não extraiu algo diferente de suas palavras, se seu discurso não foi tão sutil para que apresentasse a Marreta, por exemplo, que era movido por outras razões, uma justificativa diferente, que o convenceu.

Seja como for, nós quatro passamos em todos os testes e chegou o dia em que fomos formalmente notificados, ou tão formalmente como a Companhia decidia fazer as coisas.

Além das congratulações de Aranha e dos demais instrutores, recebemos nomes de guerra pelos quais seríamos chamados a partir de então. Marreta recebeu o seu pela conveniência que havia demonstrado em alguns episódios de confronto físico. O número dez foi chamado de Cortiça por sua comprovada tendência à insensibilidade. O número quatro tornou-se Prego pela precisão com que solucionava as tarefas mais prolixas. E quando chegou a vez de explicar meu codinome, Aranha não mediu as palavras:

— Pua,* porque você é sofisticado e inteligente, e porque é isso que o impede, apesar de seus antecedentes, de se tornar um inútil sentimental.

Não consegui lhe dar uma resposta. Fiquei incomodado com o fato de ele ter me afetado tanto.

15 NINGUÉM

Nem quando o vejo chegar em seu carro esportivo preto, nem quando o observo estacionar o veículo, e depois abrir a porta e sair com aquele ar de infelicidade que não o abandona há dias, Abutre me inspira o menor dos sentimentos. O que me ocupa neste momento, acima de qualquer outra consideração, é que a operação que planejei seja realizada de forma rápida e limpa. O local, de todos os que ele frequenta, foi o que me pareceu mais adequado, o sobrado no subúrbio onde ele tem seus negócios. O horário em que há menos movimento lá é por volta do meio da manhã. No entanto, do que vai acontecer a seguir serei apenas um espectador que coloca o destino de seus negócios nas mãos de outros, e essa é sempre uma situação que gera incerteza e justifica a inquietação.

Também não fico feliz nem triste ao ver um dos dois homens encapuzados surgir repentinamente de uma esquina e se aproximar pelas suas costas, para prendê-lo pelo pescoço com o antebraço, enquanto o outro, antes que ele tenha tempo para reagir ou gritar, enfia uma agulha no seu ombro e injeta nele o poderoso narcótico que o privará de vontade e permitirá que aqueles que acabaram de agarrá-lo o arrastem até a van que estacionaram na própria rua. Tudo o

que consigo pensar é que o primeiro homem o está segurando com firmeza e que o segundo não é muito desajeitado com a seringa.

Os dois homens realizam o trabalho com zelo e eficiência. Eu os contratei por meio de um intermediário de confiança e não poupei despesas com sua remuneração. A mesquinhez não é apenas o mais triste dos vícios, mas também a isca mais segura para atrair o desastre. Aquele que tenta economizar naquilo que não se ocupa de resolver pessoalmente se expõe a pagar o preço mais alto. Não pode exigir dedicação, nem lealdade, nem que o executor se comprometa com o sucesso daquilo que lhe foi confiado a todo custo. Fico aliviado ao ver que meu investimento está valendo a pena e que meus dois contratados estão trabalhando com diligência e determinação. Eles conseguem pegá-lo, neutralizá-lo e tirá-lo dali sem que a operação sofra nenhuma interferência nem exposição. Em apenas um minuto, a van está a caminho com sua carga a bordo.

Não saio correndo atrás dela. Sei exatamente para onde está indo e não tenho necessidade de segui-la ao longo do caminho. Na verdade, prefiro que cada um siga seu rumo e não temo que quem está ao volante da van esteja tentando se desviar da rota preestabelecida. Por isso, aproveito a oportunidade para me certificar de que ninguém, especialmente no interior da casa, tenha percebido o que acabou de acontecer. Minutos se passam e nada perturba a paz do meio-dia no conjunto habitacional. Mais cedo ou mais

tarde, alguém verá o carro estacionado e se perguntará onde está o motorista, mas eu me atrevo a esperar que, mesmo assim, o alerta não será imediato. Abutre provavelmente vai e vem sem dar muitas explicações aos seus subordinados, portanto, depois de perceberem sua ausência, eles não terão pressa em buscar informações sobre seu desaparecimento. Quando pensarem nisso, já estará feito. Dou partida no motor do meu carro alugado e entro na via tranquilamente. O sol apareceu. Vai ser agradável dirigir tranquilamente pelos arredores da Cidade.

Na verdade, não preciso passar pelo centro da cidade para chegar ao meu destino. Pego um anel viário e dirijo por uma paisagem em que se alternam casas, prédios industriais e colinas onde ninguém ainda teve a ganância de construir. Pego um desvio e, depois de atravessar um vilarejo onde prédios tradicionais coexistem com edifícios novos, chego ao polígono industrial que se estende para fora do centro da cidade. Procuro o galpão, em uma das ruas externas ao polígono. Ele tem vista para um campo verde e, mais adiante, para um riacho e, mais para a frente ainda, para uma colina coberta de árvores. Um bom lugar para se livrar de um cadáver, penso, embora não seja algo de que eu vá precisar.

Tenho as chaves do portão do galpão, que aluguei por dois meses por um bom preço. Aqueles que criaram o polígono, como tantas vezes acontece nos assuntos humanos, contavam com um futuro mais brilhante do que a realidade

lhes trouxe depois. Abro a porta e vejo a van estacionada ao lado da pequena doca de descarga que há dentro. Penso que, quando tudo acabar, talvez não seja má ideia, além de pedir-lhes que me devolvam o outro conjunto de chaves, trocar as fechaduras. Nunca se deve confiar demais naqueles em quem você confia. Guardo o carro e fecho o portão. Após anos de desuso, o galpão está úmido e frio. Sem quase nenhuma janela e com a iluminação principal desligada, parece desolado e escuro. No fundo, à direita, há um brilho amarelado. Vejo que minhas instruções foram fielmente cumpridas.

Caminho para um fecho de luz. Ele vem de uma espécie de oficina anexa ao galpão principal. Abutre está sobre um colchonete colocado em cima de uma grande bancada de trabalho, e ainda está inconsciente. Seus tornozelos e pulsos foram amarrados à estrutura da mesa. Seu próprio peso, que, devido ao comprimento e à tensão das correias, ele mal consegue mover, contribui para que a contenção seja suficientemente firme. Não são amadores, é claro, embora haja algo que eu lhes tenha pedido que eles não fizeram. Penso em como dizer isso sem que pareça uma recriminação. Eu lhes paguei bem, mas é preciso ficar claro quem está à sua mercê e quem lhe é incondicionalmente leal, e eles não são nem uma coisa nem outra.

— Por favor. Tirem as roupas dele antes que ele acorde.

Eles se olham. Um deles pede desculpas.

— Está fazendo frio aqui, então pensamos que...

— Eu entendo — eu digo —, mas tirem a roupa dele.

O que falou, o de cabelo e pele mais escuros, dá de ombros e faz um aceno de cabeça para o outro, de pele clara e olhos azuis. Eles se dedicam à tarefa, desamarrando os membros de Abutre um de cada vez, um por um, e tirando suas roupas da mesma forma. São dois homens na casa dos trinta anos, robustos o suficiente para submeter o prisioneiro e até mais um como ele, mas ao mesmo tempo metódicos e hábeis com as mãos. Quando se preparam para amarrar novamente um dos pés, depois de tirar a perna da calça, eu deixo claro:

— Toda a roupa.

Sem um murmúrio, o homem de cabelos escuros desamarra o pé novamente, enquanto o de olhos azuis puxa a calça até os tornozelos. Eu me forço a olhar para a nudez do homem como se fosse a de um pardal em um parque ou a de uma sardinha no balcão de uma peixaria. Para os fins que se seguem, seu corpo deixa de ser a embalagem de uma pessoa para se tornar nada mais do que o instrumento de meus projetos. Tudo o que acreditamos, tudo o que imaginamos ou sonhamos é submetido da maneira mais avassaladora a essa circunstância: a de estar preso a um corpo que pode acabar caindo nas mãos de outros.

Quando terminam de despi-lo, eu me certifico de que eles não deixaram de cumprir a última das ordens que lhes dei.

— Trouxeram o capuz?

Não me refiro ao deles, que eles tiraram e que vejo sobre uma mesa próxima. O de cabelo mais escuro se inclina sobre

uma mochila que deixou ao lado deles e, de um dos compartimentos externos, tira um capuz de tecido leve, mas escuro o suficiente para encobrir a visão.

— Aqui está — ele diz mostrando-o.

— Coloquem nele. Vamos começar.

Enquanto eles colocam o capuz em Abutre, eu ando sem pressa até o carro. Quando estou ao lado dele, abro o portamalas e tiro a pasta com minhas coisas. Só preciso que os dois homens o imobilizem, o transportem e depois o devolvam à sua vida. Os termos do nosso acordo preveem isso, o que os isenta de carregar mais peso na consciência e da necessidade de se preocupar com o que vai acontecer com o prisioneiro. Não lhes adiantaria de nada perante um tribunal para escapar da condenação como cúmplices de meus crimes, bem como de autores do sequestro, mas para seus próprios fins, e também para estabelecer a sua recompensa, há uma diferença entre ter que sujar as mãos ou deixar essa parte para outra pessoa. De qualquer forma, e como é de interesse mútuo, para eles e para mim, eu lhes dei garantias de que Abutre não sofrerá danos irreparáveis e agirei com a limpeza necessária para que a justiça nunca nos chame à responsabilidade.

De volta ao meu prisioneiro, abro a pasta sobre a mesa onde os dois homens deixaram os capuzes e a mochila e espalho meus instrumentos sobre ela. Vejo como eles notam a seringa, a câmera fotográfica e o estojo preto onde guardo o restante, e que por enquanto mantenho fechado. Com a

seringa, preparo a dose certa para tirá-lo da inconsciência e aplico a injeção sem hesitar. Lembro-me de que, no início, fiquei apreensivo ao enfiar uma agulha em um corpo e, mais ainda, ao injetar algo nele. A prática, com os outros e comigo mesmo, retirou daquele ato qualquer natureza de excepcionalidade.

Demora um pouco para o homem nu e amarrado voltar a si. Primeiro, ele começa a sacudir os membros, em breves convulsões, e quando tem certeza de que os tem sob controle, o sujeito começa a se sacudir com força e a balançar a cabeça de um lado para o outro. Eu o ouço ofegar sob o capuz e seu peito começa a subir e descer em um frenesi. Por fim, um tipo de gemido sai de sua garganta, que se transforma em um grito e, após alguns segundos, se articula e acaba soando a estas palavras:

— Onde estou? Quem está aí?

Eu não respondo imediatamente. Deixo que sua consciência volte por completo, que aquela sensação de horror e desorientação se instale nele.

— Quem é você? O que você quer?

Troco um olhar com meus companheiros. O de cabelo escuro contempla a cena com um rosto inexpressivo e os braços caídos ao longo do corpo. O de olhos azuis, com as sobrancelhas franzidas e as mãos cruzadas atrás das costas, parece ter algum ceticismo em relação ao que vê. Isso me dá um empurrãozinho e um incentivo para provar a ele que sei o que estou fazendo.

— Olá, Abutre — digo por fim.

— Abutre? Quem é Abutre? — ele pergunta.

— Você. Acostume-se com isso. De agora em diante, e até que lhe digam, esse é você. Abutre. Uma ave de rapina. Ou uma carniça, se as coisas derem errado.

— Onde estou? — ele repete.

— Pelo visto você não deve ter sido um policial muito bom. Não consegue nem ler uma pista quando ela é tão óbvia quanto as que eu estou te dando.

— Que pista? Como assim?

— No inferno, Abutre — sussurro em seu ouvido. — Você está no inferno. Que é o que você já sabe que tem mais do que merecido.

— Quem é você?

— Você já fez essa pergunta, e há um motivo para ela não ter sido respondida. Eu sou Ninguém, como você e como qualquer marinheiro sozinho na tempestade. Aqueles que quiseram que você e eu estivéssemos aqui, para compartilhar isso, preferem que seja assim. Que seja Ninguém que te ajude a viver e a saborear isso para que você não se distraia do que realmente importa.

— Não entendi nada. Quem te mandou foi o...?

— Shhhh. Não vá por esse caminho. Isso você nunca saberá.

— E o que ele quer de mim? Dinheiro?

Eu faço o que pode machucá-lo mais. Eu rio.

— Dinheiro? Não, não quero seu dinheiro, nem o de ninguém. Se acha que estou fazendo isso por dinheiro, então não entendeu o que pretendo com você. Não estou à venda. É muito pior para você: estou convencido de que é meu dever fazer o que estou prestes a fazer com você.

— E o que você vai fazer? — ele explode. — Quem te contratou?

— Gosto que me faça perguntas que não vou responder. Os homens não o entendem, mas seu silêncio diz mais do que sua voz.

Olho para o homem de olhos azuis. Sua testa se enrugou, seus olhos se arregalaram e ele não parece mais duvidar de mim. Observo-o com amargura: não sei fazer nada melhor na vida do que isso.

16 SOMBRA

Para minha surpresa, eu e os outros aspirantes com quem compartilhei o curso fomos designados para a divisão de contraterrorismo da Companhia. Após o choque inicial, percebi que, para mim e para os outros, a única coisa que estava em dúvida era se tínhamos a capacidade de lidar com as exigências da tarefa. O fato de que a tarefa, se passássemos em todos os testes, seria executada naquele campo era algo que Aranha e aqueles que lhe davam as ordens tinham deixado claro desde o início. Nossos perfis tinham sido escolhidos sob essa premissa, e todos os ensinamentos e testes a que fomos submetidos durante nosso treinamento e processo de seleção também obedeciam a ela. Nunca nos disseram explicitamente, porque esse não era o estilo da Companhia, mas com o tempo eu não teria a menor dúvida de que tinha sido assim.

Dizer que fomos designados para a divisão de contraterrorismo não significa que fôssemos enviados a um departamento onde poderíamos nos relacionar com dezenas de agentes da mesma especialidade. A única coisa que mudou foi a casa particular onde tínhamos nosso local de trabalho, um espaçoso apartamento no centro da Cidade, onde nunca deparávamos com mais de meia dúzia de pessoas. Se a

Companhia tivesse algum escritório, quer dizer, algo com a aparência externa ou interna de um escritório, não teríamos a oportunidade de conhecê-lo.

Aquele foi meu primeiro contato com a Cidade. Aranha, que tinha sido nosso guia até ali, nas outras duas casas da Companhia pelas quais tínhamos passado, também foi nosso guia ao desembarcarmos naquele lugar onde a organização que iríamos combater tinha um de seus principais centros de operações, bem como boa parte da rede de apoio que a sustentava. A primeira coisa que tivemos que aprender foi deixar de parecer os forasteiros que éramos ali, e passamos as primeiras semanas nos ocupando exatamente disso. Não apenas tivemos que nos familiarizar com a geografia daquele território desconhecido e com os costumes e as peculiaridades do seu povo, mas também tivemos que perder o sotaque que cada um de nós trazia consigo para torná-lo indistinguível do sotaque da população local. De certa forma, foi mais difícil do que aprender outro idioma, esforço que o trabalho não exigiria de nós, porque é mais fácil ser descuidado com o idioma em que você se expressa desde a infância. Nossa instrução nessa área em particular foi dada por uma mulher de quarenta e poucos anos, mal-humorada e distante, e ao mesmo tempo meticulosa e inflexível. Ela nunca nos disse seu nome e também não tinha um nome de guerra. Nós a chamávamos apenas de Professora.

Quando ela e Aranha acharam que estávamos suficientemente preparados para sair às ruas, começaram a

nos designar para nossas primeiras missões. Em teoria, já se tratava de ações operacionais, mas em termos de sua natureza e do que viria a seguir, deveriam ser consideradas exercícios prévios à ação real. Isso era corroborado pelo fato de que nunca fomos deixados sozinhos e também nunca tínhamos permissão para nos juntar a outro oficial novato. Éramos sempre acompanhados por um veterano, que exercia autoridade hierárquica sobre nós e, ao mesmo tempo, como não podia ser de outra maneira, avaliava nosso desempenho real.

Coube a mim uma figura singular. Ele era um pouco mais jovem que Aranha e sua aparência poderia ser confundida com a de um funcionário de uma instituição financeira ou de qualquer outra empresa igualmente indefinida. Ele deixava ou raspava, conforme lhe convinha, um bigodinho fino e antiquado, que combinava, também a seu bel-prazer, com uma variedade de óculos dos quais ele, na realidade, não precisava. Seu nome de guerra, que não poderia ser mais adequado, era Sombra, e com ele aperfeiçoei a arte de rastrear de uma forma que jamais acreditaria ser capaz.

Lembro-me do dia em que Aranha me apresentou a ele. Aranha me chamou para a sala que lhe servia de escritório, uma das menores do apartamento e onde ele tinha apenas uma mesa, uma cadeira giratória e duas poltronas. Quando entrei, depois de bater na porta aberta, vi Aranha na cadeira e o outro em uma das poltronas. Nenhum deles se levantou. Sombra me observou como se não estivesse interessado em

muito mais do que o papel de parede que tinha atrás de mim. Aranha me convidou com um gesto para sentar-me na poltrona que estava livre. Obedeci, naturalmente.

— Como você está, Pua? — ele perguntou.

— Bem. Estou me preparando.

— E você não está ficando impaciente?

— Acredito que não deva ficar. Existe uma razão para eu ter que esperar.

— Você diria que já está pronto para o mundo?

— Não cabe a mim dizer.

— Não seja tão apegado ao seu apelido, arrisque-se um pouco, cara.

— Sim.

— Isso é bom. Sem hesitações. Quem hesita aqui está perdido. — Voltando-se para Sombra, ele perguntou: — Como você vê a questão?

Sombra respondeu à pergunta com um franzido de testa.

— Teremos que descobrir — disse ele, sem ênfase.

— Pua, eu te apresento ao Sombra — Aranha se virou para mim de novo. — Ele não é a alma da festa nem tem um papo fácil. Diria que também não é uma pessoa simpática nem agradável em nenhum sentido, mas será seu companheiro, seu exemplo e seu parceiro por essas ruas cinzentas e úmidas que há do outro lado da janela, então sugiro que você encontre alguma virtude nele que o ajude a suportar sua presença.

Sombra não reagiu de forma alguma àquela descrição.

— Vou encontrá-la — eu disse.

— Quanto a você, Sombra, já sabe o que se espera de você. Escolhemos o Pua para agente e investimos nele alguns esforços e recursos, então seria preferível que você o ajudasse a nos ser útil, mas, se por algum motivo você não achar isso viável, espero que me avise para eu destiná-lo a algum outro trabalho ou para devolvê-lo à vida insubstancial que os outros mortais levam.

Eu também não achei adequado reagir.

— Confio que, com esse esclarecimento — acrescentou Aranha —, nenhum de vocês terá a sensação de que não sabe para onde está indo, nem com quem nem o que está em jogo. Vocês dois serão julgados com base nesse entendimento.

— Podemos ir? — perguntou Sombra, imperturbável.

— Assim que você souber para onde.

Sombra então se levantou, saudou-o com um aceno de cabeça quase imperceptível e, com outro aceno, fez sinal para que eu o seguisse. Quando estávamos na rua, ele me disse algo que não consegui apagar de minha memória. Afinal de contas, aquela foi minha primeira ação real.

— Acima de tudo, não tenha medo dele ou de qualquer outra pessoa. Você pode ter certeza de uma coisa: eles vão expulsá-lo e você vai morrer. É só uma questão de tempo.

Ele fez um momento de silêncio antes de terminar:

— E o tempo é só uma ilusão.

Com Sombra, que certamente não era agradável ou simpático, mas era feito de um material melhor do que

parecia à primeira vista, conheci as esquinas, as perspectivas, as paredes, as calçadas e os buracos da Cidade. Graças a ele, aprendi onde eu podia andar tranquilo, mas nunca por completo, e onde tinha que andar com cem olhos e outros cem ainda mais bem abertos por precaução. Ele me ensinou a reconhecer o perigo em espaços que pareciam ser seguros e onde eu poderia encontrar refúgio em um território hostil. Com suas mãos, fui treinado na arte de ler as intenções e os segredos das pessoas por trás de sua aparência comum, e aprendi a paciência que era necessária para não perder um rastro ou esperar para recuperá-lo. E, além disso, ele me deu as lições mais valiosas sobre como desaparecer em um lugar para se fundir completamente com a paisagem.

Nossas incursões ocorriam principalmente nos distritos mais problemáticos, onde nossos inimigos não apenas dispunham de esconderijos e depósitos, mas, acima de tudo, de uma densa rede de espiões, colaboradores e simpatizantes. Pelo que percebi, Sombra tinha se tornado os melhores olhos e ouvidos que a Companhia tinha lá e, sem dúvida, o objetivo de Aranha ao me designar para ele, além de complicar sua já difícil tarefa, era que eu me familiarizasse o máximo com os conhecimentos que o qualificavam para realizá-la.

Depois das primeiras explorações em que Sombra me permitiu acompanhá-lo, ele deixou claro para mim que essa não poderia ser a maneira de abordar uma missão.

— De agora em diante, vamos entrar separados. Manteremos o contato visual entre nós dois na medida do possível, mas sempre a distância. E se eu te perder ou você me perder, não fique nervoso. Definiremos pontos de encontro com antecedência para retomar o contato em um intervalo de tempo predefinido. Se um falhar duas vezes, o outro o procurará e, se não o encontrar em cinco minutos, deixará a área e notificará a base.

Parecia complicado, mas com um pouco de prática acabei dominando a técnica. Quase nunca o perdi e, nas poucas vezes em que isso aconteceu, nos reencontramos antes que fosse necessário abortar a operação. Ele era um verdadeiro artista, e isso ajudou muito a garantir que não tivéssemos grandes contratempos ao nos disfarçarmos e nos misturarmos com as pessoas entre as quais tínhamos que nos deslocar. Uma vez ou outra vi algum olhar de desconfiança sobre mim ou sobre ele, porque teria sido impossível não os provocar, mas isso nunca deu lugar a uma suspeita à qual fosse necessário reagir de forma excepcional.

De todos os trabalhos que compartilhei com ele, lembro-me principalmente daquele que nos exigiu mais dedicação e também correr mais riscos. Pelo que ele me contou, que nunca era mais do que o estritamente necessário para fazer meu trabalho, tínhamos informações de que um dos gerentes operacionais da organização tinha se mudado para a Cidade com a tarefa de montar um escritório de recrutamento. Não havia muitas outras pistas, muito menos sobre o lugar onde

ele poderia estar se escondendo, se é que não tomava a precaução de ir mudando de alojamento com frequência, como era mais provável. O que podíamos prever era que, mais cedo ou mais tarde, novos recrutas entrariam em contato com ele, e Sombra assumiu uma tarefa que, a princípio, parecia intransponível: seguir todos os simpatizantes que sabíamos que estavam em processo de radicalização. Durante semanas, nos tornamos a sombra de dezenas de moleques, durante várias horas por dia. Os alvos tinham a vantagem de não ser muito versados nas táticas de ação clandestina: suas contravigilâncias, quando as faziam, eram rudimentares e fáceis de contornar. O mais angustiante era ter que controlar tantos, um após o outro.

Foi assim que, comparando seus padrões de movimento, nos deparamos com um lugar em uma das fortalezas para onde vários deles iam. Verificamos o local, tomando precauções extremas, porque lá eles mantinham uma contravigilância eficaz, até que vimos entrar um homem que tinha toda a aparência, em termos de altura, compleição e atitude, de ser aquele que estávamos procurando. Assim que o viu, e verificou que eu também o tinha visto, Sombra me deu um dos sinais que tínhamos combinado para aqueles casos, me deixou de sentinela e foi dar o aviso.

Quando o alvo saiu, três horas depois, já havia um dispositivo pronto para segui-lo. Algumas semanas depois, a notícia de sua captura apareceu na primeira página do jornal, junto com outra dúzia de militantes da organização

terrorista, no que o editor apresentou como um golpe decisivo em sua estrutura de recrutamento. A foto que ilustrava a notícia mostrava o chefe de polícia a quem se atribuía o sucesso.

Sombra, que me viu lendo o jornal, comentou:

— Olha aí, um peito que já sente a coceira da medalha.

Eu não sabia como lhe responder. Sombra condescendeu em me explicar:

— O que estou lhe dizendo é que vá se acostumando com isso. Ser compensado por sua própria satisfação interior. As medalhas não vão cair sobre você.

Ele dizia isso com um tipo de orgulho, que eu entendi que nem mesmo a mais alta condecoração poderia igualar. Foi quando comecei a sentir a mesma coisa.

17 UMA DEMONSTRAÇÃO

Abutre, como tantos outros, não está preparado para enfrentar o silêncio sem perder a compostura e a dignidade. Quando vê que os segundos se passam e ninguém diz ou faz nada, começa a balançar a cabeça e a ofegar e acaba fazendo uma súplica ao céu, que não lhe dará ouvidos.

— Alguém me diga do que isso se trata... Por favor.

Continuo em silêncio.

— Por que vocês tiraram minhas roupas?

Sua voz soa entre irritada e assustada. Esse era o objetivo. Agora que ele está fora de si, agora que o medo o está dominando e ele não consegue pensar com clareza, posso enfim falar com ele.

— Para que você pensa que serve, Abutre?

— Eu? Como posso saber? Quem diabos é você? Fala.

— Não, eu já te disse que não vou te contar, então não gaste saliva me perguntando de novo. Você vai precisar dela. Você tem certeza de que prefere que eu te conte? Às vezes, o que mais dói são as explicações. Às vezes, é melhor não entender o que está acontecendo.

— O que você quer de mim? Está procurando informações? Sobre o quê?

Eu ri de novo.

— Informações? Não, não estou interessado no que você é, nem no que você faz nem no que você sabe. Tudo o que eu precisava saber já descobri antes de te trazer para cá. É por isso que você está aqui e desse jeito.

— Então, o que é isso, uma maldita piada?

— Não. Uma demonstração.

— Uma demonstração. De quê?

— De várias coisas. Por que insiste que eu te explique tudo com palavras?

— O que eu quero é que você me solte e devolva minhas roupas.

— E que eu volte a acreditar em Papai Noel. Vou interpretar isso como um sim. Veja bem, Abutre, o objetivo do nosso encontro é transmitir a você, da forma menos equivocada possível, que você deve, a partir de agora, corrigir o seu comportamento. De que modo, eu não sei nem me importa. Você saberá. Ninguém sabe melhor do que você mesmo onde está o erro. O que fui incumbido de fazer é te mostrar que não há escapatória para você. Que a qualquer momento podemos te pegar e fazer com você o que a gente quiser. Resumindo, que sua vida não vale um centavo se você nos desobedecer.

— Se eu desobedecer quem? Quem são vocês?

— Os monstros dos seus pesadelos. Você me perguntou antes por que tiramos suas roupas. Eu trouxe comigo uma câmera fotográfica e algumas outras coisas mais e, para o que eu pretendo fazer com elas, as roupas iam me

atrapalhar, essa é a razão. Também porque vi que as roupas são boas, seria uma pena estragá-las. Dito isso, não quero te aborrecer nem desperdiçar meu tempo mais do que o necessário. Mãos à obra.

— O que você vai fazer?

— Vou te contando, já que você quer tanto. Ou melhor não?

Ele tenta em vão se libertar das amarras. Enquanto abro a maleta, observo de relance os meus dois acompanhantes. Eles ficam em segundo plano, como se aquele assunto não fosse com eles. Eu preferia que eles não estivessem ali observando, mas vou precisar da ajuda deles quando for tirar as fotos. Presumo que não sejam pessoas sensíveis e que não ficarão chocados com o que vão ver. Primeiro, pego a lata de tinta vermelha e o pincel. A tinta é grossa o suficiente para que as letras fiquem bem visíveis. Felizmente, os pelos do peito estão raspados e não preciso usar a lâmina de barbear que eu tinha trazido por precaução. Abro o frasco e mergulho o pincel dentro.

— Vou pintar um pouco — digo. — Usando você como tela. Não sei se já teve essa sensação. Que seu corpo não é seu, mas de outra pessoa que o adquiriu. Pagando ou não pagando por ele, como é o caso aqui. Agora você vai poder experimentar isso.

Ele não me pergunta o que vou pintar, apenas suspira debaixo do tecido.

— Lá vou eu. Você vai sentir cócegas. Não se mexa.

Deslizo o pincel sobre sua pele e ele se contorce.

— Fique quieto, já lhe disse — insisto. — Ou não vai ficar bom.

— Sai de cima de mim, seu desgraçado — ele xinga.

Eu estava esperando por isso. Pensando bem, ele demorou um pouco. Eu esperava que ele perdesse a paciência muito antes. Esse primeiro insulto é o sinal que eu estava esperando, o que me autoriza a machucá-lo pela primeira vez. O leque de possibilidades para um homem completamente indefeso é quase ilimitado, então escolho um golpe que combina duas qualidades: é especialmente doloroso e não lhe causará nenhuma lesão duradoura. Eu o desfiro de forma decisiva e, quando recebe o golpe, ele se encolhe e deixa escapar um grito abafado. Aí eu o informo, gentilmente:

— Pode gritar, se isso te alivia. Não tem ninguém aqui para te ouvir, e eu não me incomodo com isso. Mas recomendo que você faça o que eu te pedir. Assim, será mais breve e você sofrerá menos.

Eu passo o pincel novamente, Abutre se mexe de novo, eu reproduzo o golpe, desta vez do outro lado. Agora ele solta um grito.

— Vamos lá, inspetor — eu digo. — Poupe-se do terceiro.

Ele não se move novamente até que eu termine de traçar as letras em seu peito, letras que saem regulares e vigorosas. O que elas dizem é o menos importante; optei por uma mensagem simples e vulgar, que é o que mais salta à vista

em uma imagem fotográfica. O importante é que a legenda, pintada sobre a sua nudez, seja a mais humilhante possível. Eu a reviso um pouco. O efeito foi totalmente alcançado.

— Acabou — eu o informo.

— O que você escreveu em mim?

— Não deu para perceber pelas pinceladas? Você é um péssimo cão de caça! Não importa, você já vai ler. Agora vamos passar para a segunda parte. Como está lidando com a dor? Pelo que pude ver, você é meio frouxo. Vou me lembrar disso, não se preocupe.

— Dor?

— Sim, dor — eu lhe confirmo. — Infelizmente, ela é necessária. Como eu te disse, isso é uma demonstração. Se eu só falar e pintar, não vou demonstrar adequadamente algo que quero que você entenda.

— O quê?

— Que não vejo nenhum inconveniente em te machucar. O tanto que você puder suportar. Porque sou cruel e não tenho escrúpulos.

— O que você vai fazer comigo?

— Relaxa, não vou te cortar. Não gosto de derramar sangue sem necessidade e também não gosto de miniaturas, por isso seus documentos estão a salvo. Prefiro recorrer às forças da natureza.

— Que forças?

— A diferença de potencial. Você a conhece?

— Você não será capaz de...

— Já te adianto que sim.

Tiro o transformador e o conecto à rede elétrica. No início, eu o coloco em um nível suave. Pego os grampos e os aplico. Eu o pego desprevenido e as costas do Abutre se arqueiam violentamente.

— Como está indo? — Eu me interesso.

— Não põe isso em mim de novo, por favor — ele implora.

— Pelo contrário, vou colocar um pouquinho mais forte.

Aumento um pouco e reaplico. Outra sacudida, outro grito. Esta parte não deixa de me incomodar, é inevitável se não estivermos doentes ou loucos, mas, como em outras ocasiões, eu me forço a suportar isso pelo objetivo maior que estou perseguindo. Assim, durante os próximos choques, prolongo a punição um pouco mais e os aumento em mais dois níveis. Depois de meia dúzia de choques, o suor enverniza sua pele e seu peito se agita como se estivesse com falta de ar. Estou longe do nível que colocaria em risco um homem jovem e saudável como ele, mas acho que já lhe mostrei o suficiente do que sou capaz.

— Vou parar por aqui — eu lhe digo — só desta vez. Se você me obrigar a que haja uma próxima, eu não pararei. Eu te juro que posso continuar aumentando até que você estoure, e então nós vamos te largar por aí e vamos jantar com um sentimento de dever cumprido. Está claro para você?

— Sim, sim, está claro para mim — ele grita.

— Agora, tirem o capuz dele — peço aos dois homens, que até então estavam assistindo ao show sem mexer um

músculo. — Vou tirar fotos dele e quero que seu rosto apareça bem.

Antes de fazer o que peço, os dois se cobrem com seus capuzes. Eu fico com meu gorro, que não tirei desde que entrei e que mantereí até que isso termine. Meus dois assistentes não precisam conhecer minhas feições, nem o exigem, porque para isso receberam metade de seus honorários adiantada e, é claro, não há necessidade de que Abutre guarde meu rosto. Quando lhe tiram o pano da cabeça, ele abre bem os olhos e respira ansiosamente enquanto procura a seu redor uma resposta. Estou atrás dele, preparando a câmera, por isso ele tem que se contentar com as duas figuras de preto corpulentas que o observam com os braços cruzados e com o cenário em ruínas no qual a sessão está ocorrendo. Sua expressão é de total desamparo, que é exatamente o que eu quero que ele sinta. Acho que há certa justiça no fato de ele saborear algo que se acostumou a identificar ou provocar em outras pessoas para tirar melhor proveito delas, mas não é por essa razão que o faço sentir isso, nem procuro aí qualquer desculpa para a minha conduta.

Eu o rodeio, fico de frente para ele e lhe aponto a câmera. É uma daquelas que imprimem as fotos logo depois de tirá-las. Elas não serão de muita qualidade, mas a lâmpada potente que o ilumina, e que o impede de ver de mim mais do que uma silhueta borrada, facilitará para que a imagem não

deixe dúvida quanto à identidade da pessoa que está sendo fotografada.

Fotografo uma, duas, três vezes. Vou deixando as impressões sobre a mesa.

— Sorria, amigo. Com essa cara de merda você fica ainda pior.

Ele não sorri, mas tenta recompor seu rosto novamente. Meia dúzia é mais do que suficiente, calculo. Tento evitar que seus tornozelos apareçam, até que me ocorre um refinamento perverso.

— Desamarrem os tornozelos dele durante um momento — peço aos meus homens.

Abutre não entende e, quando eles o desamarram, ele flexiona as pernas, como em um espasmo. Aproveito o momento para tirar outra foto.

— Essa é a melhor de todas — opino, enquanto pego a fotografia. — Aqui parece que você está gostando e tudo mais. Amarrem de novo, por favor.

— Vou te... — ele começa, mas não ousa terminar.

Eu também não fico para ouvi-lo. Com as fotos e a câmera na mão, dou a volta na mesa e fico atrás dele novamente, onde não pode me ver. É a hora do toque final.

— Antes de te pôr outra vez o capuz e te colocar para dormir de novo, quero que veja algumas coisinhas, para que nunca se esqueça de mim nem do aviso que vim te dar. Mas, primeiro, quero que veja como você está bonito.

Mostro-lhe a foto que acabei de tirar.

— O que você vai fazer com essa foto? — ele murmura.

— O que eu achar melhor. Nada, se você se comportar bem. E olha esta outra.

Não deu muito trabalho tirar a que mostro para ele agora. Usei uma boa lente e dá para vê-los perfeitamente. O menino, a menina, a mãe, em frente à escola.

— Não! — ele grita. — Você não se atreveria. Eles não têm nada a ver com isso.

— Pague para ver — eu o desafio. — Seria uma pena se eles pagassem pela cabeça oca do pai, mas assim é a vida, pura injustiça.

— Se acontecer alguma coisa com eles...

— Você vai estar vivo para ver, e você vai se odiar antes que eu acabe com você. Tem mais uma coisa. Enquanto eu te observava, vi você com esta garota.

Eu lhe mostro uma foto de Vera. Também tirada com uma teleobjetiva.

— O que tem ela?

— Você vai esquecê-la para sempre. Nunca mais vai vê-la, nem a procurar e nem vai deixar que ela te encontre. Está claro?

— E por quê?

— Porque estou dizendo. Odeio cafetões.

Abutre empalidece. Ordeno que ele seja encapuzado de novo. Acabou.

18 O MEDO

Algumas vezes por ano eu voltava à minha cidade natal e passava alguns dias lá para descobrir que eu pertencia cada vez menos a ela e à minha vida anterior, a qualquer coisa que não fosse a Companhia e a existência anômala que implicava ser um de seus agentes. Desanimava-me ver meus pais, cada vez mais curvados e sem esperança, cada vez mais velhos e sem energia e, além de tudo, dominados pelo medo insuportável que minha misteriosa ocupação lhes inspirava, sobre a qual eu não podia lhes contar nada e nada lhes contava. Eu nem mesmo lhes contava o que outras pessoas em circunstâncias semelhantes às minhas costumavam alegar: que seu trabalho era apenas burocrático e de análise e que nunca se viam em situações de risco. Em parte, eu sentia repulsa por mentir para eles e, em parte, não queria assumir o sofrimento adicional que minha decisão de entrar para a Companhia poderia ter-lhes causado. Olhando para trás, sinto-me agora dominado pela vergonha. Das muitas ações injustas que carrego em minha memória, aquela foi a pior. Pois, ao fazer isso, prejudiquei aqueles que não apenas não me fizeram mal algum, mas que me tinham protegido do mal da melhor maneira possível. Porque não tive piedade daqueles que mais mereciam.

E assim, entre uma visita e outra, vi os dois partirem, primeiro minha mãe e depois meu pai, sem lhes dar o cuidado nem o incentivo que devia, ocupado como estava com a vingança que eu tinha assumido em nome deles e, acima de tudo, em meu próprio nome. Talvez, lembro-me agora, eu tenha hesitado diante do caixão de minha mãe, talvez eu tenha tentado fazer as pazes nos poucos meses em que meu pai sobreviveu a ela, mas o seu fim, tão próximo ao dela, desmente que eu tenha feito isso de alguma forma significativa ou, pelo menos, eficaz. Toda a minha atenção, todas as minhas forças estavam voltadas para o empreendimento ao qual me dedicava por inteiro, e que de mim exigia que o colocasse a seu serviço sem que nenhuma outra coisa pudesse vir antes dele. Ali estavam meus chefes e, acima de tudo, Aranha, esperando para me surpreender em uma fraqueza, uma reserva, um lapso ou uma renúncia que me descartaria como membro da equipe. Diante da enorme tarefa de acabar com a organização contra a qual estávamos lutando, tão enorme que, na época, ninguém a via como realizável a curto prazo, o objetivo de cada um de nós era mais próximo e primário: demonstrar dia após dia que éramos bons o suficiente para estar ali, para continuar fazendo parte da luta.

Absorvido por esse desafio, também perdi ao longo do caminho o vínculo que um dia tive com meu amigo Mário. Quando voltava para casa, às vezes o encontrava para ter certeza de que ainda havia entre nós dois aquela conexão

natural que nos tinha unido e mantido juntos durante anos, mas que a rotina diária de nossas respectivas vidas era tão divergente que a afinidade já não nos levava mais a lugar algum. Eu sentia que ainda podia continuar confiando nele, e suponho que ele também sentia a mesma coisa, mas o fato era que eu não confiava nada nele, que ele percebia claramente e que nossos encontros se resumiam em uma nostalgia do que não éramos mais, nem juntos nem separados. Era agradável, nem o afeto nem a confiança haviam se apagado entre nós, mas nem eu era de muita utilidade para ele, nem ele para mim. No final, por mais que os iludidos que tentam se consolar por seus maus passos possam negar, um homem acaba sendo o que faz, e é a isso que acaba se restringindo o seu horizonte.

Foi assim que os primeiros anos se passaram, acumulando trabalhos, ocasionalmente obtendo algum sucesso que sempre trazia glória para outra pessoa e somando muitos mais fracassos e esforços estéreis, que no final me acostumei a aceitar como ossos do ofício. Muitas vezes, procurávamos às cegas e tateávamos, lançando as redes onde apenas supúnhamos que podia haver algo, e a aposta se mostrou errada, ou não estávamos no lugar certo na hora certa, ou simplesmente não conseguíamos surpreendê-los e eles, por outro lado, conseguiam nos enganar.

Durante esse período, eu tive outros colegas, sempre mais velhos e mais experientes do que eu. Às vezes, eu me juntava ao Marreta, mas nunca só nós dois, mas sempre sob a

supervisão atenta de um agente mais veterano que nunca deixamos de considerar um avaliador e um espião do Aranha, até porque ele nunca se esquivou de nos convidar a pensar que ele fosse. Assim, fui ampliando a gama de missões, desde rastreamentos e vigilâncias até várias formas de coleta de informações para as quais nossos superiores nos consideravam qualificados. Durante todo esse tempo, não nos foi permitido nem mesmo participar de interrogatórios ou qualquer outro tipo de contato direto com o inimigo, embora tivéssemos sido preparados para isso e soubéssemos que Aranha e alguns dos outros agentes que passavam pelo apartamento estavam envolvidos nesse tipo de tarefas. Embora nos deixassem sair para a rua e nas operações em que trabalhávamos nos dessem cada vez mais autonomia e responsabilidades, não nos privavam de nos fazer sentir que não éramos exatamente como os demais, que ainda tínhamos que provar algo mais para sermos como eles e podermos enfrentar tudo. Era uma corrida de obstáculos: quando você pulava um obstáculo, o que via era o próximo, que, por sua vez, você teria de pular para ir mais longe.

Até que um dia Aranha me chamou em sua sala, convidou-me a sentar em uma das poltronas e ficou me olhando em silêncio.

- Você já está aqui há algum tempo — disse ele, por fim.
- Sim — eu disse.
- E você nunca se faz perguntas?
- Que perguntas?

— Perguntas gerais. Se isso é como você tinha imaginado, por exemplo.

— Algumas coisas são e outras, não.

— E com as coisas que não são, você se sente decepcionado alguma vez?

— Pelo contrário. Tem coisas que eu não imaginava e que me agradam.

— Por exemplo?

— Trabalhar à noite. Gosto de vigiar quando todo mundo está dormindo.

— Você nunca tinha feito isso antes?

— No serviço militar, mas não era a mesma coisa. Eu ficava entediado lá.

— Aqui, não.

— Aqui não estou em uma guarita. Tem mais movimento.

— Algum escrúpulo, algo que você não tenha gostado de fazer?

— Até agora, não. Também não me pediram para fazer muita coisa.

Aranha cravou os olhos vorazes em mim.

— Gostaria que exigissem mais de você?

— Não me importaria.

— Sério? Mesmo que isso testasse seus escrúpulos?

Não deixei que meus músculos faciais revelassem qualquer emoção.

— Isso não é algo de que eu tenha medo. Sei onde estou.

— E onde você está, Pua?

— Onde os objetivos certos podem e às vezes devem ser perseguidos por caminhos tortuosos. Eu entendo, aceito e posso viver com isso.

Meu mentor assentiu lentamente com a cabeça.

— Vou designá-lo para uma missão desafiadora. Com um parceiro com quem você nunca trabalhou antes — ele anunciou de repente.

— Ah, é? Quem? E por que ele não está aqui?

— Ele está aqui. Sou eu.

— Você? — exclamei, atônito.

— Você tem alguma reserva com relação a isso?

— Não, eu não estava esperando, só isso.

Ele se levantou, pegou sua jaqueta e me ordenou:

— Venha comigo, vamos a um lugar.

Quando chegamos ao carro, ele nem sequer esboçou um movimento para me dar as chaves para que eu dirigisse. Abriu a porta do lado do motorista e se sentou ao volante. Dirigiu rapidamente pelas ruas da Cidade, com uma brusquidão em suas manobras que mostrava seu caráter resolutivo, mas que não combinava muito com a discrição de nosso trabalho.

— Se cruzarmos com um policial, você vai levar uma multa — brinquei.

Aranha comemorou visivelmente meu comentário.

— Vamos cruzar com alguns. E eles não vão se atrever.

Ele me deixou com essa pulga atrás da orelha até chegarmos em frente a um armazém perto do porto. Lá ele

enfioou o carro com uma única manobra entre outros dois e sinalizou que tínhamos chegado ao nosso destino. O armazém estava cercado por um grande recinto fechado por uma cerca, na qual se abria um portão de metal ao lado de uma guarita de vigilância. O homem que a ocupava não usava uniforme, mas não foi muito difícil identificá-lo como policial. Aranha lhe mostrou um documento que trazia na carteira e que o guarda interpretou imediatamente como um salvo-conduto. Sem dizer nada, ele nos deixou passar.

— Lá se vai o primeiro — disse Aranha enquanto caminhávamos em direção ao prédio. — Tem mais lá dentro. Antes de entrar, saiba de uma coisa: você e eu não podemos estar aqui, então nunca estivemos aqui antes. E você verá coisas que não podem ser feitas, portanto, também nunca as viu.

— Posso saber algo mais sobre o contexto? — perguntei.

Não achei que Aranha estivesse incomodado com minha curiosidade.

— Você só vai ver, ouvir e calar a boca, pelo menos hoje, mas não me importo de lhe contar algo mais. Há um homem lá dentro que está sob custódia, por isso ele nem sequer deveria estar aqui. Veja bem, aqui não é uma delegacia de polícia nem um tribunal. Também não deveríamos estar envolvidos no interrogatório dele, não somos policiais, mas com o gorro que vão te dar e com o que eu vou usar, ninguém vai saber que não somos.

— O que estamos fazendo aqui, então?

Ele olhou para mim com uma expressão gélida.

— Esse homem tem informações. Temos que arrancá-las dele.

Cinco minutos depois, e após cruzarmos com outros quatro policiais, incluindo aquele que nos entregou um par de gorros para que nosso rosto não ficasse visível para o detido, entramos em uma sala onde havia um homem nu e algemado que mal se sustentava em uma cadeira. Eu estaria mentindo se dissesse que aquilo não me chocou. Era a primeira vez que eu via algo assim. Não era apenas a nudez do sujeito. Era, acima de tudo, sua impotência, sua absoluta insignificância diante dos três homens com gorros, como aqueles que estávamos usando, que o observavam com os braços cruzados. Um deles se virou ao nos ver e se dirigiu ao Aranha sem cerimônia.

— Você demorou. Não posso prendê-lo aqui a vida toda.

O homem citado não se intimidou.

— Tenho mais o que fazer. E isto vai ser rápido.

— Gostaria de assistir — respondeu o outro. — Até agora, nada de nada.

— Você precisa saber como lidar com eles. É para isso que estamos aqui.

O detento, um homem mais perto dos quarenta anos do que dos trinta e de aparência inofensiva, olhou em nossa direção com pavor.

— Cavalheiro — disse Aranha, aproximando-se lentamente dele, estalando os nós dos dedos um a um sob as

luvas —, receio que o senhor não esteja totalmente ciente do problema em que está metido.

O que mais intimidava era a clareza da sua fala, a inflexão calma e calorosa da sua voz. Sem levantá-la, ele explicou ao homem cativo:

— Nós sabemos o que você é. Um gato doméstico. Não estamos interessados em você. O que nos interessa é saber onde estão os outros. Os cães raivosos. Que têm outros covis, além daquele que você providenciou para eles.

— Eu já disse para eles, eu não sei — ele choramingou.

O golpe que Aranha desferiu contra ele foi rápido como um raio. O homem se dobrou sobre si mesmo enquanto uivava e se contorcia. Aranha se inclinou sobre ele, como se quisesse observá-lo melhor, e disse com doçura:

— Tenho umas coisas no carro. O que você acabou de sentir é uma ninharia comparado ao que posso fazer com elas. Melhor se poupar. Só vou te dizer mais uma vez. Que outros colaboradores você conhece?

O homem não sabia muito, era um auxiliar subalterno dentro da organização, mas dez minutos depois ele tinha soltado tudo. Após o primeiro golpe, Aranha permaneceu com as mãos nos bolsos. Essa foi a lição. O que contava era o medo. Enfiá-lo bem fundo.

19 INCERTEZAS

Depois que um dos dois homens coloca o capuz nele, eu me aproximo com a seringa na mão e injeto em Abutre o narcótico que me livra de continuar ouvindo o chiado irritante de sua voz. A substância faz efeito na mesma hora e seu corpo fica mais uma vez felizmente inerte. Tiro meu gorro e peço aos meus colaboradores:

— Por favor, desamarrem e vistam o sujeito de novo.

Os dois homens também tiram os panos que lhes cobrem a cabeça e se dedicam obedientemente à tarefa. Observo enquanto abotoam a camisa e os sapatos e afivelam as calças com o belo cinto de couro preto que Abutre usa. São dois profissionais meticolosos e jeitosos, como todos deveriam ser, apesar de a vida nos acostumar a conviver com o trabalho malfeito e com as coisas pela metade ou mesmo com gambiarras. Quando eles o têm novamente em perfeito estado, peço-lhes que o levem de volta à van para devolvê-lo às suas tribulações.

Desta vez, percorro parte do trajeto seguindo-a de perto. Em um ponto preestabelecido, em um desvio que dá em uma estrada que leva a uma propriedade rústica, a van para e um dos dois homens, o de cabelos escuros, desce. Como lhe indiquei anteriormente, ele vem em direção ao meu carro.

Ele abre a porta e, enquanto se senta no banco do passageiro, não deixo de perguntar:

— Trouxe?

— Trouxe — ele responde, batendo em sua jaqueta.

Dou partida sem mais delongas e dirijo com calma e cumprindo todas as regras até a rua onde o carro de Abutre ainda está estacionado. Quando o alcanço, passo por ele cerca de vinte metros e paro na esquina. O homem de cabelos escuros desce e eu arranco de novo. Enquanto dirijo a uma velocidade reduzida, vejo pelo espelho retrovisor como ele se aproxima discretamente do carro esportivo preto e o abre com as chaves que tinha tirado do proprietário. Meio minuto depois, ele já está em meu rastro. Sem forçar a marcha, voltamos ao início da estrada onde deixamos seu companheiro, que ainda está lá com a van em uma plataforma asfaltada à sombra de algumas árvores. Estas, assim como os próprios veículos, nos servem de cobertura para a próxima operação. Abutre é transferido da van para o banco de passageiro de seu próprio carro, que o homem de cabelos escuros dirige por algumas centenas de metros na estrada para estacioná-lo na beira de um bosque. Em seguida, ele volta a pé para onde seu companheiro e eu estamos esperando por ele. Dessa forma, evitamos qualquer outro rastro na estrada de terra que não seja o do carro do homem que acabamos de libertar. Ninguém nos viu levá-lo e ninguém nos viu devolvê-lo. Sem rastros que possam testemunhar, porque o homem que dirigiu seu carro o fez

com todas as precauções necessárias para tal fim, o que aconteceu com Abutre não passa de uma história que poderia muito bem ser fruto de seus próprios devaneios. Se ele tiver alguma estima, pensará duas vezes antes de contá-la.

Antes de nos separarmos, entrego aos dois homens um envelope contendo a metade pendente de seus honorários. Como eles se saíram bem, acho apropriado acrescentar uma gorjeta. O homem de cabelos escuros pega o envelope e faz menção de guardá-lo sob a jaqueta.

— Conte o dinheiro — eu digo.

— Não é preciso. Confiamos um no outro — ele responde.

— Posso ter errado. Ando meio distraído — insisto.

Ele olha para o seu companheiro e acaba abrindo o envelope. Conta as notas rapidamente, em determinado momento olha para cima e continua a contar.

— Você cometeu um erro — diz ele. — Há dois mil a mais.

— Um bônus por cumprir as metas. Gosto que as pessoas que trabalham para mim fiquem felizes quando eu também estou feliz.

— Obrigado — ele diz sem empolgação.

Seu parceiro me devolve as chaves do carro. Eu as pego e aperto a mão de ambos. Opto por me despedir com uma piada:

— Não se esqueçam de colocar as placas quentes de volta na van antes de devolvê-la. Seria uma pena estragar um trabalho tão limpo.

O homem de cabelos escuros finge um sorriso. Ou algo do gênero.

— Não se preocupe, não vamos nos esquecer.

Eu os deixo ir primeiro. Antes de dar a partida, olho por alguns instantes para o carro preto estacionado na beira da floresta. Não consigo distinguir o ocupante e penso no que ele sentirá quando acordar de repente em seu próprio carro, em um lugar aonde não sabe como chegou. Espero que isso lhe sirva para completar sua consciência de estar à mercê de forças que estão acima dele e a agir de acordo. Penso também que nunca mais terei que olhar na cara dele e nunca mais terei que ouvir sua voz. Este pensamento me conforta e me dá coragem para seguir adiante. O dia ainda não acabou: na verdade, a parte mais difícil ainda está por vir. O que acabei de fazer eu domino de sobra. O que vem a seguir envolve incertezas as quais não tenho tanta certeza de que serei capaz de enfrentar e resolver a contento.

O que não se sabe se será capaz de fazer deve ser enfrentado sem hesitação: a dúvida é a morte dos propósitos que são incertos. Então, dirijo rumo ao centro da Cidade, estaciono o mais próximo possível da entrada do prédio e subo direto para o terceiro andar. Uma vez em frente à porta, toco a campainha sem esperar para pensar no que vou dizer. Assim que faço isso, penso que talvez ela não abra para mim e, nesse caso, deveria procurar uma alternativa. Mal comecei a considerar algumas possibilidades quando a porta se abre

quase totalmente e Vera aparece diante de mim, coberta apenas por um suave roupão azul.

— Você chegou antes da hora — diz ela, provocativamente.

Demoro um pouco para perceber que ela está me confundindo com outra pessoa, provavelmente um cliente que ela combinou de encontrar esta tarde. O que me ajuda a facilitar o primeiro passo, a entrada no apartamento.

— Saí do trabalho mais cedo e pensei em ver se você estava.

— Estou. Mas não tão preparada como gostaria.

— Não importa. Posso esperar você se arrumar.

— Tudo bem. Pode entrar e se sentar.

Aproveito o convite dela e entro na sala que já conheço. No entanto, sigo em frente, fingindo estranheza, com a cautela de um hóspede que tenta não ocupar muito rapidamente o espaço alheio.

— Onde você quiser — ela me incentiva. — Vou me arrumar.

Então ela desaparece em seu quarto, fechando a porta atrás de si. Em vez de me sentar, olho pela janela, coisa que não fiz da vez anterior. Vejo assim o que ela tem visto nas últimas semanas, essa paisagem urbana que era o rosto de sua solidão nos momentos em que ela a tinha. Venho lhe dizer que precisa se despedir dela, e espero ser capaz de transmitir que não adianta resistir. Preciso ser capaz disso.

Dez minutos depois de eu entrar, ela sai do quarto, perfeitamente maquiada e usando o vestido preto do nosso primeiro encontro, ou talvez seja mais apropriado chamá-lo de desencontro. Entendo isso como um sinal da única coisa que posso fazer: dizer a ela o que realmente estou fazendo aqui.

— O que você acha? — ela pergunta. — Estou melhor assim?

— Vera — digo sem rodeios.

Seu rosto se desmancha instantaneamente.

— Quem te disse que esse é meu nome? — ela fica na defensiva.

— Seu pai.

— Meu pai?

— Isso.

— Quem é você? O que está fazendo aqui?

— Não importa quem sou. Estou aqui para te tirar desta situação.

— E quem te pediu para me tirar de alguma coisa?

— Seu pai.

— Sou maior de idade. Fala para ele cuidar da vida dele.

— Ele não tem muito mais tempo de vida.

— Ouvi dizer. Uma pena. Faça-me um favor para mim e vá embora. Estou esperando alguém.

Ela aponta para a porta. Eu me abstenho de olhá-la. Olho para ela.

— Vera, não vou sair daqui sem você.

Ela não se assusta. É corajosa, como seu pai. Tal pai, tal filha.

— Ah, é? — ela zomba. — Vai me tirar à força?

— Não, vou te convencer.

— Já te disse para ir embora.

— Vera, aquele homem do carro esporte preto não vai voltar.

— Que diabos você está dizendo?

— Veja.

Eu seguro uma das fotos que tirei de Abutre. Ela não a pega, mas se inclina para olhá-la e, assim que a vê, recua, apavorada.

— Onde ele está? O que você fez com ele?

— Está tudo bem, eu não fiz nada com ele. Só o convenci.

— De quê? — ela grita. — Você é um psicopata, igual a meu pai.

Apesar de tudo, percebo que ela não se abala. Ou talvez adivinhe que não tem nada a temer de mim. Que não estou aqui para machucá-la.

— Só quero o seu bem — respondo — e não quero o mal desse babaca, só fiz o que era necessário para que ele deixe de te fazer mal.

— Você é louco — ela me repreende. — Vocês são loucos, os dois.

— Vera, melhor se acostumar com a ideia de que ele desapareceu. Eu conheço pessoas como ele. E você, no fundo, também conhece. Se não conhece, tenho certeza de que

suspeita que ele não vai se arriscar por você. Não vai arriscar uma unha sequer. Nem mesmo arriscaria arranhar o carro.

De repente, Vera olha para mim com interesse.

— Não tenho dúvidas de que foi meu pai quem te enviou — ela julga. — Você fala como ele. É tão burro como ele. Está tão errado quanto ele.

— Não vou discutir. Pegue suas coisas. As que você quiser levar.

— Para onde?

— Vou te levar para a casa de sua mãe. Agora.

— Como assim?

— Você não pode mais ficar aqui. Eles vão parar de pagar o aluguel. Ou talvez alguém queira a casa para outra coisa. É perigoso para você continuar aqui.

— Perigoso? Por quê?

— Melhor não saber. Você não precisa saber. Vou cuidar disso.

— Não quero ir para a casa da minha mãe.

— Nesse caso, faça uma mala pequena. Vou te levar a um hospital.

— Hospital? Para quê? Não é para ver meu...

— Não, ele não me pediu isso. Vou te levar a um hospital porque você não está bem, Vera. Esta vida que você leva não faz o menor sentido. E nem a porcaria que está no armário do banheiro. Você precisa de ajuda.

— Como você sabe o que tenho no armário do banheiro?

— Eu sei tudo o que preciso saber. É meu trabalho.

— Seu trabalho de merda, você quer dizer.

— É o que eu tenho. Diga para mim, o que você escolhe?

— E se eu simplesmente ficar aqui e ignorar seu plano?

Eu avalio a verdadeira extensão de seu desafio. Faço minha aposta.

— Você é inteligente o suficiente para saber que essa não é mais uma opção. Se eu fosse você, descobriria a melhor maneira de ganhar tempo. Não para voltar para esse cara, porque eu garanto que você nunca mais vai ver nem a sombra dele, mas para descobrir o que você quer fazer com a sua vida.

— E se eu quiser fazer isso? E se eu não for tão estúpida como você e meu pai pensam que sou? E se isso me ajuda a ser eu mesma e a me livrar de todas as porcarias que tive que carregar desde criança?

— Se fosse assim, você dormiria bem. E você não dorme bem. Eu sei que não.

De olhos arregalados, Vera me desafia.

— Talvez aquelas pílulas não sejam minhas. Talvez eu durma bem e não queira ter nada a ver com a porra do meu pai, nem com a minha mãe, que também nunca foi capaz de me ajudar nem me entender.

Suspiro, resignado. Sabia que isso não ia ser fácil.

20 ANORMAIS

Trabalhar lado a lado com Aranha durante aquela operação, que foi além daquele primeiro interrogatório, até reunir as informações necessárias para deixar fora de combate toda a célula, com todo o seu apoio e infraestrutura, foi a minha aprendizagem definitiva. Um a um, diferentes colaboradores passaram por nossas mãos, dos quais Aranha extraiu tudo o que podiam nos contar. Ele fazia isso com sua maestria singular, sem sujar as suas mãos e sem que nenhum deles pudesse alegar, de modo que pudesse ser comprovado, nada além do abatimento que sofre qualquer pessoa privada de liberdade. Com os últimos, ele me deixou cuidar de parte da operação, mas sempre assumia a liderança e escolhia o momento de dar o golpe final.

Logo deixou de me impressionar o espetáculo de sua impotência, que meu mentor justificava com uma indiferença seca e estas poucas palavras:

— Não me importo se para eles é um problema ficar pelado. Deveriam ficar incomodados de abrigar e alimentar pessoas que acabam mandando seus semelhantes para uma mesa de autópsia. Nus e também mortos.

Foi mais difícil me acostumar com o ato de procurar os pontos estratégicos que Aranha me ensinou a encontrar e

aplicar neles o golpe que os faria se contorcer de dor sem deixar nenhuma sequela visível. Por mais que pudéssemos identificá-los como o pior dos inimigos, eles ainda eram feitos de carne humana sensível. E, além de vê-los sofrer, era preciso fingir que não ouvia suas queixas, que eram tão desoladoras e patéticas quanto o constrangimento de cada um dos aflitos o permitia, e que Aranha tinha como regra nunca silenciar com qualquer um dos meios disponíveis.

— É bom que eles gritem e que sejam ouvidos — dizia ele.
— O que dizem quando estão passando por um momento ruim os prejudicará no momento e os prejudicará ainda mais quando se lembrarem. Você só precisa garantir que isso não te afete.

Eu tinha a motivação para fazer isso, e o exemplo dele para encontrar a maneira, então também consegui superar aquela dificuldade. O teste decisivo veio quando os policiais, com as informações que lhes fornecemos, colocaram as mãos no chefe dos bandidos. Mais uma vez, fui com Aranha ao depósito perto do porto, mas, dessa vez, como já sabia o destino, fui eu quem dirigiu. No caminho, meu superior quis me preparar para o que estava por vir.

— Esse é feito de material diferente. Teremos que arregaçar as mangas com ele.

— Posso imaginar — observei.

— E você terá que se livrar de todos os escrúpulos que lhe restam.

— O que for preciso.

— Você parece muito calmo. Sua consciência nunca o incomoda?

— Quando isso acontece, eu me lembro de onde foi parar minha família.

Aranha ficou pensativo.

— Isso foi uma coisa que me chamou a atenção em você.

— O quê?

— Não pedir uma licença quando seus pais morreram.

— Temos que enterrar os mortos, e pronto. Para chorar não são necessários dois dias de licença, e há advogados e gestores para cuidar da papelada.

— Você poderia ter pedido um tempo para fazer isso. Eu teria te dado.

— Eu não preciso de tempo. Nunca vou esquecer isso. Nem quero.

— Tenho que admitir que você me surpreendeu. Sempre temi que isso afetasse o seu discernimento na hora do trabalho. Sigo todos esses anos esperando que você dê um passo em falso. Mas nada.

— Talvez não seja um mérito.

— O que você quer dizer com isso?

— Talvez eu não seja capaz de me sentir como uma pessoa normal.

Ele riu muito.

— Se é por isso, não sofra. Todos nós somos anormais aqui.

Quando entramos na sala onde ele estava sendo mantido e o vimos, seu gesto anunciava que aquela sessão não ia ter nada a ver com as anteriores. Daquela vez, os policiais foram duros com ele. Por ser um cara violento, eles poderiam alegar que os hematomas que trazia eram resultado da luta que ele os tinha obrigado a travar durante a prisão, mas em seus olhos, longe da intimidação dos outros, o que havia era uma raiva que não ia permitir que ele fosse subjugado daquela maneira.

— E esses aí, quem são? — gritou ele ao nos ver entrar.

Os policiais não disseram nada. Aranha também não abriu a boca. Apenas caminhou em direção a ele, com os braços cruzados atrás das costas. Quando chegou bem perto, se agachou e moveu a cabeça ligeiramente para a frente. Em seguida, deu alguns passos para trás, virou-se para mim e comentou, como se estivesse de passagem:

— Está bem fedorento.

O terrorista não mediu suas palavras:

— Vai feder mais quando eu cagar nos cadáveres das pessoas que eu matar.

— Vá em frente — Aranha o convidou. — Pode me dar mais motivos.

— Cago para os seus mortos. Eu adoraria ter feito mais.

— Obrigado. E não se culpe se, de agora em diante, só conseguir matar as baratas da sua cela. No fim das contas, ninguém corresponde às expectativas.

— O que ele é, o palhaço do grupo? — perguntou o detento.

Eu o observei atentamente. Embora estivesse atrás deles há alguns anos, estudando suas táticas, suas rotinas, suas idiossincrasias e até mesmo seus panfletos de propaganda, percebi que mal tinha pensado em quem eram realmente as pessoas que eu estava enfrentando. De onde vinha sua capacidade de causar tanto sofrimento a outros, de se sacrificar e de se arriscar como faziam? O que os encorajava, o que permitia que fossem tão convencidos como estava aquele indivíduo? Ele conhecia, é claro, os argumentos que usavam, a cobertura ideológica que protegia suas ações criminosas. Mas a ideologia é mera casca, quando não mera simulação. O que importa para entender o que um homem faz ou deixa de fazer é o que ativa aquelas alavancas que todos temos dentro de nós e que nos transformam, dependendo da alavanca em questão, em uma bênção ou uma calamidade para o próximo. A atitude mais comum era descartá-los como farsantes ou pessoas incautas que se tinham deixado cegar pelo engano dos manipuladores que lhes armavam o discurso. Para apertar um gatilho apontado para a nuca de um homem, explodir transeuntes em pedaços ou suportar uma tortura dessa forma era preciso mais do que ser ingênuo ou estúpido demais. Algo que fosse compatível com isso, mas que não pudesse ser reduzido a isso em todos os casos.

Aranha respondeu ao insulto de seu oponente com mansidão.

— Não se preocupe, não vou contar mais piadas.

— E o que você vai fazer?

— Tomar medidas.

— Que medidas?

— Contra essa sua arrogância. E aposto uma coisa. Você não vai aguentar tudo o que eu já usei e fiz até agora. Nem mesmo a metade.

Até então, eu não tinha visto uma sessão de tortura como aquela. Em determinado momento, Aranha me pediu que eu o ajudasse. Ele se aproveitou da minha ajuda para observar atentamente a reação do sujeito. Em um intervalo entre dois choques, sua vítima lhe disse em um sussurro:

— Tire esse gorro. Eu gostaria de cuspir na sua cara.

— E eu gostaria de te matar, mas eles não me deixam.

O tom de voz de Aranha, pela primeira vez desde que eu o conheci e em um transe como aquele, soou para mim permeado por um sentimento que tinha escapado de seu controle. Nunca ousei perguntar por que ele tinha entrado para a Companhia, por que tinha ido parar na divisão de contraterrorismo e por que ainda estava nela e recrutando mais braços para o trabalho. Achei que seria inútil tentar descobrir.

Prolongamos o tormento o máximo que pudemos sem colocar em risco a vida do detido e sem lhe causar ferimentos que os policiais não pudessem justificar como consequência

da detenção. Suspeitávamos que, além de informações sobre seus colegas assassinos, aquele indivíduo poderia nos ajudar a obter informações sobre aqueles que estavam dando ordens e definindo estratégias. E talvez o fato de ele estar resistindo daquela forma fosse a confirmação de que não estávamos totalmente errados. De qualquer forma, Aranha sabia perder.

Aproveitando que o terrorista tinha ficado inconsciente, ele se voltou para o chefe dos policiais. Com um encolher de ombros, ele informou:

— Isso é o máximo que podemos fazer por hoje.

— Amanhã à noite ele tem que ser entregue ao juiz — disse o outro.

— Se você quiser, podemos tentar novamente amanhã de manhã.

— Você acha que isso vai adiantar alguma coisa?

Aranha balançou a cabeça.

— Receio que não. Também não posso apertar mais que isso.

— E então?

— Você vai ter de se contentar com o que te demos até agora.

No caminho de volta, Aranha me deu outra lição:

— Não tivemos tempo suficiente com este daqui. Ninguém é inquebrável, mas trabalhamos com algumas limitações. Essa é a desvantagem de estar do lado dos mocinhos: mesmo que, às vezes, as ignoremos, temos leis que, no fim, precisam ser obedecidas. Se não pode ser, não pode ser. O

que nunca devemos fazer é nos cegar nem forçar a máquina mais do que o necessário.

A mesma coisa que ele fez comigo, testar a minha reação na linha de frente, Aranha fez com o restante dos meus colegas nos meses seguintes. Interpretei isso como o último teste antes de sermos autorizados a assumir missões com plena autonomia. No entanto, o que aconteceu depois que todos passamos por essa iniciação à parte mais exigente do trabalho me levou a suspeitar de algo bem diferente. Sem que percebêssemos, tínhamos passado por um novo processo de seleção.

Uma manhã, Aranha reuniu todos nós. Éramos quatro: Prego, Cortiça, Marreta e eu. O anúncio foi sucinto e inesperado:

— Estamos saindo deste apartamento. Vamos nos mudar.

— Para onde? — perguntou Cortiça.

— Para uma casa no campo. Perto da fronteira.

Ninguém se atreveu a fazer mais perguntas.

— Recolham suas coisas. Partimos em meia hora.

Nossa nova base não estava a mais de uma hora da antiga, mas parecia um outro mundo. Estávamos cercados pela floresta, em um vale relativamente pouco povoado. A casa de dois andares ficava afastada da área habitada mais próxima e era cercada por muros que nos impediam de ver o que estava acontecendo embaixo do andar superior. Ela tinha uma garagem para vários veículos, um porão organizado e espaço suficiente para todos. A Companhia não tinha poupado

despesas, e todos nós nos perguntamos qual seria o sentido de tudo aquilo.

Descobrimos naquela mesma tarde. Uma pessoa que nunca tínhamos visto antes chegou à casa. Chegou sozinho, em um carro que ele mesmo dirigia, mas, pela maneira como Aranha o tratou, entendemos desde o primeiro momento que era um peixe grande. O maior que já tínhamos visto até aquele momento. Ele tinha mais de quarenta anos e sua aparência nos fez pensar em alguém sem medo nem esperança.

Aranha apresentou-o a nós como Um, sem mais delongas. E nos deu a entender que, dali em diante, ele era o nosso chefe. O restante nos explicou ele mesmo.

— Temos observado vocês — ele nos disse — e achamos que são as pessoas certas para esta tarefa, mas cabe a vocês decidir se estão dispostos a formar parte desta unidade. Nossos superiores estão insatisfeitos com os resultados obtidos até agora. Embora não deixemos de detê-los, eles continuam crescendo e matando. Temos que dar um passo adiante, o que, por vários motivos, não conseguimos reconhecer. É por isso que vocês devem saber que, se concordarem em continuar, não existirão oficialmente para ninguém. Nem mesmo para o restante da Companhia: se isto der errado, vocês terão que se defender sozinhos. Vocês terão alguns dias para pensar a respeito, mas primeiro Aranha e eu lhes contaremos mais detalhadamente do que se trata.

Olhamos uns para os outros. Não havia dúvida em mim nem neles. Estávamos prestes a permitir que nossas vidas fossem viradas de cabeça para baixo para sempre.

21 FORTALHÃO

A garota, firmemente plantada sobre seus saltos na sala de estar do apartamento que estou tentando convencê-la a deixar, deixou claros os termos do conflito. Agora presume-se que eu tenha a solução para que ela reconsidere sua posição de bom grado, deixe-se levar pelo enviado do pai que ela odeia ou despreza, ou ambas as coisas ao mesmo tempo, e concorde em acompanhá-lo até a casa da mãe em quem ela acabou de declarar que não tem confiança e por quem não sente respeito algum. Já estive em situações piores, ou assim quero acreditar. Respiro fundo.

— Veja, Vera — digo, tentando parecer o mais calmo possível —, eu não me envolvo nisso. Se quiser, depois que eu te tirar daqui, e se é nisso em que você realmente acredita, mande sua mãe para o inferno e volte a se vender para homens que pagam pelo que não sabem ou não conseguem de outro jeito. Tenho certeza de que assim você vai dormir melhor a cada dia e vai ser mais livre e mais você mesma. Mas esta tarde você vai pegar uma mala ou uma bolsa, vai colocar nela o que precisa e vai vir comigo. Sem prolongar mais um minuto esta conversa.

— Você vai ter que me levar à força — ela me desafia.

— Eu posso fazer isso. Sem muita dificuldade.

— Meu pai te deu permissão para me bater?

— Eu não preciso. Só preciso anular sua vontade e lamento dizer que, com sua altura e seu peso, isso seria muito fácil.

— Essa é boa. Tem certeza? Talvez eu saiba artes marciais.

— Elas não vão te servir de nada com certa substância correndo por suas veias. E eu te garanto que vou conseguir injetá-la em você.

— Uau! Você tem tudo planejado.

— Mas estamos perdendo tempo. Não quero nem acho que vou precisar te dar essa injeção. Você já conheceu o seu maldito príncipe encantado. Se quiser mesmo continuar com essa atividade promissora, vai ter que encontrar outro lugar e outro protetor. E enquanto estiver procurando por ele, é melhor que tenha um teto sobre sua cabeça e uma refeição quente. Portanto, para o seu bem, vista-se como uma garota que não precisa deslumbrar um velho, pegue o que quiser guardar e vamos embora. Você tem quinze minutos, não mais.

— Ou você vai me dar a injeção.

— E eu vou te levar com a roupa do corpo. No máximo com um casaco.

— E se alguém te ver na escada, o que você vai dizer?

— Que vocês, jovens, não sabem beber. Anda, vamos lá.

De repente, ela sorri maliciosamente.

— Tudo bem. Você venceu.

E ela se vira, volta para o quarto e fecha a porta. Tanta pressa e submissão me fazem suspeitar que há algo errado

acontecendo, mas sei que ela não tem telefone no quarto nem rota de fuga, a menos que se jogue ou desça pela janela, o que nem a altura nem a configuração da fachada aconselham. Olho para o meu relógio com a intenção de verificar a hora. E lhe aviso de novo:

— Quinze minutos, nem um minuto a mais. Ou eu arrombo a porta.

— Tudo bem, fortalhão — ela zomba, em uma voz melodiosa.

Termina antes que tivessem passado dez minutos. Eu a vejo sair vestindo roupas confortáveis e carregando uma bolsa de viagem não muito grande.

— Vai levar só isso?

— Voltarei assim que tiver vontade. Por enquanto, só vou me livrar de você. Se te deixa feliz me levar para a casa da minha mãe, que seja. Ou meu pai te pediu que além de me salvar você também vigie meus passos?

— Se for necessário para evitar que você volte para cá, eu os vigiarei.

— Tanto faz. Vou encontrar alguém que me defenda de você.

— Escolha alguém que consiga se defender. O anterior que você procurou era pouca coisa. Para dizer a verdade, estou surpreso que uma garota inteligente, como você dá a impressão de ser, se apaixone por um zé-ninguém daqueles.

Vera me avalia com aquela distância que poucas mulheres, geralmente as mais velhas do que ela, alcançam: aquelas que

não esperam mais nada dos seres com quem compartilham a espécie e que raramente estão à altura delas.

— Você é muito engraçado e muito bobo. Eu nunca me apaixonei.

Eu poderia encontrar algo espirituoso para responder. Algo que me fizesse parecer menos desajeitado e equivocado do que ela pensa que sou. Acho, no entanto, que fui até lá em busca de outra coisa e estou prestes a resolvê-la. Então, aponto para a porta do apartamento e digo apenas:

— Primeiro as damas.

Enquanto descemos no elevador, no qual eu a mantenho tão perto de mim que, por um momento, fico ligeiramente intoxicado por seu perfume de flor de laranjeira, Vera não hesita em exercitar sua malícia com o pobre homem no qual, durante o último quarto de hora, ela parece empenhada em me transformar.

— Estou pensando se fujo assim que sairmos na rua ou mais tarde, quando chegar na casa da minha mãe. Posso muito bem aproveitar a oportunidade em um semáforo. Se é que vamos no seu carro, porque eu não te perguntei.

— Vamos em um carro que não é meu. E vou segurar seu braço quando estivermos na rua e também quando eu parar nos semáforos.

— Que pena. E se eu tentar sair dele, você vai me machucar, é claro.

— Pode ser. De verdade, Vera. Desista. E não se precipite.

— Não sou de desistir. Nem de me precipitar.

— Sua mãe é uma boa pessoa. Deixe que ela te ajude.

O elevador chega ao andar térreo. Eu saio primeiro e me certifico de não haver ninguém à vista. Eu a pego pelo braço e a arrasto em direção à rua. Felizmente, ela não oferece resistência alguma. Em apenas um minuto chegamos ao carro, eu a faço entrar primeiro e deixo sua bolsa no banco de trás. Dou a volta no carro, de olho nela para o caso de ela tentar alguma coisa, mas ela me observa sem piscar até eu chegar à porta do motorista, abri-la, sentar no banco e colocar a chave na ignição.

— Você conhece minha mãe? — ela me pergunta de repente.

— Eu a conheci, há muito tempo.

— Vou perguntar para ela quem você é, então.

— Por mim, tudo bem — eu digo. — Ela não sabe. Mesmo que ela se lembre de mim, o que provavelmente não é o caso. Não deixo muitos rastros.

— Não concordo — ela diz. — Vou me lembrar de você.

— Espero que isso não te sirva para nada.

— O que você quer dizer com isso?

— Que espero que esta seja a primeira e última vez que nos vemos.

Dou partida no motor e me uno ao trânsito da rua. É nesse momento que noto o primeiro sinal que me deixa alerta. Não perdi o hábito de observar as pessoas com as quais cruzo mais além do estritamente necessário para evitar me esbarrar nelas, e é essa inércia que me faz notar um carro

parado em uma fila dupla e um homem saindo dele com pressa, cuja maneira de se movimentar e de olhar ao redor chama minha atenção imediatamente. É preciso muito treinamento para que um policial perca aquele ar de fiscalização permanente de seus companheiros, ou para que seus gestos não demonstrem o atrevimento de alguém que sabe que, diante de qualquer contratempo, sempre pode sacar um distintivo que desarma, desde o início e como regra geral, qualquer possível objeção. Quando o vejo pelo espelho retrovisor olhando para a fachada do edifício de Vera, a suspeita de que algo não está indo como deveria se torna ainda mais intensa.

Apesar de tudo, tento manter a calma e fingir que tudo está indo de acordo com o planejado. A garota deve ter um sexto sentido, pois vejo pelo canto do olho como ela me olha com súbita curiosidade.

— Você ficou muito sério de repente — ela diz.

— O que eu faço é sério. Tudo o que fazemos é, na verdade. Mesmo nas coisas mais insignificantes, colocamos tudo em risco. Isso é o que normalmente não se entende na sua idade, mas o tempo vai te ensinar.

— Bem, também não tenho pressa em entender tudo isso — ela diz. — Você não vai me dizer algum nome pelo qual eu possa te chamar?

— Não.

— Nem mesmo um inventado?

— Para que perder tempo?

Enquanto converso com ela, tentando demonstrar desinteresse, meu olhar está constantemente percorrendo os três espelhos retrovisores do carro, procurando por qualquer presença que possa me parecer suspeita.

— Ei — ela diz de repente.

— Fala.

— Vale a pena para você?

— O quê?

— Ser isso, ser assim. Eu não diria que para o meu pai valeu a pena.

— Talvez sua pergunta não faça sentido — eu lhe digo.

— Por quê?

— Talvez eu não tenha escolha.

Ela balança a cabeça, olhando para a frente.

— Se for assim, isso é triste. Não é à toa que você nunca ri.

— Desde que nos conhecemos não aconteceu nada engraçado.

— Tem certeza?

A pergunta me deixa desconcertado, e essa estranheza se mistura com o incômodo que não me abandona desde que vi o cara sair do carro e olhar em direção ao apartamento dela. Vera não tem pressa em quebrar o silêncio que se segue à sua pergunta, e eu também não o quebro.

— Agora que estou olhando para você mais de perto, tenho certeza de uma coisa — diz ela por fim. — Não é a primeira vez que nos encontramos. Nem você a mim, nem eu a você.

— Admito que já se passaram anos desde que te vi pela primeira vez. O que eu não tenho certeza é sobre a outra coisa. Talvez você esteja me confundindo com outra pessoa.

Eu me viro por um segundo para ver sua reação. Uma covinha aparece em sua bochecha esquerda e seus olhos se estreitam de repente.

— Se não era você que estava fingindo escrever em um caderno no outro dia na cafeteria, sim, devo ter me enganado. Mas duvido. Eu tenho um bom olho e uma boa memória. Então, não poderia ir e te dizer que você era um canalha por me deixar esperando lá por nada. Você poderia ser a pessoa que me enganou, mas eu também poderia ser outra pessoa. Agora, por outro lado, eu posso.

Aceito sua reprovação como aprendi a aceitar o que mereço, enquanto penso que nisso também ela é digna de seu pai e, enquanto amaldiçoo a genética, sou tomado pela sensação de caos e até mesmo de catástrofe que está começando a se apossar de mim. Não gosto nada disso, odeio quando os eventos saem do meu controle.

— Você não vai se defender? — ela me pergunta.

— Não — eu me limito a responder.

— Mas isso significa que você não é tão bom quanto pensa que é.

— Depende. Eu te dei uma chance que não daria a outros.

— Qual?

— De me ver duas vezes.

Enquanto ando pelas proximidades da casa da mãe de Vera, penso que talvez eu devesse ter telefonado antes para ter certeza de que ela estava em casa. Não tenho certeza de como eu a teria cumprimentado, quem eu poderia ter dito que era. Nós nos encontramos uma vez, há muitos anos, quando ela estava começando seu relacionamento com Marreta. Fui apresentado a ela como um colega de escola, sob uma identidade falsa. Nunca mais a vi. Talvez seja melhor abordá-la sem me anunciar.

Acontece quando viro a última esquina. Vejo o carro parado, com os dois homens dentro. Agora não me resta nenhuma dúvida. Eles estão esperando por nós. Fico imaginando como meu plano falhou: eu não devia ter mencionado Abutre para Vera até o final, e bem de passagem, como se não fosse algo que me tivessem pedido. Também me pergunto como ela foi capaz de dar o alarme tão rapidamente e como a reação foi tão imediata e tão completa que sentinelas foram colocadas também na casa da mãe. Há muitas perguntas para as quais não tenho e não encontrarei uma resposta imediatamente, mas uma coisa parece óbvia: eu não soube como ler os sinais corretamente, cometi um erro em minha análise.

Freio, dou marcha ré e me esgueiro pela perpendicular sem nem passar por eles. Vera não diz nada, mas adivinha: pisei na bola.

22 A CILADA

Desde o nosso primeiro encontro, Um nos fez perceber que ele era um daqueles homens que medem tanto suas palavras quanto seus silêncios e que, se puder escolher, tende a optar mais pelos últimos. As palavras distraem, geralmente oferecem pouca ou nenhuma conclusão e expõem quem as pronuncia a cometer deslizes semânticos que acabam se tornando deslizes táticos e morais. O silêncio, por outro lado, desperta a atenção, inicia os esforços e esculpe com precisão os contornos das coisas. É por isso que, depois de ter feito aquele anúncio com o qual sabia ter capturado nosso interesse e, em parte, nossa vontade, Um deixou Aranha falar e nos explicar uma filosofia de ação que ele certamente compartilhava e da qual talvez fosse coautor, mas que a presença silenciosa do chefe, que nos observava atrás dele com os braços cruzados, o levava a ler como a diretriz que tinha recebido e se empenhava para transferir para nós.

— A verdade nua e crua — Aranha começou a explicar —, como Um acabou de falar para vocês, é que nossos sucessos, poucos ou muitos, a depender da ambição de cada um, não estão servindo para deteriorar de modo efetivo o nosso inimigo. Levamos semanas ou meses para conseguir as informações que levam à eliminação de uma célula,

enquanto eles as reabastecem à medida que avançam e continuam a aumentar sua força operacional, o que faz com que multipliquem suas ações e o impacto que elas provocam. Para colocar isso de uma forma rápida e que ninguém terá dificuldade de entender: eles continuam nos dando uma surra, tudo o que precisam para tomar a dianteira e nos colocar em xeque. O primeiro e pior efeito é que eles ganham prestígio diante dos seus, o que os ajuda a recrutar mais tropas. O segundo é que isso aumenta o desânimo da sociedade, especialmente da parte que mais sofre com seus golpes. E nossos chefes estão ficando cada vez menos felizes e cada vez mais nervosos.

A mensagem não era encorajadora, mas, acima de tudo, não era uma mensagem de felicitação para aqueles que estavam envolvidos naquela guerra. Nós quatro percebemos isso com a clareza com que Aranha procurava transmiti-la.

— Quando algo não funciona — continuou —, é preciso perguntar por quê. Identificar suas falhas, seus pontos fracos, suas deficiências. E, a partir daí, se possível, desenvolver uma estratégia que ofereça perspectivas de ter um resultado menos frustrante. Neste caso, já sabemos há muito tempo o que está errado. Nunca conseguimos neutralizar nem mesmo enfraquecer a liderança da organização. E nos deparamos com uma realidade que está além de nós e que lhes dá toda a vantagem: aquela fronteira que temos a poucos quilômetros de distância. Atrás dela, nossas leis não têm valor e não temos nenhum poder. Para

eles, por outro lado, é uma oportunidade de se livrar de nossa pressão para tudo o que lhes convém. Desde o treinamento até a logística, passando pelo descanso de seu próprio pessoal, que já está exausto.

Concordamos. Aranha estava expondo problemas conhecidos, que não eram apenas óbvios do ponto de vista teórico, mas que tinham sido a causa direta de dificuldades e fracassos que todos nós que estávamos lá tínhamos experimentado e dos quais tínhamos lembranças vívidas.

— Em um mundo ideal — disse —, os países trabalhariam juntos para que não pudessem fazer com seus vizinhos as canalhices que eles fazem conosco e com o nosso povo, mas no mundo real cada país atende, acima de tudo, aos seus interesses ou àqueles que quem os governa decide. E aqueles que governam do outro lado dessa linha, por qualquer motivo que seja, que também não nos importa, eles saberão e não podemos mudar isso, eles não estão interessados em nos ajudar e não vão fazer isso. Com base nessa realidade, com a qual temos de conviver, é hora de pensar em maneiras de sair do impasse. E não é fácil, nem há muitas. De fato, apenas nos resta uma.

Ele deixou que cada um pensasse sobre isso por conta própria. Não posso dizer o que os outros pensaram naquele momento. Mas o que pensei não estava muito longe do que eles iriam nos dizer em seguida, por isso imagino que meus colegas tiveram uma ideia semelhante.

— Não, não vou perguntar a vocês — Aranha nos tranquilizou. — O que tenho que fazer hoje é responder, e vocês devem avaliar a resposta e decidir se querem ou podem fazer parte dela. O que nos resta é nada menos do que conseguir atacá-los onde eles se sentem seguros. Em outras palavras: atuar onde não podemos atuar e, quando estivermos lá, fazer tudo o que for necessário, inclusive aquilo que não podemos fazer. Já sei que, às vezes, fazemos coisas que as leis não permitem, mas, até agora, como sabem, reconhecemos certos limites, que têm a ver com o grau de infração que podemos assumir. Agora é uma questão de ir além. De ultrapassar esses limites. De infringir mais do que poderíamos fazer se fôssemos descobertos. De ir até o fim.

Nenhum dos quatro poderia dizer mais tarde que a descrição era enganosa ou imprecisa. Aranha tinha posto todas as cartas viradas para cima, ou quase todas, porque nem ele nem ninguém, muito menos aqueles que o contrataram para nos persuadir, deixam de guardar alguns trunfos na manga, se puderem. Por via das dúvidas, ele não deixou de especificar do que estava falando.

— Trata-se de cruzar essa fronteira e atacá-los. Onde der, mas procurando a máxima destruição possível. Acertar aqueles que estão no topo, e fazer com que os golpes sejam mortais. Também não é ruim que um peixe pequeno caia, isso ajudará a fazer que se espalhe o pânico entre eles; mas não podemos nos limitar a cortar dedos ou braços, que é tudo

o que conseguimos inutilizar até agora. Tem que cortar cabeças, as que tramam, as de que precisam para continuar. No sentido mais literal. Que os que pensem em substituí-los não acreditem que lhes sairá de graça, nem sequer que, caso tenham azar, acabarão na cadeia. Que sintam que o que estão arriscando é a própria pele. Nem todos, nem mesmo aqueles que arriscaram antes de se tornarem líderes, hoje estão dispostos a fazer tanto.

O que isso significava não nos passou despercebido. Não se tratava apenas de cometer crimes, mas de cometê-los infringindo, além de suas próprias leis, as de outro Estado. O risco de ir para a cadeia em casa, mas também de acabar preso como estrangeiro em uma prisão em outro país. Em nenhum lugar as prisões jamais foram acolhedoras, mas o que foi dito daquelas que poderiam ser o nosso alojamento, se errássemos, não servia para torná-las muito desejáveis.

Aranha, que não tirava os olhos de nós nem perdia um detalhe de nossas reações, assim como o homem que o ouvia em segundo plano, achou então oportuno nos oferecer um primeiro alívio.

— Para a tranquilidade de vocês, não se espera que assumam a responsabilidade pela remoção física de ninguém. Mas é importante que saibam, e assumam, que esse será o resultado do seu trabalho. Pessoas vão morrer. E vocês serão decisivos para isso. Se esse envolvimento vier à tona, vocês serão legalmente responsáveis. E se não vier, é algo que vocês terão que saber carregar na consciência.

Aranha ficou em silêncio e os dois nos examinaram. Ninguém se atreveu a dizer nada.

— O que se espera de vocês — continuou ele — é que sejam capazes de entrar na fortaleza do inimigo, que colem e preparem boas informações, tão boas que quem tem que agir faça imediatamente, e que de jeito nenhum vocês os delatem. Dependendo das circunstâncias e de como tudo se desenrolar, pode ser que a gente acabe encomendando mais alguma coisa de vocês. Não descartem essa possibilidade. Quem aceitar ficar aqui não poderá descartar nada, embora nunca vamos obrigar ninguém a fazer algo para o qual não se sinta preparado. Isso, sim, eu garanto.

Era apenas uma garantia levemente reconfortante, mas nem eu nem nenhum de meus companheiros exigiríamos mais. Aranha era esperto e sabia colocar as coisas que eram difíceis de digerir. Primeiro ele tinha pintado o quadro com tons tenebrosos, depois tinha dado umas duas pinceladas de luz, ou de conforto, ou como cada um gostaria de chamá-lo, e para terminar deixava entreaberta uma porta a qualquer coisa que lhe servisse, caso necessário, para poder rejeitar qualquer acusação de ter enganado aqueles que se decidiram com base em suas palavras. Eu não seria capaz de apreciar isso completamente até alguns anos depois, mas já então, e uma vez mais, me descobri ante sua maestria.

— Talvez vocês se perguntem — Um tomou a palavra — por que foram escolhidos. Por que não alguém mais experiente, com mais anos de serviço e também mais

próximo do comando. O que vocês nos oferecem é exatamente o oposto disso. Frescor, raciocínio rápido e, não escondendo de vocês, uma ligação menos estreita com o restante da Companhia. Não vou enganá-los. Vocês foram escolhidos porque comprometem aquele que dá as ordens menos do que os outros poderiam comprometer-lo. O que resta saber, agora, é se isso é algo com o qual vocês serão capazes de conviver.

Aranha pareceu pedir permissão com os olhos. Um lhe cedeu.

— Claro — disse Aranha —, vocês também foram escolhidos porque demonstraram habilidade e porque nos provaram que resistem à pressão e conseguem resultados. O que Um lhes está dizendo, para ser sincero, é que propomos este desafio porque acreditamos em vocês e, portanto, não estamos tentando enganar ninguém, que vocês quatro são feitos do material necessário para assumir algo que não deixa de ser um sacrifício a mais. Um sacrifício que alguém com menos coragem, menos dedicação e menos qualidades do que vocês certamente rejeitaria.

Um inclinou um pouco a cabeça, como se agradecesse a Aranha a precisão que lhe forneceu o apoio ideal para retomar a própria fala:

— É isso. Além de serem capazes, verificamos que vocês são leais e pessoas honradas. Aranha me disse que em todos esses anos vocês nunca foram flagrados sendo negligentes ou surpreendidos em qualquer desonestidade. Isso é crucial

para nós. O que vai ser concedido a vocês é uma prerrogativa que nas mãos de alguém descuidado levaria a uma catástrofe, sem dúvida. Arriscamos tudo com vocês, a Companhia como organização e Aranha e eu pessoalmente, porque confiamos na nobreza de sua alma e na clareza de seus julgamentos.

As sobancelhas de Marreta delataram, ao se elevarem, que aquela referência à alma não era esperada. Com o tempo, mesmo que ele não voltasse ao apartamento mais do que de vez em quando, nos acostumaríamos com o estilo de Um, que tinha certa inclinação para usar conceitos solenes, o que não ia de encontro ao mais radical espírito prático nem a uma atitude ágil diante de qualquer armadilha que pudesse surgir em seu caminho.

Nesse ponto, Prego levantou a mão. Um o convidou a falar.

— Quem saberá de nossa missão? — perguntou.

Um olhou para ele com simpatia.

— Boa pergunta. Fora os que estão aqui, só a cadeia de comando, e não toda ela. Aqueles que usam suas informações não saberão de onde elas vêm. Para dizer de outra forma, eles agirão cegamente, para isso também lhes é exigido que assumam as próprias responsabilidades. Não poderemos alegar obediência, e se alguém fizer isso, e conseguir que acreditem nele, tudo o que pode esperar é se implicar, porque não farei esse tipo de alegação. Assumo o que significa estar aqui, assim como Aranha. É por isso que sou eu quem fala hoje nesta casa.

Aranha suavizou o fato com o melhor de seus sorrisos.

— Talvez — admitiu Um — vocês pensem que somos idiotas, que isso não faz nenhum sentido, que é um abuso. Nesse caso, aí está a porta. Vocês serão realocados e monitorados para não dar com a língua nos dentes quando as coisas começarem a acontecer, mas não haverá nenhuma retaliação nem excesso de vigilância. Afinal, quem estiver de fora não tem como comprometer muito. Isso é tudo. Agora, vou deixar vocês pensarem sobre isso. Não se precipitem. Se derem esse passo, já estão informados.

Com aquele laço final, ele fechou a armadilha. Sem dizer mais nada, deu meia-volta e se dirigiu à porta, a qual atravessou silenciosamente. Aranha ficou conosco. Ele percorreu-nos um por um com o olhar, tentando descobrir por onde andavam os nossos pensamentos. Estou convencido de que ele os adivinhou, os de nós quatro. Ele tinha nos escolhido, nos treinado e nos iludido e tinha nos trazido à beira do precipício. Sabia que iríamos pular.

23 PEQUENA CERVA

Entre um homem e uma mulher, se a relação vai além do cumprimento protocolar, mais cedo ou mais tarde, sempre acaba chegando o momento em que ele inspira nela alguma forma de pena. Apesar da diferença de idade e experiência entre ambos, e do fato de eu ter contado com a vantagem da surpresa, entre Vera e eu esse momento chega desgraçadamente rápido. Só faz algumas horas que nos conhecemos quando minha manobra anômala com o carro, dando marcha a ré em uma rua para escapar pela perpendicular e nos afastar da casa de sua mãe, aonde eu deveria levá-la, a faz entender, para além de qualquer dúvida, que acabo de pisar na bola. Apesar de tudo – e, desde que homem é homem e mulher é mulher, milhões e milhões de pessoas fizeram o mesmo –, ela aceita o meu fracasso sem me sujeitar ao ridículo que acabei de lhe servir de bandeja.

— Você estava indo bem. Era por ali — diz ela, inocentemente.

Meu cérebro está a mil por hora agora. Muitas operações simultâneas se amontoam dentro dele. Por um lado, devo render-me à evidência de que minhas ações colocaram em marcha algo que não só não soube prever, mas que agora também não sou capaz de discernir de forma que me permita

tomar uma decisão correta. Por outro lado, tenho que encontrar uma solução alternativa em relação à própria Vera, com a dificuldade adicional de não contar com a sua cumplicidade. E enquanto tento escolher o melhor itinerário para fugir dali, sem arriscar nenhum outro encontro indesejado e em direção a algum lugar seguro onde possa redirecionar a situação, tenho que responder algo à moça, e tentar fazer que minha fala não seja contraproducente para o que tenho que fazer com ela daqui em diante.

— Mudança de planos — digo simplesmente.

Que Vera não é boba já está claro para mim há algum tempo. Por via das dúvidas, e sem pesar muito a mão, ela se preocupa em deixar claro para mim:

— Algo não está indo como você planejou?

— Tenho que ter certeza.

— De quê?

— De que onde eu te deixar, você estará segura.

— Você acha que eu corro algum perigo na casa da minha mãe?

— Não descartei essa possibilidade o suficiente.

— E você pensou nisso assim, de repente.

A vantagem é toda dela. Com toda a tranquilidade, ela vai procurando e encontrando as rachaduras do meu discurso, enquanto eu vou improvisando os subterfúgios, ao mesmo tempo que me esforço e tomo cuidado com o trânsito para não colidir com ninguém ou atrair a atenção das forças da lei. Mas dificilmente poderei explicar a eles, se me pararem, que

estou carregando uma garota sequestrada; e há outras razões, como o inconfundível ar policial dos sujeitos que acabei de ver, para que não seja esse o encontro que eu mais gostaria de ter neste momento.

— Veja, Vera... Preciso que você entenda uma coisa.

O que eu digo, ou como digo, tem o efeito de irritá-la.

— Pois me ensine — ela me convida. — Estou ansiosa por isso.

Ela levanta o queixo. Voltamos aos termos do início.

— Aquele homem com quem você se envolveu...

— Ele tem nome, e você provavelmente o conhece.

— Conheço, mas não tenho vontade de pronunciá-lo.

Pressionado por minhas próprias preocupações e pelo sarcasmo que permeia suas palavras, estou prestes a passar no sinal vermelho diante de um policial. Piso no freio subitamente e Vera se inclina para a frente como um boneco. Por sorte, estava usando o cinto de segurança. Ela olha para mim com uma expressão de reprovação, mas não me recrimina por minha falta de jeito.

— De qualquer forma, o que eu queria dizer era... — continuo. — Além dessa atividade para a qual ele te empurrou, que não é exatamente um trabalho...

— Ninguém me empurra para algo que eu não queira fazer.

— Não foi isso o que você falou para o seu pai, ele me disse.

Menciono isso para abalar o moral dela, mas ela nem se mexe.

— Se você conhece meu pai, saberá que não deve acreditar em tudo o que ele diz.

— Tudo bem. A questão é que...

— A propósito, também não estou muito inclinada a acreditar em você.

— Estou contando com isso. O fato é que esse homem também não tem um perfil normal, nem se relaciona com pessoas comuns. Não sei se em algum momento ele chegou a lhe contar algo sobre si mesmo.

— Algo como o quê?

— Como que ele faz para ganhar a vida.

— Ele tem negócios.

— Todo mundo tem negócios. A questão é o que e com quem.

— Eu não sou intrometida. Também não sou a esposa dele. Temos um rolo e ponto.

— Você mora em um apartamento com uma caixa de correio no nome dele.

— É mais confortável para nós dois.

— Ele alguma vez te disse que esteve na polícia?

— Ele me disse que tem amigos lá, sim.

— E inimigos. Ele te contou que foi expulso?

— Isso é o que você diz. Ele me disse que saiu porque ganhava pouco.

— Saiu porque ganhava algo mais do que o salário.

— Beleza, e o que isso importa agora?

— Seu namorado, ou seu rolo, ou o que quer que ele seja, anda com gente obscura.

— Gente igual a você?

Pela primeira vez, me dou o prazer de surpreendê-la.

— Gente como eu. Se eu não fosse amigo do seu pai, se ele não tivesse me pedido para cuidar de você, eu não recomendaria que você respirasse o mesmo ar que eu por mais de dois segundos. E as pessoas com quem seu amigo lida são iguais, mas ninguém pediu para eles que te protejam de nada.

Ela ri.

— Então você é tipo meu anjo exterminador.

— Algo assim, mas sem matar ninguém. Não me peça isso.

— E posso te pedir desejos, como o gênio da lâmpada?

— Vera...

Ela agora levanta a voz.

— Posso te pedir que me leve para onde moro e desapareça da minha vida e me deixe continuar cuidando de mim mesma como até agora fazia?

Respiro fundo. Não posso continuar atormentando a garota. Há nela também algo que é perturbador para mim. Fisicamente, ela se parece muito mais com a mãe do que com o pai: é como ela, magra e esguia, e não forte e robusta como ele. Mas há algo em sua voz e em seu olhar, também na arquitetura firme de seus ombros, que me lembra Marreta, uma mistura de nitidez e contundência que nunca conheci

em mais ninguém, e que nela emerge com a naturalidade de quem carrega a coisa no sangue.

— Essa é a questão, Vera. Já não posso mais fazer isso.

— Por quê?

— Porque você não vai mais conseguir se cuidar, se é que você se cuidou até hoje, algo que pode ser discutido, mas não vou entrar em detalhes. As circunstâncias mudaram. Você não está mais segura lá.

Pela primeira vez, ela não me responde de cara. Fica pensativa, olhando para a frente. A chuva começa a bater no para-brisa. O tempo ficou nublado durante todo o dia. A Cidade retorna assim ao seu ser.

— O que você viu?

— O que eu vi quando?

— Na rua da minha mãe. O que te fez voltar atrás?

Ela é observadora, eu sei disso, mas também sabe ligar os pontos. O que não sei é se a pergunta busca descobrir ou me testar. Se não só notou que algo disparou meus alarmes, mas também notou a presença do carro e dos dois homens do lado de fora da casa de sua mãe.

— Não foi só na rua da sua mãe.

Eu a surpreendo de novo. Ela não esperava minha sinceridade, mas também não esperava que houvesse mais sinais que ela não havia notado.

— O que você está falando? — pergunta.

— Ok, vou te dizer. Suponho que você tenha o direito e, além disso, não vai se resignar a não saber. Sinto muito se

isso te incomoda, suponho que sim, mas vejo que nisso você é exatamente como seu pai.

— Isso me incomoda, sim. Não mencione se não for essencial.

— Na frente da casa da sua mãe tinha um carro com dois homens. E quando estávamos saindo do seu apartamento, quer dizer, do apartamento daquele homem, onde você morava, chegou outro carro com dois caras e um deles saiu às pressas. Não cruzamos com ele por milagre. E eu sei que você não tem nenhum motivo para acreditar em mim, ou mesmo que tenha motivos para duvidar de qualquer coisa que eu disser, mas felizmente, para mim e também para você, nós evitamos isso.

Vera tenta assimilar o que acabo de lhe contar. Não consegue.

— Quem são aqueles homens?

— Boa pergunta. Pela minha experiência, posso estar errado, mas não é muito provável, eram todos policiais, o que não quer dizer, antes que você tire conclusões precipitadas, que defendam a lei nem que estivessem lá para te ajudar. Acho que era exatamente o contrário.

— Por quê? E se foi ele que pediu para que eles me protegessem?

— Que o aviso partiu dele, ou de alguém que ele alertou assim que pôde, isso está claro — concedi. — Que eles iriam te proteger, nem tanto. Pense um pouco. De que proteção

você precisaria diante de sua própria mãe? Você já saiu da casa dela uma vez, pode sair de novo sempre que quiser.

— E por que eles iriam querer fazer alguma coisa comigo? Quem sou eu?

Sem se dar conta, ela acaba de fazer a grande pergunta, que eu percebo que não devo responder levianamente. Quem é Vera, além de uma menina que brigou com os pais, linda, sensual e cheia de raiva e coragem, que faz o pior que pode fazer com tudo isso até cair nas mãos de um homem malandro como Abutre. Um caçador alerta para se aproveitar dela a seu bel-prazer, certamente com vistas a algo maior: convidá-la, quando o feitiço for quebrado, à novidade e ao brilho do dinheiro fácil e rápido, a se juntar à sua granja de amazonas caídas e domesticadas, mesmo que seja ao preço de desfazer a mentira do romance, ou do rolo, ou seja como for que a relação entre os dois tenha sido classificada quando estavam juntos. Quem é esta menina, além de mais uma pequena cerva perdida no meio da floresta, atordoada e à mercê dos lobos? A filha do Marreta. Do meu amigo.

— Ainda não posso te responder — confesso. — Talvez você tenha mais e melhores informações para responder à própria pergunta.

— Do que você está falando?

— O que você sabe da vida desse homem? O que ele te falou? O que você o viu fazer, com quem você o viu se relacionar?

— Eu?

Por um momento, ela parece completamente perdida, e o brilho perplexo em seus olhos contrasta como nunca com a serpente que ela tem tatuada no pescoço. As tatuagens não são algo que me atraia de uma forma especial, nem nos outros nem muito menos para estragar com elas uma pele que, como a minha, já apresenta algum vestígio da passagem do tempo, mas tenho que admitir que o trabalho, que com certeza não saiu barato, é primoroso e cheio de estilo. A boca do réptil está aberta e suas presas se destacam nitidamente na tez clara de Vera.

— Você não precisa me responder agora — digo a ela. — Mas é melhor que você se lembre, e se você se lembrar de algo, me diga, porque isso me ajudará a saber melhor o que devo fazer. O que é urgente agora é sair de circulação e encontrar um lugar onde você esteja segura. Primeiro, eu gostaria de parar em um telefone público e ligar para a sua mãe.

— Para a minha mãe?

— Sim, sua mãe. Eles podem ter grampeado o telefone, mas tomarei cuidado para que a ligação não a comprometa nem nos comprometa. Quero saber se ela está bem. E, de passagem, se ela sabe como está seu pai.

Desta vez ela não reage. Consegui semear a dúvida nela.

24 FANTASMAS

As coisas que caem por seu próprio peso têm a virtude de empurrar os humanos ao comportamento, raro neles, de concertar suas vontades sem a necessidade de forçá-las. Quase não precisávamos pensar sobre isso, e quase não parávamos para discutir o assunto entre nós. Nós quatro, cada um saberia por que, concordamos em fazer parte daquela unidade fantasma. Aranha e Um, desde suas respectivas posições, tinham conseguido nos dar sorte, mas cada um teve depois que abraçá-la por seus próprios desejos e suas próprias motivações. Lembro que pensei que não tinha pulado todas as barreiras anteriores para fraquejar na última. Que eu não tinha o direito de me privar de algo quando minha família já tinha perdido tudo. Quem era eu para me salvar se aqueles a quem eu mais amava não tinham conseguido escapar daquele fogo. Foi a imagem que me veio à mente enquanto olhava para o céu de uma noite que teria uma lua lá no alto se as nuvens, como era normal ali, não a tivessem escondido atrás de uma capa cinza suja e escura: a de uma chama que tinha consumido meus parentes e me exigia correr o risco de me consumir também se esse era o preço para extingui-la.

Uma vez que nós quatro demos a eles o nosso sim, Um e Aranha nos reuniram novamente. Eles tiveram essa delicadeza, a de não nos pedir uma resposta na frente dos outros, mas esperar para nos unir até que cada um, por si só, lhes expressasse sua vontade de seguir em frente.

Foi Um que se encarregou de nos agradecer.

— O que vocês decidiram é algo que os encherá de orgulho, assim como nos enche de orgulho liderar vocês. Vocês vão entregar além do que lhes é exigido, sem esperar recompensa, e nada eleva um homem como isso. Tudo que posso dizer é que estaremos do lado de vocês, aconteça o que acontecer. E que a Companhia lhes dará todo o suporte de que vocês precisam, dentro das condições que eu lhes expliquei no outro dia. Vocês estarão sozinhos, mas nunca os deixaremos indefesos. Vocês têm a minha palavra.

Agora que me lembro daquele discurso como se tivesse acabado de ouvi-lo, me custa pensar que Um empenhou sua palavra em vão, ou pelo menos que o fez conscientemente. Quero acreditar, inclusive acredito, porque a diferença já não me importa, que ele acreditava no que dizia e, portanto, que seu compromisso foi sincero, como o foram as suas advertências e ressalvas. Nada disso me impede de evocar o que ele nos disse como a mais enorme e destrutiva das mentiras que engoli em minha vida. Seria assim do começo ao fim. Iam nos deixar indefesos, não iam nos dar todo o apoio que deveríamos ter recebido, o que faríamos não ia nos exaltar e muito menos nos encher de orgulho. Nossa

decepção também não teve nada de especial. Em geral, os homens empreendem o caminho de sua perdição sob os auspícios mais favoráveis, convencidos de fazer a coisa certa e cantando a plenos pulmões enquanto o sol brilha no alto. Ali faltava o sol, mas quem nos guiou garantiu que teríamos todo o resto.

Depois daquele discurso, Um desapareceu e ficamos sozinhos com Aranha. De vez em quando vinha à casa uma mulher para cuidar da limpeza e das provisões, mas fora ela, que segundo nos disse o nosso superior não sabia o que fazíamos, embora fosse contratada pela Companhia e fosse de confiança, não tínhamos contato com mais ninguém. Dedicamos as primeiras semanas para nos familiarizar com a língua e a geografia da região por onde íamos nos mover.

Quanto ao idioma, nós quatro o entendíamos, mas apenas Prego era capaz de falar sem que seu sotaque fosse perceptível. Aranha nos disse que isso não era um problema, em geral, já que o transporte através da fronteira era constante e havia muitos residentes e trabalhadores transfronteiriços, o que nos permitia construir facilmente disfarces que nos livrariam de qualquer suspeita. O problema viria se precisássemos fingir que éramos nativos dali, mas, como o próprio Aranha costumava dizer, se um dia chegássemos à margem daquele rio, já veríamos como colocar a ponte para atravessá-lo.

Quanto à região onde iríamos atuar, era extensa e nela havia algumas cidades de bom tamanho, além de inúmeras

vilas e algumas dezenas de cidades de médio porte. Esperava-se que soubéssemos de cor toda a rede viária, incluindo estradas secundárias e de terra, bem como o traçado interior das maiores cidades. Se algo desse errado ou nos víssemos comprometidos, tínhamos que ser capazes de improvisar rapidamente uma rota de fuga para voltar ilesos à base. Nós estudamos no mapa e depois fomos às ruas, cruzando a fronteira mais de uma vez como turistas. Então voltávamos aos mapas para memorizá-los.

Para ter maior garantia de sucesso, forneceram a cada um de nós vários conjuntos de identidades fictícias com a respectiva documentação. Pareciam documentos oficiais, não falsificados: Aranha apenas nos disse que poderíamos usá-los com total tranquilidade e que não nos causariam problemas com nossas próprias autoridades. E assim foi. Eles também nos deram vários conjuntos de placas falsas para os carros, de ambos os países. Eles nos aconselharam que as estrangeiras só deveriam ser usadas para passar despercebidos em locais especialmente expostos e durante o menor tempo possível. Qualquer um de nós quatro poderia entender o porquê: eram placas clonadas de carros reais, por isso se alguma autoridade do país vizinho nos parasse e as verificasse, eles poderiam nos causar complicações. Quando ouvimos essas advertências, percebemos a mudança radical que estávamos enfrentando em nosso trabalho. Até então, quando esbarrávamos com um policial no meio de uma operação, não passava de um leve contratempo, que na pior

das hipóteses Aranha esclareceria com um telefonema. Cruzar a fronteira poderia não apenas atrapalhar o que quer que estivéssemos fazendo naquele momento, mas também colocar em risco toda a unidade.

Antes de passar para as operações, eles nos dividiram em duas duplas. Aranha não hesitou ao montá-las: Prego teve que atuar com Cortiça, e eu com Marreta. A lógica das duas combinações não me passou despercebida. Prego tinha uma mente ágil e imaginativa, além de precisa, para a qual o caráter mais sólido e hermético de Cortiça era um bom contrapeso. Quanto a mim, ele deve ter julgado que me convinha apoiar minhas capacidades, poderia se dizer também cobrir minhas deficiências, na armadura extra que Marreta fornecia. Nem num caso nem no outro ele estava errado, pelo menos em princípio, porque nós quatro aceitamos a decisão com naturalidade e quando começamos a agir vimos que não só nos complementávamos do ponto de vista operacional como também nos dávamos bem. Talvez mais Marreta e eu do que os outros dois, porque tínhamos a vantagem de sermos mais diferentes. Não se parecer muito com o outro é sempre benéfico para a convivência.

Nossas primeiras missões do outro lado da fronteira nos serviram de contato, treinamento e aperfeiçoamento de técnicas operacionais. Obedeciam sempre à mesma sequência: Aranha se reunia com a dupla encarregada da tarefa e dava informações sobre um possível alvo e a área por onde se movia. Com base no que nos era transmitido naquela

reunião prévia, cruzávamos a fronteira, diariamente ou, sempre que encontrávamos um disfarce adequado, por vários dias. Neste último caso, ficávamos hospedados do outro lado da maneira mais conveniente, mudando frequentemente de hotel ou alugando um chalé ou apartamento sob uma de nossas identidades falsas. Quando encontrávamos um alvo, o seguíamos com cautela, sempre priorizando não sermos descobertos, por isso que em caso de dúvida abortávamos a perseguição sem hesitar. Na maioria dos casos não era muito difícil encontrá-los ou recuperar seu rastro quando por qualquer motivo os perdíamos, o que provava a qualidade da informação que nos era prestada, mas sobretudo as poucas precauções que nossos adversários tomavam ao mover-se por um território em que se sentiam a salvo de nossa ação.

Aquela foi a primeira vez que me foi permitido saborear o doce sabor da mais definitiva assimetria: aquela que existe entre o homem que está vivo e alerta e o que está surdo e cego à ameaça que espreita em torno de sua casa. Em nenhuma dessas primeiras missões tivemos algum problema, nem com aqueles que perseguíamos nem com as autoridades para as quais tínhamos que ser igualmente invisíveis. No que diz respeito a Marreta e eu, nos demos perfeitamente bem, tanto quando agíamos juntos quanto quando nos dividíamos e executávamos a tarefa em duas frentes. Nós dois éramos bons em nos camuflar, e nossa fisionomia e cor de pele, tão diferentes, facilitavam nosso revezamento para ir atrás de quem nos apontavam como

alvo. Às vezes, nos esquecíamos do perigo de desfrutar do jogo, enquanto descobríamos as paisagens muitas vezes belas daquele país que, estando tão perto de onde tínhamos a nossa base, era um outro mundo, com suas regras e seus costumes que nos eram estranhos. E nem uma só vez, depois de horas e horas sendo a sombra daquelas pessoas, nos vimos em apuros. Mas aquela nossa eficácia tinha uma armadilha.

Aranha nos revelou depois que as duas duplas fizeram meia dúzia de vigilâncias e rastreamentos e lhe entregamos os relatórios correspondentes. Na Companhia nada foi deixado ao acaso, e entre seus membros ninguém estava menos disposto a manobrar precariamente do que Aranha. Aqueles que nos atribuíram eram alvos de segunda ou terceira classe, membros da organização sem muitas responsabilidades nem atribuições superiores, e por isso mesmo eram fáceis de identificar para eles e de serem seguidos para nós. Não eram os indivíduos que tínhamos que localizar, controlar e colocar ao alcance daqueles que iam cuidar das ações cirúrgicas. Eles simplesmente foram usados como iscas para nos testar mais uma vez.

— Eu já disse para vocês no começo — ele nos lembrou. — Não estamos aqui para cortar os tentáculos da besta para que ela possa se regenerar. Nosso alvo é a cabeça, seus centros nervosos, a parte que lhe permite atacar e existir.

Cortiça levantou a mão e sem esperar permissão perguntou:

— E por que estamos nos ocupando desses, então?

— Para ter certeza de que vocês poderão ir atrás dos verdadeiros. Que vocês são tão invisíveis, furtivos e determinados como precisam ser.

— Você não confia na gente? — Marreta interveio.

— Não queríamos colocar vocês em risco sem ter certeza de que iam poder lidar com isso. Por vocês, mas também pela operação.

— Isso significa que vocês têm certeza agora? — disse Cravo.

— Na medida do possível. Convoquei vocês para lhes dar os parabéns, em meu nome e no do Um, e para lhes dizer que a operação está entrando em uma nova fase, que trará algumas mudanças significativas.

Ele disse aquilo e se calou para ver a nossa reação.

— Quais mudanças? — perguntei.

— Isso será o Um em pessoa que vai falar para vocês.

O chefe veio nos ver no dia seguinte. Ele nos confirmou o que Aranha nos disse, também nos parabenizou pelo bom desempenho naquela primeira fase e finalmente foi direto ao assunto.

— Agora vem a parte difícil. Vamos começar a passar à ação, o que significa que eles vão reagir e tomar precauções. E que eles farão de tudo para neutralizar o ataque. Em outras palavras: para neutralizar vocês.

Ele ponderou o efeito que essa última frase teve sobre nós. E acrescentou:

— Isso vai exigir um esforço maior de dois de vocês. Não vão operar daqui, mas de lá, permanentemente infiltrados, então qualquer descuido irá expor vocês a represálias.

A pergunta que rondava as quatro cabeças era a mesma. Ninguém, porém, ousou fazê-la. Foi Aranha quem se adiantou para respondê-la.

— Marreta e Pua. Vocês dois terão a honra.

Mais uma vez, tínhamos sido avaliados, neste caso comparados, sem saber disso. Preferi evitar olhar para os perdedores.

25 CONFIANÇA

A primeira regra para fazer algo arriscado é se livrar do medo de dar errado. A primeira para enganar alguém é inventar algo que possa enganar a si mesmo. Lembro-me de ambas enquanto digito o número da mãe de Vera, olhando com um olho para o pedaço de papel em que o tenho anotado e com o outro para a própria Vera, sentada no banco do passageiro. Estacionei o carro ao lado do telefone público, ou seria mais preciso dizer que procurei um próximo ao qual pudesse estacioná-lo. Não me parece que a ideia de fugir esteja passando pela sua cabeça agora, mas é um risco com o qual não devo deixar de contar.

Espero cinco toques. Justo quando começo a temer que ela não esteja em casa, ouço um clique e, em seguida, uma voz de mulher.

— Sim?

Eu não me lembrava da sua voz. Soa muito parecida com a da sua filha, com aquela borra de gravidade que vem com os anos, com as decepções, ou ambos. Penso que agora tenho que ser convincente. Para enganar aqueles que podem estar nos ouvindo, tenho que ser capaz de despistá-la primeiro.

— Eva? — pergunto.

— Sim, sou eu.

— Estou ligando da companhia de seguros do seu marido.

— Você quer dizer meu ex-marido.

— Sim, isso, desculpe-me — corrijo. — Ele nos indicou isso em sua declaração.

— E por que você está me ligando?

— Por causa do seguro de vida que você tem conosco. Estou confirmando os dados dos beneficiários. Pelo que consta aqui, na declaração, seu endereço é também o da sua filha, Vera, não é?

— Seguro de vida, você diz? E como vocês sabem? Se faz só... — Sua voz falha de repente. — Se faz só algumas horas que...

Ela deixa a frase pela metade: não consegue continuar. Tenho apenas uma fração de segundo para interpretar o que acabou de me dizer e o que significa o que ela não disse. Absorvo a pancada na hora. A partir daí, mais uma fração de segundo, não mais, é o que posso dedicar a assimilar que meu amigo já não existe mais. Não tenho tempo a perder, enfim, para construir a mentira ou reforçar sua credibilidade. Vou inventando enquanto falo:

— Seu ex-marido estava ciente da iminência do desenlace. Por isso ele nos avisou há alguns dias e estamos em contato com o hospital.

— Ah — ela murmura, e a forma como o faz me deixa aliviado: pelo menos consegui convencê-la. — O fato é que não tínhamos muita relação. Já falei para o pessoal do

hospital, prefiro que liguem para a família dele para que cuidem do enterro.

— Não se trata de plano funerário — eu esclareço. — Olha, de qualquer forma, se estiver tudo bem para você, vou lhe dar alguns dias e ligo de volta. Percebo que neste momento você está abalada.

— Agradeço, de verdade.

— Em todo caso, você pode confirmar que esse é o endereço da sua filha? Para correspondência, e também o telefone, caso seja necessário...

— É sim. Embora agora não seja.

E não continua. Ela não tem vontade de contar a um estranho, ou não enquanto possa adiá-lo, que sua filha já não mora mais com ela e seu paradeiro é desconhecido. Também não lhe pergunto. Em todo caso, a ligação me serve para o que eu queria: ter certeza de que ninguém a incomodou, de que os dois homens estão vigiando a casa dela, mas não têm ordem de a invadir à procura de Vera. Aliás, me permitiu descobrir que existe uma pessoa a quem já não poderei mais recorrer para tentar entender o que está acontecendo. Também não vou poder nem ter que lhe prestar contas de uma ordem que no momento estou muito longe de cumprir.

— Tudo bem — digo a Eva. — Meus sentimentos.

— Obrigada. Tchau.

E desliga na minha cara sem nem me dar tempo sequer de me despedir. Levo alguns segundos para afastar o telefone do ouvido e colocá-lo de volta no suporte. Enquanto reflito,

observo a menina, que não tira os olhos de mim. Eu me pergunto se devo lhe contar ou não o que acabo de saber. Por um lado, ela tem direito, talvez mais do que ninguém. Por outro lado, esconder isso dela me obriga a agir com cuidado para que não adivinhe, e é possível que ela não goste se descobrir que eu sabia e preferi não lhe contar. Desligo, enfim, e começo a andar em direção ao carro, sem tirar os olhos dela.

Quando me sento ao volante, ela me pergunta:

— Como ela está? Bem?

— Sim, acho que sim — respondo.

— Você realmente temia que eles fizessem algo com ela?

— Sei que eles não se importariam de fazer alguma coisa, mas eu estava com receio de que entrassem na casa por algum motivo. Pelo que parece, estão só vigiando a rua, caso você apareça. Talvez alguém tenha interpretado que você tem algo a ver com o que aconteceu com o dono do seu apartamento. E ao não te encontrar nele, temo que suas suspeitas tenham se intensificado.

Então, Vera me olha com hostilidade. Eu tenho que enfrentar isso.

— Eu te diria que sinto muito se você não acredita que, aconteça o que acontecer e pense o que pensar, é melhor que não esteja lá com aquele sujeito. Mas entendo que você enxergue de forma diferente e que tem direito de ficar com raiva; por enquanto, só compliquei sua vida e não consegui te livrar de nada.

— Pelo menos você é capaz de fazer autocrítica — ela zombou.

— Acima de tudo, sou capaz disso. E tem outra coisa, Vera.

— Vejo que você só tem boas notícias para mim.

— Eu gostaria que fosse diferente, mas sinto que é meu dever lhe dizer isso. Conversando com sua mãe, me inteirei de algo que diz respeito diretamente a você. E sim, são más notícias.

Ela dá de ombros.

— Vá em frente. Você já tem prática.

— Seu pai acabou de morrer.

A revelação congela seu rosto. Não posso dizer exatamente que isso a afeta. Seu olho não se enche de água, seus traços não se alteram, ela não emite o menor som. Só fica assim, me encarando com a mesma expressão que tinha quando a notícia saiu dos meus lábios. Por fim, ela olha para a frente e com voz fria e inexpressiva diz:

— Bem. Tinha que acontecer.

— Sinto muito. Ele era um bom amigo.

— Você não vai me dizer que ele também era um grande homem?

Agora seu semblante se enraivece. Conheço o sentimento que a anima. Vi no pai dela, vi em outras pessoas, já o carreguei dentro de mim e com certeza nunca me livrei disso completamente, porque aqueles que em algum momento da vida dão guarida à ira em seu coração ficam marcados para

sempre. Acho que o estranho seria que uma filha da raiva soubesse como manter-se à margem de sua influência.

— Não, não vou dizer que ele foi um grande homem — admito. — Mas ele não era um homem pequeno. Nem desprezível. Algum dia você vai entender.

Meu presságio a atinge como um tiro. E ela não esconde isso de mim.

— Se você acha que pode ver o futuro, melhor jogar na loteria.

— Não consigo ver o futuro e nem tenho sorte, então é melhor eu poupar o esbanjamento. Só estou tentando te dizer que o tempo resolve e esclarece as coisas. E que com essa perspectiva você aprenda a tirar o melhor de quase tudo.

Ela fica quieta. A partir desse silêncio e da maneira como o sustenta, sinto que acabei de causar nela um impacto maior do que ela gostaria de admitir. Não sei desde quando arrasta a inimizade com seu pai. Se a rejeição começou na infância, foi a resposta da adolescente às ausências sofridas pela menina ou o primeiro ato de afirmação da mulher, quando ela a sentiu dentro de si. Aposto que as três coisas se somam e se reviram nela. Marreta não era o homem mais atencioso nem o mais razoável que já conheci. Também não era o mais compassivo nem o mais delicado. Mas que ele amava a filha e que, na medida em que a vida e seu caráter permitiram, tentou restaurar o vínculo, não tenho dúvidas. Um dia, espero, ela se dará conta e fará com ele e com sua memória o que todos devemos fazer, mais cedo ou mais tarde, com as

coisas ruins e aceitáveis que fomos ou tivemos que sofrer: tentar viver em paz com elas. Despojá-las do poder de nos devorar por dentro.

Eu arranco e entro no trânsito. Após a conversa com a mãe de Vera, as decisões rapidamente se firmaram em minha mente. Como se lesse meus pensamentos, Vera escolhe aquele momento para perguntar:

— E então, você já sabe o que vai fazer? Quero dizer, além de me dar seus sermões e suas lições obsoletas sobre a vida.

Eu não lhe respondo na hora. Menos ainda me ofendo com sua provocação.

— Já sei para onde vamos primeiro — digo.

— Ah, é? Estou louca para descobrir.

— Vou te levar para um hotel. Fica em um local isolado e ao mesmo tempo perto o suficiente para tomar algumas providências de lá.

— Que providências?

— Tenho que verificar algo. E fazer uma ligação.

Minhas palavras a deixam pensativa. Eu a espio com o canto do olho e vejo seu olhar concentrado, as rugas que se formam em sua testa. Por um segundo, parece-me que está pensando se deve me dizer alguma coisa. Talvez, me ocorre, ela saiba mais sobre as atividades de Abutre do que quis admitir antes. No entanto, ela acaba respondendo de outra maneira:

— E não seria mais fácil, sei lá, ir à polícia?

Viro meu rosto para ela.

— Se você pensar um pouco, isso é a última coisa que posso fazer.

Talvez eu tenha soado muito mordaz. Vera se remexe:

— Olha aqui, eu não sou burra. Não esqueci o que você me disse antes. Quero dizer encontrar um policial honesto. Deve ter algum, certo?

Eu tento lhe explicar sem deixá-la com raiva.

— Essa não é a questão. Até que eu esclareça o que está acontecendo, não posso deixar que ninguém, por mais honesto que seja, saiba onde você está. Às vezes, para não dizer com muita frequência, são as pessoas sem maldade que facilitam a quem quer fazer mal a outro as informações de que precisam para poder fazê-lo.

— Não sei se acredito, anjo exterminador.

— E no que você acredita, então?

— Que a polícia tem algo contra você, por isso você a evita. Não seria estranho, se sequestrar pessoas ou tirar fotos nojentas delas fosse o seu cotidiano.

Não posso deixar que ela siga por aí. Eu a encaro novamente.

— Eu te garanto que a polícia não sabe que eu existo. E minha intenção é manter as coisas assim. Se isso mudar, vai me custar muito mais proteger você.

— E não foi você quem me colocou em perigo?

Tenho que fazer um esforço para abafar em meu interior a dúvida que, com todo o ar inocente e seu sorriso mais doce, ela acaba de formular. Não tenho escolha: não posso sair de

cena. Não até que eu tenha uma noção mais precisa de onde meti a mim e a ela por tentar cumprir a missão de seu falecido pai. E, acima de tudo, não posso deixá-la subestimar a ameaça que, além de mim, está sobre ela.

— Peço sua confiança — digo a ela. — Preciso de um dia, pelo menos.

— Para quê?

— Para investigar algumas coisas. Para te convencer de que não pode simplesmente voltar para aquele apartamento e muito menos para aquele homem. Não posso te levar para a casa da sua mãe e não quero te prender à força.

Eu preciso ganhá-la. Se não conseguir, tudo será mais difícil para mim.

— Vera, confie em mim — insisto.

— Por quê? Tudo o que sei sobre você é que você diz que meu pai te enviou e que você me arrastou para cá de uma forma ruim.

— Você sabe de outra coisa. O que deveria fazer você refletir um pouco.

— Não faço ideia. Vai lá, me surpreenda.

— Olha bem para mim. Ao contrário dos outros, começando pelo seu amigo, eu não tirei nem espero tirar nada de você. Nem antes, nem agora, nem nunca.

Ela me olha. Consigo fazê-la sentir que é verdade. E isso dói.

26 CAMARADAS

Às vezes penso que uma das razões pelas quais nunca consegui terminar de me tornar uma pessoa normal é que a primeira casa em que morei sozinho, a primeira que pude considerar minha casa e de mais ninguém, foi um apartamento alugado em uma cidade estrangeira, usando um nome falso e um dinheiro que não era meu. Pelo menos eu pude escolhê-la. A única coisa que Aranha nos disse, a mim e ao Marreta, foi o bairro onde deveríamos nos instalar e os requisitos que nossas respectivas casas deveriam cumprir: não estar muito longe uma da outra nem muito perto uma da outra, estar localizada em prédios com vizinhos suficientes para não chamar muita atenção e não ser nem muito cara nem muito barata. Para convencer os inquilinos de que, mesmo sendo estrangeiros, eles podiam confiar no pagamento religioso do aluguel, recebemos um disfarce completo como trabalhadores qualificados de uma empresa especializada em estudos geológicos que ia fazer umas prospecções na região. Com contrato, contracheques e demais papéis necessários para neutralizar qualquer tipo de suspeita.

Assim nos instalamos em nossos respectivos apartamentos, de onde saíamos logo pela manhã, com

calçados resistentes e calças cargo, supostamente para realizar aquela atividade. Alguns dias nós nos reuníamos e saíamos juntos e outros dias agíamos separadamente. Se a área de atuação era a própria cidade, levávamos mudas de roupa no carro para trocar e adotar uma aparência que fosse menos chamativa no ambiente urbano. Se tivéssemos que nos deslocar pela região e por áreas rurais, tanto a roupa quanto o disfarce nos ajudavam a não levantar suspeitas. À tarde, quando o dia terminava, cada um de nós se retirava para seu apartamento, não sem antes compartilhar as descobertas do dia. Algumas vezes por semana saíamos para beber juntos nos bares próximos, onde também estávamos atentos para obter qualquer informação que pudesse surgir em nosso caminho. Quinzenalmente cruzávamos a fronteira e passávamos o fim de semana na base. Entregávamos nossos relatórios, recebíamos instruções e aproveitávamos para nos alinhar com a outra equipe, aquela que ia e vinha.

Embora nos conhecêssemos há anos, foi então quando Marreta e eu nos tornamos verdadeiros camaradas. Graças àquelas saídas noturnas, às incursões diárias e à nossa vida à margem da base, avaliamos um ao outro e, como nossos chefes tinham previsto corretamente, descobrimos que nos encaixávamos. Às vezes, Marreta me lembrava Álex, meu amigo de infância: como ele, não falava muito nem hesitava diante de qualquer perigo. Ele tinha uma cabeça melhor, também mais nuances, e era um pouco menos impulsivo, mas no fundo ainda era o aríete e o aventureiro da dupla,

como Álex tinha sido da que formamos. Por outro lado, e nisso era igualmente semelhante a Álex, dava-me toda a prioridade na hora de desempenhar as funções de planejador, ideólogo e analista.

— Não me considero um idiota — dizia —, mas todo mundo é como é, e o que você tem dentro dessa cachola eu não tenho. Eu sou mais duro e duvido menos quando algo dá errado, mas você tem ideias melhores.

— E isso, por acaso, te poupa do trabalho de pensar — eu zombei.

— O máximo possível — ele admitiu, sorrindo. — Pensar envelhece.

À medida que nos aproximávamos, descobri que ele não era apenas generoso e tinha senso de humor, duas virtudes que aliviavam muito a tarefa e a solidão que não parávamos de sentir naquelas circunstâncias. Ele também era rápido na hora de processar a informação e adaptar-se aos imprevistos e revelava em todas as situações uma serenidade e uma determinação que davam segurança para quem trabalhava com ele. Além disso, dos quatro ele era talvez o menos ambicioso e o que menos se deixava levar pela sempre inoportuna pretensão do orgulho. Se eu parasse para pensar sobre isso, só poderia concluir que tinha tido sorte com a minha dupla. Trabalhar tão de perto com Cortiça ou Prego teria sido muito mais problemático para mim, e me perguntei até que ponto atritos e desacordos não surgiriam naquela dupla.

Em todo caso, o dia a dia era bastante absorvente, e a missão bastante delicada, para que questões como essa ocupassem uma parcela muito pequena do meu tempo. Aranha, ao apontar-nos a área de atuação, tinha-nos explicado o contexto sem meias palavras:

— Vamos colocar vocês no pior lugar. Onde eles têm mais apoio e mais presença, além da convivência de muitos: desde a população até uma parte das autoridades locais. Nesse bairro existem ruas onde não se deve entrar sem a certeza de que há alguém vigilando e que a sua presença, assim como a de qualquer outro, não está sendo registrada. Se vocês passarem por elas, devem fazer um esforço para que eles não percebam que vocês estão espiando.

Quanto ao objetivo, ele não foi menos explícito.

— Temos boas razões para acreditar que o bairro é um dos santuários de onde a organização é dirigida. Trata-se de encontrar um dos membros da administração. Eu estou interessado em sua localização, permanente ou esporádica, bem como em sua rede de contatos, com quem mais cedo ou mais tarde vocês se encontrarão. Peões e gerentes de nível médio não nos interessam. Se vocês os seguirem, pensem que é para alcançar quem está mais acima.

Eles nos forneceram as melhores fotos disponíveis dos líderes registrados e identificados. Em alguns casos, isso significava a foto da primeira e última identidade oficial, que tinha sido feita dez ou quinze anos atrás. Sem contar com as

habilidades que tinham para se disfarçar, a referência não poderia ser mais precária nem insuficiente.

— Vocês vão ter que usar a imaginação — Aranha aconselhou. — E, acima de tudo, observar como ele se move, como ele olha para as coisas e como os outros o observam e se movem na frente dele. Um chefe é um chefe o tempo todo, especialmente entre nossos adversários. Se alguma coisa está clara para eles, é a hierarquia.

Fácil de falar, nem tanto de colocar em prática. Tínhamos informações precisas e completas sobre vários elementos subordinados, que inclusive tínhamos observado em algumas das missões anteriores, quando íamos e voltávamos da casa do outro lado da fronteira. Não foi difícil, portanto, procurar seu rastro e segui-lo por um tempo, que poderia ir de algumas horas até alguns dias se Marreta e eu déssemos um ao outro o alívio necessário para que o outro pudesse descansar. O complicado era manter a proximidade necessária quando entravam nas zonas mais quentes, ou segui-los com segurança em locais e outros lugares que lhes pudessem servir de ponto de encontro. Para dificultar que eles nos detectassem, muitas vezes mudávamos de aparência, mas mesmo esse recurso funcionava apenas dentro de certos limites, e se havia uma coisa de que tínhamos certeza era que nossa capacidade operacional, além de nossa própria integridade, dependia de conseguirmos passar despercebido a todo custo. Essa era, em todos os momentos e lugares, a prioridade absoluta.

O trabalho era exigente e as jornadas, longas; muitas vezes acabávamos exaustos e com a sensação de que estávamos arando o mar ou subindo ao cume de uma montanha uma rocha que rolava morro abaixo todas as noites só para termos que empurrá-la de novo na manhã seguinte. Além disso, tínhamos que acrescentar o fato de estar ali, isolados de nossos companheiros e entre pessoas estranhas, ouvindo o tempo todo uma língua que não era a nossa, embora cada vez a entendêssemos melhor e falássemos com menos sotaque. Uma pessoa é, em grande parte, a língua em que não só pensa e se expressa, mas também sonha e teme, inclusive o que as palavras não podem ou não querem conter nem transmitir por completo. Com o passar das semanas, dentro daquele ambiente e expostos às suas influências, Marreta e eu nos tornávamos outras pessoas, algo que não correspondia aos companheiros que continuavam dormindo com a fronteira no meio e menos ainda àqueles que viviam em nossos lugares de origem. Assim, ficamos com saudades do nosso eu anterior e criamos uma identidade diferente, que também partilhávamos. Dessa forma, não foi surpresa, mas sim a consequência inevitável, que a confiança fosse crescendo entre nós dois a ponto de acabar incorrendo naquilo que era quase um tabu na Companhia: falar de nós mesmos.

Fazíamos isso especialmente quando saíamos para beber alguma coisa. Embora nunca pudéssemos relaxar completamente, com algumas cervejas, em uma mesa ou no

balcão de um bar onde não tínhamos entrado à procura de ninguém, e protegidos pelo ruído de fundo que impedia que a pessoa errada nos ouvisse, acabávamos nos abrindo um para o outro. Assim, contamos um para o outro o que até então, ao longo dos vários processos de seleção que tínhamos compartilhado e dos anos de serviço, tínhamos preferido guardar para nós, como nos exigiam os nossos superiores. Ali, em meio ao perigo, éramos só ele e eu. Nossos chefes estavam longe, e também seguros, e isso nos convidava a quebrar algumas de suas restrições.

Contei a ele por que e como tinha tomado a decisão de me submeter aos testes da Companhia e até que ponto minha conta pendente com essas pessoas me dava força para fazer o que fosse necessário para combatê-las e erradicá-las. Ele, por sua vez, me confidenciou seus motivos. Lembro-me dele encostado naquele balcão, bebendo uma cerveja após a outra como se estivesse bebendo água. Nunca o vi bêbado, se é que ficou bêbado alguma vez.

— Não tenho um drama como o seu — disse-me numa daquelas noites. — Então acho que devo ser uma pessoa pior do que você.

— Não necessariamente — eu me opus.

— Estou falando sério — ele insistiu. — Na verdade, tudo isto estava longe de mim. Onde minha família mora, estes filhos da puta nunca rondaram. Era apenas algo que eu lia nos jornais. Mas desde criança, a forma como eles agiam me chamava a atenção. Aquela coisa de ser sempre traiçoeiro, de

nunca dar para a vítima a opção de fugir ou se defender. Os tiros pelas costas, as bombas sob os carros ou escondidas em uma van. E acima de tudo, usar crianças. Isso é o que mais me interessa. Que eles não têm apenas a coragem de fazer isso, mas acima de tudo de justificá-lo.

— Meu irmão não era uma criança — lembrei, porque eu sim ficava afetado depois da terceira cerveja. — Mas quase. Quando me lembro dele, penso nisso, que mal o deixaram se tornar um homem.

— É aqui que eu entro — ele disse. — Quem é responsável por decidir isso? Se eles usassem uma criança para alguma coisa, eu não conseguiria colocar um dedo em cima dela. Mesmo que ela soubesse o que mais precisávamos saber. Eu diria ao Aranha que ele mesmo cuidasse disso e aceitaria arcar com as consequências.

— Felizmente, eles não usam crianças. Ainda.

— Por detalhes como esses que comecei a prestar atenção neles — continuou. — E um dia pensei que quando existe gente assim tem que haver uma espécie de justiça divina que obrigue que haja a cruz na qual essa gente acabe crucificada, e que essa cruz só pode ser colocada por quem se sinta capaz de ser tão canalha como eles, para que sejam eles, e não os inocentes, os que sofram. Nem todo mundo é assim. Na realidade, quase ninguém é. É por isso que me senti, como dizer, desafiado. Porque sabia que eu valia.

— Vou te perguntar a mesma coisa que o Aranha me perguntou.

— Ele fez a mesma pergunta para mim, claro.

— Por que você não virou policial?

Marreta sorriu.

— Porque estudei direito na faculdade. Você não afrouxa a mordida de um lobo usando panos quentes. Você tem que quebrá-la. E não dá para fazer isso de um jeito limpo e correto. Você tem que ter alguma vantagem, como ele.

Mal tive tempo de avaliar sua metáfora, cujo significado, aliás, compartilhava naqueles dias com poucas nuances. Eu tinha acabado de ver alguém entrar no bar, e apesar do torpor do álcool reconheci instantaneamente suas feições. Baixando a voz, pedi ao meu companheiro:

— Não olhe agora. Melhor, nem olhe.

— Por quê?

— Você não vai acreditar. Ele está aqui. Em carne e osso.

— Quem?

— O Suíno.

Esse era o apelido que lhe tínhamos dado. Com o qual ele morreria.

27 BEN

Convém não subestimar os silêncios de quem é hábil com as palavras. No pouco tempo em que estou com ela, Vera me mostrou que tem uma língua rápida e impiedosa. Vê-la agora quieta, olhando pela janela do hotel onde estou hospedado há dias e para onde a trouxe por falta de um lugar melhor, me faz pensar. Ela parou de resistir e discutir comigo: parece ter aceitado que, pelo menos por enquanto, deve, se não confiar em mim, deixar-me agir, o que me dá a oportunidade de lhe provar que pretendo apenas garantir sua segurança contra aqueles que a procuram e que mantenho a palavra. Ela também parece ter entendido que talvez não seja uma boa ideia seguir com a vida como se nada tivesse acontecido, pelo menos enquanto ela tenta descobrir o que querem aqueles que a esperam do lado de fora da casa de sua mãe. E, no entanto, me pergunto em que estará pensando neste momento, com um olhar fixo no pôr do sol chuvoso que pode ser visto do outro lado da janela, e me preocupo por não ser capaz de adivinhar. Talvez ela esteja refletindo sobre o que sabe a respeito de Abutre e se perguntando se deveria compartilhar isso comigo. Talvez se lembre do pai morto e, apenas por um instante, seu ódio seja aliviado.

De qualquer forma, não consigo ficar parado. Pego o telefone no quarto e ligo para o número que a circunstância me exige.

— Sim? — Uma voz masculina responde do outro lado.

— Olá, parceiro, aqui é o Ben — eu lhe digo com minha voz mais jovial.

— Ben? Que Ben? — ele pergunta.

— Gaspar, não vem com essa, preciso falar mais alguma coisa?

— Você ligou para o número errado. Não tem nenhum Gaspar aqui.

— É? Não é o número...

E eu recito o número que acabei de ligar mudando um dígito.

— Não — ele me certifica. — Ligue de novo.

E desliga. Eu também desligo e fico olhando para o aparelho. Vera então se vira para mim. Ela tenta, mas não consegue se calar.

— Errou o número?

— Não — eu respondo. — Eles vão me ligar dentro de alguns minutos. Quando o telefone tocar, vou pedir que você vá ao banheiro, feche a porta e não tente ouvir a conversa. De qualquer forma, não vai adiantar de nada, porque vou falar tão baixo que você não vai entender uma palavra do que eu disser.

E não lhe explico mais nada. Se ela for inteligente, o que parece ser, talvez consiga entender por si mesma que o nome

que acabei de dar para a pessoa que atendeu o telefone, que também não se chama Gaspar, é um nome qualquer e poderia muito bem ter sido outro. Que a palavra-chave é “parceiro”, e que o código acordado inclui a simulação da confusão ao ligar para o número. O que significa, na verdade, que o que acabou de ouvir foi um pedido ao meu interlocutor para que me ligue no último número pelo qual me comuniquei com ele, ou seja, este mesmo número, e que o faça a partir de uma linha que ele acredite ser segura, como esta é para mim.

Seja ou não capaz de fazer todas estas deduções, o fato é que a garota se abstém de formular objeções. E quando dez minutos depois o telefone toca e eu aceno com a cabeça para ela, ela se afasta da cortina e atravessa humildemente o quarto até a porta do banheiro, onde entra e a fecha atrás de si. Então eu atendo a ligação.

— Obrigado por ser rápido — eu digo.

— Aconteceu alguma coisa? — uma voz inquieta me pergunta, a mesma que eu ouvi antes, mas de repente parece ser de outra pessoa.

— Acontece que acho que você me deu informações incompletas.

— Como assim?

— O ex-policial.

— Eu te contei o que está nos arquivos. Acreditei que a partir daquilo você ia se aprofundar. Você fez isso? O que aconteceu?

— Fiz. Eu o segui, estudei seus hábitos e seus contatos. Parecia não ter muito mais do que você me disse, um policial obscuro envolvido em negócios escusos e também em apuros, mas o que aconteceu é que de repente não me parece mais assim. Ele tem alavancas e as acionou bem rápido.

— Que alavancas?

— Seus antigos companheiros.

— Olha, eu me limitei a te passar uma informação. Posso saber o que você fez com ela? Quero saber se você me comprometeu...

— Não, a menos que você tenha deixado rastros. Por enquanto, eu também não os deixei, mas mexi em uma espécie de vespeiro.

— Fazendo o quê?

— Por enquanto, prefiro guardar isso para mim. Para minha segurança e de terceiros, mas também para a sua. Posso te pedir uma coisa?

— Não sei se devo continuar falando com você.

— Garanto que não vou te comprometer.

— Isso é fácil de dizer.

— Eu fiz isso alguma vez desde que nos conhecemos?

— Não, mas sempre tem uma primeira vez.

— Por favor. É importante.

— Será que é tão importante assim? Por que você simplesmente não sai do caminho, já que, como acabou de me dizer, não deixou nenhum rastro?

— Não posso. Existem terceiros, já te disse.

— Que terceiros? Talvez eu precisasse saber. Para ser útil para você.

— E talvez eu acabe te contando, mas não me peça que seja agora. O urgente é saber quem é realmente esse indivíduo.

— O que você quer de mim, exatamente?

— Que investigue mais a fundo. Que averigue o relacionamento que ele tem com seus ex-chefes. Que descubra por que ele os chama e eles lhes dão ouvido.

Eu o ouço bufando na linha.

— Ok, até aí eu posso chegar. Mas não me peça mais.

— Obrigado, tenho consciência de que não é sua obrigação.

— Não, não é. Ou é. Às vezes, nem sei mais o que é minha obrigação.

— Isso acontece com todos nós, neste mundo.

— Pelos velhos tempos. É por isso que eu te ajudo. Você sabe.

— E é por isso que não pretendo abusar — garanto a ele.

— Entregue o que estou te pedindo e eu te deixo em paz desta vez. E vou me arranjar com o que quer que seja.

— Você vai ter que se virar. Ou me contar mais.

— É justo. Estarei neste telefone, amanhã, às dez.

— Muito rápido, não prometo ter algo tão cedo. Se não tocar, tente estar disponível às doze. E não deixe ninguém mais atender.

— Combinado. E se não, eu volto a te procurar.

— Tchau, Ben.

— Tchau, Gaspar.

— Da próxima vez, vê se me dá um nome menos ridículo.

— Vou tentar.

— E tome cuidado com o que quer que você esteja se metendo.

Desligo com uma sensação estranha. Sei que querer deixá-lo de fora do que estou fazendo não passa de uma tentativa ilusória. Agora que ele sabe que estou com problemas, não vai se limitar a descobrir o que eu lhe pedi, mas vai tentar descobrir o que não estou lhe contando: que estou aqui porque Marreta me pediu e que minha viagem e minha manobra fracassada têm a ver com sua filha. E como sei que se trata de alguém a quem não lhe faltam recursos para concretizar o que se proponha, preparo-me mentalmente para amanhã ter uma conversa bem diferente. Não posso descartar que ele me intimida, será difícil para mim lhe dizer isso sem motivo; nem que ele faça algo para me dissuadir ou tentar dirigir meus passos. Por sorte, vou ter algumas horas para montar minha estratégia contra ele.

Só então a porta do banheiro se abre, e Vera mostra o rosto pela fresta.

— Posso sair? Já sei de cor todos os azulejos.

— Sim. Desculpe.

A porta se abre completamente e ela caminha até o meio do quarto.

— Vejo que me pede para confiar, mas você não confia em mim.

— Tem coisas que não posso confiar a ninguém.

— Então pelo menos me fala, deu tudo certo com a ligação?

— Sim. Embora não dará resultados imediatos.

— Você não vai me contar mais nada?

— É melhor para nós dois que eu não te conte mais nada.

Ela concorda silenciosamente. Sua inesperada docilidade me assusta.

— E o que vamos fazer agora?

De repente, percebo que a luz do dia já se foi quase por completo.

— Está com fome? — pergunto.

— Costumo jantar e está chegando a hora. Você não?

— Só se eu puder.

— É verdade, os mais velhos têm que se cuidar à noite.

Acho que não quis me ofender. Também não sou tão suscetível.

— É verdade — admito. — Mas você ainda está na idade de se alimentar.

— Então você vai me levar para jantar?

— Não. Vou pedir comida. Dê uma olhada no menu.

Eu lhe entrego o menu do serviço de quarto.

— E você?

— Vou beliscar alguma coisa por aí.

— Isso significa que sim, você vai sair — ela deduz.

— Não consigo resolver tudo por telefone. O que significa que eu confio em você. Vou fazer isso a ponto de deixar você

aqui sozinha.

— Trancada?

— Pelo contrário. Com a minha chave do quarto.

Ela não consegue impedir que suas sobrancelhas subam para o alto da testa.

— Sêrio?

— É o que você ouviu. Se quiser, você vai poder vasculhar minha mala e os armários à vontade, embora eu não tenha nada de interessante, apenas roupas e objetos de que um homem velho precisa para o seu dia a dia. Você também pode ir embora, se assim decidir, ainda que eu espere que não vá e tenha a gentileza de estar aqui quando eu voltar.

— E se eu for embora, você vai atrás de mim?

Há um olhar travesso em seu rosto quando ela faz a pergunta. Como se houvesse algo além da sugestão de que pudesse fugir. Como se o que ela realmente quisesse me dizer fosse o que espera que eu faça nesse caso.

— Não tenho alternativas.

— Talvez você não consiga me achar de novo.

— Talvez ninguém consiga te achar de novo.

— Isso soou um pouco sinistro — ela protesta.

— Já te disse. Não é comigo que você tem que tomar cuidado.

Algo passa por sua mente novamente, em silêncio. Ela me testa.

— Tenho que te prometer que não vou embora?

— Não, você não precisa me prometer nada. Espero que você fique aqui.

— E se você não voltar?

Eu pondero sua pergunta. É sempre uma possibilidade.

— Eu saberei evitar os perigos — asseguro-lhe —, por isso não tenha medo. Mas é verdade que sempre se pode sofrer um acidente. Se eu não estiver aqui amanhã ao meio-dia, fale com sua mãe. Encontre-a em um local público, o mais movimentado possível. Conte-lhe tudo e vocês vão a uma delegacia fazer uma denúncia. Para mim também, não esconda nada.

Ela me encara, como se quisesse me fazer sentir que está analisando o que acabei de lhe contar e que o que ela fará no final depende dessa análise.

— Ok, Ben, vá tranquilo — ela diz. — Não vou fugir.

— Esse não é o meu nome — eu lhe esclareço.

— Na ausência de outro... Ou você prefere que eu te chame de Fortalhão?

— Não, não prefiro.

— Foi o que eu pensei. Ah, outra coisa. Também não vou usar o telefone.

— Eu te agradeço, de verdade.

— Não tenha tanta pressa. Eu poderia mentir para você — ela brinca.

— Poderia. Tenho que apostar que não o fará.

É tudo o que posso lhe dizer. Que a minha sorte e a dela estão em suas mãos. E espero que ela entenda e não decida

afundar nós dois.

28 SUÍNO

Nada põe à prova o sangue-frio de um homem como encontrar o que ele está procurando há muito tempo e ter que manter distância, mesmo correndo o risco de perdê-lo e nunca mais o ver novamente. Foi o que aconteceu naquela noite com Suíno, o líder da organização contra a qual estávamos lutando, depois de encontrá-lo em um bar na cidade do outro lado da fronteira, onde estávamos morando havia três meses.

É claro que, enquanto ele estava dentro do bar, evitamos nos aproximar do grupo com o qual ele estava compartilhando cervejas, formado por dois homens e uma mulher que, como Aranha tinha nos avisado, nunca se esqueciam de quem estava no comando. Eles faziam piadas e um deles inclusive chegou a pegá-lo pelo braço amistosamente em algumas ocasiões; mas bastava notar a ligeira inclinação da cabeça que os três mantinham em sua presença, e que até forçavam um pouco mais cada vez que o outro se dirigia a eles. Marreta estava de costas para eles e permaneceu assim para não despertar suspeitas, por isso me calhou também olhar para seus rostos para gravá-los bem em minha memória. Eu só conhecia um deles, o de um dos

homens, que já tínhamos submetido a várias investigações malsucedidas.

— O Víbora está com ele — eu disse ao Marreta. — E outros dois.

— Víbora — ele disse e ficou refletindo. — E ele parecia um tonto.

— Bem, ele não deve ser tão tonto assim.

— Não reconhece os outros?

— Não, de jeito nenhum. É um homem e uma mulher.

— O que vamos fazer? — ele me perguntou.

— Nada, por enquanto. Vamos esperar.

— Esperar pelo quê?

— Para ver se vem mais alguém. Se não vier, que algum deles faça um sinal para ir pagar a conta. Para que possamos ir embora primeiro.

Como sempre, nossas cervejas já estavam pagas. Fazíamos isso em todas as rodadas, o que não parecia estranho para aquele nem para nenhum outro garçom.

— E depois?

— Nós nos separamos, você à esquerda e eu à direita, e procuramos um lugar discreto para ficar. Eles terão que ir para um lado ou para o outro. Quem estiver do lado que eles escolherem será responsável pelo rastreamento e o outro pelo suporte. O máximo possível e até onde for possível. E assim que ficar muito complicado ou entrarmos em uma encrenca, desistimos.

— E se eles se separarem? — ele perguntou.

— Cada um segue os seus. Do mesmo jeito, até onde possa. E então nos vemos no ponto de encontro próximo à sua casa. Juntamos tudo o que descobrimos e avisamos a base.

— Vou fingir que estou indo mijar — disse ele de repente.
— Antes de eles irem embora, preciso ver seus rostos também.

— Sim, vai lá, vai.

Marreta não se voltou para eles em nenhum momento. Ele se levantou do banco e foi até o banheiro, sempre de costas para eles. Foi em seu retorno, o mais lento possível, que ele aproveitou a oportunidade para olhar para o alvo e seus companheiros.

— Eu não acreditei, mas é ele — confirmou. — É o Suíno.

— Quando foi que eu já confundi um rosto?

— Ninguém é infalível.

— Em todo caso, esse é impossível de confundir.

— E o Víbora, o cara, que artista. Deu um nó na gente. Parecia uma daquelas pessoas infelizes que passam dos limites porque se queimam antes que tenham tempo de fazer qualquer coisa. E veja por onde ele tem acesso à cúpula.

— E quanto aos outros dois, o que você acha deles? — pergunto.

— Acho que eles estão vindo do outro lado. Para receber ordens.

— Pode ser — respondeu ele. — Pena que não posso tirar fotos deles.

— Guardei todos os detalhes.

Então notei que um deles estava mexendo no bolso. Sem ser visto, dei um tapinha no joelho de Marreta para que ele se mexesse.

— Parece que eles vão pagar. Vamos lá para fora.

Saímos com naturalidade, como dois compadres que já tinham bebido algumas cervejas a mais. Da mesma forma, no caso de eles terem deixado alguém vigiando do lado de fora, o que não era de todo improvável, nos despedimos na rua e seguimos caminhos diferentes, cada um para um lado, como tínhamos combinado antes. Longe do bar, nos afastamos das pessoas da rua e cada um de nós procurou o melhor lugar para esperar por eles.

Quis a sorte que pegassem o lado que eu estava vigiando. Deixei-os passar e, assim que estabeleci contato visual com Marreta, que estava atento e já vinha em direção à minha posição, saí atrás deles. Na primeira dificuldade, uma contramarcha imposta repentinamente por Suíno, saí do caminho deles e passei o bastão para Marreta, que os seguiu até o núcleo de um de seus redutos, onde só o líder entrou e podíamos prever e previmos que eles teriam um dispositivo de vigilância que seria temerário avaliar. Depois que Marreta se afastou, cruzamos um sinal e mudamos de alvo. Fui eu quem fez a primeira parte do rastreamento dos três restantes. A essa altura, eu já tinha mudado minha aparência, graças à jaqueta reversível que costumava usar para esse fim e ao par de bonés que nunca deixava de levar

comigo. Depois que tinham se separado do peixe grande, eles perceptivelmente relaxaram. Isso nos permitiu, depois de nos dar um pouco de alívio, acompanhá-los até um bloco de apartamentos próximo, onde os três entraram e onde, pelo que interpretamos depois de esperar ali por uma hora, sem que nenhum deles saísse novamente, eles passariam a noite.

No caminho de volta, fizemos um balanço da operação que o acaso – até certo ponto, porque por algum motivo frequentávamos aquele lugar e não outros – acabava de nos entregar de bandeja. Descobrimos onde Suíno tinha uma de suas casas de segurança, que um de seus assistentes diretos era o Víbora e de onde este estava operando. Como bônus, tínhamos a identificação visual de dois outros membros da organização, que poderíamos supor que estavam envolvidos na iminente campanha de ataques que logo aconteceria do outro lado da fronteira. Quase não dormimos naquela noite. Ligamos para Aranha de um telefone seguro e anunciamos que, no dia seguinte, logo pela manhã, a outra equipe poderia pegar o relatório detalhado na caixa de correio secreta que tínhamos criado para esse fim em um bosque nos arredores. Fizemos o relatório, o levamos para a caixa de correio e, quando conseguimos ir para a cama, já eram seis da manhã. Não conseguimos dormir sequer uma hora. Às sete horas já estávamos de pé e às oito estávamos em frente à casa de Víbora.

Assim começou uma semana frenética. Todos os fios que tínhamos encontrado eram bons e, para explorá-los, tivemos

o apoio de Prego e Cortiça, que passaram várias noites em um vilarejo vizinho para que a operação contasse com mais recursos de rastreamento. Foi assim que, graças ao monitoramento constante de Víbora, encontramos Suíno novamente e, acima de tudo, conseguimos segui-lo da cidade até outro de seus esconderijos, uma casa de campo não muito longe dali. A vigilância dessa casa, que fizemos com extrema precaução e graças ao nosso disfarce como geólogos, nos permitiu verificar que era onde ele passava a maior parte do tempo e que nunca foi visto lá com ninguém, o que nos levou a pensar que era sua base mais segura e permanente. Na mesma casa, pelo que pudemos verificar, também moravam uma mulher e duas crianças. Não podíamos dizer se eram seus próprios filhos ou um subterfúgio para ocultar sua condição. Em nossos relatórios, limitamo-nos a registrar o que observávamos: acima de tudo, as rotinas que o alvo parecia manter, e o que o tornava mais vulnerável.

Não ignorávamos o resultado para o qual estávamos contribuindo de forma decisiva. Isso nos foi dito sem rodeios, e estávamos cientes de que era o nosso trabalho como agentes secretos que fazia a diferença e a premissa indispensável do que ia acontecer. Sem nós, não havia alvo nem condições para atingi-lo. Depois que o havíamos localizado e o apontado, era só uma questão de tempo. E não muito tempo, porque aqueles que nos comandavam sabiam que, com aquelas pessoas, as circunstâncias poderiam mudar a qualquer momento.

Portanto, não fomos pegos de surpresa quando recebemos a ordem de abandonar qualquer rastreamento ou vigilância sobre o nosso homem e seu entorno, e de manter até segunda ordem o perfil o mais anódino que pudéssemos. Nos dois dias seguintes, saímos a campo, equipados com nossos instrumentos de geólogos e tomando o cuidado de não nos aproximar da casa onde Suíno estava escondido. Era difícil manter a serenidade, com aquela sensação constante de que algo estava prestes a acontecer e que simplesmente não acontecia, e sem nenhuma indicação de nossos chefes sobre quando ou como isso aconteceria. Enfim, na manhã do terceiro dia, quando eu estava me preparando para sair mais uma vez para encontrar Marreta e passar outro dia inútil fingindo que éramos geólogos, bateram à porta do meu apartamento.

Aproximei-me cautelosamente para espiar pelo olho mágico. Se fosse alguém hostil, tudo o que eu poderia fazer era tentar fugir pela sacada. Para não comprometer a Companhia nem o nosso disfarce, nem Marreta nem eu tínhamos permissão para portar armas. Eu só dispunha da minha inteligência.

Não era nenhum inimigo. Era o Cortiça.

— Vamos. Não me deixe aqui por mais tempo — ele pediu sem levantar a voz.

Abri a porta e ele entrou dentro do apartamento.

— Que roupa feia — ele observou.

— Não esperava a honra da sua visita.

— Não vou ficar muito tempo. Vim te dizer para você fazer as malas e fugir daqui. Alguém vai se encarregar de devolver as chaves.

— Isso significa que...

— Que empacote tudo e dê no pé.

— Não se trata um companheiro assim — eu o repreendi.

— Faz bastante tempo que estou aqui, o mínimo que mereço é que você me diga...

— Eu lhe digo o que sei. O que apenas imagino, eu mantenho em segredo. Posso estar errado.

— Não me diga que o Aranha não te contou nada.

— Venha ver o Aranha e ele vai dizer a mesma coisa. Ele espera que você atravesse a fronteira em até duas horas. Não só você, mas também Marreta, Prego e eu. Você já sabe quais são as ordens. Adeus.

E sem mais delongas, ele fechou a porta e saiu por onde tinha vindo.

Não me foi dado tempo para pensar e não parei para fazê-lo. Coloquei meus poucos pertences em uma mala e uma mochila e saí de lá deixando o apartamento como se nunca o tivesse ocupado. Meia hora depois que Cortiça me avisou, eu estava ao volante do carro e uma hora mais tarde eu estava cruzando a fronteira. Notei que a presença de agentes de fronteira no posto era um pouco maior do que o normal, mas quando mostrei meus documentos e disse no que estava trabalhando, eles me deixaram passar sem mais verificações, como normalmente faziam. Antes das duas horas eu estava

na base, onde Cortiça e Prego já estavam esperando, e onde Marreta chegou logo depois. Aranha não estava lá, e levou ainda duas horas para aparecer. Quando o vimos, seu sorriso triunfante nos dizia tudo.

— Vocês o verão em todos os jornais de amanhã — anunciou. — Suíno não vai ordenar mais nenhum ataque. Hoje foi a vez dele de sofrer um.

— Como foi? — perguntei, de repente temendo pela mulher e pelas duas crianças que tínhamos visto durante nossas vigilâncias.

— Limpo, rápido. Durante sua caminhada matinal no campo. Um tiro na nuca. Igual ele faz. Eles vão gostar da simetria.

— Excelente — exclamou Marreta.

Foi difícil para mim expressar em palavras a alegria que sentia. Porque era alegria, e nada mais, mas havia algo que me incomodava. Talvez o vazio, aquele mesmo vazio que tinha se aberto dentro de mim depois de matar o gato com Álex, naquele verão que já estava agora tão distante.

Aranha então pegou uma garrafa de champanhe.

— Vamos fazer um brinde — ele nos propôs. — Ao retorno de vocês, e não à morte daquele homem, porque não somos uma ralé como eles.

29 ADRENALINA

Há uma diferença substancial entre sair para a rua com a certeza de ser o caçador e fazê-lo com medo de se tornar a presa. Conheço bem ambas as sensações, e depois de ter me recriado nesses últimos dias na primeira, agora devo enfrentar a segunda. Quando entro no carro, depois de deixar Vera sozinha no quarto do hotel, penso que tem gente lá fora querendo me encontrar. Eles não têm pistas da minha identidade e essa é a minha vantagem, mas ao mesmo tempo tem aquela garota que me viu, que sabe quem me trouxe aqui e que não posso garantir que ela não esteja ligando para um número de telefone neste exato momento para dar conta de tudo a quem menos me convir que tenha essa informação. A partir de agora, entrego-me à confiança que pude inspirar nela e na minha habilidade de não ser detectado, e tento manter a fé de que meus adversários não conseguem imaginar quem e como é o homem que eles estão procurando.

Procuro ordenar na minha cabeça, quando eu arranco, as tarefas que tenho que enfrentar para abordá-las na sequência mais adequada e que me permita conjurar melhor os riscos. A primeira coisa que faço é ir até a estação, onde há alguns dias estava preocupado em arrumar um armário na

sala de bagagens. Fico feliz em ver que não está muito lotada e que nas dependências que me interessam não encontro ninguém. Isso me permite realizar a operação com total tranquilidade. Abro o armário onde está a bolsa que guardei há alguns dias. Abro-a e à primeira vista vejo que ainda contém todo o dinheiro que julguei conveniente trazer para fazer face às despesas e que também julguei melhor não carregar nem deixar no hotel. O cenário agora é outro. Pego meia dúzia de maços de notas grandes, que são os menos volumosos, e os guardo no meu sobretudo. Em seu lugar, deixo metade das fotografias que tirei de Abutre. Embora algo me diga que elas se desvalorizaram consideravelmente, algum valor elas ainda têm, e não custa nada colocar parte delas em um lugar seguro, caso apareça a oportunidade de extrair alguma utilidade delas no futuro.

Meu próximo destino é a casa de Eva, mãe de Vera. Desta vez estou em alerta e estaciono o carro algumas ruas antes. Caracterizo-me como um vizinho que sai para um passeio noturno, com cachecol, viseira impermeável para a chuva, calçado esportivo e jaqueta corta-vento, e caminho a bom ritmo pelo bairro, fazendo um circuito que inclui toda a rua onde Eva mora. Não paro, não deixo ninguém ver que estou observando tudo, mas o carro com dois homens que está parado na frente da casa não está escondido de mim. É diferente do que vi antes, os dois homens também, e eles mudaram de local, mas está claro para mim que ainda continuam vigiando e que ainda são policiais. O fato de

serem outros me faz pensar que quem os colocou lá não precisa superexplorar seus recursos. Conta com boa parte do quadro de funcionários, se não todo, o que também dá uma pista eloquente sobre sua hierarquia.

A seguir repito a jogada com o apartamento onde Vera morou até esta manhã. Desta vez não me preocupo tanto, é uma rua central e posso caminhar por ela misturado ao movimento. Assim, enquanto dirijo, reparo no carro onde estão outros dois policiais, também diferentes daqueles que vi horas antes, sem tirar os olhos do prédio. Quem toma as decisões ali está disposto a manter os gastos em todas as frentes. Sem parar, dirijo-me aos bairros altos da Cidade, onde perambulo até encontrar o que estou procurando. Por um momento fico em dúvida se devo repetir a operação que fiz na rua da mãe de Vera, mas estou com preguiça de estacionar e andar de novo na chuva e decido, mesmo que passem menos carros por ali, fazê-lo de novo do conforto do meu carro. Embora saiba que a indolência não é uma boa conselheira para quem anda no limite, calculo que os riscos de eu me arrepender são bastante limitados.

Não fico muito surpreso ao ver, ostensivamente estacionada em frente à porta de onde mora a ex-mulher de Abutre, uma viatura da polícia. A imagem do carro de patrulha me prova quanto me enganei em confundi-lo com um zé-ninguém que poderia assustar sem muito esforço. Não sei com que argumentos ele pediu que lhe fosse fornecida toda a proteção disponível, mas não há mais

dúvidas de que eles são poderosos o suficiente. Ao passar pelos policiais, certifico-me de que minha direção não seja chamativa em nenhum sentido e de manter os olhos fixos à frente. Não quero que minha atitude suscite neles alguma suspeita e os convide a solicitar uma verificação da placa, o que, por meio do contrato de aluguel do veículo, poderia levá-los sem grande esforço a revelar a minha identidade.

A partir desse momento, e enquanto procuro um retorno, invade-me um desânimo que, por experiência própria, sei que devo eliminar o mais rapidamente possível. Não há melhor remédio do que enfrentar o que é mais difícil de fazer. Dirijo-me ao conjunto habitacional suburbano onde Abutre tem sua fazenda de trabalhadoras e sua principal base de operações. Estaciono o carro a certa distância e, mais uma vez disfarçado de caminhante noturno, me aproximo com cautela. Em nenhum momento paro de andar em um bom ritmo, sempre olhando para a frente e parecendo absorto em meus pensamentos, mas também não paro de vasculhar minuciosamente cada rua antes de entrar nela. Quando estou perto do sobrado sinto que meu coração começa a bater mais forte. Respiro metodicamente para tentar diminuir minha frequência cardíaca e examino a toda velocidade os arredores em busca de alguma presença suspeita. Não parece haver nenhuma vigilância policial aqui, mas a última coisa que posso fazer é confiar. A lamparina da porta está acesa, avisando os clientes de que o negócio continua no interior, como todas as noites.

Rodeio a casa, sempre sem parar, e procuro os fundos. O fato de não ter esbarrado em ninguém me dá ânimo e me empurra a correr algum risco a mais. Por um momento, acho que é inadequado e fora de lugar, mas a adrenalina que flui pelo meu corpo me devolveu o gosto pelo perigo. No homem que se arrisca atuam engrenagens por vezes incompreensíveis, nas quais se pode adivinhar o sopro subreptício do suicida que todos carregamos dentro de nós: aquela parte sombria de nossa consciência que sente que, no fundo, nossa existência não tem sentido, ou um sentido que merece ser preservado a todo custo, e que nos incentiva a desperdiçá-la com qualquer pretexto estimulante.

Na parte de trás, o muro é acessível. Não pulo um há muito tempo e já não sou mais um garoto, mas ainda não estou acabado nem meus joelhos rangem. Depois de me certificar de que ninguém está me vendo, escalo e me lanço para o outro lado. Nos fundos, o terreno é descuidado e coberto de erva daninha, o que proporciona uma boa cobertura para meus movimentos até chegar ao sobrado. O barulho que vem de dentro confirma que o lugar ainda está funcionando normalmente. Examino a disposição da casa e tento descobrir onde deve ser o escritório de Abutre, ou seu quarto ou qualquer que seja o seu esconderijo. Por um momento, eu me permito fantasiar sobre a possibilidade de entrar sorrateiramente, procurá-lo e acabar com ele, cumprindo assim o pedido que Marreta me fez antes de morrer e ao qual resisti. De certa forma, é o que a promessa que fiz na época

exigiria de mim, uma vez que minha tentativa de afastar o ex-policial de Vera, deixando-o vivo, falhou. Tenho uma arma comigo, então nesse quesito não há problemas. A consciência também não é um obstáculo intransponível. É verdade, como eu lhe disse, que prefiro não matar ninguém se puder evitar, mas também é verdade que não será a primeira morte pela qual terei de assumir a responsabilidade, e que me acostumei a andar por aí com as que carrego nas costas. E, por fim, não acho que Abutre mereça viver muito mais do que aqueles cujos dias ajudei a encurtar.

No fim, descarto essa possibilidade. Não sei se ele está lá, e seria estúpido aparecer aqui e agora e deixar Vera sozinha diante do problema em que a coloquei. Além disso, e embora possa não fazer sentido, quero tentar viver até descobrir o que está por trás do que está acontecendo. Além da coragem, da lealdade e da justiça, os seres humanos são movidos pela curiosidade: não querem parar de saber aquilo que pode ser conhecido enquanto ainda há uma possibilidade remota de descobri-lo. Então, em vez de sacar minha arma, o que faço é pegar uma das fotografias depreciativas de Abutre e colocá-la embaixo da porta antes de pular de novo o muro dos fundos. Não posso saber quem a encontrará, mas, como um bom baderneiro, estou confiante de que minha baderna não deixará de ser um incômodo para sua vítima.

Minha última tarefa esta noite é de natureza mais pessoal. No hospital, onde me faço passar por um parente do falecido

que veio de longe, consigo que me digam para onde o corpo foi levado. A enfermeira, uma jovem excepcionalmente gentil, se dá ao trabalho de me assegurar que, em suas últimas horas, Marreta sofreu muito pouco; que os médicos cuidaram para que ele recebesse a medicação necessária para entorpecer sua consciência e sua dor. Por um momento, sinto inveja de meu ex-companheiro, que foi poupado não apenas de ter que responder para sempre por nossos excessos, mas também da noção de tê-los cometido. Às vezes, gostaria de ter a opção de cortar o vínculo que me liga a esse passado: poder desfazer tanto a lembrança do que fiz quanto a condenação de ser o sobrevivente ilegítimo e culpado em que ele me converteu. No entanto, neste momento, não tenho ilusões. Não há outra saída a não ser a que a natureza já proporcionou ao meu companheiro.

Com essa certeza e um sentimento de melancolia, estaciono em frente ao local onde o velório está sendo realizado. Demoro alguns minutos para reunir forças e sair do carro. Quando enfim consigo e me dirijo para a sala, vejo uma figura quebrada e encolhida vindo pelo corredor, deslizando pela parede como se tentasse se confundir com ela. Demoro alguns segundos para reconhecer nessa mulher triste e idosa a jovem sorridente e atraente que Marreta me apresentou há muitos anos. A mãe de sua filha, de quem também me fazem lembrar, quando olho melhor para ela, o formato do nariz e a cor dos olhos. Por uma fração de segundo, hesito em me aproximar dela e dizer-lhe algo. Que

sou um amigo de seu ex-marido, que nos conhecemos há muito tempo, que sua filha está bem, ou estava há pouco tempo quando a deixei no quarto. Tudo isso é inadmissível, se não absurdo, e quando passamos um pelo outro eu descarto essas ideias descabidas como aquelas que recriamos para aliviar o peso de nossas impotências. Nem sequer me viro para vê-la sair de um evento no qual compareceu de passagem, resignada a ser pouco mais do que uma visitante. Estou inclinado a pensar que não me viro, entre outras razões, para não ter que enfrentar minha parcela de culpa por sua desgraça. Ela também foi afetada pelo mal que Marreta e eu fizemos, tanto ou mais que aqueles contra quem nossas ações se dirigiam.

Absorto nesses pensamentos, levo algum tempo para perceber que, a certa distância da sala de velório, onde algumas pessoas que devem ser parentes e conhecidos do falecido estão conversando, há um indivíduo que não perde nenhum detalhe do que está acontecendo ali. Ele está na casa dos trinta anos, parece em forma e está acostumado a ficar atento. Tão logo como reparo a sua presença, ele repara em mim e nossos olhos, ao se encontrarem, desprendem um brilho inconfundível para nós dois. Por sorte, ainda estou longe o suficiente da sala: mudo a trajetória na hora e viro em um corredor que encontro à minha direita, o que semeia dúvidas em sua mente e me dá alguns segundos de vantagem. Assim que estou fora de seu campo de visão,

começo a correr como se fugisse do diabo, o que, no meu caso, não é uma metáfora.

Meu coração bate forte até alguns minutos depois de ter entrado no carro e sair correndo dali. Eu não só fiz besteira de novo por causa de uma fraqueza sentimental. Eles sabem da minha ligação com Marreta e a questão é como eles descobriram isso. Não consigo deixar de pensar em Vera. Piso fundo e rumo em direção ao hotel.

30 LICENÇA

No dia seguinte à eliminação do líder terrorista, a primeira peça derrubada pela unidade e um sucesso sem precedentes para a Companhia em sua luta contra a organização, Um nos procurou para nos parabenizar pessoalmente. Sob seu braço, havia um maço de jornais de ambos os lados da fronteira. Todos destacavam a notícia do assassinato do homem que todos concordavam ser uma figura importante no movimento, embora, dependendo do jornal, seu perfil mudasse. Enquanto alguns o apresentavam como ativista e refugiado, outros não deixavam de fazer alusão ao seu envolvimento, de acordo com fontes policiais, em atividades criminosas. Já nas páginas internas, os jornalistas deram vazão às mais variadas especulações. Alguns atribuíam a morte a dissensões dentro da própria organização, outros apontavam para um grupo terrorista de convicção oposta e também não faltavam os que lançavam suspeitas sobre o envolvimento clandestino de agentes do Estado, acusações estas que foram categoricamente rejeitadas pelas autoridades oficiais. Não houve uma única referência à Companhia em nenhum dos jornais. Eles falavam de elementos criminosos ou incontrolados, sem maiores especificações.

Nosso chefe estava mais efusivo do que nunca e não deixou de enfatizar o que considerava ser a maior de nossas conquistas:

— Vocês foram até lá, viveram entre eles, encontraram o esconderijo daqueles vermes e o serviram em uma bandeja sem que percebessem que vocês tinham invadido o território deles. Agora se sentem expostos, mas não sabem a quê. Eles perderam a intocabilidade, e o que deve deixá-los mais amargos é o fato de não terem ideia de como a coisa aconteceu.

Aranha também estava em êxtase.

— Conseguimos, chefe — ele proclamou. — Montamos um verdadeiro esquadrão fantasma, capaz de se infiltrar em qualquer lugar.

O efeito daqueles elogios foi desigual entre o grupo. Enquanto Marreta se deixava levar pelo entusiasmo de seus superiores, Cortiça e Prego, cujo trabalho não tinha sido tão decisivo ou tão exposto quanto o nosso, mostravam-se um pouco mais reservados e contidos. Quanto a mim, como sempre, tinha sentimentos contraditórios. Não deixava de irritar minha vaidade o fato de que aqueles que tinham exigido tanto de nós e que antes tinham duvidado de que estivéssemos à altura da tarefa agora deixassem de lado todas as suas reticências e nos elogiassem com tanto entusiasmo. Havia uma pergunta, no entanto, que eu não ousava fazer, porque temia que fosse inconveniente, ou

melhor, porque eu sabia que era inconveniente e estava convencido de que eles nunca me iam responder.

Era significativo que nunca nos tivessem dito nada sobre aqueles que iam se encarregar da execução. Quem eram, de onde vinham, quanto sabiam sobre a pessoa que tinham a missão de suprimir. E, acima de tudo, até que ponto eles estavam cientes da nossa existência e dos nossos procedimentos. Por mais que tentasse tirá-los de minha mente, aqueles misteriosos executores, cujo profissionalismo e eficiência acabavam de ser comprovados, tinham se tornado, com sua primeira aparição, uma companhia tão espectral como perturbadora. Foram eles, afinal, que mancharam as mãos, mas, com isso, também estenderam a mancha àqueles que participaram por meio deles.

O desgaste a que fomos submetidos foi tão grande que Um anunciou que estávamos recebendo dois meses de licença, para que cada um de nós pudesse ir aonde quisesse para gastar a generosa recompensa financeira que os superiores tinham decidido nos conceder como prêmio por nossa façanha. Era uma soma considerável, tanto que alguém poderia pensar que aqueles que nos comandavam estavam tentando reforçar nosso vínculo com a Companhia por meio da ganância. Aranha queria deixar isso claro:

— Sabemos que não estão aqui por dinheiro e não esperamos que vocês, por recebê-lo, se dediquem mais do que fizeram até agora. O que queremos é que vocês não se

preocupem com nada nos próximos dois meses e compensem o máximo que puderem. E recuperem suas forças. Vão precisar delas.

Com esse aviso, eles nos deixaram ir. Marreta, segundo ele me disse, ia ficar nos arredores da Cidade. Ele tinha gostado dali e queria dar-se o presente de percorrê-la sem a pressão do trabalho, como um turista ocioso. Com Cortiça e Prego, eu estava longe de ter a confiança necessária para que me contassem seus planos. Quanto a mim, retornei à minha cidade natal, onde pude ver novamente que não havia mais quase nada que me prendesse a ela. Aproveitei a oportunidade para fechar e vender a casa de meus pais e investir o dinheiro em um depósito que me serviria de reserva frente a qualquer adversidade. Enquanto minha vida fosse aquela, seria melhor que eu tivesse pouca bagagem e estivesse preparado para qualquer acontecimento imprevisto.

Uma tarde, liguei para meu amigo Mário, que, ao contrário de mim, levava uma vida sensata e comum: tinha se casado, tinha um filho e trabalhava como professor. O reencontro foi agradável, porque ele não me fez perguntas que eu não poderia responder, e nos limitamos a relembrar o passado, as leituras, aquelas garotas que um dia nos fizeram sofrer. Durante algumas horas, foi reconfortante sentir-me novamente na pele daquele outro que eu poderia ter sido se minhas escolhas não tivessem me tirado essa opção para sempre, mas eu não tinha ilusões: tudo o que eu poderia

esperar, quando deixasse a frente de batalha, o que eu faria mais cedo ou mais tarde, era me aposentar em alguma espécie de terra de ninguém. Aqueles que conhecem a guerra já não podem mais voltar à paz, muito menos à paz que tiveram um dia. Estão condenados a viver, na melhor das hipóteses, em um cessar-fogo duvidoso, sem nunca baixar a guarda, irremediavelmente separados daqueles que não carregam seu estigma. Por isso fiquei grato de poder ligar para meu amigo Mário, para quem não precisava me explicar e que aceitava conviver com meus silêncios.

No segundo mês de licença, parti em uma jornada sem rumo definido. De vez em quando, pegava um jornal e as notícias da campanha da qual eu deveria estar descansando apareciam em meu caminho. Quarenta dias após a queda de Suíno, outro líder da organização foi morto quando uma bomba presa à parte de baixo de seu carro explodiu. Quando li a notícia, pensei que aqueles que tomavam as decisões estavam novamente buscando a simetria com os ataques dos terroristas. Também pensei que deveria haver pelo menos um outro esquadrão fantasma como o nosso, dedicado a encontrar alvos para os exterminadores. A repetição dos eventos, tão próximos no tempo, alimentou o debate sobre sua autoria.

As autoridades continuaram a negar qualquer envolvimento, a mídia mais crítica apontou para uma guerra suja conduzida pelo Estado, mas não havia provas e a polícia do país vizinho não tinha uma teoria clara sobre quem tinha

cometido os crimes. Havia também aqueles que admitiam a possibilidade de que o aparato estatal estivesse por trás da ação e, longe de condená-la, consideravam que era a resposta apropriada para terroristas inescrupulosos que há muito tempo já se aproveitavam da vantagem que lhes proporcionava a fronteira. Alguns escreviam isso, o diziam alguns mais e muitos pareciam pensar assim. No entanto, nenhuma informação apontava para a Companhia, e os jornalistas e aqueles que investigavam os assassinatos pareciam ainda mais distantes de imaginar quem e como eram os responsáveis pela identificação dos alvos.

Vivi aquelas semanas com um sentimento permanente de estranheza: de não ter que estar constantemente atento a onde estava indo e com quem estava me encontrando, de acordar dia após dia e ver o sol brilhando no alto, de ouvir as pessoas ao meu redor discutindo eventos dos quais elas não sabiam quase nada e dos quais eu, por outro lado, conhecia todos os detalhes. Houve momentos em que a solidão me levou a fazer perguntas incômodas: Até que ponto era meu dever voltar depois daquela licença? Havia alguma possibilidade de me afastar do caminho que eu tinha tomado? Era aconselhável ou, além disso, a única coisa sensata a fazer, não me expor novamente como eu tinha feito? Quando me deparei com aquelas perguntas, que me assaltavam no meio da noite ou no começo da manhã, não pude deixar de pensar em Aranha, que sem dúvida previu que nos deixar por dois meses em inatividade implicava o risco

de que voltássemos atrás em tudo o que tínhamos feito e que nosso compromisso pudesse vacilar. E, mais uma vez, tive a sensação de que estava sendo testado, e meu humor estava dividido entre o desejo de superá-lo e o desconforto de sentir que eu era um instrumento nas mãos daquele homem implacável e calculista.

No fim, fui parar em uma cidade praiana, onde decidi ficar e passar as duas últimas semanas da minha licença sem pensar em nada. Pela manhã eu levantava tarde, tomava um café da manhã sem pressa, passeava um pouco à beira-mar e dava um mergulho onde sentisse que o calor apertava e me fazia suar. Depois, comia peixe grelhado em um bar na praia e tirava um cochilo. Eu fazia mais duas horas de caminhada ao pôr do sol e, à noite, jantava regado a vinho branco, apenas o suficiente para me fazer dormir na cama.

Certa manhã, conheci uma garota na praia. Eu a vi após sair do mar, enquanto me secava ao sol. Ela estava sozinha e, por algum motivo, tinha me notado. Naquela época, ainda era possível que a visão do meu corpo em meu traje de banho pudesse despertar em uma mulher mais do que a compaixão que agora me aconselha a não o mostrar além da conta. A visão do corpo dela também me atraiu, mas, acima de tudo, a desenvoltura do seu olhar, a insolência com que o sustentou quando ficou claro para ela que eu tinha reparado nela e estava olhando para ela também. Desde que entrei para a Companhia, meu relacionamento com as mulheres se resumia a aventuras esporádicas, aproveitando os dias de

folga. Em algumas ocasiões, tentei repetir, mas nunca tinha conseguido prolongar o caso além de três ou quatro encontros. Mais cedo ou mais tarde, chegava o momento em que eu não tinha vontade, ou não era recompensado o suficiente para inventar uma história e continuar saindo com a garota em questão. E, no entanto, ao me deparar com aquela desconhecida – talvez devido à natureza incomum da cena –, senti imediatamente que se abatiam as minhas defesas. Quando a vi melhor, percebi que realmente gostava dela. Parecia até que eu tinha recuperado parte da franqueza que me levou, durante meus anos de universidade, a cair na incongruência de acreditar na felicidade dos outros.

Enquanto o estudante universitário teria hesitado e se torturado por dias antes de dar o primeiro passo, que teria sido o mais desajeitado e contraproducente possível, o experiente agente da Companhia desperdiçou apenas alguns segundos para conceber a abordagem, que foi tão rápida quanto ela esperava e me convidava a fazê-la. Jantamos juntos naquela noite, e em todas as outras até o final da minha licença ela dormiu na minha cama. Ela me contou sobre sua vida sem que eu lhe pedisse, e não gostou muito que eu não lhe contasse nada da minha, por mais que tentasse arrancar isso de mim. No entanto, isso não impediu que algo semelhante a amor desabrochasse, explodisse e se mantivesse entre nós durante aqueles dias. Desde o início, eu a avisei de que não estava em posição de lhe oferecer nada além do que trazia todos os dias e, embora ela parecesse

aceitar, meu instinto me fez perceber logo que o fazia com relutância e na esperança de que acabasse conseguindo atravessar a minha armadura. Naquele momento, eu deveria ter ido embora, porque um jogo deixa de ser um jogo quando aqueles que o jogam não seguem as mesmas regras nem arriscam as mesmas perdas, mas a má pessoa em mim não queria abrir mão do prazer de ver o sol nascer do outro lado de sua cintura. De se passar por alguém que eu não era.

Voltei para a casa na fronteira com uma tristeza que não conhecia até então, odiando-me um pouco e com um pouco menos de esperança, mas Aranha teve o cuidado de me estimular imediatamente. Ele me chamou de lado, perguntou-me sobre minhas férias, se tinham sido boas para mim e, quase sem esperar minha resposta, contou-me as novidades que tinha para mim:

— Vamos te infiltrar novamente. Um pouco mais dessa vez.

A praia, a garota, tudo ficou para trás. Voltava a ser eu.

31 PERGUNTAS

Ninguém conhece alguém por completo até que lhe seja dada a chance de trair sua confiança. É isso que penso enquanto caminho em direção ao hotel onde deixei Vera há algumas horas, em uma madrugada fria e desagradável que os últimos acontecimentos tornaram ainda mais inóspita do que já é. Confiei nela, é verdade que não tive outra escolha, e ela me deu garantias, embora seja igualmente verdade que não me deve nenhuma e que qualquer um entenderia se ela aproveitasse a ocasião para me entregar. Agora só há uma maneira de eu descobrir em quem confiei e, de passagem, se faz algum sentido eu continuar tentando cumprir a missão que seu pai me deu ou se é melhor eu me retirar, antes que minha luta contra um inimigo superior termine com o resultado previsível. Por isso, arrisco-me a voltar a este lugar, que pode muito bem estar vigiado, como tantos outros que visitei esta noite. E agora, além disso, por alguém que pode já ter recebido minha descrição.

Se for esse o caso, consigo entrar pelo acesso de funcionários e fornecedores nos fundos. É uma porta de serviço e, como em muitas delas, a necessidade de uso mais ou menos contínuo significa que não são tomadas as precauções para mantê-la fechada aos intrusos. Eu me

arrasto furtivamente pelo corredor e procuro a escada. Encontro uma que parece ser destinada também aos funcionários, o que a torna preferível para meus propósitos. Subo até o quarto andar, onde chego ao quarto onde deixei Vera. O carpete do corredor abafa o som dos meus passos, o que, no silêncio da madrugada, poderia ter sido um contratempo. Não há ninguém à vista, como era de se esperar. Se tivesse que colocar vigilância ali, eu a teria colocado na parte externa, onde, antes de me aproximar do prédio, eu me certifiquei de que não havia ninguém suspeito; na própria recepção do hotel, que por isso eu evitei; ou dentro do quarto, que é o que eu tenho que verificar agora. Os quartos não têm varanda, o que me convida a descartar a opção de forçar a porta de um dos dois quartos adjacentes para tentar obter acesso pelo lado de fora. Encosto meu ouvido na porta. Não consigo ouvir nada.

Chega o momento da verdade. Eu me afasto alguns metros para sacar e carregar a arma. Faço isso da forma mais silenciosa possível, mas, se houver alguém lá dentro e estiver alerta, não posso descartar a possibilidade de que tenha ouvido o clique metálico. Aproximo-me novamente da porta e bato algumas vezes com os nós dos dedos, depois dou alguns passos para trás e aguço minha audição. Não há resposta. Respiro fundo. Aproximo-me novamente e bato outras duas vezes, um pouco mais forte. Então ouço a voz:

— Ben?

É quase inaudível, mas é ela. Não parece alterada.

— Sim, sou eu — sussurro de um lado da porta.

E por via das dúvidas, nunca se sabe, me afasto depressa de novo.

— Não estou vendo você pelo olho mágico — ela diz mais alto.

— Sou eu, Vera. Fortalhão.

A porta se abre e seu rosto sonolento aparece pela fresta.

— Palavra-chave — ela diz. — Deveríamos ter combinado uma.

Recebo sua reprovação com alívio, como se fosse uma bênção. Se ela não foi embora, parece improvável que tenha me traído de outra forma.

— Às vezes, é preciso ir inventando à medida que se avança. Tudo bem?

— Eu dormi demais. Está tudo bem com você?

— Nada demais. Pelo menos não tive nenhum acidente. Mas acho que ficarei ainda melhor se você abrir a porta e me deixar entrar.

— Claro, desculpe.

Ela abre a porta, dá um passo para o lado e, quando entro, repara na mão com a qual estou segurando a arma, que mantenho atrás de mim o tempo todo.

— O que é isso?

Demoro uma fração de segundo para lhe responder, que perco em uma rápida inspeção visual da sala. A única diferença que noto em relação ao estado em que a deixei é a cama desfeita.

— Você poderia estar acompanhada — explico.
— Eu disse que não avisaria ninguém — ela protesta.
— Eles poderiam ter vindo sem que você os avisasse.
— Você não disse que este era um lugar seguro?
— Até onde eu sei, sim, mas sempre pode me escapar alguma coisa.

— O que você descobriu? Se puder me dizer.
— Que estamos com muitos problemas. Nós dois.

Eu a vejo melhor na luz fraca que o abajur sobre a mesa de cabeceira projeta. Ela não se trocou, está usando as roupas com as quais saiu do apartamento, embora agora esteja descalça. Com o cabelo bagunçado assim, ela é ainda mais atraente. É a coisa mais insultante sobre a juventude, para alguém que já a perdeu: o fato de que seu descuido supera o cuidado mais laborioso que um homem ou mulher de idade possa dispensar à sua aparência. Que certifique com tanta crueldade como é ridículo se arrumar ou ir muito além de manter uma higiene mínima quando aquele brilho fugaz já se extinguiu.

— Vera — eu digo, olhando em seus olhos.
— O quê?
— Preciso te fazer duas perguntas.

Ela se senta na beirada da cama e mantém o olhar fixo em mim.

— Pode perguntar.
— Você não ligou mesmo para ninguém?
— Eu juro. Se eu tivesse ligado, não estaria aqui, não acha?

— Acho que sim.

— Então, por que está me perguntando isso?

— Em um dos lugares em que estive, eles estavam esperando por mim.

— Tem certeza disso?

— Sim. Não é o chantagista que tirou as fotos de seu ex-amigo policial. Estavam me esperando. Quero dizer, alguém que tem algo a ver com seu pai.

— Onde foi isso?

— No velório. Eles também estavam vigiando o lugar. E não acho que fosse porque contassem com o fato de que você pudesse aparecer por lá. Tenho certeza de que, em algum momento, você disse àquele homem que não tinha nenhum relacionamento com seu pai.

Vera baixa os olhos, o que entendo como um sim.

— Tenho outra pergunta — digo.

— Sim.

— O que sabe sobre esse homem que a alguém não interessa que você conte? Por que está tão preocupado em não saber onde você está? Não acredito, desculpe, que seja porque essa pessoa está apaixonada por você.

Vera fica em silêncio. Ela mantém os olhos fixos em seus joelhos.

— Não é muito justo, não acha? — ela me pergunta de repente.

— O quê?

— Que você quase não me conta nada e eu tenho que te contar tudo.

— Acabei de responder sua pergunta.

— Só uma das minhas perguntas.

— Se tiver mais alguma, pergunte.

Ela pondera minha oferta, que não esperava receber.

— Vá em frente — insisto.

— Para quem você ligou antes?

— Alguém que pode me ajudar. Ajudar a gente.

— Como?

— Com o que nos falta agora. Informações.

Ela parece refletir se servirá de algo me pedir mais detalhes.

— Mais alguma pergunta? — eu a convido.

Ela olha para mim novamente.

— Por que está fazendo isso?

— A que você se refere?

— A tudo. Tirar aquelas fotos dele e todas as outras coisas que fez com ele. Arrancar-me do meu apartamento contra a minha vontade. Para me levar à minha mãe primeiro e me trazer aqui depois. Para confrontar a essas pessoas que estão procurando por você agora, embora elas sejam muitas e você pareça estar sozinho.

Sua franqueza me pega desprevenido. Não sei se tenho uma boa resposta para essa pergunta, mas não posso compartilhar minhas dúvidas com ela. Só há uma coisa que posso lhe dizer.

— Já te disse. Seu pai me pediu isso. Que eu te livrasse deles.

— Sim, eu sei disso. O que eu quero dizer é por que você o atende, por que se mete nessa confusão que não te diz respeito? Por que ainda está aqui, agora que está em perigo, em vez de simplesmente evaporar?

A maneira como ela reformula sua pergunta tem o efeito de dissipar todas as minhas dúvidas. Há algo que ela não sabe nem imagina, algo que confio que ela não saiba nem possa jamais imaginar. Daí vem minha determinação de fazer tudo o que for necessário para cumprir a missão dada por meu amigo, para tentar salvá-la até de si mesma.

— Você acaba de encontrar o melhor motivo — respondo.
— Nem seu pai nem eu jamais nos esquivamos do perigo. Eu enfrentei o perigo por ele. Ele fez o mesmo por mim.

— Será que é só isso? Por lealdade ao seu amigo?

— O que mais você acha que pode ser?

Ele olha para mim com um súbito ar de astúcia.

— Talvez você trabalhe para alguém.

— Eu não trabalho para ninguém. Você já viu por si mesma. Não era minha intenção ficar com você, e sim te levar para sua mãe. Isto não estava planejado.

— Não sei mais em que acreditar — ela confessa. — Também não sei muito bem o que fazer. É por isso que não usei o telefone nem fui a lugar nenhum.

— Você pode tentar me dizer o que está escondendo — sugiro.

Por um momento, ela parece considerar a possibilidade. Por fim, se levanta e caminha até o outro lado da sala. De lá, ela me diz:

— Vou esperar até amanhã, se não for um problema para você. Você me conta o que a pessoa para quem ligou te disse, e eu te conto o que sei.

— Não é o que eu preferiria, mas posso aceitar.

— Você não tem escolha a não ser aceitar.

— Isso é verdade.

— A não ser que queira me torturar agora para arrancar isso de mim.

Ela olha para mim como se estivesse realmente me convidando para outra coisa.

— É a última coisa que eu quero. A última coisa que eu faria.

Então ela olha para seu relógio. É um artefato caro e fino. Elegante.

— São quatro da manhã — ela me informa. — Ouvi dizer que as pessoas idosas dormem pouco, mas eu gosto de descansar.

— Sim, é melhor você dormir um pouco — admito.

— E como fazemos?

— Você fica com a cama, eu posso dormir no sofá.

— Amanhã você vai ficar todo dolorido. Ou você já sente dor normalmente?

Não me esquivo de sua provocação.

— Não me dói nada. E eu já dormi em lugares muito piores.

— Tenho certeza que sim, mas não precisa abusar. A cama é larga o suficiente. Se você deitar pelo menos algumas horas, vai se sentir melhor. E não me importo de dividir a cama com um estranho.

— Eu sei disso.

— Além do mais, posso ficar tranquila que você não vai se aproveitar, não é?

— Pode apostar.

— Então não pense mais nisso. Eu já vou me deitar.

E sem se preocupar com minha presença, ela desliga o abajur da mesa de cabeceira, tira a calça e se deita na cama, vestida apenas com uma blusa que mal cobre os quadris. Ela procura uma posição, apoiada de lado, e abraça um dos travesseiros.

Fico ali parado por alguns minutos, ouvindo sua respiração lenta e constante. Na escuridão, sinto a presença do meu amigo. Devo isso a ele. O estranho presente de compartilhar o ar que respiro com essa criatura incompreensível.

32 UMA GAROTA

Uma das maiores dificuldades de tentar liderar outras pessoas vem do fato de que, mais cedo ou mais tarde, acabam aparecendo nelas impulsos incontroláveis e incongruentes que os responsáveis nunca são capazes de prever com precisão. Algo havia mudado em Marreta depois daquela licença, eu percebi isso assim que o encarei, e não posso descartar que Aranha também tenha intuído isso, à sua maneira, mas o impacto dessa transformação só iríamos vê-lo, e mais de perto, algum tempo depois. Em resumo, sem deixar de ser quem ele era nem de manter suas múltiplas e incomuns habilidades, Marreta voltou daquelas férias um pouco mais disperso ou, em outras palavras, um pouco menos eficaz.

A confiança que existia entre nós dois me permitiu saber a causa alguns dias depois do nosso reencontro. Eu já tinha me surpreendido com o fato de que, em vez de ficar mais distante, ele tinha decidido ficar nas proximidades da Cidade, e a pulsão turística que ele tinha me dado como motivo não combinava com suas preocupações e com seu caráter. A verdade era muito mais simples e vulgar: havia uma garota que Marreta tinha conhecido durante seus dias de folga e que continuava a ver, e ele tinha pensado que

aqueles dois meses de folga eram a oportunidade para conquistá-la definitivamente. Em outras palavras, ele tinha se apaixonado.

Que se tratava disso, paixão, e não um capricho fugaz da mente ou da carne, ficou claro para mim pela maneira como seus olhos brilhavam quando ele falava comigo sobre ela, ou quando pronunciava seu nome, pela ingenuidade infantil com que ele ponderava sobre seus atrativos. O amor é, além de todas as outras considerações, aquele sentimento que nos torna cegos às evidências percebidas pelas pessoas menos astutas ao nosso redor, que nos leva a murmurar as mais contundentes bobagens como se fossem pronunciamentos de oráculos e que reduz o potencial de nosso intelecto à reiteração dos julgamentos mais banais. A bondade, a devoção e a poesia também brotam dele, mas nessa última somente aqueles que possuem talento podem alcançar algo valioso, e o desapego amoroso, que não dura mais do que o próprio amor, ou talvez um pouco menos, se transforma facilmente no seu oposto quando o feitiço se desgasta e morre.

Marreta não só me pareceu um pouco atordoado pelas semanas de felicidade que tinha passado ao lado daquela garota, mas pouco consciente das dificuldades que sua situação poderia lhe trazer. Nunca fomos expressamente advertidos contra a possibilidade de estabelecer um relacionamento, mas nossos chefes tinham deixado claro para nós, desde o momento em que entramos na Companhia,

que ninguém poderia ter a mais remota noção do trabalho que estávamos fazendo e que a melhor coisa a fazer era não dar a outras pessoas, por mais íntimo que fosse nosso relacionamento com elas, qualquer informação sobre nosso trabalho que não fosse o contrato com a empresa de fachada que pagava nossos salários. Uma empresa da qual, por sua vez, tudo o que se podia dizer era que se dedicava a realizar estudos e que poderia nos enviar por semanas ou meses para trabalho de campo que nos impediria de manter contato com nossos entes queridos. No meu caso, com meus pais mortos e nenhum outro parente próximo, optei por não contar absolutamente nada sobre como eu ganhava a vida às poucas pessoas com quem tinha contato fora da Companhia. A tarefa agora apresentada a Marreta não era nada fácil de resolver. Depois que ele me colocou a par das novidades, não pude deixar de lhe perguntar:

— E o que você disse à sua namorada sobre o seu trabalho?

— Pesquisas sobre segurança — ele disse. — Não posso lhe dizer exatamente o que faço, como você bem sabe, mas não consigo mentir para ela.

— E você vai contar alguma coisa para o Aranha?

— A verdade. Prefiro que não seja ele que descubra.

— Ah — lamentei. — Já estou me vendo mudando de parceiro.

— Você acha? Eu não vejo por quê. Posso lidar com isso.

— Por mais três meses? Em algum momento ela vai começar a te perguntar por que e onde você tem que estudar

tanto.

— Vou dar um jeito. E se eu não conseguir, então vai acabar, tenho que aceitar.

— Acho que você está muito envolvido para aceitar simplesmente esse desfecho.

— Você precisa conhecê-la.

— É melhor não.

— Por que não? Posso te apresentar como um colega.

— Da pesquisa sobre segurança? É melhor não.

— Da universidade.

— Não saberei como fazer isso. Não consigo me imaginar estudando Direito.

— Da escola, então.

Ele improvisou assim mesmo, como se não tivesse a menor importância.

— O amor te deixa um pouco imprudente — eu disse. — Tenha cuidado.

— Você vai garantir que eu não ultrapasse os limites.

— Isso se o Aranha deixar. Quer dizer, se ele nos deixar ficar juntos.

— Vou convencer o Aranha, não se preocupe.

De alguma forma, ele conseguiu convencê-lo. Se Aranha era um osso duro de roer, a Marreta não faltava vontade, mas também não lhe faltava inteligência nem recursos para se sair bem onde outros teriam sido infelizes. Como ele me disse depois de conversar com o chefe, Aranha, depois de ouvi-lo e refletir por alguns infinitos instantes sobre o que

ele acabava de lhe comunicar, limitou-se a perguntar secamente:

— Será que você consegue impedi-la de interferir no trabalho?

Ao que Marreta não hesitou nem um segundo:

— Com certeza absoluta.

— Com certeza absoluta, se de fato a ama como diz que ama — ele disse —, também deveria impedir que estar com você lhe ferre a vida. Mas isso já é com você, e as febres juvenis às vezes não duram o suficiente. No que me diz respeito, isso basta para mim. Se você falhar, estará fora.

Assim, Marreta e eu continuamos a trabalhar em equipe, começamos a preparar juntos a próxima infiltração e, em um fim de semana em que estávamos livres, até concordei em conhecer Eva, aquela garota por quem meu parceiro estava disposto a levar uma vida que eu não considerava coerente com a realidade dele, que também era a minha.

— Não é que eu esteja pensando em me casar com ela — ele disse —, sabe-se lá o que vai acontecer, e em um casal tudo pode ir por água abaixo a qualquer momento, mesmo com uma vida normal, mas acho que não é tão ruim ter uma vida como o resto, mesmo que seja só por um tempo. A sua, Pua, não é saudável. Essa coisa meio monge, meio soldado.

— Todo mundo sabe o que pode e o que não pode fazer — eu me defendi.

— Vamos lá, vou te apresentar para ela.

— Como colegas de escola.

— Isso mesmo.

— Mesmo que tenhamos crescido a quinhentos quilômetros de distância um do outro.

— Isso é algo que você e eu podemos resolver sem problema.

— Mentir para ela.

— Uma mentirinha — ele se desculpou. — Inocente.

Acabei encontrando-a em um terraço à beira-mar, em uma tarde ensolarada que parecia estar acontecendo em outro lugar. Foi estranho do começo ao fim. Ver meu parceiro se derreter na presença dela, compartilhar algumas horas com essa garota que era de fato atraente, mas que também possuía um magnetismo intenso e transmitia uma pureza de coração singular, foi ainda mais difícil de assimilar quando me lembrei de que os dois homens que estavam com ela ali, o que se esforçava para fazer com que ela se sentisse bem e o que tentava ser o mais educado possível com ela, tinham acabado de se tornar uma dupla de assassinos.

Aquela noite com Eva — que na época, embora nenhum dos dois soubesse, já estava grávida de Vera, a futura filha de ambos — foi uma das provas mais contundentes e convincentes que já tive sobre a dualidade da alma humana. No que me dizia respeito, talvez eu pudesse tentar manter a ilusão de estar em uma espécie de terra de ninguém, mas com Marreta não havia dúvida: sob a mesma pele, conviviam os espíritos mais gentis e fervorosos e os mais rudes e desapegados. A mão capaz de acariciar e a de torturar e

matar. Aqueles que se consolam com a ideia de uma espécie de vala no meio da humanidade, para deixar a monstruosidade e o horror do outro lado, não poderiam ser mais obtusos. Quem consegue assistir à sua agonia sem se comover ou se alegrar sempre tem algo, pouco ou muito, que o faz tremer de emoção. É isso que nos torna temidos. É isso que nos permite ser a pior das calamidades.

Uma outra demonstração pode ser encontrada por quem nos observa no zelo com que, no dia seguinte àquele encontro galante, nos dedicamos aos desafios que nos apresentava nossa próxima missão. Especialmente eu, e essa foi a razão pela qual Aranha quis falar comigo no primeiro dia e assim que nos reincorporamos. O que Um e ele, por iniciativa própria ou por instigação superior, tinham inventado daquela vez era uma reviravolta na operação que tinha culminado com a eliminação do Suíno. Se naquela ocasião tínhamos tido sorte, embora depois de meses de busca, a questão agora era garantir que chegássemos até um objetivo de primeira linha em algumas circunstâncias que tinham se tornado mais complicadas do que na última vez. Não podíamos mais nos infiltrar com a vantagem de o adversário estar mais ou menos despreparado. Depois de duas baixas tão sensíveis, eles estavam cientes de ter uma falha de segurança e deviam estar determinados a corrigi-la como quer que fosse.

Era aí que eu entrava, ou melhor, era este o papel que o plano me atribuía. Eu tinha que criar um disfarce tão perfeito

e bem-acabado que me permitisse passar por um nativo, estar tão próximo de nossos inimigos a ponto de poder aspirar a me misturar com eles, até mesmo entrar na organização. No início, a ideia parecia quase irrealizável.

— Confie em você — Aranha me incentivou. — Venho observando você há anos. Se alguém pode fazer isso, esse é você. Você tem cabeça, tem coragem e tem algo mais importante: a capacidade de aniquilar seus próprios sentimentos. Nenhum dos outros consegue se igualar a você nesse sentido. E tem mais uma coisa: você é bom em idiomas. Já quase fala a língua de nossos vizinhos sem nenhum sotaque. Com algumas semanas de treinamento extra, será capaz de se passar por um deles sem problemas.

— Não dá para perder todo o sotaque — eu avisei.

— Vamos intensificar seu disfarce para justificar qualquer deslize que possa cometer. Vamos criar a história de que sua mãe era daqui e que você morou deste lado da fronteira durante algum tempo. Quem precisa engolir essa história vai engoli-la.

Portanto, meus dias foram dedicados em grande parte a aperfeiçoar meu domínio do idioma, mas também a dominar minuciosamente todos os detalhes da biografia fictícia que eu tinha que ser capaz de sustentar diante de qualquer pessoa, bem como a aprender os costumes da cidade onde eu ia me instalar, que por segurança não era onde Marreta e eu já tínhamos morado. Além disso, eu deveria saber o suficiente sobre a outra cidade onde eu deveria ter crescido.

Para encurtar a história, minha mãe teria retornado à sua terra natal após a morte do meu pai, o que também fornecia um álibi para minhas viagens para aquele lado da fronteira. Quanto a Marreta, seu papel era ficar por perto, servir como meu contato, impedir qualquer movimento perigoso do inimigo e, se necessário, agir como meu anjo da guarda. Para isso, ele teria que conhecer o terreno tão bem como eu, ou até melhor, e também ia ter que correr um risco adicional: passar pela fronteira com armas, caso as coisas saíssem do controle a ponto de termos que usá-las.

A atividade que me serviria de cobertura também foi decidida de cima para baixo: eu iria montar uma loja de artigos de montanhismo, para a qual já tinha sido encontrado um local adequado. A escolha do negócio não foi nada arbitrária: os terroristas, que não podiam atravessar os postos de fronteira, eram usuários regulares desse tipo de equipamento.

33 O PLANO

À medida que os anos passam, o corpo precisa de menos descanso, ou a mente não consegue lhe dar esse descanso, ou algo dentro de nós percebe que as horas que nos restam para encontrar alguma compensação pelo trabalho de viver são cada vez menos e mais curtas e tenta aumentá-las à custa do sono. Embora eu tenha dormido apenas três horas, acordo antes do amanhecer, na mesma posição em que caí na cama do quarto de hotel que compartilho com Vera. Eu tirei os sapatos, mas não me despi, e as roupas que acumulam o cansaço do dia anterior pesam em meu corpo como a pele velha da qual um réptil quer se livrar o mais rápido possível. Quanto à garota, ela ainda está dormindo, com aquela profundidade admirável com que descansam aqueles aos vinte anos. Levanto-me com cuidado e, tentando não fazer barulho, abro o guarda-roupas para pegar uma camisa entre as que foram trazidas da lavanderia do hotel no dia anterior. Depois, entro no banheiro e fecho a porta atrás de mim.

Para ganhar tempo, não faço a barba, embora uma barba de dois dias não deixe de chamar atenção indesejada para quem a usa, e vou direto para o chuveiro. Deixo a água quente cair no topo do meu crânio durante um tempo, enquanto meus músculos relaxam e esvazio minha mente

tanto quanto é possível para um homem da minha idade e trajetória. Preciso escapar por um momento do que sou, do que faço e do que está pesando em minha mente no momento. Depois de alguns minutos, não sei dizer quantos, saio de debaixo do jato de água, me ensaboo e me enxáguo rapidamente para acabar com o parêntese e me preparar para enfrentar os desafios do dia.

O primeiro deles eu encontro assim que abro a porta do banheiro. Vejo Vera em roupas íntimas, debruçada sobre a bolsa em que leva suas coisas.

— Desculpe-me — digo, e volto para o banheiro.

De trás da porta, ouço sua voz. Ela parece estar se divertindo.

— Pode sair, não vou desmaiar, e acho que você também não.

— Prefiro esperar que você se vista.

— Como quiser. Não sei o que vestir. Não gosto de nada que coloquei na mala ontem. Você deveria ter me dado mais tempo para escolher.

— Vou esperar o tempo que for necessário.

— Por mim, tudo bem. Já vi que você é um cavalheiro.

— Não é só por você.

— Tudo bem. Te aviso.

Eu espero, sem saber muito bem o quê. Na fração de segundo em que ela se ofereceu à minha vista, seu corpo jovem e nu não deixou de despertar em mim lembranças e outras coisas mais inconvenientes. Entre os momentos

luminosos de minha vida, conto alguns que tiveram como motivo a luz natural ou artificial refletida na pele de uma mulher, cuja visão também me convida, sem que eu possa evitá-la, a recordar algumas de minhas obscuridades. Há algum tempo, mais do que meu corpo e minha alma gostariam, a sensação de ter uma mulher nua à minha frente se tornou tão esporádica que a considero talvez mais perturbadora do que quando eu era adolescente. Não sei como pagar para tê-las, desisti de traí-las há muito tempo e não é fácil encontrar uma com quem eu sinta que o que acontecer entre nós, limitado, escasso, fugaz, porque não posso lhes oferecer mais, vai compensar o peso e o vazio posterior.

Soam algumas batidas na porta.

— Gostaria de tomar um banho, senhor — ela me informa.

— Colocou alguma roupa?

— Eu estava usando antes.

— Você sabe o que quero dizer.

— Abre a porta, anda. Você está a salvo.

Abro a porta. Ela vestiu uma calça e uma camiseta de manga comprida. Em seu braço, dobrados, estão uma muda de roupa e um suéter.

— Bom dia — ela me cumprimenta com um sorriso.

— Bom dia — respondo.

Trocamos de posição. Antes de fechar, ela se vira para mim e diz:

— Estou morrendo de fome. Podemos tomar café da manhã?

— Vou pedir para que nos tragam. O que você quer?

— Tudo o que tiverem.

— Você jantou ontem? — eu lhe pergunto. — Não vi a bandeja.

— Deixei no corredor. Devem tê-la levado.

— Tudo bem. Preciso de café, você também quer?

— Quero.

E ela se tranca. Vinte segundos depois, não mais, ouço a água correr. Ela se despe rapidamente, penso eu, e me dou conta da minha própria lentidão. A que o tempo vai enfiando dentro de você, sem que você perceba, até que sua velocidade esteja fora de sincronia com a do mundo e o mundo o deixe para trás.

Quando trazem o café da manhã, ela já está limpa e fresca, eu diria que quase despreocupada, se não fosse pela situação pouco propícia em que nós dois nos encontramos. Coloco a bandeja sobre a mesinha que há em um canto do quarto, convido-a a se sentar na poltrona ao lado e puxo a cadeira que está ao lado da escrivaninha para mim. Sento-me em frente a ela e sirvo seu café na única xícara que me trouxeram, juntamente com uma jarra cheia até a borda. Sirvo o meu em um copo. Ontem à noite, pensei em dizer na recepção que tinha companhia para que pudessem me cobrar por isso. No final, achei melhor omitir e correr o risco de ser cobrado ou pagar por isso eu mesmo quando for embora. Não

posso permitir que Vera conste em seus registros, aos quais a polícia tem acesso imediato. Não me importo de ser repreendido pela ocultação e eles não se importam com nada senão deixar de cobrar seus serviços.

Com a xícara na mão, Vera me pergunta:

— Qual é o plano?

— No momento, temos que esperar aqui até as dez.

— Para?

— Eles vão me ligar. Assim espero.

— Seu informante.

— Ele mesmo.

— Por que você diz “assim espero”? Pode ser que ele não ligue?

— Isso.

— E aí?

— Aí vamos esperar até o meio-dia.

— E se ele também não ligar? Esperamos até as duas, quatro, seis e assim por diante, até morrermos de tédio neste quarto?

— Não. Se ele não ligar ao meio-dia, não vamos esperar mais.

— Vamos embora?

— Provavelmente.

— Para onde?

— Vou ver. Para fora da cidade.

Vera olha para mim.

— E você não quer saber se eu concordo com isso?

— Tenho certeza de que você concorda.
— Você acha que eu tenho motivos para isso?
— Espero que sim.
— E se eu lhe disser que tenho, mas que não vou te contar?
— Eu me conformarei com isso. Mas gostaria de conhecê-los.

— Você terá de merecer. Você sabe como.
— Como?
— Confiando em mim, anjo exterminador.
— Não gosto quando você me chama assim.
— Você prefere anjo da guarda?
— Não me incomoda. É como se eu pagasse uma espécie de dívida.

— O que você quer dizer com isso?
— Seu pai foi um ajo da guarda para mim. Desculpe por mencioná-lo de novo.

Uma sombra passa por seu rosto.

— Poupe-me da próxima vez — ela diz. — Isso vai melhorar nossa relação.

— Tudo bem.
— E você não vai me contar mais nada?
— Não, até que me liguem ou eu perceba que não vão me ligar.

— Você tem mesmo alguma dúvida a respeito?
— Não muita, na verdade. Seria a primeira vez que falhariam comigo.
— Então vou esperar.

Não falham. Às dez em ponto, o telefone do quarto toca e, com um gesto, digo a Vera para ir ao banheiro. Ela resiste.

— Achei que poderia ouvir desta vez.

— Por favor — insisto. — É melhor para nós dois.

Relutantemente, ela se levanta e faz o que peço.

— Diga — murmuro assim que atendo.

— Não sei por onde começar — ele responde.

Sua voz não parece exatamente amigável. Eu estava contando com isso.

— Por onde preferir — eu o encorajo.

— Então vou começar pelo final. Saia daí o mais rápido possível e deixe a garota ir para onde ela achar melhor.

— O que vai acontecer com ela?

— O que tiver que acontecer. O que também não será tão ruim.

— Você pode me dar garantia disso?

— Você não está me pagando o suficiente para isso.

— Pelo que me lembro, não estou te pagando nada.

— Nem mesmo se você me der um castelo com empregados. Ela é maior de idade, se meteu onde quis e porque quis. O que isso te interessa? Você acabou de conhecê-la. Não me diga que teve uma queda. Na sua idade.

— Eu não tive uma queda. Ela não quer ir embora. Por enquanto.

Eu o ouço bufar do outro lado da linha.

— Você está dificultando a minha ajuda.

— Talvez você possa começar respondendo o que eu te perguntei.

— Tipo?

— Quem é esse merda? Por que todo esse alvoroço foi montado? Por que você estava tão mal informado da outra vez?

— Esse merda é um merda.

— Sinto muito, mas não faz sentido.

— Porque você não está pensando direito. Está destreinado, e imagino que agora também esteja nervoso e sem dormir.

— Não estou nervoso. E não preciso mais dormir.

— Vou continuar duvidando. O importante não é ele, idiota. Ele é o que é, e o que você deveria estar se perguntando é quem manda nele e por que aquele merda tinha justamente a filha do seu amigo entre as garotas dele.

— O que você quer dizer?

— Que importante é ela. E que o Marreta está morto.

— Não estou entendendo.

— O que estou tentando te dizer é que não tem mais ninguém para dissuadir, só uma ponta solta, e que você está criando dificuldades para essa ponta solta. Que você está se ferrando e ferrando ela também. Preciso ser mais claro?

— E você acabou de descobrir isso. No outro dia não sabia.

— No outro dia, você me pediu para descobrir quem era esse cara. Desta vez, investiguei um pouco mais.

Especialmente depois que descobri que, além de torturá-lo, você sequestrou a filha do Marreta.

— Diga-me só uma coisa. Que está falando por você. Não por eles.

— Estou te ligando de um telefone público, ignorando minhas ordens a seu respeito. Por que diabos eu falaria pelos outros?

— Tudo bem. Isso não faz diferença agora.

— E o que você vai fazer?

— Evaporar. E ela evaporará junto comigo.

— Pua, já sabem que é você. Desista enquanto pode.

— Obrigado. Vou pensar nisso.

E desligo. Não é o que ele merece, ele sempre foi decente e leal comigo, ao contrário de outros, mas agora tenho muito trabalho pela frente. Se entendi bem, vai me custar um mundo para sair dessa.

34 FICÇÃO

Não importa quanto você se prepare para uma mudança, se ela for suficientemente complexa ou arriscada, não dá para evitar a sensação de que uma espécie de abismo se abre sob seus pés quando finalmente chega o dia de dar o mergulho. Esse foi meu sentimento quando cruzei a fronteira para assumir o controle da minha nova vida, a ficção trabalhosa que meus chefes me pediram para sustentar por um período indefinido de tempo sem nenhum outro apoio próximo a não ser o de Marreta, para quem uma história de fachada também havia sido criada, embora muito mais simples. Para facilitar o contato entre os dois, quando necessário, o disfarce dele era um trabalho como representante comercial, o que justificaria sua presença frequente na cidade sem a necessidade de construir uma identidade para sustentar suas raízes ali. Para hospedagem, ele alternaria entre hotéis e uma casa de férias situada em uma praia a cerca de trinta quilômetros de distância, que a Companhia tinha alugado para esse fim e que também serviria como base avançada e como espaço seguro para realizar reuniões quando fosse necessário.

Minha residência, para a qual eu já me dirigia no carro com placa do país vizinho em nome da identidade falsa que me

fora dada, seria um apartamento que eu mesmo tinha alugado sob essa identidade quinze dias antes, bem como o local onde eu iria montar meu negócio de artigos para montanhistas. Quanto à loja, o trabalho de reforma ainda estava em andamento, financiado por um empréstimo bancário garantido por uma empresa de fachada da Companhia. Os planos eram abri-la no máximo um mês após minha chegada, para o que também estavam em andamento os acordos com os distribuidores que forneceriam os produtos e as licenças municipais. Quando o agente de fronteira me devolveu meus documentos, que tinham a qualidade necessária para passar por esse filtro, pensei que era uma sorte que, durante as primeiras semanas, eu tivesse tantas coisas para resolver fora da missão, embora fossem indispensáveis para ela.

Desde os primeiros dias, durante os quais tive que lidar principalmente com vizinhos, trabalhadores e funcionários da prefeitura, comecei a me familiarizar com minha nova identidade e a colocar minhas habilidades linguísticas à prova. Quanto a esse último aspecto, com alguns de meus interlocutores, tive que me basear na história que tínhamos preparado para justificar minha ligeira lentidão ao falar, mas com outros, menos observadores ou menos curiosos, consegui lidar sem que expressassem a menor surpresa. Meu objetivo era obter cada vez mais esta última reação: a história estava bem montada, mas não havia necessidade de submetê-la a testes desnecessários.

Quanto ao meu disfarce em geral, também aguentava bem. Eu tinha me instruído sobre o ramo de comércio ao qual ia me dedicar e o perfil que me foi atribuído – o do filho um pouco alheio de uma família abastada que, graças à sua parte da herança do pai, aspirava transformar sua paixão pelas montanhas em um negócio e estava mudando de cidade para ficar mais perto da cordilheira – dava um bom jogo e o tinha internalizado o suficiente para conseguir persuadir aqueles que me questionavam. Quase sem perceber, deixei que o indivíduo com o qual eu deveria me parecer, e que eu apresentava a todos pela abreviação de seu nome, Leo, substituísse minha própria personalidade nas relações sociais até que ela fosse completamente apagada. Por fim, chegou o dia em que eu não era Leo apenas quando estava conversando com as pessoas que tinha que enganar, mas também quando estava sozinho, e não como no início, para praticar as manias, os gestos ou a pronúncia. O que começou como um treinamento tinha se convertido em uma inércia que, às vezes, saía do controle. Quando encontrei Marreta na casa de praia, aonde, por motivos de segurança, eu também não ia com frequência, quase tive que me forçar para voltar a ser eu mesmo.

Os dois primeiros meses de minha infiltração foram consumidos nesse processo de estranhamento de mim mesmo e de aterrissagem em minha nova vida. Aranha tinha insistido muito para que eu não me precipitasse, que nas primeiras semanas não se esperava de mim que eu

fornecesse informações nem resultados, mas que me sentisse o mais confortável possível em minha nova cidade e em minha nova condição de comerciante. Nem sequer deveria fazer o menor esforço para entrar em contato com os círculos onde nossos alvos se moviam. O importante era que eu conquistasse o maior número possível de clientes e que aqueles que me conhecessem tivessem de mim a imagem de um bom vizinho. Em primeiro lugar, e como eu tinha o apoio financeiro necessário, desde o dia da abertura ofereci na loja, juntamente com o melhor dos serviços, preços vantajosos e promoções em itens selecionados. Também não poupei gestos nem deferências. Eu era solícito com os habitantes do meu prédio e, em poucas semanas, já tinha me apresentado a quase todos, chamando-os pelo nome e ajudando-lhes de alguma maneira. Os moradores daquele lugar não eram muito calorosos nem comunicativos, mas não viam com maus olhos aquele novo vizinho, jovem e com dinheiro para abrir o próprio negócio, segurando a porta para eles ou lhes ajudando a subir com suas compras.

De vez em quando, entrava na loja alguém que eu não podia deixar de adivinhar que era um dos meus adversários. Dava para perceber pelo sotaque, pelo olhar e pela maneira como examinava o material antes de comprá-lo. Nas montanhas, todos se arriscam, e aqueles que sabem disso, para seu próprio bem, tomam o cuidado de levar o melhor equipamento possível. Mas, pela maneira como aqueles compradores verificavam o que iriam levar ou não, ficava

claro que estavam pensando em mais exigências e outros riscos do que aqueles que o montanhista comum normalmente tinha em mente. De qualquer forma, eu os atendia como aos demais, com meu melhor sorriso e tentando satisfazer suas exigências. Por vários motivos, eu estava interessado não apenas em que eles sentissem que tinham feito uma boa compra, mas também que esse sentimento os levasse a recomendar minha loja aos seus conhecidos.

Eu guardava seus rostos ou seus nomes se algum deles, o que era bastante raro, me pedisse uma nota fiscal ou recorresse a uma forma de pagamento que me permitisse anotá-la. Mesmo que fosse falsa, ainda assim era uma informação útil. Eu fazia isso por rotina e passava para Marreta o que tinha descoberto sobre eles. Minhas instruções não incluíam investigá-los, e muito menos segui-los, nem mesmo promover qualquer forma de abordagem pessoal. Pelo contrário: o ideal, o que eu devia conseguir, era que a iniciativa partisse deles.

No início do terceiro mês, quando me encontrei com Marreta na casa de praia, percebi que ele estava mais agitado do que o normal e um pouco ausente enquanto eu lhe contava as novidades para que ele as transmitisse aos nossos chefes. Por fim, não conseguindo mais esconder de mim, ele anunciou:

— Eva está grávida.

A notícia caiu sobre mim como se fosse um meteorito de uma galáxia distante. Eu tinha me esquecido de Eva, de tudo o que havia do outro lado da fronteira, exceto da Companhia. Meu mundo agora era outro, e minha vida estava em vias de desaparecer completamente sob a pele de Leo, o vendedor de artigos de montanha, enquanto eu mantinha preso dentro de mim o caçador que era sob outro nome e cuja missão era esperar desta vez que a presa se aproximasse de seu posto. Eu só consegui balbuciar:

— E o que você vai fazer?

— Apoiá-la, é claro. Ela já está quase de seis meses.

— E você aqui, enquanto isso?

— Já disse a ela que, até o parto, só poderei voltar de vez em quando. Quando você voltar. Sou seu anjo da guarda, não te deixarei sozinho.

— E o que ela te disse?

— Que entende, se meu trabalho exige isso.

— E o Aranha?

— Que ele está pensando seriamente em me dispensar, mas que depende de mim. Se apesar de tudo eu ainda vou continuar fazendo meu trabalho.

— Já estou me vendo com aquele desgraçado do Cortiça.

— Não tenha medo. Eu não vou permitir isso.

Ele disse isso com um daqueles sorrisos que deixavam todos os dentes à mostra. E, embora eu não tenha gostado disso na época, porque me sentia desconfortável em ter como suporte mais imediato alguém que tinha bons motivos

para que a mente estivesse em outro lugar, o tempo que passou me permite ver seus esforços durante aqueles meses como prova de sua constituição excepcional. No final, Marreta conseguiu ser atencioso tanto com a mulher que daria à luz sua filha, para que ela não ficasse zangada com ele, quanto com o homem que ele deveria proteger e apoiar, sem que nem eu nem aqueles que nos lideravam pudéssemos censurá-lo por qualquer negligência grave do dever. É verdade que às vezes ele não parecia totalmente concentrado, que às vezes eu tinha que insistir ou repetir alguma coisa para ele, mas ele nunca deixou de estar presente, nem nos primeiros meses nem depois, quando sua filha nasceu e a missão o colocou à prova, assim como ia me colocar à prova.

À medida que as semanas passavam e eu me sentia cada vez mais solitário e isolado do meu mundo anterior, apesar do contato regular com Marreta e das escapadas de alguns dias quando eu tinha permissão para atravessar a fronteira uma vez por mês, com mais frequência me assaltavam as dúvidas a respeito da minha capacidade de lidar com o que me estava sendo exigido. Nada é mais frágil do que a ficção, nada está mais continuamente exposto a se quebrar, e não por causa da falta de inspiração do autor na hora de planejá-la ou por causa da suspeita dos outros, mas por causa da dificuldade que aqueles que devem alimentá-la acabam encontrando para manter a fé inabalável em um

empreendimento que se levanta contra a pior das tiranias: a da realidade.

Mais de uma vez me peguei sentindo que meu zelo em construir e sustentar aquele personagem era inútil, que por mais que eu tentasse dar a ele a forma mais perfeita e acabada ele nunca passaria de uma imitação barata. Um boneco inconsistente que não resistiria ao primeiro ataque sério da verdade obscura que eu deveria adentrar, desvelar e abater. Naqueles momentos, eu me sentia como alguém que vai para um duelo armado com uma espada de papelão para enfrentar alguém que empunha uma espada de aço. Eu tinha então que usar toda a minha força de vontade para não me deixar cair do medo ao nervosismo, do nervosismo à angústia e da angústia ao pânico.

Depois de cada um desses episódios de ansiedade, que muitas vezes aconteciam no meio da noite, eu só tinha uma opção: levantar no dia seguinte e me esforçar ainda mais na tarefa de manter minha ficção diante daqueles estranhos ao meu redor. Quanto menos eu desejava, quanto mais razões contrárias eu reunia, mais eu me esforçava em ser para eles quem eu não era e compensar com a fé deles a que eu tinha perdido.

Naquela luta, que podia parecer sem esperanças e fadada ao desastre, o acaso acabou me fornecendo um aliado inesperado. Ou, para ser mais preciso, uma aliada. Como as melhores coisas da vida, eu não a procurei, não foi fruto de uma estratégia ou um cálculo, e muito menos posso dizer que

fosse justo que me fosse concedido. Ela simplesmente entrou na loja um dia, eu a vi hesitar na hora de escolher uma jaqueta corta-vento e fui orientá-la como fazia com todos os outros. Não para ajudar ou ser útil, mas por causa da minha rotina de usar a clientela para delinear e fortalecer o personagem falso que minha missão exigia que eu incorporasse.

Algo aconteceu desde o primeiro instante. Foi uma luz em seus olhos, um tremor em sua voz e em suas mãos. Eu não fiz nada que já não tivesse feito milhares de vezes antes, mas isso mexeu com ela por dentro. E ela não fez nada mais do que corar, tropeçar nas palavras e olhar para mim em rajadas com seus olhos azuis, como talvez fosse seu costume, mas, por razões que não consigo explicar, além do fato de que ela era linda e tudo em sua pessoa exalava doçura, eu, ou talvez devesse dizer Leo, o vendedor no qual eu estava me misturando há semanas, foi abalado com a força de um terremoto. A partir de então, devo admitir, fiz o que pude para conquistá-la, para criar um lugar para mim em sua vida além de lhe vender uma peça de roupa. Consegui descobrir seu nome: Irene. Graças a ela, eu ia completar meu disfarce e, ao mesmo tempo, aliviar a minha solidão.

35 O PASSADO

Não há nada mais tolo do que manter o hábito ou a posição quando se tem a suspeita bem fundamentada de que as circunstâncias não são aquelas que nos levaram a adquirir um ou a fixar o outro. Assim que interpreto a mensagem que acaba de ser transmitida para mim, aquelas poucas palavras com as quais meu informante me tirou da ilusão em que vivi até agora, atravesso o quarto, bato na porta do banheiro e anuncio a Vera:

— Pode sair. E faça suas malas. Estamos indo embora.

A porta se entreabre imediatamente. Vera aparece no vão.

— Já? — ela pergunta.

— Já. E se for dentro de um minuto, melhor que dois — respondo enquanto abro o armário e começo a jogar minhas roupas na cama.

— Não vai me contar nada antes?

Eu me viro para ela. Olho em seus olhos.

— Não deveríamos estar aqui. Esse lugar já não é mais seguro.

— Você vai me explicar em algum momento?

— Mais tarde. Quando estivermos longe.

Ela fica parada no meio da sala, com os braços levantados e uma expressão de descontentamento no rosto. Acho que

chegou a hora de fazer algo que eu normalmente prefiro não fazer. Aproximo-me dela, seguro-a com força pelos ombros com as duas mãos e explico:

— Eles sabem quem eu sou. Já estão me procurando.

— Eu não disse nada para eles — ela volta a afirmar.

— Eu sei. Nem precisava dizer. O que você precisa entender é que, se eles sabem quem eu sou, já sabem que estou aqui, ou estão prestes a descobrir. Se você quiser lidar com eles de agora em diante, não tenha pressa. Se quiser vir comigo, mexe essa bunda de uma vez.

Meu apelo rude teve o efeito de tirá-la de seu estupor. No momento em que coloco os últimos pertences pessoais em minha bolsa de viagem, ela já terminou de recolher os seus e está pronta para partir.

— O carro está estacionado a duas ruas daqui — eu lhe digo. — Você sairá pelos fundos, vou te mostrar o caminho. Vá sem parar até a praça do outro lado da avenida e me espere perto da fonte. Vou limpar o quarto e te encontrar lá logo em seguida. Entendeu?

— Entendi.

— Se não estiver lá, não vou atrás de você — eu a aviso.

Essas palavras alcançam o seu objetivo. Inquietá-la.

— As coisas mudaram tanto assim?

— Você nem imagina quanto.

— Começo a ter uma ideia.

— Espere por mim na fonte e eu conto o resto.

Isso é tudo o que tenho para mantê-la ao meu lado. Para fazê-la ver que não vou impedi-la de ir embora, se é isso o que ela prefere. Para provocar sua curiosidade. Às vezes nos esquecemos de que não há melhor maneira de fazer com que outra pessoa decida ficar conosco por mais tempo do que o pouco tempo que normalmente leva para descobrir em que pé estamos.

O recepcionista aceita as notas que lhe dou para liquidar a conta, cobrando-me todas as noites pelo quarto como ocupação individual. Se eles notaram que na última noite eu trouxe outro hóspede, ou não se importaram ou passaram a aceitar isso como uma fraqueza que uma proporção tolerável de sua clientela tem. Com a conta paga, saio pela porta principal em direção à rua, não sem antes me certificar de que não há ninguém com quem eu deva me preocupar e com a mão direita livre e perto de onde guardo minha arma, só por precaução. A manhã está cinzenta e fria, mas não está chovendo, e atravesso a avenida sem usar a faixa de pedestres, aproveitando uma breve trégua no trânsito. Quando chego nos arredores da praça, vejo a silhueta de Vera ao lado da fonte. Nesse momento, não posso deixar de me lembrar do pai dela. De agora em diante, tenho o direito de administrar sua missão de uma maneira diferente. De acordo com minhas próprias regras e necessidades, na medida em que for compatível com elas, esse compromisso que, de repente, assumiu um outro rumo.

Quando chego até a garota, ando como se nada tivesse acontecido.

— Venha atrás de mim — eu digo — mas deixe uma distância de vinte passos entre nós. E se algo inesperado acontecer, saia do caminho. Isso é tudo.

Ao me aproximar do local onde estacionei o carro na noite passada, aguço todos os meus sentidos. Também não detecto nenhuma presença hostil e vou direto para a parte de trás. Com o porta-malas já aberto, faço sinal para Vera se apressar. Ela acelera o passo, me entrega a sua bolsa, eu a guardo e em seguida estamos sentados lá dentro.

— Muito bem — eu a parablenizo. —Vamos sair daqui.

Dou partida e procuro o caminho mais direto de sair do centro da cidade o mais rápido possível. Já tenho uma ideia em mente da rota que vou seguir, mas primeiro preciso me livrar deste carro, cuja placa também já pode estar nas mãos da pessoa que menos me convém. Assim, entro no anel viário, sigo para o aeroporto e, quando chego lá, sigo a placa que conduz ao estacionamento. Ocupo uma vaga perto da área reservada para carros de aluguel, dentro da área geral do estacionamento. Em seguida, aviso a Vera:

— Vou trocar de carro. Você pode me esperar aqui.

Nós dois saímos, pegamos nossas bagagens, no meu caso a bolsa que retirei do quarto e a mala onde guardo o restante dos meus pertences, e vou sozinho alugar o novo carro em uma empresa diferente da anterior. Para assinar o contrato, uso um dos jogos de documentos falsos que levo em minha

mala. Antes de retornar ao estacionamento, deixo a chave e um pedaço de papel na caixa de correio da empresa proprietária do carro que usei nos últimos dias, no qual anotei o número da vaga de estacionamento onde o deixei. Eu o paguei adiantado e o valor dos dias que me restam do meu contrato cobre de sobra a quantidade de combustível que falta no tanque. Não se deve deixar dívidas, se puder evitar, nem causar prejuízos gratuitos a ninguém.

Com a chave nova já em meu poder, vou buscar Vera, que está um pouco inquieta, esperando onde a deixei, e carregamos nosso equipamento até o local onde o funcionário da locadora me disse que nosso carro estaria esperando por nós. Ele é azul, um pouco maior do que o anterior, igualmente discreto e um pouco melhor para dirigir na estrada. Preciso sair daqui, e rápido.

Vera permanece em silêncio até que consegue suspeitar para onde a estou levando. Quando, depois de vários desvios, pego a estrada principal e ela percebe que permaneço nela, ela finalmente dá seu palpite:

— Para o sul.

— Exatamente — eu confirmo.

— O que tem lá? Por acaso você tem um esconderijo?

Balanço a cabeça.

— Não posso ir para o meu esconderijo. É mais seguro nos movermos.

— E por que para o sul?

— Lá tenho uma chance melhor.

— De fugir.

— Não só.

Vera mantém os olhos fixos na estrada. Não há muito tráfego, o sol abriu passagem entre as nuvens e ilumina o caminho. Pela primeira vez em vários dias, sinto que me invade algo parecido com uma sensação de bem-estar.

— Posso finalmente saber o que está acontecendo? — ela pergunta.

— Pode sim.

— E?

Respiro fundo. Vou dizer para ela, mas também para mim.

— Fui enganado.

— Por quem?

— Por quem mais? Pelo inominável.

— Meu pai?

— Ele mesmo.

— Quem é que te falou isso?

— Eu deveria ter percebido antes, mas agora ficou tudo claro.

— Explique-se.

— Antes de mais nada, posso te fazer uma pergunta?

— Diga.

— Você foi internada em um hospital recentemente?

Os olhos de Vera se arregalam.

— Eu? Nunca estive internada em um hospital na minha vida.

— Desgraçado! — deixo escapar.

— Ele te disse isso?

— Isso e também que você tentou se suicidar.

Vera começa a rir.

— Garanto que isso nunca passou pela minha cabeça.

— E todos aqueles comprimidos que havia no apartamento?

— Eu te disse. Não eram meus. Nem as drogas.

— E você nunca tomou nada? Nem para dormir?

— Ah, isso sim, algumas vezes. Também experimentei uma carreira, mas nada mais. Não gosto dessas coisas e não preciso delas. Você não acredita em mim?

— Eu acredito em você. Estou com você há um dia inteiro. E não vi você sentir falta delas como uma viciada sentiria.

Minha confiança em sua sinceridade não deixa de confortá-la.

— Fico feliz. Então, seu amigo te enganou. Olhe para você.

— Eu não descreveria desse jeito.

— E como você descreveria?

— Ele não me contou toda a verdade. E para me convencer melhor, ele me contou algumas mentiras. Que ele sabia que eu iria descobrir.

— Você é muito compreensivo com ele.

— Não. Tenho motivos para perdôá-lo.

— Como assim?

— Ele não tinha escolha. Só podia recorrer a mim.

— Nesse caso, é ainda pior que ele tenha mentido para você.

— Não posso ser tão duro com ele — admito. — Em outros tempos, nós dois tivemos que mentir muitas vezes. É uma pena, só isso.

— Uma pena?

— Sim, porque eu teria feito o que ele me pediu de qualquer maneira.

— Salvar-me.

— Tentar.

— De quê? Quem está nos perseguindo?

Hesito em responder, mas prometi a ela.

— De mim, o que assombra a todos nós, até o fim: o passado. De você, a mesma coisa, mas no seu caso é o passado de outra pessoa. O passado do seu pai.

— Você não está me respondendo — ela protesta.

— Eu diria que sim.

— Quem são as pessoas por trás desse passado?

— Ainda não sei, nem sei por que foram atrás dele e por que agora estão tão interessados em que você não escape do controle deles.

— Você está mentindo para mim — ela resmunga.

— Não, Vera, eu juro. Tenho minhas suspeitas, nada mais. Posso estar errado, e é por isso que prefiro ficar fora de circulação e não tentar nada até que saiba melhor o que esperar. Para meu próprio bem, é claro, mas também para o seu. Mesmo que seu pai tenha me enganado, quero tentar fazer o que ele me pediu para fazer. Manter você em segurança.

— São eles. Aquelas pessoas para quem trabalharam — ela deduz.

Olho para o horizonte. A estrada atravessa uma planície e, ao fundo, posso ver uma cadeia de montanhas. Sempre há uma, esperando que a cruzemos.

— Com certeza — admito. — Algum deles. Para descobrir isso, preciso saber quem é. E outra coisa. Talvez não sejam apenas eles.

— A que você está se referindo?

— A isso que você sabe e ainda não me contou.

Ela baixa os olhos. Sabe que está em falta. E que agora é a vez dela.

36 AMOR

Um dos paradoxos mais desconcertantes da vida é o fato de que as melhores coisas que surgem em nosso caminho muitas vezes são lembradas como se tivessem sido vividas por outra pessoa. No meu caso, com outro nome e em meio a uma existência falsa e manipulada na qual me custa discernir o que era autêntico e o que fazia parte da ficção. No início, quando soube que Irene não recusaria se eu a chamasse para tomar um café, quando ela, frente à xícara vazia, se deixou convidar para dar um passeio certa tarde, quando ela foi ao primeiro encontro e eu vi que tinha conseguido ficar ainda mais bonita do que já era, a leveza que senti em meu corpo e a emoção desconhecida que me atravessou foram suficientes para explicar meus atos sem a necessidade de acrescentar qualquer outro motivo. Eu estava lá, procurando por ela e comemorando que ela se deixasse encontrar, porque uma força que brotava das profundezas do meu ser exigia isso de mim.

Aquela força, assim manifestada e atendida por aqueles que a experimentam, nos livros de romance é chamada de amor, e suponho que eu também possa usar essa palavra quando a evoco, e acreditar que o que vivi com Irene foi isto: não apenas uma história de amor, mas a mais bela e

verdadeira de todas as que eu acredito ter vivido, embora ela nunca tenha me chamado pelo meu nome, porque eu nunca lhe disse. Às vezes também penso, quando me lembro dela, que foi justamente aquela circunstância, na qual eu não era eu, que tornou possível o que de outra forma nunca teria acontecido.

Entretanto, minha memória também guarda outro momento, que poderia muito bem servir para interromper tudo o que foi dito anteriormente. Isso aconteceu logo no início, quando eu tinha tido apenas alguns encontros com Irene. Eu estava ciente de que meus movimentos tinham um observador constante, Marreta, que estava sempre ou quase sempre presente, mesmo que eu não pudesse vê-lo. Quando eu estava com ela, devia ter em mente que o que eu estava fazendo tinha uma testemunha, e além disso eu não podia lhe pedir para que me encobrisse daqueles que nos mandavam. Eu lhe disse isso na nossa primeira reunião na casa de praia, depois que ele começou a me ver com Irene.

— Deixe que eu conte para o Aranha.

E aí vem aquele outro momento de que me lembro, que lança uma sombra inevitável sobre tudo o que eu ia vivenciar com ela dali em diante: minha conversa com Aranha algumas semanas depois, aproveitando um dos meus fins de semana de folga no outro lado da fronteira. Contei a ele em detalhes como eu a tinha conhecido, e quais passos eu tinha dado até aquele momento. Em seguida, levantei a possibilidade de levar o relacionamento o mais longe

possível, aproveitando o fato de que a garota parecia mais do que receptiva. Aranha, como de costume, não deu uma resposta imediata ou direta. Ele preferiu também, como de costume, adiar a decisão fazendo algumas perguntas desconfortáveis ao seu interlocutor.

— Você está apaixonado? — foi a primeira, sem rodeios.

— Eu gosto da garota. Muito — admiti.

— Não estou te perguntando se você tem vontade de transar com ela, o que, pelo brilho dos seus olhos e pelos níveis hormonais que correspondem à sua idade, imagino que sim, mas se você a ama. Vamos ver como eu te explico isso: se você se importa com o bem-estar dela, com sua felicidade, em não a perder, todas essas coisas.

Era inútil tentar enganá-lo.

— Não quero que ela sofra — eu disse. — E ficaria triste se não a visse novamente.

— Você pensa nela quando não está com ela?

— Sim.

— Quantas vezes ao dia?

— Muitas — respondi.

— Então você está apaixonado — disse ele. — Estou um pouco surpreso com isso, mas, no final das contas, você não deixa de ser humano. Também não é grave, na grande maioria dos casos é uma coisa passageira.

— Não acho que isso vá afetar o que tenho que fazer — eu disse.

Aranha me olhou com um ar de desconfiança.

— Isso você sabe melhor do que ninguém.

— Pode até funcionar a nosso favor — aumentei a aposta.

— Como?

— Tornando meu disfarce mais confiável. Um homem sozinho não é o mesmo que alguém em um relacionamento. Especialmente se for, como nesse caso, um relacionamento com alguém que, além de tudo, é natural do lugar.

Meu chefe assentiu com a cabeça, pensativo.

— Naturalmente, é nisso que tenho pensado desde o instante em que você me contou e propôs o que acaba de me propor. No entanto, há algumas questões que devemos deixar claras para que possamos concluir se será como você diz que será.

— Que questões?

— Vou te fazer outra pergunta.

— Era de se esperar.

— Você acha que será capaz de colocar a missão, em todos os momentos, acima do que o seu relacionamento com essa garota possa parecer desejável, prazeroso ou necessário?

— Não sei se entendi o que você quer dizer.

— Quero dizer que não é difícil imaginar que alguma vez você terá que embromar, negligenciar ou contrariar essa garota para fazer o que deve ser feito. Sem mencionar que você vai mentir para ela do início ao fim e sabe-se lá quantas vezes mais ao longo do caminho. Mentir para alguém por quem você tem sentimentos sempre é uma dificuldade adicional.

Eu não podia vacilar nesse ponto, e não o fiz.

— Assumo o que sou e onde estou.

— Isso vai complicar sua vida.

— Eu resolverei essa complicação.

— Há outra pergunta. A principal.

— Só dizer.

— Já pensou que um dia, assim como apareceu na vida dela, você vai ter que desaparecer e nunca poderá dar nenhuma explicação?

Ele me pegou desprevenido. Eu tinha pensado nisso, é claro, mas não dessa forma. Aranha era bom em deixar o lado mais desagradável das coisas às claras. De todas as enganações que eu teria que usar para manter um relacionamento com aquela garota, aquela era a pior. Pois não se tratava apenas de esconder um pedaço da realidade ou apresentar o fictício como se fosse verdadeiro, mas a falsidade estava no fundo do coração. Não pode pretender estar apaixonado, nem tem nenhum direito de se apaixonar por outra pessoa, quem aceita desde o início que o fim será a traição e o abandono. O fato de todos os amantes, com poucas exceções, acabarem abandonando e traindo o amor que um dia sentiram, é outra questão. Imperdoável era que a deserção já estivesse lá, clara e visível, no momento do primeiro abraço, da primeira entrega do outro.

Aranha sabia como ler minha hesitação.

— Ao que parece você não tinha pensado nisso.

— Claro que pensei — eu ri. — Não tinha como não ter pensado.

— E?

— Vale o que eu disse antes. Assumo o que sou e onde estou.

— Tem certeza?

— Tenho certeza.

Aranha levantou as mãos.

— Nesse caso, não tenho nenhuma objeção — disse ele. — Pelo contrário, gostaria de te parabenizar por sua capacidade de se misturar com o ambiente. E de te incentivar a aproveitar ao máximo essa história de fachada feminina.

— Assim farei.

Sua expressão, então, se tornou cúmplice.

— Não só para a missão. Aproveite o que puder.

E diante da minha surpresa com essa tirada, ele acrescentou:

— A vida é curta. E a nossa é mais.

Foi depois dessa conversa que peguei Irene pela primeira vez em meus braços, que a vi pela primeira vez sem roupa e que ela dormiu pela primeira vez em minha cama. Portanto, devo aceitar, para meu próprio registro, para ela e para o restante da humanidade, que desde o início do que eu quero acreditar que foi nosso amor eu me comportei como um impostor repulsivo, como um homem sem coração que não teve escrúpulos em tirar proveito da ingenuidade, da bondade e da paixão dela em seu próprio benefício e do da

organização para a qual trabalhava. Eu a seduzi, a acariciei e busquei a sua companhia repetidas vezes porque tê-la comigo tornava o curso de meus dias menos duro, mais agradável e um pouco menos desanimador. Mesmo que isso pudesse levá-la a obscurecer os dela.

Isso tudo é verdade, não vou amenizar nem inventar desculpas, e me pergunto, inclusive, até que ponto essas razões não foram preferenciais aos argumentos que ofereci ao Aranha em relação às vantagens para a missão. Talvez porque lá no fundo eu soubesse disso, e para neutralizar as apreciações cínicas do meu chefe, eu me entreguei a agradá-la como nunca tinha agradado nenhuma mulher antes, e nunca mais voltei a fazê-lo depois daquele episódio. Quando me lembro dela, Irene, sinto que poderia ter sido para ela o melhor e mais escrupuloso dos amantes, pelo menos durante o tempo em que estivemos juntos, porque em todos os momentos tive que compensar a consciência e o remorso de não a amar de verdade, a certeza de que os dias que compartilhávamos traziam em seu seio a semente de seu inexorável e abrupto fim. Foram as mentiras e a morte, em suma, que alimentaram a chama que nos estremecia.

Quanto ao resto, depois que a conheci melhor, não poderia ter sido mais fácil para mim lhe dar todo o amor e a atenção que minha natureza era capaz de dar a outro ser humano. Irene tinha uma alma limpa, um caráter compreensivo, uma sensibilidade delicada e uma inteligência bondosa. Cada segundo que eu passava em sua companhia tinha o gosto

perturbador do imerecido, que é ainda mais intenso do que o do fruto proibido. O que me comoveu até a medula dos ossos foi o fato de ter recebido aquele presente com tanta facilidade; o fato de que não me recusasse, como seria lógico e compreensível. Por não ter recusado, Irene não teve sequer o inconveniente que em algum momento Marreta, que não conseguia esconder sua alegria ante meu idílio, sugeriu-me com aquela malícia que se pode exalar quando é a amada de outro que é submetida à prova:

— Pergunte a ela. Talvez ela simpatize com esses filhos da puta.

— Acho que não — eu rejeitei. — Não combina com ela.

Era um risco, sem dúvida. Naquela área, que foi um dos motivos que os tinha levado a buscar refúgio ali, havia muitas pessoas que davam apoio, moral e de outro tipo, aos membros da organização que estávamos combatendo. Quando enfim surgiu o assunto, sobre o qual eu a convidei obliquamente a se pronunciar, Irene não decepcionou minhas expectativas:

— Nenhuma ideia justifica forçar uma mãe a chorar pelo seu filho.

Ela tinha essa virtude. A de encontrar, sem esforço, a maneira mais simples e contundente de dizer o que outra pessoa, eu mesmo, não saberia como dizer, quando não se perdia em rodeios para acabar expressando isso de uma maneira mais vaga e pouco convincente. Ela também tinha outras virtudes, que em minha memória estão ligadas a uma

infinidade de momentos que procuro evitar, porque, de onde os vejo agora, o vestígio indelével de sua doçura se mistura com o amargor perene de minha própria mesquinhez. Agora me vem à mente uma tarde de primavera, quase verão, que talvez seja a transcrição de um punhado de tardes semelhantes. Estamos na praia, sozinhos, ela e eu, o sol está se pondo no horizonte e eu me esqueci de tudo, exceto de que sou o homem que ela ama e sobre o qual ela repousa sua cabeça. Ficamos em silêncio por um longo tempo, nos comunicando apenas com o calor das pontas dos dedos. De repente, Irene se levanta, vira-se para mim, olha para mim e sussurra:

— Às vezes, não acredito. De ter sido capaz de encontrar você.

E olhando para ela, duvido de tudo. Minha missão, minha natureza, minha vida inteira. E é contornando essa dúvida que vou me condenar.

37 PODER

Pela primeira vez desde que a conheço, Vera me parece insegura, diria quase que perdida. Mais diferente do que nunca da criatura avassaladora que vi há alguns dias explodir, pisando forte, na cafeteria onde eu tinha marcado um encontro com ela. Parte do efeito é produzido pela roupa: agora ela não está usando um vestido para ajudá-la a construir sua persona de mulher fatal, mas roupas comuns que escondem suas formas e lembram quem a vê, eu que a observo do assento do motorista, de que no fim das contas ela é pouco mais que uma criança. Mas o que a deixa repentinamente hesitante, eu interpreto, é ter que falar sobre algo que ela leva com menos facilidade e naturalidade do que pretende, como não poderia ser de outra forma. Ninguém, e não estou dizendo a partir da teoria, mas por castigo, sai inteiro depois de entregar sua pessoa, seja qual for a razão ou o preço, para dar satisfação a outro.

— Você pode pular as partes difíceis — eu a incentivo.

— Talvez essas sejam as partes que você estava esperando que eu te contasse — ela me cutuca.

Eu tenho uma vantagem. Enquanto a ouço, além de pensar em meus próprios problemas, que não são poucos, preciso continuar atento ao volante, que é uma tarefa que exige que

eu mantenha meus reflexos alertas e não negligencie uma infinidade de pequenas operações simultâneas. Desde pressionar os pedais com a força necessária para garantir a resposta adequada até calcular antecipadamente o arco de uma curva para determinar quando e até onde devo reduzir a velocidade. Como resultado, sou menos vulnerável a provocações do que minha interlocutora.

— Não, Vera, pode acreditar em mim — digo docilmente.

— Você não vai me julgar?

— O que eu ganho te julgando? Para que precisaria disso?

— Esses não são os únicos dois motivos para fazer algo.

— Para mim, são, pelo menos neste momento.

— Tudo bem — ela cede. — Vou cumprir minha parte do acordo.

— Estou ouvindo.

Ela respira fundo. E solta todo o ar de uma só vez.

— Talvez eu saiba algo que alguém não quer que se saiba.

— Uau — não posso deixar de observar.

— Antes de entrar nisso — e enquanto ela fala, sua voz está novamente firme, como se estivesse recuperando sua presença de espírito habitual —, há uma ideia que acho que você tem feito sobre mim que é melhor ir esquecendo.

— E que ideia é essa?

— Que sou uma espécie de idiota que eles usam e manipulam. Talvez você pense isso por causa da minha idade ou pela maneira como encara a vida.

— Nunca disse nada disso.

— Mas fica claro em muitas coisas que você diz. Pela sua atitude.

— Não foi minha intenção, posso te garantir. Também não vou tirar o corpo fora, não acho que você tenha perspectiva suficiente para avaliar as consequências finais de algumas coisas, mas isso não significa que você seja uma idiota. Ninguém tem essa perspectiva em sua idade. Eu tinha menos ainda.

— O que quero te dizer é que sei o que estou fazendo, que não fiz nada que não quisesse fazer e que não sou nem fui fantoche de ninguém.

— Também não sugeri nada disso.

— Quer saber? — De repente, tenho a sensação de que ela está falando consigo mesma ou com alguém que não está ali.

— Tudo o que fiz foi trocar algo com o qual não me importo muito por algo de que precisava, e que não poderia ter de outra forma, nem tão rápida nem tão facilmente. Não sei se você entende o que quero dizer.

— Vagamente. Também não sei se quero que você seja mais precisa.

Embora eu lhe ofereça isso, ela não se esquivava.

— Não me importo de fazer sexo com estranhos, nem mesmo com aqueles por quem não me sinto fisicamente atraída. Só exijo que não sejam sujos nem me deem nojo, e ainda não tive de suportar nada disso. O dinheiro é uma boa barreira para mantê-los a distância e, se não der certo, sempre dá para desfazer o acordo. A única precaução é não

ter nenhum primeiro encontro em que você não possa se livrar se quiser do indivíduo em questão.

— E do que você precisava? — pergunto.

— Independência. Dinheiro também, é claro, sem dinheiro você não é ninguém nem consegue fazer nada, mas o que eu não podia suportar mais era ter que depender de alguém que representa tudo o que eu abomino.

— Não vou te perguntar por que detesta tanto ele, mas confesso que cada vez que você fala isso, minha curiosidade aumenta para saber os motivos.

— Você terá que aturar isso. Prefiro não falar a respeito.

— E nem fazia parte do nosso acordo — admito.

— Talvez, eu te digo, isso não combine com sua ideia de vida ou moralidade ou o que quer que seja — ela explica, didática —, mas, na minha opinião, é muito mais simples: quando você descobre que tem um poder e que esse poder serve para resolver todos os seus problemas, você simplesmente o exerce.

— Eu não tenho uma visão tão rígida da moralidade — eu a advirto. — O que estou me perguntando é se isso que você está falando é realmente um poder.

— Você não pode imaginar a extensão dele.

— Em todo caso, estamos nos desviando — permito-me observar.

— Pelo contrário. Estamos indo ao cerne da questão.

— Então me ilumine.

— Eu mesma fiquei surpresa, a princípio. Ter tanto poder sobre homens feitos, ou isso eles fingiam ser, pessoas bem-sucedidas, com dinheiro no banco, tarefas de casa, responsabilidades. No final, acabei desenvolvendo minha própria teoria. Quer saber como ela é?

— Não tenho nada melhor para fazer.

Ela ri. Quando o faz é outra pessoa, como todos. Um pouco melhor.

— Já que está me pedindo assim, terei que te atender. Minha teoria é que quanto mais uma pessoa conquista, mais solitária e mais perdida ela fica, por mais que seus triunfos a ajudem a parecer bem diante dos outros. E tenho outra teoria, que diz respeito aos homens com mais de quarenta anos.

— Acho que não vou gostar de ouvir essa.

— Você é muito mais fraco do que pensa. Sabe por quê?

— Sou todo ouvidos.

— Porque você foi programado para ser o galo do terreiro, e sua natureza não o preparou para um plano B. É por isso que acabam sendo tão fáceis de manipular. Basta criar a ilusão de que ainda não perderam esse lugar, mesmo que seja uma mentira. Diante das mulheres que têm um plano B, C e todos os que forem precisos, vocês estão perdidos.

— Não estou dizendo que a teoria não seja interessante.

— É mais do que isso. Eu a testei bastante.

— Talvez você esteja generalizando um pouco.

— Estou falando do que sei.

— Talvez, em mais vinte anos isso não funcione. Nem com todos agora.

— Até agora, tem funcionado para mim com as pessoas com quem eu tive que lidar. Com o homem de quem você tirou aquelas fotos, sem ir mais longe.

Enfim, vejo aonde ela quer chegar.

— Você quer que eu acredite que você estava no comando — eu digo.

— Claro que estava — ela afirma com convicção.

— E como você prova isso?

— Ele colocou o apartamento dele à minha disposição, me dava proteção, se preocupava em me manter feliz em vez de ganhar dinheiro às minhas custas, como faz com todas as outras garotas. Ele me ajudou no início, quando eu não tinha quase nenhuma experiência; ele me ensinou como tirar o maior proveito de mim mesma e também o que eu tinha que evitar. Imagino que a ideia dele era ganhar a minha confiança para que fosse capaz de lidar melhor comigo mais tarde, não sou boba, mas eu não vi isso acontecer. Consegui fazer outra coisa.

— Que ele perdesse a cabeça por você.

Não consigo evitar o tom cético, mas ela não parece ofendida.

— Mais ou menos. E é aqui que chegamos ao que você quer saber. Quando alguém se apaixona, acaba contando mais do que deveria para a pessoa que deseja manter ao seu lado. Sei para quem e com quem ele trabalha, e não acho que ele, nem

os chefes dele, nem alguns de seus sócios queiram que o que eu sei acabe chegando aos ouvidos de algumas pessoas.

— Você está falando de atividades fora da lei.

— É por isso que não fui embora quando você me deixou sozinha no hotel. É por isso que acreditei em você quando disse que os policiais que vigiavam o apartamento e a casa da minha mãe não tinham motivo para querer o meu bem. É por isso que ver todo mundo lá me levou a confiar em você, apesar de quem te enviou.

— Eu preferiria que fosse por outro motivo.

— Se você quer que eu seja honesta, há outro motivo.

— E você vai me contar?

— Por que não? Gosto de você.

Sem querer, minhas mãos apertam o volante com mais força. Não tenho certeza se entendi o que ela acabou de me dizer, e alguns de seus possíveis significados não poderiam ser mais contraproducentes. Também acho difícil me acostumar com sua desenvoltura, com esse seu atrevimento que a leva a expor abertamente o que qualquer um preferiria encobrir.

— Desde o primeiro momento, a verdade — acrescenta ela. — Desde o momento em que você ameaçou me espetar com uma agulha e me injetar algo para me fazer calar a boca e parar de resistir. Sem ficar alterado, como se no fundo você não desse a mínima. E, ao mesmo tempo, sem nunca deixar de me respeitar. Você é esquisito, Ben, e isso chama minha atenção. Isso me excita.

Não tenho escolha a não ser me esquivar do comentário dela.

— Não é para mudar de assunto, ou talvez seja — admito —, mas para poder definir melhor a estratégia daqui para a frente, me ajudaria ter uma ideia a mais precisa possível do que você acabou de me contar. Para quem e com quem seu protetor está trabalhando, que não querem que o que estão fazendo seja revelado? Até onde você sabe.

— Eu sei o que ele me disse. Pelo que ele me contou, quando deixou a polícia, fez um acordo com os seus chefes. Para lidar com certas atividades que não são legais, mas são necessárias, foi assim que ele descreveu. Pelo que entendi, seus chefes garantem que certos negócios sujos continuem funcionando e, em troca, aqueles que os administram passam informações e uma porcentagem dos lucros para eles. Assim, a polícia captura mais criminosos, e alguns policiais conseguem ter um estilo de vida mais confortável do que teriam apenas com seu salário. Meu protetor, como você o chama, é uma espécie de intermediário entre uns e outros.

— E ele já chegou a te dizer nomes?

— O do comissário a quem ele se reporta. Também sei o daquele que fornece drogas, garotas e segurança quando ele precisa.

— É compreensível que eles se preocupem em saber onde você está.

— Você acha que eles seriam capazes de...

É evidente o que ela não diz. Ainda assim, não há medo em suas palavras. Isso não deixa de me surpreender. Por muito menos, já vi homens curtidos perderem a calma, a postura e até mesmo a capacidade de raciocinar.

— De te machucar? É claro. Quanto, isso eu não sei.

— E a sua gente?

— Gente minha?

— Aqueles com quem você e meu pai trabalhavam.

Não me parece que eu deva, a essa altura, amenizar a realidade para ela.

— Minha gente é capaz de qualquer coisa.

— Então temos um bom problema.

— Também pode ser a solução — raciocino. — Por enquanto, vamos lidar com os problemas mais imediatos. Onde vamos comer e onde vamos dormir esta noite. Temos tempo para o resto.

— Vamos para muito longe?

— Temos que evitar as estradas principais. Isso prolonga a viagem.

Durante a meia hora seguinte, ninguém pronuncia uma palavra. Depois de sua revelação, não consigo parar de pensar em uma pergunta: Qual é a ligação entre uma gangue de policiais corruptos e a Companhia? Não que faltem, precisamente, elementos para imaginar uma resposta.

38 ARGANAZ

A vida não para quando nossa conveniência exige, mas tem prazer em acelerar para testar nossa capacidade de improvisar e desfazer nossos planos para servir aos seus. Quando minha existência estava mais tranquila, naquela espécie de repouso em que eu tinha me acomodado aguardando instruções, e enquanto me entregava às delícias do amor, os acontecimentos se precipitaram. Um dia fui à casa da praia e, em vez de Marreta, era Cortiça quem estava me esperando, com aquele seu característico jeito azedo.

— Marreta acabou de se tornar pai — ele me informou.

— Menino ou menina?

— Menina. Mas não foi isso que eu vim te contar.

— E o que foi, então?

— Que os chefes consideram que o seu disfarce já está pronto.

— E?

— Que você deve começar a se mexer.

— A me mexer. Alguma sugestão?

— Trouxe algumas fotos e alguns endereços. O que se espera de você é que apareça nesses endereços e procure por esses rostos.

Ele me estendeu um pedaço de papel e um envelope. Desdobrei o papel e o li. Eu conhecia os dois lugares. Eram os que os nossos adversários frequentavam.

— Aranha quer mesmo que eu me meta lá?

Cortiça assentiu com a cabeça, presunçoso.

— Foi o que ele me mandou te dizer.

— Pensei que a estratégia fosse esperar.

— Até agora. A estratégia acabou de mudar.

— Diga ao Aranha que eu gostaria de discutir isso pessoalmente com ele.

— Ele já imaginava que você diria isso. Por enquanto, faça o que estou dizendo. Vá até lá, tome um drinque, seja visto, veja se algum desses caras está lá. Em duas semanas, quando voltar, o chefe espera seu relatório.

— Então não preciso pegar ninguém, nem nada parecido?

— O que eu te disse é o que me disseram. Que você se deixe ser visto por lá.

— Eles vão se perguntar quem eu sou.

— Talvez seja essa a ideia. Deixar que te investiguem.

— É fácil dizer isso, do outro lado da fronteira.

— Fique tranquilo. Você tem um belo disfarce. Com namorada e tudo mais.

Não importava há quanto tempo nos conhecêssemos e compartilhássemos a luta e os objetivos, ele não gostava de mim nem eu gostava dele. Há pessoas que nem mesmo uma vida inteira é suficiente para se entenderem.

— Espero que não estraguemos tudo com isso.

— Apenas tente não a engravidar — disse ele com maldade. — Você pode ver pelo Marreta que a paternidade acaba sendo uma complicação.

— Você vai ser meu apoio de agora em diante?

— Espero que não. Não gosto deste país, nem das pessoas. Prefiro dormir do outro lado da fronteira. Mas, por enquanto, estou aqui.

— Já estou sentindo o incômodo.

— É o que temos para hoje. Portanto, se você estiver com medo, assobie e eu virei te acudir.

— Não estou com medo — eu disse. — Só gostaria que servisse para alguma coisa esse tempo todo que estou fingindo ser algo que não sou.

— Há coisas piores na vida. Cuide-se.

E ele me deixou sozinho ali. Por um instante, a raiva contra os meus superava a raiva que eu sentia de nossos inimigos. Não sabia o que me irritava mais, se era ter que lidar com aquele cara que eu achava detestável ou que meu chefe, depois de me fazer acreditar que eu estava infiltrado porque ele não tinha confiança em mais ninguém, tivesse mandado um garoto de recados me dar aquelas ordens que iam contra tudo o que eu vinha fazendo até então. O tempo em que estive lá, o esforço para ser outra pessoa e o afeto que sentia por Irene de repente me fizeram duvidar de qual era o meu lugar, a minha causa e a minha gente, se é que existiam.

De qualquer forma, eu não estava em condições de me rebelar contra ele: faltava-me coragem ou imaginação, ou as

duas coisas. Portanto, cumpri as ordens. Naquela mesma noite, depois de deixar Irene em casa, fui para um dos dois lugares. Sempre tive a sensação de que um bebedor solitário é mais visível do que convém a quem quer observar e não ser observado, mas Cortiça já tinha deixado claro para mim que a intenção era que me vissem. Embora eu não tenha encontrado nenhum daqueles que me pediram para procurar, havia lá um dos clientes que tinha passado pela loja, sobre quem eu tinha mais do que suspeitas de que simpatizava com o movimento. Assim que me viu, ficou olhando para mim, sem se aproximar. Foi quando pedi minha segunda cerveja que ele disse ao garçom que era por sua conta e veio em minha direção, sorrindo.

— Nunca tinha te visto por aqui — ele me disse.

— É a primeira vez que venho — respondi.

— Não sei se você se lembra de mim. Já comprei em sua loja.

— Claro. Meu nome é Leo.

— Hugo — ele se apresentou e levantou a caneca para fazer um brinde.

— Muito prazer — eu disse, levantando a minha.

— Como vão os negócios? — ele perguntou, em um tom cordial.

— Bem. Agora estou começando a respirar. Tem sido um trabalho árduo.

— É sempre difícil começar algo.

— Não dá para saber até começar.

— Você não é daqui, não é?

— Sou daqui e de lá. Meu pai é do norte. Minha mãe, do sul.

— A que distância do sul?

— Do outro lado da fronteira. Mas eu cresci aqui.

— E você vai lá com frequência?

Não perdi tempo. Enquanto pensava nas respostas que eu lhe dava, sem me esforçar muito, porque só tinha que seguir o roteiro que já estava mais do que preparado, não pude deixar de me lembrar de Aranha. Mais uma vez, mesmo a distância, ele tinha sido capaz de ver além do que eu mesmo via. Mais uma vez, também, eu tinha me movido como se move um peão para fazer o oponente dar o passo em falso que aquele cara estava dando.

Talvez qualquer outra pessoa pudesse ter se encontrado em uma situação difícil naquela noite. Eu estava suficientemente calmo e equilibrado – e Aranha também sabia disso – para enfrentar a situação e conduzi-la sem tropeços até o ponto que me convinha. Eu não só sabia perfeitamente que tinha que tomar cuidado para não o deixar intuir; também estava ciente de quais elementos de minha biografia fictícia despertavam seu interesse. Sem ir muito longe, essa vida em ambos os lados da fronteira. Os olhos de Hugo, que tinham pouco tempo para permanecer em meus pensamentos com aquele nome que ele tinha acabado de me dizer, se iluminaram quando lhe contei que minha mãe, após a morte de meu pai, tinha voltado para sua terra natal, e que

pelo menos uma vez por mês eu costumava ir visitá-la para ajudá-la a enfrentar a solidão da viuvez. Também não deixei de lhe dar outra dica, quando me referi ao país vizinho como um lugar para o qual eu não gostava de viajar, por causa da opressão a que estavam sujeitos aqueles a quem o movimento dizia aspirar redimir. Falei isso com certa audácia, mas sem exagerar. Como algo que era um valor compreendido ali e que, sem me comprometer além da conta, ainda fazia parte da minha própria visão das coisas. Isso foi mais do que suficiente para despertar um grande interesse nele.

Na reunião seguinte, na casa de praia, Marreta apareceu novamente.

— Não esperava te ver — eu disse.

— Correu tudo bem — ele explicou. — É uma menina linda.

— E o que a mãe dela acha de você estar aqui?

— Ela está conformada. Eu já tinha dito que não podia ficar muito tempo longe.

— O que você vai fazer?

— Casar-me com ela. Assim que terminarmos essa missão.

— Você prometeu a ela?

— Com a permissão do Aranha — ele brincou. — Vamos ver o que será de mim quando isto acabar. De nós. Ou você quer viver assim para sempre?

— Tenho pouca perspectiva para pensar no futuro agora.

— Como estão as coisas com a garota?

— Tudo bem, mas essa não é novidade que eu tenho.

— O que está acontecendo?

— Entrei em contato com eles. Acho que é a última vez que nos veremos assim e aqui. Se correr tudo bem, tem uma boa chance de que eles me vigiem.

Seus olhos brilharam de entusiasmo.

— Quero saber tudo sobre isso.

Eu o informei rapidamente.

— Você é uma figura — ele disse. — Aranha é esperto, ninguém é tão bom quanto você para roubar a carteira dessa gentinha. Temos que lhe dar um apelido.

— Faça as honras.

Ele não demorou mais do que alguns segundos.

— Arganaz.

— E por quê?

— Porque ele está tão entorpecido que não sabe o que acabou de fazer.

— Não confie nisso. Eu não penso em confiar.

— Você já fez a parte mais difícil. Agora é só ladeira abaixo.

Os dons de Marreta não incluíam a adivinhação. Lembro-me de que as semanas seguintes foram as mais íngremes que eu já tinha vivido até então. Ao mesmo tempo, tive que tentar continuar cuidando de Irene, ganhar a confiança de Arganaz, como Marreta o batizou, e conseguir informar e receber ordens por meio de procedimentos mais tortuosos do

que os que eu tinha usado anteriormente para me comunicar com meu companheiro. A confirmação de que tudo estava indo bem foi feita pelo próprio Marreta quando ele percebeu que alguém estava me seguindo. Eles estavam me investigando, o que significava que estavam considerando seriamente a possibilidade de me recrutar. Nesse meio tempo, aprofundei minha amizade com meu contato sem nunca tratar de negócios. Compartilhávamos cervejas e confidências, e um dia ele sugeriu que eu subisse a montanha.

Por um instante, um arrepio percorreu minha espinha. Poderia muito bem ser uma armadilha para me forçar a confessar quem eu era e se livrar de mim. No entanto, nem a maneira como ele falou nem o caráter daquele homem se encaixavam em tal armadilha e, por outro lado, eu não tinha escolha a não ser correr o risco. Assim, concordei, e para isso tive que contar para Irene uma das mentiras que, a partir de então, começaria a obscurecer nosso relacionamento, para além daquela que o baseava. Durante a ida, não houve nenhum contratempo inesperado. Pelo contrário: Arganaz aproveitou para me sondar, como nunca tinha feito antes, sobre o que eu pensava e até que ponto eu estava preparado para transformá-lo em ação. Ele não me fez propostas claras, nem fui muito explícito em minha resposta. Percebi que ele estava me sondando e eu não quis tomar uma iniciativa que correspondia a ele.

Lembro-me daqueles dias com uma sensação obscura. Tive que lhe dar uma resposta e inventar desculpas para Irene, com quem eu queria estar, para cultivar um relacionamento com uma pessoa por quem eu sentia uma rejeição instintiva. Ele não era o pior deles e, se eu me esforçasse para afastar da minha cabeça o que aquele homem acreditava e defendia, ele não deixava de ter suas qualidades. Era desapegado, cordial, até mesmo simpático. Acreditava cegamente na luta em que estava engajado e à qual no final, quando aqueles que estavam marcando o ritmo concluíssem suas verificações, ele recebeu a ordem para tentar se juntar a mim. Ele preparou o terreno durante vários dias, com alusões cada vez mais inequívocas. Eu concordei, até que uma noite, depois de várias cervejas, ele de repente deixou escapar:

— Gostaria de te apresentar a alguém.

Quando ele me levou até ele e eu o vi, não tive dúvidas, e não apenas porque seu rosto era um dos que eu tinha sido encarregado de procurar. Não se apresenta alguém assim a qualquer um. Eu finalmente estava dentro.

39 ANIMAL

Você não sabe realmente quem é uma pessoa até tomar café da manhã, almoçar, jantar e dormir com ela. Penso nisso enquanto dou passagem para que Vera entre primeiro no quarto de motel à beira da estrada onde vamos dormir pela segunda vez juntos, depois de termos compartilhado o dia inteiro. Eu me certifiquei de que o quarto tem duas camas, pois, por motivos de segurança, eu prefiro essa solução a pegar dois quartos. Um homem sozinho cobre uma trincheira melhor do que dois, e eu tenho alguma prova de que ela não é pudica.

Antes de entrar no quarto, viro para trás para ter uma ideia melhor da cena, caso haja algum imprevisto. Estamos no meio de uma planície, salpicada de campos de cereais agora à espera da sementeira e sobre os quais, à luz da noite, destacam-se uma colina distante e algumas árvores solitárias e altivas. Estacionei o carro o mais próximo possível do quarto, cerca de dez metros em linha reta, e a saída para a estrada também é imediata, não há mais do que trinta metros ao longo da esplanada que circunda o motel. Se tivermos que sair mais cedo, será uma questão de segundos. No mais, o ar está frio, a noite está clara e as luzes das primeiras estrelas estão começando a aparecer no céu.

Quando a vida fica monótona, a natureza lhe dá o melhor contraponto. Basta observá-la para percebermos nossa própria irrelevância, que somos apenas um fio em sua tapeçaria.

Termino meu exame do entorno, entro no quarto e fecho a porta. Vera está de pé entre as duas camas.

— Qual delas você quer?

— Não me importo.

— A que estiver mais longe da porta? — ela sugere, sorrateira.

— Não faz muita diferença. Você escolhe.

— Tudo bem — e ela se senta na que está à direita.

Ela fica assim, olhando para mim, com as mãos apoiadas no colchão.

— O que você está olhando? O que você está pensando? — eu lhe pergunto.

— Estou te olhando — ela responde. — Pensando no que você vai fazer.

— Agora? Dormir, se eu conseguir. Passei o dia todo no volante.

— A noite vai passar. Haverá um amanhã.

— Estamos seguros aqui, por enquanto.

— E vamos ficar aqui?

— Não. Amanhã farei outra ligação, e isso nos obrigará a nos mexer.

— Por quê?

— Por precaução.

— Você não confia na pessoa para quem vai ligar?

— Confio, mas nunca se sabe.

— Talvez eu mereça que você seja menos enigmático.

— Talvez você tenha razão — admito.

— Vamos lá, tente. Fala o que está pensando.

Aproveito a oportunidade que ela me dá.

— Se você me disser algo em troca.

Ela me olha com cautela.

— Não é...

— É isso mesmo. O que você não quer me dizer.

— Você gosta de dificultar as coisas.

— Não quero te provocar. Talvez isso me ajude a saber melhor o que devo fazer. Fala, por que esse ódio do seu pai?

O rosto dela se transforma em uma careta amarga.

— Ele era um bom colega, não era?

— Não preciso de todos os detalhes. Só preciso entender.

Seu olhar se perde por um momento na parede à frente. Em seguida, ela gira o tronco, estica as pernas na cama e se inclina contra a cabeceira. Com os olhos agora voltados para o teto, começa a falar.

— Talvez tenha algo a ver com o fato de que até os dez anos eu quase nunca via a cara dele, que de tudo o que me lembro da vida até então quem estava sozinha era a minha mãe, e meu pai só aparecia às vezes, com um brinquedo debaixo do braço, duas risadas e três cambalhotas, mas nada mais.

— Existem vidas assim — eu lhe digo —, e nem sempre é por prazer.

— Vai me dizer que ele estava sempre pensando em mim?

— Sei que ele pensava muito em você. Eu estava lá com ele.

— Talvez também influa o fato de que, quando ele começou a aparecer, quando eu tinha onze ou doze anos, estava sempre nervoso e de mau humor, como se o mundo lhe devesse alguma coisa, e que cobrasse essa dívida de minha mãe com maus modos, e de mim com impaciência e palavrões quando eu não fazia algo do jeito que ele queria ou tinha um problema e o obrigava a passar um momento cuidando de mim, e não apenas de suas próprias coisas.

— Gostaria de poder te contar por que ele era assim — eu disse.

— Então conta.

— Não posso.

— Claro. Enfim, qual seria a diferença? O principal, de qualquer forma, que também é o motivo pelo qual não falo com ele há algum tempo, é que ele no fim perdeu a cabeça. Ele se tornou insuportável. Só gritava e batia. É por isso que minha mãe não teve escolha a não ser se separar dele, mas, para o meu gosto, ela aguentou demais. Eu não teria passado nem metade do que ela passou. Na verdade, não passei. Saí do caminho, cansada de ver os dois se ferindo e se afundando daquele jeito.

— Eu lamento.

Ela olha para mim. Seus olhos estão úmidos e, ao mesmo tempo, como duas brasas.

— Você também sabe por que ele acabou se transformando em um animal?

— Não, não sei — eu reconheço. — Eu já não falava com ele havia muito tempo. Mas o que você está me dizendo me dá o que pensar.

Ela não deixa passar o comentário.

— Vá em frente. É sua vez. Você ia me dizer o que achava, não ia?

Não posso lhe dizer tudo o que penso. Certas coisas, porque fazem parte de um segredo que não posso revelar a ela nem a ninguém. Outras, porque são baseadas em conjecturas, que me parecem cada vez mais sólidas, mas ainda são baseadas no que suponho e não no que sei. Em todo caso, admito que a moça mereceu que eu confiasse nela um pouco mais.

— Para isso, tenho que começar dizendo algo que talvez você não queira ouvir — eu me desculpo. — Se estou aqui, é porque seu pai me pediu que eu estivesse aqui, e tudo o que ele me pediu foi que eu cuidasse de você. Nada mais, o que quer dizer que nada mais estava em sua mente quando se encontrava à beira da morte.

Vera franze a testa.

— Não era isso que eu queria ouvir, não.

— A segunda coisa que tenho que te dizer é que isso me levou a acreditar que o único problema de seu pai era que

você tivesse ido embora e andasse em má companhia, mas agora está claro para mim que o problema dele era um pouco mais complicado, e é por isso que você e eu estamos aqui escondidos agora.

— Problema dele?

— O que fez ele ficar fora de si nos últimos tempos.

— O que você quer dizer com mais complicado?

— Não sei. Preciso conversar com alguém para descobrir.

— E o que planeja fazer em seguida?

— Deve ser possível encontrar uma saída. Não com os amigos do seu amigo, pois não podemos esperar nada deles, mas com aqueles que tiveram esse problema com seu pai. Especialmente agora que ele se foi.

— Com seus amigos.

— Eu não os chamaria assim. Faz muito tempo que estou longe.

— Mas ainda tem contatos.

— Não é suficiente. Preciso convencer essas pessoas.

— E quanto aos outros?

— Aos outros?

— Os amigos do meu amigo, como você diz.

— Esses, se eu chegar aonde tenho de chegar, não me preocupam.

— Tem certeza?

— Absoluta.

Vera parece testar minha determinação. Ela vê que eu não vacilo.

- O que você e meu pai faziam exatamente?
- Ele nunca deixou você adivinhar nada, suponho.
- Ele nunca falava sobre trabalho. Nem uma palavra.
- Melhor assim.
- Você também não vai falar?
- Menos ainda que ele. Vamos lá, vamos dormir.

Dessa vez, eu me dou o direito de me despir. Fico com uma camiseta e a cueca que estou usando por baixo da calça. Por um momento, considero a possibilidade de ir ao banheiro e vestir algo por cima, pois em algum lugar da mala tenho uma calça de pijama, mas de repente isso me parece um melindre que ela pode achar ridículo. Como qualquer pessoa que já esteve em perigo e viu outros em perigo sabe que o medo do ridículo se torna mais poderoso do que o medo da morte. Vera, por sua vez, tem a gentileza de se trocar no banheiro. Agradeço a ela por não me fazer passar novamente pela provação dessa manhã, pois sou um homem consciente de seu lugar no mundo e diante dela, mas também um animal de sangue quente, cujos instintos ainda não foram embotados pela tristeza. Ela sai do banheiro com um pijama curto, sem decote e até se poderia dizer recatado. Por via das dúvidas, ela pergunta:

- Tudo bem assim?
- Não tenho nenhuma objeção — respondo.

Apago minha luz, ela apaga a dela e, antes que eu consiga adormecer, sua respiração fica cada vez mais espaçada, até que assume o ritmo característico de quem está dormindo.

Eu a invejo novamente e, ao mesmo tempo, ouvi-la me traz uma sensação de paz. Lembro-me de Marreta e acho que ele não teve muitas ocasiões para vigiar o sono de sua filha e desfrutar da tranquilidade que advém de ver descansar a pessoa que você tem sob sua proteção. Sinto que estou aproveitando essa noite por ele e de passagem estou compensando, pelo menos, uma das noites em que ele não esteve presente.

Com esse pensamento, adormeço, e o cansaço da jornada ao volante, somado à tensão e ao pouco descanso que tive nos dias anteriores, faz com que eu desça aos abismos mais profundos, onde raramente estive há anos. Isso explica por que não me antecipo ao que vem para me tirar do sono e, que a princípio, se mistura a ele, como às vezes acontece quando se está com muito sono. É assim que vejo e ouço, porque minha mente não está totalmente desperta, embora meus olhos e ouvidos já estejam abertos, o homem que está ao meu lado na cama.

Minha reação é tão lenta que ele se vê obrigado a repetir a ordem:

— Eu disse para você se levantar, filho da puta.

Agora a imagem fica mais clara. Primeiro, a arma apontada para a minha cabeça. Um pouco mais atrás, o homem que a empunha. Não posso acreditar.

— Você é surdo ou é idiota? — ele insiste.

Abutre aproveita o momento ao máximo. Enquanto levanto minhas mãos e me sento lentamente na cama, penso

em como ele poderia ter encontrado o rastro para chegar até aqui. Ou o que é a mesma coisa: onde eu cometi o erro. Se foi ao trocar de carro ou no bar à beira da estrada onde paramos para almoçar e fomos vistos juntos, que é a única coisa que consigo pensar de imediato, e se ele obteve a informação ou se alguém a deu a ele, o que acho mais difícil de entender. Ao mesmo tempo, vejo que ele está sozinho, e isso me intriga ainda mais. E, enfim, vejo Vera, que também acabou de acordar e está olhando para ele aterrorizada.

— Largue isso — ela grita para ele.

Abutre olha para ela com espanto.

— Vocês dois viraram amigos? — ele pergunta.

— Não atire nele — pede a garota, em um tom mais conciliador.

Abutre se vira para mim e murmura:

— Não vou atirar nele, a menos que ele me obrigue. Seria muito rápido.

Então noto como ele está segurando a arma. Nem tudo está perdido.

40 MENSAGEIRO

Ninguém é mais consciente das próprias falhas do que nós mesmos, e não há nada mais ingrato do que ser submetido ao escrutínio de alguém que nos faz sentir que pode ler nossos pensamentos e identificar instantaneamente nossas dúvidas e inseguranças. Aquela foi a sensação que tive em relação àquele homem que meu novo amigo, Arganaz, tinha me apresentado algumas semanas antes, quando ele decidiu pela primeira vez me dar uma tarefa, o que significava, eu poderia considerar como certo, que ele iria me testar para ver se eu era realmente confiável.

A tarefa era aparentemente simples, mas, naquela fase da minha vida e do meu trabalho como agente da Companhia, eu sabia muito bem que há manobras em que nada está a salvo de uma catástrofe, especialmente para aqueles que cometem o erro de subestimá-las. Em resumo, tratava-se de agir como mensageiro, sem saber do quê. O que me foi entregue foi uma mala de viagem relativamente grande, que também era um pouco pesada. As instruções que recebi se limitavam a cruzar a fronteira com ela, depositá-la em um endereço na Cidade e não a abrir em hipótese alguma. O homem enviado por Arganaz, que Marreta, que achava essas

coisas divertidas, batizou de Furão, certificou-se de que eu não deixasse de entender a extensão do meu compromisso.

— Aqui só tem lugar para quem cumpre a missão e não falha.

Não me deixei abater por sua advertência.

— Se me comprometo com algo, eu faço — respondi. — Se perceber que algo está além do meu alcance, não se preocupe, não me comprometerei a fazê-lo.

— Isso é bom — ele disse. — Ficamos entendidos.

— É assim que eu penso também.

— De qualquer forma, não quero te enganar.

— Sobre o quê?

— Há passos que não têm volta atrás.

— Disso eu já sei.

— E há passos que, ao contrário, te empurram para a frente. Não estou te dizendo isso porque me contaram. Eu também já fui um mensageiro, há muitos anos. E agora sou eu quem envia os outros. Entre outras coisas.

— Cada um é cada um — contestei. — Eu sou daqui. Vou ajudar você porque acredito que sua causa é justa, mas não sou um de vocês.

Furão me ofereceu sua expressão mais persuasiva.

— Talvez desejemos que você seja.

— Você terá que me dar algum tempo.

— Eu te darei todo o tempo de que precisa. Só queria que você estivesse avisado.

— De qualquer forma, sou seu amigo. E os amigos cuidam uns dos outros, não é?

— Claro. Boa sorte na fronteira.

— Terei boa sorte, não se preocupe.

Eu tinha estudado bem as passagens de fronteira e, graças aos recursos da Companhia, sempre sabia qual era a mais vantajosa para atravessar sem que os controles fossem muito exaustivos. Se houvesse algum contratempo do nosso lado, um mecanismo de emergência sempre poderia ser ativado, mas nossos chefes insistiam que, na medida do possível, nunca fosse necessário recorrer a ele. Do outro lado, Aranha estava me esperando com uma equipe de especialistas da Companhia. Eram um homem e uma mulher com ar taciturno, a quem entreguei a bolsa nos banheiros de um posto de gasolina, o qual tínhamos controlado para evitar que a troca fosse observada por olhos indesejados. Nos banheiros, que também estavam bloqueados por um faxineiro falso para que ninguém pudesse entrar, ela tinha montado um pequeno laboratório, com tudo o que era necessário para coletar amostras e fotografar o conteúdo da bolsa. Quando a deixei em uma de suas mãos enluvadas, insisti:

— Tenha muito cuidado. Ao abrir e ao fechar.

— Conheço meu trabalho — disse.

— Talvez tenha alguma armadilha.

— Se tiver, vou encontrar. Vou deixar tudo como estava.

— Quinze minutos, nem um minuto a mais — eu avisei.

— Se forem dezesseis, acho que ninguém vai morrer.

— Você não, é claro. É o meu que está na reta.

Aranha, que estava observando a conversa, achou apropriado intervir:

— Vamos lá, Pua. Deixe-a trabalhar.

No final, tudo terminou em dezessete minutos, dos quais eu me lembro como os mais longos da minha vida. Além do espaço seguro do posto de gasolina, eu não podia descartar a possibilidade de meus movimentos estarem sendo examinados e, em especial, que se fixassem no tempo que levava para chegar ao ponto de entrega. Furão tinha me dado um prazo de três horas, com a indicação de entregar a mala exatamente dez minutos após a primeira hora em ponto que eu pudesse alcançar. Meu objetivo era entregá-la logo no início do intervalo de tempo, pois isso reforçaria a confiança dele em mim, mas para consegui-lo eu não tinha um minuto a perder. Quando terminou, a mulher chamou Aranha e lhe entregou reservadamente o relatório. Ele resumiu tudo para mim da seguinte forma:

— Eles te mandaram para cá com nada.

— Como assim, nada?

— Nada demais. Roupas e um pouco de comida.

— Comida?

— Algumas guloseimas, suponho, para quem estiver por aqui.

— Não me enrole.

— Era previsível. Você ainda está sendo testado. Querem ver se você consegue passar a fronteira antes de te entregarem algo de verdade.

— Você tem que me prometer que não vai tocar em quem pegar isso.

— Eu prometo.

— Quem quer que seja.

— Não se preocupe, também não será ninguém muito importante.

E depois de me dar um tapinha no ombro, ele me entregou novamente a mala, que a mulher taciturna tinha acabado de lhe passar. Falei para ela:

— Estou em suas mãos agora.

— Não estará em mãos melhores — ela disse, presunçosa.

— Assim espero.

Por fim, cheguei no horário que pretendia. Deixei a mala onde me tinham indicado e não esperei para ver o que aconteceria com ela. Duas horas depois, estava de volta ao outro lado e fui direto ver o Arganaz para lhe dizer que tinha cumprido a incumbência sem problemas.

— Nós sabemos — ele disse, sorrindo.

— Vejo que suas comunicações estão funcionando — observei.

— O chefe me pede que eu te agradeça.

— Estou fazendo isso porque acredito que tenho que fazê-lo.

— Sem problemas. E para dizer que ele está te convidando para jantar.

— Fico muito agradecido. Embora eu também não o faça por esse motivo.

— E você também é rápido. Você o impressionou.

— O que faço, eu procuro fazer bem.

Naquela noite, Furão se esforçou ao máximo para me conquistar definitivamente para o movimento. Ele se mostrou mais charmoso do que atencioso, mais obsequioso do que obediente. Para começar, me levou ao melhor restaurante da região, em um vilarejo isolado, onde me mostrou que não era apenas um ativista incansável, mas também um bom apreciador dos prazeres da vida. Já sabíamos que as finanças da organização iam de vento em popa, graças à diversidade de recursos que chegavam aos seus cofres: desde as contribuições de simpatizantes até os frutos de extorsões, roubos, tráficos ilícitos e outras atividades criminosas acessórias à principal, passando pelos apoios econômicos exteriores e aos desvios de fundos públicos que seus líderes conseguiam promover. No topo de qualquer rede humana, seja qual for a ideia ou o objetivo que ela tenha como bandeira, sempre há pessoas animadas que conseguem garantir que a causa não seja incompatível com seu bem-estar.

Entre outras coisas, meu captor queria me mostrar que estava ciente de que estava lidando com uma pessoa inteligente, a quem ele não pretendia liderar, mas sim

convencer. A persona que ele tinha construído para mim, e que primeiro ele tinha vendido para o seu acólito, era a de um jovem que tinha tido uma vida fácil, impulsivo e um tanto imprudente, mas com inteligência e disciplina suficientes para transformar sua paixão em um negócio, iniciá-lo e mantê-lo com competência. Era esse perfil, juntamente com minha identidade transfronteiriça, que mais o atraiu e o levou a acreditar que eu poderia ser um ativo valioso para seus objetivos.

— Pessoas como você valem seu peso em ouro para nós — ele me disse.

— Sêrio? Estou surpreso que você tenha dito isso — respondi.

Furão me lançou um olhar malicioso.

— Não deveria. Tenho muitos motivos. Para começar, você é um cara discreto. Não chama a atenção para si mesmo quando não deve, e hoje você acabou de nos mostrar que não perde tempo e que sabe como resolver as coisas.

— Também não foi muito difícil. Eu faço o percurso com frequência.

— Sei por que digo isso e com o que estou comparando. Gostaria de ter mais pessoas como você em minhas fileiras, e menos como os outros. E além de que você não levanta suspeitas, porque tem motivos para atravessar e cruzar a fronteira quantas vezes forem necessárias, tem outra coisa que gosto em você.

— Não sei se devo perguntar.

Furão sorriu com franqueza.

— Não importa, vou te dizer de qualquer forma. Você parece mais frívolo do que é. E é bom para nós que você dê a impressão de que tem uma vida sem mais pretensões nem preocupações, tão normal e comum, com sua namorada, sua loja etc., mas é ainda melhor que, ao mesmo tempo, você seja um cara esperto, com ideias claras e com coragem e audácia para se arriscar.

— Dizem que é preciso ter cuidado com a bajulação excessiva — brinquei.

Ele balançou a cabeça vigorosamente.

— Não estou exagerando em nada, nem estou pretendendo te bajular. Estou apenas dizendo o que vejo em você. O que fazemos precisa de mais pessoas como você, mas, infelizmente, o que nos chega é quase sempre muito diferente. Militantes que têm muito comprometimento ou muita coragem, mas pouca capacidade analítica, ainda menos sutileza e muito ardor nas veias. Estamos enfrentando uma máquina poderosa, os bastardos que a dirigem estão acostumados a vencer e a se impor e estão prontos para fazer qualquer coisa para nos esmagar. O fervor militante não é suficiente. Se não for acompanhado de algo mais, pode até ser contraproducente.

Furão era um homem culto e instruído. Como fiquei sabendo mais tarde, ele mesmo me confidenciou que, para entrar na organização, tinha abandonado um doutorado em uma universidade de renome internacional. Ele era uma

prova ambulante de que uma inteligência brilhante pode coexistir com um temperamento cruel e fanático, e eu compreendi melhor o motivo quando ele me disse, naquela mesma noite de confidências, por que tinha desistido de tudo para fazer valer suas ideias da maneira mais violenta.

— As vítimas da opressão — ele me disse — têm o direito de contornar os limites morais comuns para se livrar dela. Negar isso é deixar essas pessoas sem esperança. Eu sabia que não podia aceitar as leis quando vi meu próprio povo ser atropelado e quando vi que seus algozes não sentiam nada ao passar por cima deles. Outros podiam manter seus discursos para si mesmos, mas alguém tinha que sujar as mãos. E é para isso que eu sirvo.

Enquanto o ouvia, não pude deixar de me lembrar de palavras que ouvi de outras pessoas, inclusive de mim mesmo, e de pensamentos que nunca tinha chegado a dizer para ninguém, mas que estavam presentes no que eu fazia e em quem eu era. Se não fôssemos adversários, se minha missão não fosse tentar provocar sua morte, talvez eu pudesse entendê-lo e até mesmo me tornar seu amigo. Eu me agarrava mentalmente a essa possibilidade para ser capaz de conquistá-lo.

Marreta, que agora eu via muito menos, mas que estava acompanhando a distância minha aproximação com o líder terrorista, certificou meu progresso à sua maneira.

— Cuidado, amigo. Se continuar assim, vai acabar se apaixonando.

41 ASSASSINO

Quando se olha nos olhos de um verdadeiro chacal, e não uma nem duas vezes, é muito difícil que uma imitação o intimide. Mas a experiência nos ensina que o caminho pode ser interrompido em qualquer lugar e por qualquer pessoa, mesmo a menos capaz. Estou me debatendo entre essas duas ideias enquanto olho com os braços levantados para o cano da arma que Abutre está apontando para mim. Pode-se não temer a mão, mas você deve sempre temer a arma empunhada; li isso, ou algo semelhante, de um poeta nos dias longínquos da minha adolescência. O que vai acontecer a partir de agora começa a se delinear na minha mente. Antes de tudo, preciso ganhar tempo e também descobrir tudo o que for possível.

— É você quem está com a arma, relaxa — eu digo.

— Estou bem relaxado — ele responde, mas sua voz desmente isso.

— Não atire nele. Eu vou com você, se você quiser — diz Vera.

— Cala a boca! — Abutre grita para ela.

— Quieta, Vera, isso é entre mim e ele — acrescento.

— Você não imagina quanto — ele murmura.

— O que você vai fazer? — pergunto. — Fala. Você está no comando agora.

— Você vai ver. Por enquanto, você vai se levantar, bem devagar, e vai caminhar até aquela parede — e ele aponta para ela com o cano da arma.

Eu obedeco, sem nenhum movimento brusco. Enquanto me movo, Abutre se certifica de manter distância o tempo todo. Mesmo que ele não saiba segurar uma arma como deveria, mesmo que ele provavelmente também não seja muito bom em atirar, porque, como acontece com muitos policiais, dedicou muito mais horas a portar uma arma como um sinal de poder do que se familiarizando com ela, e mesmo que ele tenha sido arrogante e estúpido o suficiente para vir sozinho, pelo menos aprendeu essa precaução. Enquanto eu ando, Abutre repara nas minhas meias. Ele não diz nada, mas olha para elas com desprezo. Continuo em direção à parede, e é então quando vejo, pelo canto do olho, Abutre tirar um jogo de algemas dos bolsos.

— Mãos para cima até que eu te diga — ele ordena.

— Não as abaixei — eu o convido a verificar.

Quando me vê assim, de pé e exposto, ele escolhe a pior maneira para ele, porque acaba sendo a que me dá mais vantagem: ele joga as algemas para mim.

— Põe as algemas — ele me pede, por trás.

— Será mais difícil para mim.

— Foda-se. Um hora você acaba conseguindo.

— E se eu não conseguir?

— Eu atiro em você.

— Aqui? Vai acordar todo mundo.

— E daí? Aqui também não parece estar lotado. Põe as algemas. Já.

— Tudo bem, não fique nervoso.

— Não estou nervoso — ele insiste, como todos os inseguros.

Enquanto me agacho, penso no que vou fazer e, ao mesmo tempo, por que e para quem vou fazer isso. Talvez eu ainda tivesse a possibilidade de tentar fazer outra coisa e, de certa forma, seria mais conveniente, por exemplo, para aliviar minha carga ou para obter informações sobre algum detalhe que não deixa de me intrigar. Entretanto, na vida, nem sempre é o que lhe convém ou o que lhe corresponde. Há atos que são marcados por um desígnio superior, ao qual só cabe nos submeter.

Aproveito o mesmo movimento para juntar as duas coisas. Como o paralelepípedo que é, Abutre não se importa que eu abaixe as duas mãos em vez de apenas uma. Faço isso bem devagar, para que ele não perca a sensação de me ter sob controle. Pego as algemas com a mão esquerda e deixo a direita aparentemente morta junto ao tornozelo, o que o impede de ver o que estou discretamente pegando com ela. O que faço em seguida é muito rápido e inesperado para ele. As algemas voam em direção ao seu rosto, com o impulso e a mira que a mão esquerda de alguém como eu, que não é canhoto, pode dar a elas. Assim, Abutre consegue se esquivar

delas, mas nesse movimento oferece o alvo perfeito para a arma que tirei da meia, e que está sempre lá, dia e noite, para enfiar minha mão direita em sua garganta. É um pequeno estilete, de um aço denso o suficiente para voar em linha reta e rasgar a carne de qualquer presa. Nunca parei de praticar com ele: é por isso que sou capaz, mesmo a distâncias maiores, de cravá-lo no diâmetro de uma moeda, e não das maiores. Abutre leva a mão livre à garganta, então aproveito para desarmá-lo dando-lhe um chute na outra, e ele me encara com olhos arregalados. Não me dou ao trabalho de encará-lo de volta. Afasto sua mão, agarro o cabo liso do estilete e me certifico de removê-lo da ferida apenas o suficiente para que ninguém possa curá-la e para que ele não provoque mais escândalo enquanto agoniza.

Quando me sento e meu olhar encontra o de Vera, não tenho escolha a não ser me lembrar de seu pai e da promessa que lhe fiz em seu leito de morte e que, contra minha vontade, e graças à persistência de Abutre em buscar o próprio mal, acabei de cumprir. Reparo agora que a garota assistiu à cena em silêncio, sem fazer o menor barulho, e menos ainda a gritaria que o clichê atribui a qualquer mulher que presencie a demonstração de violência de dois homens contra a própria vontade, ou por simples coincidência. Vera, por outro lado, olha para mim com um gesto concentrado.

— Não poderia ter deixado ele viver? — ela enfim pergunta.

— Não — respondo.

— Por que não?
— Pegue suas coisas, temos que ir.
— Não sei se quero ir com um assassino.
— Não quero que você venha comigo. Quero te manter segura.

— Por que você o matou?
— Porque com uma arma carregada não há margem para negociação, e porque eu me importava muito mais com a sua vida e a minha do que com a dele.

Ela fica pensativa. Não sei se a estou convencendo ou se, como é mais provável, ela acha que, pelo menos neste momento, não é bom me enfrentar. De qualquer forma, ela vai até a sua bolsa e entra no banheiro com ela. Cinco minutos depois, aparece vestida e pronta para ir embora.

— Pronto — diz ela. — Às suas ordens.
— Você está bem? — pergunto com sinceridade.
— Estou ansiosa para me enfiar onde ninguém possa me encontrar.
— Então nós dois queremos a mesma coisa. Vamos.

Preferiria que ela não visse o que faço a seguir, mas não tenho outra maneira de resolver isso. Vasculho os bolsos de Abutre em busca das chaves do seu carro, tiro os edredons das duas camas e o envolvo com eles. Em seguida, saio para a rua, encontro o carro que as chaves abrem, aproximo-me dele e abro o porta-malas, para onde carrego o cadáver. Depois de fazer isso, peço a Vera que entre no carro de seu antigo protetor.

— Vamos entrar no carro dele? — ela pergunta com espanto.

— O nosso pode estar marcado — eu lhe explico.

— Com isso aí atrás?

— Preciso levar o corpo para longe daqui.

— E se formos parados?

— Vamos trocar de carro assim que pudermos.

Vera não consegue guardar para si o que está passando por sua mente.

— Era isso que você fazia quando andava com meu pai?

— Não — eu digo. — É isso que tenho de fazer agora.

Ela abre a porta, joga a bolsa dentro do carro e se acomoda no banco do passageiro. Fecha a porta do quarto, carrego a minha bagagem, entro no carro e dou partida.

Há poucos lugares onde um homem se sinta mais consciente de si do que ao volante de um carro em uma estrada solitária de madrugada. Enquanto dirijo, penso no corpo que levo no porta-malas. Também penso nas manchas de sangue que ficaram no motel. Sem um corpo, elas servirão de base para que o proprietário faça uma denúncia na polícia, assim como as duas colchas que tirei do quarto, mas não necessariamente levarão a abrir uma investigação por assassinato. A questão agora não é apenas o que vou fazer com o que sobrou de Abutre e com seu carro, mas como vou me mover e onde vou ficar de agora em diante.

Dirijo até a cidade mais próxima, onde chegamos ao amanhecer. Dirijo-me à estação, onde procuro uma agência

de aluguel de carros e uma cafeteria para tomar o café da manhã. A primeira coisa que faço é arrumar um carro novo, para o qual gasto a documentação da última identidade falsa que me resta. Não confio que isso garanta que meus movimentos não serão rastreados, mas será suficiente para ganhar o dia de vantagem de que eu preciso. Mais tarde, enquanto tomamos café da manhã, pergunto a Vera:

— Você sabe dirigir?

Ela olha para mim como se a dúvida a incomodasse.

— Sim. Por quê?

Entrego para ela as chaves do carro alugado.

— Vou lhe pedir um favor. Quero que dirija.

— Como assim?

— Tenho que ir com o outro.

— Para onde estamos indo?

— Você vai ver.

Saímos da estação no carro alugado, que eu peço para ela estacionar ao lado do outro quando chegamos ao local onde eu o estacionei antes. Transfiro nossa bagagem de um para o outro e lhe indico que me siga. Vera assente em silêncio, com o rosto impenetrável. Quando começo a andar, não posso deixar de checar o espelho retrovisor para me certificar de que ela continua me seguindo. Não demora muito para eu comprovar que suas habilidades de direção são mais do que suficientes para que ela não me perca na velocidade moderada em que estou dirigindo. O que não posso deixar de

temer, embora isso nunca aconteça, é que ela desvie e tente fugir quando passar por uma rua qualquer.

Não complico demais a minha vida. Procuro uma estrada secundária e, de lá, entro em uma estrada local que me leva a uma área rural cada vez menos habitada. A uns quarenta quilômetros da cidade, de repente vejo um lugar que me parece providencial. Há uma colina que cai em um rio quase sem água e que pode ser acessada por um caminho que leva a um aterro. Eu o atravesso e deixo a trilha um pouco mais adiante, sob o abrigo de algumas árvores. Vera me segue.

Saio do carro e me aproximo de sua janela.

— Vou deixá-lo lá atrás — eu a informo. — Você me espera aqui.

— Aqui onde?

— No barranco.

— Não vão acreditar que foi um acidente — ela prevê.

— Não me importa — eu lhe digo. — Só estou tentando afastá-lo de nós.

Ela observa imóvel a operação. Quando retiro o corpo e o coloco no banco do passageiro, depois de prendê-lo com o cinto, entro no carro, dou a partida e manobro de volta para a estrada. Antes de sair, olho pela janela e me viro para ela.

— Estou em suas mãos agora. Espero que não me deixe aqui.

— Quem sabe? Talvez eu não seja confiável — ela avisa.

— Talvez, mas tenho que confiar em você de qualquer forma.

— Por via das dúvidas, não demore.

— Não demorarei.

Faço a coisa rapidamente. Coloco o carro na beira do aterro, saio, troco de lugar com Abutre e viro o volante na direção do vazio. Certifico-me de que ninguém está passando e, em seguida, solto o freio de mão e empurro o carro até que ele caia com o próprio peso. Eu o observo descer a encosta até chegar ao fundo do barranco. Ele não explode nem pega fogo, nem eu desço para acender um fósforo no tanque. Como disse a Vera, é suficiente para mantê-lo fora do nosso caminho. O cão que o farejar interpretará o que preferir. Não é com ele que estou preocupado agora.

Quando chego às árvores, ofegante de tanto correr, Vera já está sentada no banco do passageiro, esperando por mim. Abro a porta do carro e me sento ao volante. Olho para ela. Ela olha para mim. E me pergunta:

— Como você se sente?

Balanço a cabeça antes de aconselhá-la:

— Você não vai querer saber.

42 MOTORISTA

Basta tentar abdicar por um tempo da própria vontade para semear em sua mente a dúvida sobre tudo o que você supostamente é e sente. Das semanas que se seguiram ao meu jantar com Furão, lembro-me, acima de tudo, da sensação de estar me envolvendo em uma cadeia de ações que não eram marcadas pelo meu desejo, nem mesmo pelo meu caráter ou pela minha visão das coisas, mas pela submissão simultânea às instruções que tinha recebido dos meus superiores na Companhia e àquelas que me estavam sendo dadas pela organização na qual eu tinha conseguido me infiltrar. As primeiras eram taxativas e vinham reforçadas também pela vigilância rigorosa a que eu estava submetido por Marreta e pelos outros membros da unidade, atentos à minha segurança, mas também para evitar qualquer possível desvio da minha parte da missão que me fora confiada. As obrigações da organização tinham um tom menos ameaçador, contudo tentavam criar a sugestão de que eu era uma espécie de colaborador independente, mas, aos poucos, comecei a notar na atitude de Furão, e mesmo na de seu subalterno, com quem eu lidava mais diretamente, uma certeza a respeito da minha cooperação que se assemelhava à de um subordinado.

Naquela primeira etapa, continuei atuando principalmente como mensageiro. Pelo menos duas vezes por mês, recebia uma sacola ou um pacote, que eu tinha que deixar em um local combinado, como naquela primeira vez, ou entregar a alguém mediante uma senha. Tudo era verificado pelos especialistas da Companhia, que então conseguiam extrair informações valiosas sobre as diretrizes recebidas pelos ativistas que estavam no local, e que eram exploradas com a cautela necessária para não me delatar para a organização. Armas e explosivos também apareciam de vez em quando, e, apesar de tudo, eu os entregava ao seu destinatário. Era mais importante preservar meu disfarce do que impedir que esses recursos fossem incorporados a um arsenal que contava com outras formas para garantir seu suprimento. De todo modo, eu tentava não pensar muito no que estava acontecendo do outro lado da fronteira. Já lidava com muitos problemas para me ocupar daquilo de que outros deveriam cuidar.

O principal deles era administrar as mentiras, por sua vez envoltas em outras mentiras, que constituíam minha existência. E a parte mais difícil, porque dela vinha o único calor humano com o qual eu podia contar, era Irene. Não só a tinha seduzido com uma identidade fictícia, a desse Leo que eu era para ela e para todos ali, mas agora o próprio Leo, um disfarce da minha personalidade verdadeira, estava fingindo para ela e enganando-a para esconder a nova vida que estava levando a serviço da organização. Até mesmo alguém como

eu, treinado para inventar, enganar e desfigurar, e também para improvisar em caso de emergência, estava tendo dificuldade para se sustentar sem que aquele castelo de mentiras desmoronasse.

Não pude evitar que nos últimos tempos ela ficasse desconfiada, embora suas suspeitas fossem em outras direções, pois Irene era incapaz de imaginar quem era e a que realmente se dedicava o homem para o qual tinha cometido o erro de abrir espaço em seu coração. Eu tentava não deixar passar muito tempo sem ficar junto dela, para compensar cada vez que a negligenciava, mas o cansaço, a tensão e alguma ausência foram o sinal de alerta que sua intuição não deixou de captar. Certa manhã, antes de eu ir para a loja, e depois de uma noite em que me esforcei ao máximo para agradá-la, ela me perguntou de forma inesperada:

— Leo, você quer mesmo estar aqui?

Por um momento, custou-me reagir. Já havia muitos dias, eu sentia que aquilo estava pesando sobre mim mais do que eu podia suportar. Cheguei a sonhar à noite que estava muito longe, que estava voltando para a universidade, para o meu bairro, para qualquer um dos lugares onde meu nome ainda valia, aquele que meus pais me haviam dado, aquele que eu não usava fazia tanto tempo que quase me parecia ser de outra pessoa. E, ao mesmo tempo, eu nunca tinha conhecido um lugar onde me sentisse mais em paz do que a pele de Leo quando ela o abraçava.

Aproveitei aquele sentimento, que era mais verdadeiro do que o resto do que eu poderia ser naquele momento, ou pelo menos tão verdadeiro como qualquer outra coisa, para responder a algo que o tempo decorrido e os percalços acumulados não conseguiram tornar mais verdadeiro:

— Não tem nenhum outro lugar onde eu gostaria de estar agora.

Suspeito que Irene iria se lembrar daquelas palavras muitas vezes, e me dói que eu não tivesse tido escolha a não ser considerá-las insinceras, quando nunca fui, com ela nem com qualquer outra pessoa, mais fiel aos meus pensamentos do que quando as pronunciei. Porém, tive que esconder minhas reservas quando, pouco tempo depois, encontrei Aranha do outro lado da fronteira. Era uma de nossas reuniões de controle, nas quais tínhamos que ser agora extremamente cautelosos para eu não ser descoberto. Foi por essa razão que a conversa aconteceu ao lado de uma capela, no alto de uma colina a que só se chegava por um caminho que mantínhamos vigiado.

— É uma bela manhã. Veja que paisagem — ele observou.

Não vou dizer que era feia ou banal, mas minha cabeça estava em outra coisa.

— Você parece muito sério — ele disse.

— Isto está começando a demorar muito — reconheci.

— Estamos quase lá. Você só precisa aguentar um pouco mais.

— Estou aguentando.

— Não podemos nos apressar agora. Eles podem ficar desconfiados.

— Eu sei.

— Só precisamos esperar que Furão confie totalmente em você.

— E depois?

— Seremos rápidos. A equipe está pronta.

— Espero que sejam rápidos para me tirar daqui também.

— Haverá sincronia absoluta. Eu lhe garanto.

— Espero que sim.

Aranha colocou sua mão sobre o meu ombro.

— Pua.

— Diga.

— Estamos orgulhosos de você. Estou orgulhoso de você. O que você está fazendo é a coisa mais difícil que já fizemos. Estou muito consciente disso.

— Não sei se você está mesmo.

— Depois disso, prometo que você vai ter férias.

— Quero algo melhor: prometa que nunca mais vou ter que fazer algo assim.

— Prometo.

Pelo menos aquela promessa ele ia cumprir. Deixei que meu olhar se perdesse até o fundo do vale. Um pouco mais adiante começava o país onde eu estava vivendo havia muito tempo. E lá estava Irene, esperando sem saber, mas já temendo, que eu terminasse de traí-la.

Depois daquele encontro, os acontecimentos se precipitaram. Certa noite, depois de um daqueles encontros com Furão para os quais Arganaz sempre me convocava sem aviso prévio, muitas vezes me obrigando a dar para Irene desculpas sobre compromissos inesperados, o chefe terrorista me olhou nos olhos, respirou fundo e finalmente me fez aquela pergunta:

— Leo, podemos contar com você para mais uma coisa?

— Depende — respondi.

— É tranquilo. Não se trata de atirar em ninguém.

— Melhor, porque eu preferiria não fazer isso.

— Preciso de alguém de absoluta confiança, alguém que seja limpo, como você, e que tenha um carro que não levante suspeitas.

— Para levar o quê?

— Para me levar.

Foi assim que me tornei seu motorista, e foi assim que começou a correr o relógio que marcava a hora final da minha infiltração. Daquele momento em diante, as informações que eu tinha sobre ele antecipavam os dias e as horas em que nos encontrávamos e permitiam que outros, por sua vez, antecipassem seus movimentos. O que eu estava em condição de fornecer valia ouro. O lugar onde eu deveria pegá-lo, onde eu o tinha deixado e onde eu deveria voltar para levá-lo a outro lugar. Sem mencionar as informações adicionais que essa minha nova atividade proporcionava, desde as pessoas com quem ele tinha contato até as

conversas que eu e ele tínhamos no caminho entre um lugar e outro. O volume e a qualidade do material, resultado de uma situação que ia além de nossas expectativas, fizeram com que meus chefes alterassem seus planos iniciais. Em vez de terminar com ele na primeira oportunidade, eles me pediram para aguardar algumas semanas para tirar o máximo proveito dele. Isso prolongou minha provação e, ao mesmo tempo, permitiu que eu conhecesse melhor aquele homem, com quem eu achava cada vez menos conveniente ter intimidade.

Às vezes, eu pensava que aquelas últimas semanas eram uma espécie de expiação pelo que eu estava fazendo. Pois não demorou muito para eu perceber que Furão realmente gostava do personagem que eu tinha construído, Leo, que era e não era eu, e minha hostilidade em relação a ele também diminuiu quando conheci um homem que não apenas tinha uma inteligência acima da média, mas que também tinha a coragem de não esconder a verdade sobre si mesmo. Furão era, como eu e tantos outros, resultado da maldade alheia e de sua própria predisposição, e ele não se iludia a respeito disso. Graças a ele, vi uma luz diferente, mais próxima de mim, a que o movia a travar sua guerra sem quartel. No caso dele, nenhuma pessoa próxima tinha sido assassinada, mas sua memória guardava um inventário de humilhações, vividas ou herdadas, que eram a base rochosa de sua determinação, sobre a qual, dia após dia, ele se levantava com esforço e consciência. Não há animal mais perigoso do

que o animal humano ferido, porque ele é capaz de projetar a dor além de seu batimento cardíaco primordial, em uma espiral infinita que se alimenta, por sua vez, da dor dos outros para crescer e se perpetuar.

— Sei muito bem que, por ter escolhido esta vida para mim, ninguém se lembrará de mim sem remorsos, incluindo os meus — ele me disse certa vez. — Que ninguém pensará em mim e se lembrará com gratidão do bem que fiz por eles. Eu aceito isso porque acho que o bem que um dia eles poderão agradecer aos outros será possível graças a este mal que eu mesmo fiz.

Agora que penso nisso, tenho mais do que uma pequena dúvida se aquele homem estava certo, mas quando o ouvi dizer coisas como aquelas, na privacidade do meu carro, fiquei comovido. Fiquei confuso com a proximidade que tinha com ele e, ao mesmo tempo, conspirava com os meus para que, em breve, não houvesse nada que Furão pudesse fazer e que outra pessoa pudesse lembrar ou esquecer, para o bem ou para o mal.

Inexoravelmente, quando nossos chefes sentiram que já tínhamos feito uso suficiente do acompanhamento, o momento da consumação enfim acabou chegando. Em teoria, o mecanismo que ia desencadear estava lubrificado e não apresentava nenhuma fissura. Todos os dias, eu transmitia as informações que tinha sobre sua atividade por meio de uma caixa de correio segura que Marreta controlava. No momento em que julgasse que as circunstâncias eram

adequadas para iniciar a ação de forma otimizada, garantindo tanto o sucesso quanto a minha saída da missão, avisar-me-iam para que eu ficasse alerta mediante um sinal previamente acordado que me daria alguém que encontraria uma maneira de cruzar meu caminho sem levantar suspeitas. Com essa confiança e com meus nervos à flor da pele, os dias iam se passando. Até que finalmente aconteceu, mas não da maneira como eu esperava.

Ainda consigo ver a cena. Furão acaba de sair do meu carro, no qual o levei para uma reunião em um dos esconderijos que ele usa para aqueles fins. De repente, de trás do veículo, e vejo primeiro pelo espelho retrovisor, surge uma motocicleta com dois homens. Furão não tem tempo para reagir e é baleado no peito pela submetralhadora empunhada pelo que está na garupa. Na mesma fração de segundo, ele entende que está morto e seus olhos, voltados para mim, me fazem sentir que ele sabe que eu o traí. A motocicleta desaparece na estrada e eu, enquanto me preparo para sair em alta velocidade dali, pergunto-me por que diabos ninguém me avisou sobre o que estava prestes a acontecer.

43 A SERPENTE

Depois de dar uma olhada na casa algumas vezes, concluo que é ideal para meus propósitos e volto para onde deixei o carro estacionado com Vera dentro a algumas ruas de distância, sem sair do bairro. Ela não se moveu do banco do passageiro, onde está há horas. Quase não abriu os lábios durante a viagem. Também não fez perguntas quando lhe pedi que esperasse ali por um momento, embora eu não lhe tenha dito o motivo. Agora preciso lhe explicar.

— Não podemos ir para um hotel — eu lhe digo. — A polícia está nos controlando, e já vimos antes que não é seguro. Encontrei uma casa vazia, também há um lugar para guardar o carro. Não convém estacioná-lo na rua. Vou me ocupar das duas portas e, assim que elas estiverem livres, voltarei para buscar você e o carro. Só preciso de mais alguns minutos.

— Vamos invadir uma casa? — ela pergunta.

— Só pegá-la emprestada, por necessidade.

— Como dois criminosos.

— Eu sou o criminoso. Você vai dizer que eu te raptei.

— E quando isso vai acabar? — ela pergunta com um ar cansado.

— Logo. Em breve. Lá dentro eu te conto tudo.

— Vou fingir que acredito.

— As coisas são o que são. Não tenho culpa. Você me espera aqui.

Saio do carro e tiro minhas ferramentas do porta-malas.

O muro dos fundos não é alto, nem a porta que dá para esse lado da casa e nem o portão fechado que a protege são obstáculos para mim. De todos os truques que a vida me forçou a aprender, abrir uma fechadura é um dos mais gratificantes. É uma tarefa mecânica, simples e complicada ao mesmo tempo, que requer apenas tempo e dispor da ferramenta adequada. E seu efeito é mágico: abre o que outra pessoa trancou e lhe dá acesso a todos os segredos que ela estava tentando proteger.

É mais fácil destrancar o portão deslizante que dá acesso à garagem coberta e à porta da garagem. Depois que libero as duas entradas, volto para onde deixei o carro com Vera, arranco-o e conduzo diretamente até a casa. Saio, empurro o portão, meto o carro e tranco tudo novamente. Uma vez lá dentro, desligo o motor, viro-me para a garota e lhe digo:

— Estamos seguros aqui.

— Tem certeza? — ela me desafia.

— Por enquanto. Por tempo suficiente.

— Tempo para quê?

— Vamos nos acomodar primeiro — sugiro.

A casa está limpa, mobiliada de forma funcional, mas com todas as comodidades necessárias. Pela localização e aparência, é uma casa de fim de semana ou de férias; no

último caso, podemos contar com ela por um período ilimitado; no primeiro caso, ainda teremos vários dias, se os habitantes vierem toda sexta-feira. A julgar pela geladeira vazia, não parece ser assim. Na sala de estar, há duas estantes altas com uma infinidade de livros e poltronas confortáveis.

— Não dá para dizer que não é aconchegante — observo.
— Está cheia de livros para te distrair. Parece até que prepararam tudo para a gente.

— E o que faremos se os proprietários chegarem?

— Não parece que eles chegarão. A geladeira está vazia.

— Mas e se eles chegarem?

— Se eu estiver aqui, vou inventar alguma coisa. Se você estiver sozinha, diga a eles que um homem te sequestrou, trouxe você para cá e te ameaçou, e é por isso que você não ousou ir embora. Ou algo do gênero. Tem que despistar.

— Está falando sério? Vai me deixar sozinha aqui?

— O tempo que for preciso, mas não será agora. Precisamos comer alguma coisa. Enfrentamos muitos quilômetros e quero me levantar logo pela manhã para ver alguém.

— Quem?

— Não posso te dizer o nome.

— Estou cansada de mistérios.

— Vou te dizer quem é. Mais ou menos. Já volto.

Vou até o carro, onde deixei os mantimentos que comprei em um supermercado no caminho para cá. Como eu não

sabia o que encontraria, nenhum deles exige cozimento. Coloco as sacolas na cozinha e ponho a mesa com os utensílios domésticos. Vera me olha com um olhar que fica entre a relutância e o espanto. Tenho que fazer algo para conquistá-la, para percorrer a reta final em melhores condições.

Enquanto comemos, ela fica quieta e espera. Eu disparo.

— A meu ver, só temos uma solução.

— Mal posso esperar para saber qual é — ela me apressa.

— Temos que interromper o que nós desencadeamos.

— Nós?

— Foi uma forma de falar.

Ela me olha com desconfiança.

— E como você vai fazer isso? Com mais lâminas como aquela de ontem à noite?

— Não. Talvez você não acredite em mim, mas odeio ver sangue derramado.

— Difícil de acreditar depois de te ver em ação.

— Vim aqui para falar com alguém. Pessoalmente.

— E esse alguém é um deles?

— Não.

— Então de que isso te servirá?

— É alguém que eu posso convencer.

— Entendo. Ele te deve algo, como você deve ao meu pai?

— Mais ou menos.

— E de que adiantará convencê-lo, se ele não é um deles?

— Vai me ajudar a chegar aonde preciso chegar.

— E o que isso quer dizer?

— Chegar a alguém que pode interromper isso.

— Tenho uma pergunta.

— Qual?

— Não paro de pensar em uma coisa desde esta manhã: no que está em jogo cada minuto que continuo com você. Vão me matar? Eu vou para a cadeia?

— Para a cadeia?

— Você matou um homem. Não virei sua cúmplice?

Sua autoincriminação me comove. Não consigo deixar de rir.

— Nem de longe. Se for preciso, você vai dizer que eu te mantive à força, e eu vou falar a mesma coisa. Isso é que você tentou salvá-lo.

— E isso vai ser o bastante para me livrar?

— Será o suficiente. E digo mais.

— O quê?

— Se tudo der certo, nem precisarei responder por isso.

Agora ela começa a rir.

— Você é um mágico ou algo parecido?

— Não. Eu conheço o jogo. Tenho cartas na manga e vou usá-las.

— Você nunca desiste?

— Nunca. Muito menos agora. Agora tenho você. Não terei feito meu trabalho e, portanto, não me permitirei desistir até ter certeza de que nada vai acontecer com você. Depois disso, vou me preocupar comigo.

— Você já saiu de situações desesperadoras antes?

— De algumas. E outra coisa. Sobre o que você me perguntou antes.

— Diga.

— Talvez haja alguém que não se importaria em te matar. Você já viu seu amigo antes, ele não estava exatamente com um mandado judicial. O que eu quero é que eles não possam tocar em um fio de cabelo seu, nem agora, nem nunca.

— Uau, isso é reconfortante.

— Espero poder te tranquilizar totalmente em breve. Vamos ver o que tem no andar de cima? Não sei quanto a você, mas eu preciso dormir.

No andar de cima havia quatro quartos, então esta noite não precisaríamos dividir um. Eu deixo que ela escolha primeiro e ela fica com o mais isolado, que também é o mais quente e agradável. Eu escolho o que tem a cama mais larga. Se esta for minha última noite, quero pelo menos poder dormir esticado.

Antes de ir para a cama, tomo um banho quente e demorado. Permito-me acreditar que estou seguro o suficiente para colocar meu pijama, mas fico de meia e dentro dela deixo meu último recurso. Aproximo-me da porta fechada do quarto de Vera e falo com ela:

— Descanse. Vou levantar cedo. Aviso antes de sair.

— É você quem manda. Bons sonhos — ela me deseja.

Duvido que terei bons sonhos, e pela maneira como caio na cama, desmaiado, é mais provável que eu nem sonhe com

nada. Horas depois, no entanto, quando meu descanso é mais profundo, uma imagem perturbadora surge na minha mente. Há uma silhueta ao lado da minha cama. Alguém que se inclina sobre mim e que acaricia a minha bochecha com as costas da mão. Tento descobrir quem é e mal consigo perceber que se trata de uma figura feminina. Tento prestar ainda mais atenção e então percebo que ela está nua. Em meio àquela névoa que impede o raciocínio durante o sono, não consigo deixar de sentir uma mistura de rejeição e compaixão por mim mesmo, ou melhor, por aquela fisiologia teimosa que move meu subconsciente a perpetrar uma fantasia erótica quando ela é inútil e não faz sentido para mim. Até que me dou conta de que não é uma fantasia, que ao lado da minha cama há de fato uma mulher nua, e que essa mulher é a única que pode ser: aquela atestada pelo perfume de flor de laranjeira e pela serpente que, na luz fraca que vem do corredor, eu vejo, sobe pelo pescoço e nasce – finalmente revelo o mistério – na virilha e sobe pelo quadril, pelo lado e pelo ombro até rastejar por cima da sua clavícula. É nesse momento que eu me afasto de sua carícia e me sento de repente na cama.

— O que você está fazendo aqui? Por que está assim?

— É assim que costumo dormir — ela me informa com uma voz sensual.

— E por que não está dormindo?

— Não consigo. A culpa é sua.

Esfrego os olhos e, quando os abro novamente, me esforço para que meu olhar não baixe da cabeça da serpente. Não é fácil. Há chamas que não se apagaram completamente em minha forja interior, e não posso dizer que os atrativos físicos que Vera oferece à minha visão sejam inofensivos para mim. Pelo contrário: nada é mais fácil do que agitar, na alma de um homem que não é mais jovem, o que ele desejou em sua juventude.

— Vera, que brincadeira é essa? — eu lhe pergunto.

— Não estou brincando. Você acabou de me dizer que talvez eu possa morrer. E que você também, eu suponho. Se isso acontecer, não quero ir embora com essa curiosidade.

— Algumas curiosidades não valem a pena serem desfeitas.

— Discordo — ela diz. — Já provei, e até saboreei, frutas piores.

— Impossível, de verdade.

Ela adota uma expressão maliciosa.

— Você não me parece ser uma pessoa que evita o pecado.

— Depende do pecado. Esse eu não vou cometer. É contra as minhas leis.

— Por quê?

Eu a olho nos olhos. Como acontece sempre, não posso lhe contar tudo. Tem uma parte que ela não vai querer ouvir, e outra parte que eu não quero dizer.

— Tem uma coisa que você ainda não consegue ver, mas um dia vai enxergar. Quando você faz uma coisa dessas, não

tem como não perder algo, não tirar algo do outro. Você não pode fazer isso se não tiver algo para dar sentido ao que vai perder e ao que vai tirar. E eu, Vera, não tenho mais isso.

— Você não está tão acabado assim. Eu não acho.

— Eu nem sei se algum dia estive acabado. Mas tem outra coisa. Não estou aqui para tirar nada, estou aqui para dar algo em troca. E isso é definitivo.

— Entendo — ela suspira. — Ele de novo. Ele está ferrando comigo de novo.

— Se você quiser enxergar as coisas dessa forma...

Ela se levanta. E tão furtiva como veio, a serpente sai do meu quarto.

44 FUGA

Nada se compara àquele instante em que você percebe que tudo está em perigo, a ponto de não ter sequer a possibilidade de manter o desdobramento comum de simulações nas quais qualquer existência humana comum se baseia. No meu caso, quando vi Furão cair diante dos meus olhos, com o peito cheio de chumbo, o que veio abaixo foi muito mais do que isso, porque minha vida naquele lugar se baseava em um fingimento desmedido. Naquele indivíduo que segurava o volante, sem acreditar no que acabava de ver, e não porque não tivesse feito isso milhares de vezes antes, quase tudo era falso. A verdade pesava tão pouco que a única maneira de sair vivo, agora que o equilíbrio precário que estava me sustentando tinha sido rompido, era abandonar abruptamente a máscara e me tirar de circulação.

Por isso, mesmo sabendo que minha ação iria despertar algo mais do que as suspeitas daqueles que estavam esperando Furão na casa e que tinham acabado de sair alarmados com o som dos tiros, dei marcha a ré, manobrei bruscamente para dentro da vala e fui embora, queimando os pneus do meu carro. Não parei de acelerar nem de me arriscar em cada curva até estar longe o suficiente da cena do atentado para poder esperar desacelerar meus batimentos

cardíacos. Assim que recuperei um pouco da clareza mental, tentei ver quais opções eu tinha para sobreviver àquela mudança caótica dos acontecimentos.

Eu não podia ir até a fronteira com aquele carro: tinha que fazer contato a todo custo com um dos meus companheiros que me davam apoio e que, por motivos de segurança, não tinham podido me seguir naquela manhã para não se entregarem nas estradas pouco movimentadas que eu e Furão pegaríamos para chegar ao ponto de encontro. Eu não conseguia pensar em nada melhor do que voltar para a cidade e para o meu apartamento. Assim, além de recolher os papéis e objetos que eu não deveria deixar para trás, e que sempre mantinha em uma mochila para levá-los comigo ou destruí-los sem perda de tempo, propiciava o encontro com quem quer que estivesse lá naquele momento de vigília. Enquanto eu estava dirigindo, fiquei imaginando o que poderia ter dado errado, e uma série de ideias febris passaram pela minha cabeça, sem excluir a possibilidade de que alguém tivesse simplesmente decidido, sem mais, me sacrificar na operação. Naquele momento, minha consciência de quem eu era, onde estava, quem eram meus inimigos e quem eram meus amigos estava tão alterada e confusa que quase tudo parecia possível, e eu também não sabia dizer se aqueles que deveriam me proteger estavam cientes da morte do líder terrorista ou se isso lhes tinha surpreendido, como a mim.

Estacionei o carro na primeira vaga que vi e, depois de sair, tranquei-o por pura inércia, pois não pretendia dirigi-lo novamente. Caminhei até a porta do meu prédio, procurando ansiosamente com o olhar por algum de meus companheiros, mas não vi nenhum deles; também não vi ninguém que fosse uma ameaça. Calculei que ainda levaria tempo para que a notícia chegasse às instâncias necessárias para que fosse emitido um mandado de busca e apreensão contra mim. Essa era a margem que eu tinha para ousar ir até lá.

O fato de não encontrar nenhum dos meus companheiros redobrou minha angústia. Enquanto subia as escadas a passos largos, comecei a pensar no que faria quando estivesse com a mochila, se eles não viessem me buscar. A primeira ação era óbvia: ligar para o número de segurança em que sempre devia haver alguém para me ajudar caso as coisas dessem errado. Se ninguém atendesse, uma eventualidade que o ocorrido me convidava a contemplar, o protocolo previa que eu fosse para o ponto de encontro que eu tinha combinado com Marreta para situações de emergência, em um parque não muito longe do meu apartamento. A questão era o que fazer se ninguém aparecesse lá também. Eu tinha dinheiro em minha mochila: a solução mais rápida e menos arriscada era encontrar um motorista de táxi que me levasse até a fronteira e, uma vez lá, tentar atravessá-la.

Assim que peguei a bolsa, eu me despedi sem cerimônia daquele apartamento que tinha sido meu lar e onde tinha vivido momentos que não conseguia parar de lembrar. Acima de tudo, momentos que tinham a ver com Irene, que de repente ficou tão para trás quanto o resto das peças de minha vida inventada, sem que eu sequer tivesse pensado na maneira menos abjeta de dizer adeus.

Foi no saguão onde encontrei a surpresa. Os circuitos da organização tinham funcionado melhor e mais rápido do que eu tinha previsto. Dei de cara com ele no instante em que saía para a rua.

— Olá, Leo — ele me disse, secamente.

Ele não era mais o homem amigável com quem eu estava lidando até então. Sobre o rosto sorridente de Hugo, ou Arganaz, impusera-se uma máscara tenebrosa, que ele enfatizou me fazendo ver sua arma.

— Volte para dentro — ele me ordenou.

Fiz algo de que me sinto afrontado ao lembrar. Tentei continuar sendo Leo.

— Para que e qual é o motivo dessa arma?

Ele me fez sentir seu desprezo com o olhar, e não apenas com ele.

— Prefere que eu te mate na rua como um cachorro?

Não tive tempo de dizer nada. Ele também não teve. A próxima coisa que vi foi sua cabeça se inclinar violentamente para o mesmo lado de onde ela se abriu em uma nuvem de sangue, miolos e estilhaços de ossos. Das armas que levou

consigo, Marreta optou por usar a de maior calibre. Ele veio correndo, certificou-se de que Arganaz não seria mais um problema para ninguém e, antes de me dizer qualquer coisa, colocou um revólver na minha mão. Quando viu que eu o agarrava, ele simplesmente me informou:

— Estamos indo embora, estou com o carro aqui ao lado.

Corremos com toda a nossa alma e com tanta determinação para sair dali que persuadiu os três ou quatro transeuntes com os quais nos encontramos de se afastarem do nosso caminho. Marreta tinha deixado o carro estacionado em um beco onde ninguém nos viu entrar. Com essa tranquilidade, ele dirigiu sem fazer nenhuma manobra chamativa até que estivéssemos fora do bairro. A partir daí ele forçou um pouco o ritmo, sempre dentro dos limites legais. Ao longe, ouvimos as sirenes da polícia, que estava chegando ao local onde tínhamos deixado o corpo.

— Você apressou um pouco a ação — não pude deixar de dizer.

Marreta deu de ombros.

— Fiz o que pude. Sinto pena do pobre Arganaz.

— Por que você esperou tanto?

— Tudo estava sob controle. Eu já estava lá há algum tempo. Vi você entrar e decidi que era melhor esperar que saísse, para o caso de ter algum movimento preocupante do lado de fora nesse meio tempo. Deu no que deu.

— O que aconteceu? Por que vocês não me avisaram?

— Porque eles não nos avisaram.

— Não dá para acreditar.

— Até dez minutos antes. Não conseguimos mandar o recado para você.

— Como pode ser?

— Não sei. Tudo o que sei é que preciso tirar você daqui. Agora vamos direto para onde estão nos esperando para trocar de veículo.

Quando chega a hora de fugir, é melhor ter tudo planejado. Superado o primeiro momento de perplexidade, tenho que admitir que o protocolo criado para minha extração funcionou como um relógio. Prego e Cortiça estavam no ponto combinado com um carro e a van em cujo fundo duplo, dissimulado com maestria, eu ia cruzar a fronteira sem correr o risco de a minha passagem ser detectada. Fiquei escondido ali durante o restante da viagem, sem nenhuma outra noção do que estava acontecendo além do barulho do motor e dos movimentos e paradas do veículo. Em um dos intervalos da viagem, ouvi a porta traseira se abrir e umas vozes despreocupadas que falavam na língua que eu estava prestes a deixar de ouvir diariamente. Em seguida, a porta se fechou, a van começou a andar e eu dei um suspiro de alívio. O pesadelo, ou pelo menos a edição original, apesar de todas as noites que eu a partir de agora teria que reencená-lo até acordar, encharcado de suor, tinha terminado.

Quando me libertaram daquele sarcófago, a primeira coisa que feriu meus olhos foi a luz ofuscante do sol. Ela nunca tinha parecido tão intensa antes e nunca mais me cegaria até

aquele ponto. A próxima coisa que vi foi a casa onde a unidade estava sediada e, apenas um momento depois, uma silhueta em frente a ela, o rosto sorridente do Aranha.

— Você está aqui — foi sua saudação. — Você está livre, Pua. Parabéns.

Ele me ajudou a sair do meu esconderijo, a descer da van e até me abraçou calorosamente. Nunca antes tinha havido esse contato entre ele e eu. Seu abraço foi mais do que uma demonstração de afeto e admiração. Eu parecia sentir nele uma espécie de pedido de desculpas.

— Quase que eu fico por lá — eu disse.

— Eu sei — ele reconheceu. — E sinto muito. Alguém fez besteira.

— Quem?

— Quem estava encarregado da coordenação entre as unidades.

— Como isso é possível?

— É aí que é mais fácil de cometer um erro. O que importa é que nossa unidade funcionou. Marreta estava no seu lugar. E também aqueles que tinham que garantir que você pudesse atravessar a fronteira.

— O que posso te garantir — eu disse — é que o alvo está morto e acabado. Embora eu preferisse não ter tido que vê-lo tão de perto.

— Não deveria ter sido assim. Não pense mais nisso.

— Receio que pensarei, e no outro também.

Aranha me deu um olhar compreensivo.

— É normal. Você precisa de tempo agora. E você vai tê-lo.

— E quanto a mim, chefe? — Marreta interveio. — Eu cumpri o que prometi.

— Você também. Vai poder aproveitar para ser um pai melhor.

— Não tenha dúvida alguma — ele festejou.

Eu só podia admirar a naturalidade com que ele encarou o que tínhamos acabado de vivenciar. Se eu tinha visto dois homens caírem aos meus pés, ele tinha apertado o gatilho que decretou a sentença de morte de um deles. Até onde eu sabia, ele nunca antes tinha tirado a vida de uma pessoa. Quando, um pouco mais tarde, já a sós, eu lhe perguntei como se sentiu, sua resposta conseguiu me desarmar:

— Não tinha outro jeito. A gente não se arrepende do que não escolhe.

Naquela mesma tarde, Um veio nos visitar. Não achei que ele estivesse tão feliz quanto Aranha parecia estar, embora tivesse os mesmos motivos para comemorar. A tarefa diabólica que ele tinha recebido e passado para nós, de atacar o chefe da organização apesar das precauções que nossos inimigos tinham tomado após as primeiras mortes, não só foi cumprida, como também a fizemos de forma limpa e sem perdas, mesmo com o tropeço final.

Sem se livrar completamente da sombra que parecia obscurecer seu ânimo, ele se esforçou para nos dar os parabéns em nome da Companhia, para a qual tínhamos conseguido mais um triunfo. Ele também nos disse que

estava assumindo a responsabilidade pelo impacto que isso tinha nos causado, especialmente em mim, e que dessa vez, além de nos dar um descanso, abria-se um período de adaptação para encontrar uma nova abordagem para as nossas operações. Após o discurso geral, ele quis falar comigo a sós.

— Como você está? — ele me perguntou, com o que parecia ser um interesse sincero.

Optei por ser sincero também.

— Ainda não sei. Vou descobrir.

— Aranha me disse que havia uma garota. Está preocupado?

— Só espero que não façam nada com ela — limitei-me a responder.

— Não se preocupe. Vai ficar claro para eles que ela foi tão enganada quanto eles. Eu só queria te dizer que sei que te devemos mais do que a todos os outros. Pelo que você fez e pela falha imperdoável que tivemos no final. E que vou cuidar pessoalmente para que você tenha tudo o que precisa.

— Por enquanto, o que preciso é esquecer de tudo o que acabei de passar.

— Tudo o que você precisar — ele prometeu.

Pela primeira vez, pensei ter visto o ser humano dentro dele. Agora, lembrando-me disso, pergunto-me de onde ele tirou coragem para fingir daquele jeito.

45 O HORTELÃO

Ao observá-lo trabalhando em sua horta, ninguém diria que o homem de cabelos grisalhos e ombros caídos é quem em outro tempo foi. Eu me permito observá-lo durante alguns minutos antes de me aproximar. No caminho, certifico-me de que ele está sozinho e que também não há ninguém vigiando as redondezas. É cedo e a manhã ainda tem resquícios do frio da noite. Isso não parece pesar muito sobre ele, assim como não pesa sobre mim. Da noite da qual ambos viemos um frio mais profundo nos atinge todos os dias, que nos cala e nos seguirá calando até o fim da vida.

Caminho até onde o hortelão está trabalhando enquanto me pergunto quanto tempo vai levar para ele reparar em mim. Ele ainda está capinando com energia e bom ritmo, como se, ao arar a terra, encontrasse um alívio para aquelas cartas ruins que, depois de tanto desafiar a sorte, a vida acabou lhe servindo e ele as pegou e jogou com elas sem protestar. Ele me vê em uma pausa que faz, talvez para tomar fôlego, e se apoia na ferramenta, passa as costas da mão na testa e espera imóvel. Eu percorro a distância que nos separa, mantendo o olhar nele.

— Que bagunça você fez — ele diz em tom de saudação.

— Não foi minha intenção — respondo.

— No que você estava pensando?
— Não pensei muito. Eu tinha uma dívida a pagar.
— É assim que os desastres costumam acontecer.
— Eu e você sabemos bem disso — eu o lembro.
— Mas você não aprende.
— Não achei que tivesse perigo. Tomei o cuidado de me informar.

Ele acena solenemente com a cabeça.

— Eu sei.
— Como você sabe? — eu lhe pergunto, surpreso.
— Sombra veio me ver ontem. Ele está apavorado com a possibilidade de ser ligado a você. Você o colocou na berlinda por atender o telefone.

— Ele pode ficar tranquilo. Não penso entregá-lo. E você?
Ele recebe minha pergunta com um sorriso amargo.
— Eu? Eu não sou mais nada. É por isso que você pode confiar em mim.

— Não tenho tanta certeza disso.
— Que eu não sou nada ou que você pode confiar em mim?
— Ambos.
— É por isso que você veio me ver?
— Por isso mesmo.
— Receio que esteja perdendo seu tempo.
— Minha esperança é que não esteja. Não tenho outra, na verdade.
— Então você está mal mesmo.
— Tudo bem conversarmos sobre isso?

Sua expressão se torna grave.

— Você está me colocando na berlinda — ele diz.

— Eu sei, e sinto muito.

— Terei que informar que você veio me ver. Posso proteger o Sombra, mas não posso me proteger. Você entende, não entende?

— Entendo. Na verdade, o que eu quero é que você informe.

— Eu ouvi bem?

— Você ouviu bem, Aranha.

Ele balança a cabeça, incrédulo.

— Porra, Pua — ele exclama por fim. — Com você, nunca se sabe.

Sinto-me lisonjeado e confortado por ser capaz de surpreendê-lo nesta altura do nosso relacionamento de quase três décadas, mesmo que tenhamos nos visto em apenas algumas ocasiões nos últimos dez anos. Desde o momento em que soube que a Companhia estava por trás da armadilha que me fizeram e, principalmente, desde o momento em que tive de me livrar de Abutre, a quem tenho certeza de que ajudaram a me rastrear, ficou claro para mim que a minha única chance era vir até aqui, confrontá-lo com tudo o que a minha simples presença evoca em sua memória e confiar em seu senso de dever. Ao contrário de outros, Aranha provou, quando chegou sua vez de provar, ser um homem de princípios e, ao mesmo tempo, um homem com vergonha na cara. Das palavras, das ideias e das paixões

minha experiência me ensinou a esperar pouco; somente aqueles que acrescentam à convicção um senso de decoro oferecem alguma garantia. É por isso que deixei Vera sozinha na casa que preparei para ela, a quinze quilômetros daqui, e vim interromper o trabalho desse homem.

Dez minutos depois, estou sentado em frente a ele, e entre nós a modesta mesa que ele tem na cozinha. Tudo na casinha em que ele mora é austero e humilde. Ele nunca teve muitos luxos na vida, mas houve uma época em que administrava muito dinheiro, e mesmo que também não deva andar desprovido agora, sabe que não há nada que o dinheiro possa comprar ou de que um homem possa se gabar que o ajude a percorrer o trecho da estrada que resta quando já não há mais nada a ganhar nem provar para ninguém. Os anos e o infortúnio não passaram sem deixar sua marca nele, mas em seus olhos ainda há aquela luz que há tanto tempo pousou sobre mim pela primeira vez.

— Como você está? — perguntei.

— Muito gentil de sua parte se preocupar — ele brinca.

— Por que você diz isso?

— Pelas circunstâncias. Não só as de agora.

— Elas não são motivo para eu não me preocupar com você — eu lhe asseguro.

Aranha suspira e se inclina para trás na cadeira.

— Bem, estou bem. E você, como tem estado esses tempos?

— Desde a última vez que nos vimos?

— Isso mesmo — ele confirma. — Dois anos, se não me engano.

— Foi logo depois que você foi embora — eu me lembro.

— Vai fazer três anos em breve.

— Bem, tenho estado bem — eu recapitulo. — Tenho um negócio. Isso ajuda a não pensar demais no que não deve. Como a horta, eu imagino.

— A horta faz você pensar. Mas capinar torna tudo mais suportável.

— Foi o que pensei antes quando eu te vi.

— E se você estava bem, por que diabos voltou para a Cidade?

— Fui chamado pelo único que poderia me fazer ir.

— Marreta.

— Ele mesmo.

— Vocês não estavam se comunicando antes?

— Não nos falávamos há dez anos. Eu te disse na última vez em que nos encontramos. Foi o acordo que fizemos com a Companhia e também entre nós dois. E nós o cumprimos durante todo esse tempo.

— É difícil de acreditar.

— É a verdade. Eu juro.

Meu ex-chefe afasta uma partícula imaginária de poeira com a mão.

— Não precisa jurar para mim.

— Eu me importo que você acredite em mim. Não sei o que ele estava tramando, ele não me contou. Ele só me pediu

para manter sua filha longe das pessoas com quem ela estava andando.

Ele olha para mim com interesse.

— Ele não te disse quem eram, nem por que ela estava com eles?

— Não. Mas me parece que você sabe.

— Eu sei o que Sombra me deixou adivinhar ontem. Estou fora, não sou nada, já te disse. E com meu histórico, acho que você pode acreditar em mim.

Seus olhos, escuros e pequenos, tentam me persuadir.

— Posso acreditar que você não é mais nada na Companhia, como eu — admito. — Nós dois já fomos descartados como agentes, como peões ou como idiotas úteis, o que quer que tenhamos sido um dia.

— Mas...

— Mas não acredito que você não tenha influência. E também não acredito que ninguém tenha te ligado ultimamente, além do Sombra. Você nos moldou: Marreta e eu somos, ele era, o que você fez de nós.

Pela primeira vez, ele se mexe desconfortável em seu assento.

— Aonde você quer chegar?

— Posso te fazer uma pergunta?

— Você vai fazer de qualquer jeito, mesmo que eu não te dê permissão.

— Lembrei hoje de manhã, quando estava vindo para cá. Não sei se você se lembra daquele dia. Quando você me tirou

da traseira de uma van e me deu o primeiro abraço de verdade.

— Não me encha o saco, Pua. Você sabe que eu me lembro.

— Foi uma forma de falar.

— Que conversa é essa?

— Eu sempre fiquei com vontade te perguntar. Uns dois anos atrás, na outra vez em que vim te ver aqui, eu quase perguntei, mas acabei fechando a boca. Desta vez, não vou fechá-la. Pode ser a última chance que eu tenho de te perguntar.

— Você está demorando demais, soldado. Desembucha.

Eu não desvio do olhar dele. Veremos se ele aguenta.

— Não foi uma falha de coordenação, foi? — solto à queima-roupa.

Ele não pergunta a que eu me refiro, o que já é uma resposta em si. Também não desvia o olhar, embora isso lhe exija algum esforço.

— Não — ele enfim admite.

— Isso significa que você me expôs de maneira consciente.

— Aqui é que você se engana. Você não foi exposto tanto assim. E não fomos nós.

— Poderia ter dado errado, você sabe.

— Nós previmos o que você faria, você fez e estava protegido quando foi preciso. Algo sempre pode dar errado, mesmo com todas as precauções.

— Como assim “não fomos nós”?

— Nós também fomos pegos de surpresa. Descobrimos que ele seria pego naquela casa quando já não dava mais tempo para te avisar. Não fomos nós que escondemos a informação.

— Quem, então?

— Não tenho certeza. O que Um me disse foi que o comando dos exterminadores avisou em cima da hora, talvez para reforçar a própria segurança.

— Às minhas custas.

— Isso é óbvio.

— Eles não confiavam no infiltrado ou não se importavam?

— Ambas as explicações são possíveis. E compatíveis.

— O mesmo vale se a decisão de não avisar foi tomada em um nível mais alto.

— Também, mas essa já é uma especulação sua.

— E sua. Você acabou de admitir.

— Não tenho nenhuma prova. Pode ter sido como me disseram.

— Você entenderá que me custou engolir isso.

— Um deles estava fora de si. Isso eu posso te garantir.

— Ele também poderia ter fingido na sua frente.

— Também, mas qual é o sentido de falar sobre tudo isso agora?

Ele deixa a pergunta vibrar por alguns segundos no ar da cozinha. Um raio de sol entra por uma das janelas, iluminando a poeira suspensa no cômodo. Não é muito nem

pouco: Aranha a mantém limpa, ele sempre foi uma pessoa conscienciosa, mas sabe, como eu sei, que não existe higiene absoluta. Por fim, eu lhe respondo:

— Faz todo o sentido do mundo. Por isso venho te pedir uma coisa.

— O que você veio me pedir? Não enrole.

— Que você diga àquele que não tem mais remédio a não ser te escutar que eu quero vê-lo pessoalmente, para desfazer o mal-entendido que se criou a meu respeito e redirecionar essa situação absurda em que nos encontramos.

— Por que você acha que ele vai me ouvir?

— Porque preciso acreditar nisso.

— Isso não basta.

— Diga também que estou disposto a me colocar nas mãos dele. Só nas dele. E que não tenho interesse nenhum em travar uma guerra contra ele.

Aranha pondera sobre o que acabei de lhe dizer.

— Não te prometo nada — ele conclui.

É o bastante para mim, e agradeço a ele pela franqueza. Já tenho em minha memória muitas mentiras e promessas não cumpridas. Não preciso de mais uma.

46 MÁSCARA

Não sei, nem sequer a estas alturas, até que ponto sobrevivi à morte de Furão e, incidentalmente, à de Leo, que foi atingido pelo mesmo tiro que matou o outro. Nas primeiras semanas, eu fiquei atordoado, desorientado, estranho em minha própria pele, que tinha deixado de ser minha, pelo menos como era antes de minha infiltração. Eu me lembrava de Irene o tempo todo, com um sentimento de culpa que a duras penas era aliviado pelas garantias que recebia de Aranha de que ela estava segura e que todas as medidas necessárias tinham sido tomadas para que acreditassem que ela era o que de fato era: outra vítima do verme imundo que se fez passar por um comerciante inofensivo durante meses e depois por um colaborador solícito do movimento.

Também me incomodava, acho que esse é o verbo mais correto, ver que para Marreta, meu companheiro, apesar de ter tido que puxar o gatilho e explodir a cabeça de um homem, o fim da missão e o retorno à sua vida se tornaram muito mais suportáveis. O motivo, apesar do paradoxo superficial, era óbvio. Enquanto eu estava sozinho e tinha que conviver com o peso na alma de ter traído a mulher que me amava e de quem eu não parava de sentir falta em todos os sentidos, a começar pelo físico, ele tinha retornado para a

sua família, sua esposa e sua filha, a quem ele finalmente podia dar o presente da companhia diária e, em troca, colhia o calor e a beleza que advêm de estar com aqueles que o amam.

Ao mesmo tempo que eu o invejava e, às vezes, o odiava, não podia esquecer que ele era o homem a quem eu devia a vida, aquele que tinha mantido a cabeça fria e a calma e que também tinha tido a coragem e os reflexos necessários para me tirar das garras da morte, nas quais outros já tinham me deixado cair. Marreta, por outro lado, não só não tinha se irritado quando minha primeira reação tinha sido descontar nele a fúria que eu sentia pelo truque que um terceiro tinha me pregado, como também se recusou a dar qualquer importância ao fato de ter me salvado de quem aspirava ser meu possível carrasco.

— Você teria feito o mesmo por mim — ele dizia. — Era meu dever estar onde eu estava e fazer o que eu fiz. Eu também nunca gostei do seu amigo sorridente. Esse tipo de bondade é sempre falsa. Você sabe.

Quando o ouvi dizer aquilo, lembrei-me inevitavelmente que éramos falsos praticamente o tempo todo, e que tínhamos chegado a tal extremo de fazer da duplicidade o nosso modo de vida que não conseguíamos mais, ou pelo menos eu não conseguia mais, discernir totalmente o que eu realmente pensava e o que eu fingia pensar para me adaptar à situação em que eu me encontrava em determinado momento. Isso incluía meu próprio compromisso pessoal

com a causa pela qual eu tinha me tornado um trapaceiro e, por duas vezes, um colaborador necessário e crucial em um assassinato. Eu acordava de manhã, no quarto do luxuoso hotel onde estava hospedado com uma conta de despesas quase ilimitada paga por uma empresa da Companhia, e já não sabia mais se o que tinha feito e o que estava fazendo, naquela altura da minha vida, era fruto da minha convicção ou de uma inércia que ultrapassava as minhas forças, à qual eu não tinha mais como me opor. Se eu não estava lá, fazendo o que a Companhia me pedia, o que eu iria fazer, onde, com quem.

Na época, eu achava que ele, Marreta, era o sortudo, e eu o azarado, porque ele pelo menos tinha uma vida fora dali. Depois, quis acreditar que não, que, sendo nós o que éramos, era melhor ficar sozinho e não procurar ninguém para arruinar a sua vida, sobrecarregando a própria com o peso adicional do remorso pelo mal causado a um ente querido. Agora já não sei bem o que pensar: quanto mais anos se passa sobre a Terra, mais difícil é decidir se o que se fez ou o que ainda se está fazendo, o que se omitiu ou o que se omite, é para o bem, para o mal ou para nada. Se eu tiver que escolher, acho que volto àquela impressão distante de que a sorte estava sorrindo para ele. A morte não deixará de me dar um dia o que mereço, como a ele ou a qualquer outra pessoa, mas me faltará, nesse momento, a consciência que ele pôde levar consigo por ter cuidado, melhor ou pior, da vida de outra pessoa que, por sua vez, fará suas próprias boas e más

escolhas, sem nunca poder, seja como for, ignorar que meu companheiro caminhou pelo mundo.

De qualquer forma, minhas preocupações mais imediatas naqueles dias eram outras. Além de descansar e tentar reparar meu corpo e a mente da punição que a missão me havia trazido, para a qual, em princípio, eu tinha recebido uma licença por tempo indeterminado, eu tinha que enfrentar outra operação, no sentido cirúrgico da palavra. Depois do meu desaparecimento acidental, violento e abrupto da cena, meu rosto, tirado de uma fotografia que, em nome da minha própria farsa, eu não tive escolha a não ser me tornar, não tinha parado de circular na mídia simpática ao movimento e em todas as delegacias de polícia do país vizinho. Se eu quisesse continuar trabalhando, se quisesse continuar vivo, simplesmente teria que mudar minha aparência e até mesmo minha fisionomia, e a Companhia cuidou para que isso acontecesse. O desconforto físico que o processo supôs talvez tenha sido o menor de todos. Nenhuma despesa foi poupada na contratação do cirurgião, fui bem cuidado e o que tinha que ser feito foi feito da maneira menos agressiva e prejudicial possível.

O mais complicado foi me acostumar a reconhecer como meu rosto o rosto do cara que, depois que todas as feridas foram curadas, passou a me substituir no espelho todos os dias, que era eu mas também não era eu, de uma forma que era ao mesmo tempo tranquilizadora e perturbadora. Por um lado, me confortava ver que meu olhar ainda continuava

sendo o meu; por outro lado, vê-lo naquela máscara composta de partes iguais das minhas feições e das da mão do cirurgião me dava uma sensação de estranhamento que, somada às muitas outras que eu já tinha, dificultava a convivência comigo mesmo. Naquela época, houve alguém que não deixou passar despercebidas as minhas dificuldades e que nunca deixou de estar ali para me dar apoio.

Ele fez questão de vir me ver várias vezes, em diferentes lugares. Para me hospedar, procurava sobretudo hotéis à beira-mar, em cidades não muito grandes, onde o clima era quente e ensolarado. Lembro-me principalmente da conversa que tivemos em um terraço espaçoso à beira de um estreito que ligava um mar e um oceano. O sol estava batendo nele, era branco e recém-construído e, ao fundo, podíamos ver o azul intenso do mar, um pouco desbotado na linha do horizonte. Estávamos protegidos dos raios solares por um grande guarda-sol e uma lona grossa, o que não impedia que o calor fosse sufocante. Não me importava muito, porque minhas roupas eram leves e porque, de vez em quando, a brisa soprava ou eu podia tomar um gole de cerveja gelada. Aranha, que estava vestido de forma menos apropriada, tinha gotas de suor na testa.

— Não vim te apressar — ele disse em determinado momento.

— Essa é uma frase típica, que tende a significar o contrário — observei.

Aranha levou minha ironia na esportiva.

— Não posso recriar sua perspicácia.

— Claro que pode.

— E também não quero — ele assegurou. — Estou falando sério. Tenho falado de você para o Um. Agora temos que te dar todo o tempo de que você precisa, eu acho e ele concorda. Seu parceiro também não está com pressa de deixar de estar com aquela garotinha dele. Vocês dois mais do que justificaram o que a Companhia investiu em vocês, e agora é uma questão de ver, sem pressa, o que mais podemos fazer juntos.

— Não sei se conseguimos tanta coisa. A guerra continua.

— Ninguém esperava que a parássemos. O que conseguimos foi enfraquecer alguns dos recursos críticos do inimigo: eles já não podem mais cruzar a fronteira e se sentir seguros, eles estão tão assustados lá quanto estão do nosso lado. E algo mais, que inclusive vai te surpreender.

— Deixo-me surpreender.

— Há contatos discretos com as autoridades do outro lado. Nossos hóspedes, que até agora não incomodavam ninguém por lá, estão começando a deixá-los desconfortáveis. Ninguém quer que as balas alheias apitem em suas ruas.

— Mas a organização continua forte. E continuam operando.

Aranha inspirou e olhou para o infinito.

— Ela está bem enraizada — ele opinou. — Foi permitido que ela crescesse demais na sua época, e agora não vamos simplesmente acabar com ela. Leva tempo.

— Para matar os chefes um por um, aposto — brinquei. — Ninguém sabe melhor do que eu o que é preciso para derrubar um deles.

— Tudo isso terá que ser feito. Mas não foi sobre isso que vim aqui falar com você. Você está tendo tempo para pensar. No que anda pensando?

— Sobre o quê?

— Sobre o seu futuro.

— Que alternativas eu tenho?

Aranha levantou as mãos e estendeu as palmas para mim.

— Todas, em princípio.

— Todas, de verdade?

— Como se você quisesse desistir. Você já tem um novo rosto, podemos construir uma nova identidade para se adequar ao que você queira fazer, e não te faltará dinheiro para fazê-lo, a menos que você queira montar, sei lá, um parque de diversões ou qualquer outra coisa fora de proporção.

— Não sou ruim de comércio — eu disse, com um toque de sarcasmo.

Meu chefe se deu ao trabalho de agarrar meu antebraço e insistir.

— Estou falando sério, Pua.

— Não sei se quero me aposentar. Ainda sou jovem.

— Ninguém vai te forçar, nem mesmo te convidar a se aposentar. É você quem decide. E se meu voto vale alguma coisa, eu não gostaria de te perder.

Fiquei olhando para ele. Ele ainda era o mesmo homem que me deu aquele abraço quando tinha me tirado da parte de trás da van. Um homem diferente daquele que tinha me recrutado e que tinha me treinado e me submetido a todos os tipos de testes para tentar me quebrar e provar que eu não servia para aquilo, que meu defeito original, aquela ferida pessoal que me tinha levado à luta, me tornava inapto para a tarefa desonesta que eu aspirava realizar. Ele também não era mais o homem que tinha me orientado, dirigido e acompanhado durante minhas primeiras operações. O que eu fiz do outro lado da fronteira, tinha feito e resistido sozinho, e talvez, pensei, estivesse além do que ele mesmo se considerava capaz de enfrentar com sucesso.

— Há algo que preciso te contar — ele acrescentou. — Acho que você merece saber.

— Pois diga — eu o convidei.

— O Um não era a favor de te infiltrar. Ele achava que você não se encaixava no perfil que, em teoria, esse tipo de missão exige, tão perto do limite.

— E que perfil é esse?

— Nem muito burro, porque eles te caçam, nem muito inteligente, porque você faz muitas perguntas e acaba caindo.

— Não pensei que meu chefe me considerasse um idiota — zombei.

— Pelo contrário, ele acredita em você pelo que você é: tão inteligente quanto qualquer outro. Insisti, disse a ele que,

além de inteligente, você era forte. Que aguentaria. E eu estava certo.

— Não sei se forte é a palavra certa — eu me permiti hesitar.

— Eu sei que é. E se você ficar, vai me fazer feliz.

Não sei se foi por isso que fiz isso, se fiquei porque vi os olhos daquele homem brilharem, que, por debaixo de sua armadura, vislumbrei naquele momento o coração, e ainda não acho que tenha sido uma miragem. O fato é que prolonguei algumas semanas mais a minha vida como um convalescente de luxo, e não me privei de me dar caprichos e distrações, incluindo algum flerte ocasional para esquecer, em uma pele feminina desconhecida, a pele feminina que eu desejava e da qual sentia falta todas as manhãs e todas as noites, mas um belo dia eu me levantei, liguei para o seu número e lhe anunciei:

— Estou pronto para voltar ao jogo.

Dois dias depois, eu estava reunido com ele e com Um. Foi Um quem me deu as boas-vindas em nome da Companhia. Ele me olhou nos olhos, avaliou minha convicção e, depois de alguns segundos, disse:

— Você tomou a decisão certa.

Na verdade, e ainda era muito cedo para saber, por isso daquela vez ele não precisou me enganar, eu tinha acabado de tomar a pior decisão da minha vida.

47 CARINHO

Em todas as encruzilhadas para as quais a existência o lança, há um ponto depois do qual não há retorno possível. Quando você o alcança, a sensação é sempre uma mistura de melancolia e alívio. A primeira tem a ver com a consciência de que o restante dos caminhos anteriormente disponíveis, juntamente com o que já foi deixado para trás, tornam-se parte de um território proibido. Quanto ao alívio, todos nós, e ainda mais quando já fizemos muitas escolhas, encontramos alguma forma de descanso no fato de não termos mais escolha. Quando nossas ações se tornam irreversíveis, tudo o que resta é a obrigação de enfrentar as consequências com a inteireza de que cada um seja capaz. Estamos isentos da ânsia dolorosa de evitá-las ou de imaginar maneiras alternativas de melhorar os termos do desenlace.

É com esse sentimento que desligo o telefone público do qual acabei de ligar para Aranha. O que ele me transmitiu teve o efeito de liquidar as minhas principais incertezas. Agora eu sei o que vou fazer, mesmo que ainda não saiba o que vai acontecer. E a primeira coisa que tenho que fazer é voltar para Vera, a quem deixei preparando algo para comer, e encontrar uma maneira de lhe contar, sem lhe contar tudo, o que vem a seguir e seu resultado imediato, que, aconteça o

que acontecer no final, já posso dar como certo: é aqui que nossa escapada termina, onde o caminho dela e o meu se separarão, se tudo correr bem para sempre. E se tudo correr da pior maneira possível, também.

Eu a encontro na cozinha, onde ela arrumou a mesa e serviu em alguns dos pratos, sem complicar muito, parte das provisões que tínhamos depois das compras de ontem. Está olhando pela janela, segurando um copo de água pela metade. Quando percebe que estou chegando, ela se vira lentamente e me olha com uma expressão vagamente esperançosa.

— O que foi? — ela me pergunta.

— Correu tudo bem — eu lhe digo. — Eles aceitaram minha proposta.

— Você vai finalmente me dizer qual é?

— Vou conversar com alguém que pode decidir.

— Você já me disse isso. Para pedir o quê?

— Para garantir a sua segurança, antes de mais nada.

— E a segunda coisa?

— Bem, eu também não me importaria se garantisse a minha.

— Você confia nessa pessoa?

— Sim, confio — menti. Não é hora de deixá-la com essa dúvida.

— Quando vocês vão se encontrar? Onde?

— Dentro de algumas horas. Não muito longe daqui.

Ela acena com a cabeça. Desde o incidente da madrugada, ela parece distante e um tanto apática. Como se não se importasse muito com o que eu faço ou deixo de fazer, com o que ao final sairá dessa fuga para a qual eu a arrastei. Ela não saiu pela manhã, quando a deixei sozinha para ir ver Aranha, nem agora, quando saí para telefonar, e ousa supor que ela não aproveitará a oportunidade para ir embora quando eu sair novamente esta tarde, mas não sei por quanto tempo mais, se eu não fosse resolver a situação hoje mesmo, eu poderia contar com sua cooperação. Seja o que for que a tenha levado a confiar em mim, até o dia anterior, não escapou ileso da tentativa à qual preferi não me entregar na noite passada.

Comemos em silêncio por alguns minutos. Estranha-me que ela nem tenha sequer vontade de fazer mais perguntas. De certa forma, eu esperava que isso acontecesse, para que eu não tivesse que tomar a iniciativa e para que pudesse lhe dar informações conforme ela mostrasse interesse em saber.

— Vera — eu digo por fim.

— Não estou com raiva de você — ela diz de repente.

— O que você quer dizer com isso?

— Que não importa, o que aconteceu na noite passada. Teria sido tudo bem, eu acho, mas minha vida não depende disso. Não me apeguei a você nem nada parecido.

— Eu não queria que você se apegasse — digo.

— Você parece ter se tornado um pouco menos estragado do que meu pai, mas continua me lembrando dele, e isso me

impede de ter sentimentos por você.

— Melhor assim. Porque talvez nunca mais voltemos a nos ver.

O anúncio, em sua brusquidão, não deixa de impressioná-la.

— Você não vai voltar da reunião desta tarde?

— Está dentro das possibilidades.

— E o que devo fazer se isso acontecer?

— Nada. Espere. Alguém virá te tirar daqui. E te levará para um lugar seguro, onde você irá se reunir com sua mãe, e a partir daí continuará com sua vida. Tudo o que te peço é que se deixe ajudar. E não volte ao que estava fazendo. Agora você ainda pode deixar isso para trás. Se arrastar isso com você, acabará se tornando o que é e já não conseguirá sair.

— Isso soa como uma despedida.

Encolho os ombros. Temo que eu tenha falado demais.

— Desculpa. Não sou bom com as palavras.

— Se for isso, devo te dizer que farei da minha vida o que achar melhor, desde que me seja permitido. E não sentirei falta de seus conselhos.

— Não tenho escolha a não ser aceitar.

— Sentirei falta de você, sim. Tem algo em você, tenho que admitir. Mesmo que seja muito frio e escuro para que eu possa te amar.

— Será pouco, e por pouco tempo, eu acredito.

— Nunca se sabe. Só se descobre depois.

Olho para ela e vejo em sua postura, talvez pela última vez, um reflexo daquele outro com quem convivi tão intensamente. Também em sua maneira de não manter as coisas em segredo, mesmo quando isso possa lhe convir.

— Acho que tenho de te agradecer — digo.

— Por quê?

— Você poderia ter dificultado as coisas para mim.

— Talvez você tenha conseguido me assustar o suficiente.

— Não foi minha intenção. Não era o que eu estava encarregado de fazer nem o que eu deveria ter feito. Também quero me desculpar por isso. Eu deveria ter interpretado a situação melhor do que eu fiz. E ter te poupado de algumas experiências desagradáveis. Eu realmente sinto muito.

Vera olha para mim com espanto.

— Você é um homem estranho, Ben, ou qualquer que seja o seu nome.

— Sou o que precisei ser. Fazer o quê.

— Talvez eu tenha que te agradecer também — ela hesita.

— Não. Você só precisa viver. Para aqueles de nós que não viveram.

Antes de sair, peço a ela que fique na sala de estar, que não me acompanhe nem olhe para fora para me ver partir. Em parte, para sua segurança e, em parte, para que o momento não pese mais sobre mim. Percebo que me afeiçoei a ela. Na verdade, comecei a gostar dela antes que ela viesse ao mundo. Naquela tarde, quando vi o seu pai, que mais tarde presenciei matar sem pestanejar, dar muita atenção à sua

mãe, que já a carregava no ventre, soube então que ali havia algo que eu nunca teria, algo pelo qual valia a pena viver e também morrer. Algo pelo qual vale a pena morrer eu mesmo para preservar o que resta, que é ela: seu olhar e sua coragem e até mesmo sua forma de equivocar-se e de dar passos por onde não deveria.

Enquanto me dirijo à porta, ela me pergunta:

— Não vai me dizer seu nome verdadeiro?

Paro por um momento. Não consigo deixar de sorrir.

— Para isso, eu teria que me lembrar dele — respondo. — Vamos de Ben.

— Adeus, Ben. E boa sorte.

— Adeus, Vera. Espero que a tenha você também.

Chego ao condomínio residencial de Aranha vinte minutos mais cedo e não estaciono ao lado dele nem me aproximo dali em linha reta, mas vagueio um pouco antes para conhecer o terreno. Faço isso por inércia e imediatamente me dou conta de que não faz sentido. Em primeiro lugar, porque não considero a opção de evitar uma emboscada, se é que vou conseguir: estou aqui para me entregar, e essa é a premissa inevitável da solução que posso oferecer a Vera a esta altura. Em segundo lugar, porque antes de virar uma esquina, ainda a duas ruas de distância de onde Aranha mora, dois indivíduos aparecem do nada, ultrapassando-me facilmente em tamanho, e enquanto um me agarra por trás, o outro me dá um soco no rosto, deixando-me meio atordoado, e depois cobre minha cabeça com um capuz. O que acontece a partir

de então é que sinto uma espécie de nuvem escura enquanto minha bochecha queima como se eu tivesse levado uma injeção de chumbo derretido. Eles prendem meus pulsos atrás das costas com uma corda, me levantam e eu ouço o barulho de um motor e o ruído de pneus. Em seguida, me jogam como uma trouxa sobre o chão duro do veículo e os dois homens entram e me viram de bruços sem olhar para trás, enquanto me revistam de cima a baixo. Eles apalpam meus membros e tudo o mais que pode ser apalpado no meu corpo energicamente e sem qualquer pudor. Não encontrarão nada, nem sequer a minha solução de último recurso. Deixei tudo no porta-luvas do carro antes de vir para cá. Não vou me defender: entre outras coisas, vim ao encontro com a firme determinação de não jogar mais nenhuma morte nas minhas costas. De todos os pontos de não retorno que minha decisão implica, esse é de longe o mais reconfortante.

— Ele não está armado — diz um deles.

— É claro que não estou — eu me permito comentar.

— Cale a boca — comenta a outra voz.

Eu me pergunto quem são eles. E não me custa muito responder para mim mesmo. É claro que não sei seus nomes, e provavelmente nunca saberei, mas conheço o tipo de homem que eles são, tão bem quanto ninguém poderia conhecê-los. Já fui como eles e, como nunca deixamos de ser o que um dia fomos, eu ainda continuo sendo. Portanto, entendendo que seus modos e suas palavras, tudo o que fazem e dizem e a maneira como se comportam, estão dirigidos a um

único propósito: aniquilar minha vontade pela raiz. E isso me dá vontade de rir, e eu riria, se não me expusesse a receber outro soco através do tecido fino do capuz – de algodão, como é prescrito para não me sufocar –, o que colocaria mais chumbo derretido no meu rosto. Porque esses dois, sejam eles quem forem, não estão cientes de que seus esforços são desnecessários. Eles poderiam simplesmente ter me parado na rua, dito boa tarde, me tratado com consideração e conversado comigo gentilmente. Minha vontade de me opor a ir com eles teria sido aniquilada da mesma forma. Para o meu bem.

Depois deste momento fugaz de alegria, fui picado pelo medo. O acordo era nos encontrarmos na casa de Aranha, uma espécie de lugar neutro, mais favorável ao meu colega do que a mim, até. Pelo tempo que a van está rodando e a velocidade com que estamos nos movendo, não vai ser lá onde vou vê-lo, e é até possível que meus captores não me levem à sua presença, mas a um lugar onde planejam me torturar até que eu revele onde está a garota e, depois que tiverem obtido a informação, me joguem em um buraco do qual nunca mais sairei, independentemente de eu ser ou não o acusado da morte de Abutre. Se o plano não for atirar em mim e fazer com que eu simplesmente desapareça.

Por um momento, acho que é isso que vai acontecer e que cometi o último e mais desastroso de meus erros de cálculo, aquele que prova definitivamente que perdi todas as minhas habilidades. Se assim for, vou me sacrificar por nada e para

nada, e nem sequer deixei instruções para Vera tentar escapar do que eles reservam para ela. Sei que suas opções contra eles são inexistentes, assim como as minhas, e é por isso que estou aqui acorrentado e encapuzado; mas não ter sequer tentado representar essa eventualidade para ela, para sugerir o que fazer se fosse o caso, me faz sentir idiota e culpado. Com esse sentimento e sem abrir a boca, como meus sequestradores, eu aguento o restante da viagem.

Calculo que não demora mais de uma hora. Finalmente a van para, alguém a abre, me tiram, me arrastam por vários corredores, me colocam em uma sala onde fecham a porta, tiram as algemas das minhas mãos, as colocam juntas na minha frente, me algemam de novo e me sentam em uma cadeira. Alguém arranca meu capuz e então eu o vejo. Ele concordou em falar comigo.

48 POMBINHA

Enquanto esperava dentro no carro, com aquela sensação de que alguém me reconheceria a qualquer momento – tão persistente quanto absurda, porque não só eu não me parecia mais com aquele que eles conheciam, como eles também não estavam em todos os lugares –, pensei mais uma vez que não poderia ter tomado um caminho pior do que aquele de volta à tarefa que Marreta e eu estávamos novamente compartilhando. E se, no meu caso, era questionável se eu tinha agido com sanidade, no caso dele, que para se reincorporar tinha deixado para trás uma família que agora via apenas de vez em quando e em dias isolados, a loucura era completa. E, no entanto, ele não parecia sofrer: quando podia voltar para a esposa e a filha, ia feliz da vida, mas quando chegava a hora de cruzar a fronteira e se meter no meio dos bandidos para ser ainda pior do que eles, ele o fazia com o mesmo bom humor, como se nós dois estivéssemos em uma excursão.

É verdade que raramente passávamos mais do que algumas horas do outro lado. Depois de nossas duas infiltrações prolongadas e bem-sucedidas, não teria sido sensato nos enviar para uma terceira para nos expor ao risco de cair nas mãos daqueles que, após a perda de dois de seus

líderes por nossa culpa, estavam ansiosos para nos despedaçar, especialmente a mim. Portanto, nossa nova maneira de operar era diferente. Não estávamos mais atrás de alvos de alto nível para minar a capacidade de tomada de decisões da organização, mas nos designaram alvos de menor calibre, mas mais fáceis de serem capturados, para obter informações deles e, assim, devolvê-los novamente à circulação, jogando em um duplo sentido. Porque eles se tinham visto à nossa mercê e porque voltavam para os seus com a consciência pesada e a angústia de tê-los traído.

Com exceção dos riscos inerentes a qualquer ação secreta em território estrangeiro, incluindo aqueles associados à travessia da fronteira, era muito menos exposto e ambicioso do que o que havíamos feito antes, mas não deixava de ter seus perigos, como verificamos naquela tarde.

De repente, vi um sujeito se aproximando pelo espelho retrovisor e me abaixei para que ele não reparasse a minha presença. Ele passou por mim, me ultrapassou e, em seguida, eu me recompus e troquei um olhar com Marreta, que estava do outro lado da rua, usando seu uniforme de empregado do serviço de limpeza e fingindo varrer. Ele acenou com a cabeça e começou a ir varrendo na direção dele. Naquele momento, saí do carro com as algemas e o capuz prontos, embora ainda guardados nos bolsos da minha jaqueta. Quando atravessei a rua, Marreta de repente largou a vassoura e avançou na direção do sujeito como um búfalo atacando um predador.

Nosso alvo era um novato, um rapaz na casa dos vinte anos e com pouco mais de um ano na clandestinidade, mas ele reagiu com prontidão e estava armado, uma pistola que sacou e disparou sem hesitar contra meu companheiro. Felizmente, ele fez isso sem muita pontaria, atingindo um ombro apenas de raspão, mas Marreta caiu e ficou desprotegido. O que impediu o pistoleiro de matá-lo foi o chute que lhe dei no meio das costas, que ele não conseguiu prever. Ele deixou cair a arma, que chutei para longe com um pontapé, enquanto me sentava sobre ele e o algemava. A essa altura, Marreta já tinha se levantado do chão e me ajudou a encapuzá-lo e a calá-lo com um soco, que ele desferiu com rapidez e sem piedade.

— Tem sangue no seu ombro — eu disse quando vi. — Você está bem?

— Ele só me acertou de raspão. Vamos, rápido. Todo mundo ouviu o tiro.

Nós o levamos correndo para o carro e o jogamos no porta-malas, onde também prendemos seus tornozelos com fita adesiva. Feito isso, nós dois entramos no carro, no momento em que alguns vizinhos e curiosos, entre os poucos que podiam ser vistos no vilarejo àquela hora, começaram a aparecer. Ao vê-los, Marreta comentou, rindo:

— Que se danem as placas que estamos usando.

— Temos outro jogo — eu o lembrei.

— Talvez devêssemos trocar de carro também — ele disse, enquanto colocava um curativo no sangramento do ombro,

que não era muito abundante.

— Se nos apressarmos, conseguiremos passar.

Estávamos a apenas vinte minutos da fronteira. Na primeira curva da estrada em que conseguimos nos afastar, eu parei, saí e troquei a placa do carro. Enquanto fazia isso, comecei a ouvir batidas e gemidos dentro do porta-malas. Sem hesitar, Marreta abriu o compartimento, tirou o capuz do importuno, fechou sua boca com fita adesiva e lhe deu mais alguns socos que o deixaram inconsciente novamente.

— Vamos, acabe com isso — ele me incentivou. — Este aqui está acordando de novo.

Escolhemos o posto de fronteira menos vigiado: não havia funcionários permanentes e, muitas vezes, eles nem sequer paravam ninguém. Mesmo assim, atravessei com o coração acelerado. Não era essa, no entanto, a adversidade que nos aguardava. Se tivessem nos parado, teriam nos feito um favor.

Levamos nossa mercadoria para a nova casa ocupada pela unidade, que ainda estava muito próxima da fronteira. Lá estava esperando Aranha, que supervisionava as operações e os interrogatórios, os nossos e os de Prego e Cortiça, com quem agora tínhamos menos contato. Cada equipe tinha seus próprios objetivos e atuávamos com completa autonomia, inclusive em lugares diferentes. Só nos reuníamos para coordenar estratégias e procedimentos.

Antes que eu saísse do carro, Marreta agarrou meu braço:

— Estamos quites agora, parceiro. Você salvou minha vida.

Neguei com a cabeça.

— Não há paz nem para você nem para mim. Agora estamos os dois em dívida.

— Bem, tanto faz — ele concordou, complacente.

Uma hora depois, estávamos no porão onde trabalhávamos em nossas fontes involuntárias. Tínhamos tido tempo para desinfetar o ferimento do meu parceiro, apenas um raspão de alguns centímetros de comprimento que havia rasgado sua pele, contar para o Aranha o que tinha acontecido, que concordou em inutilizar aquele carro a partir de então, e resolver as questões sobre as quais, à luz de seus antecedentes, poderíamos esperar sondar nosso prisioneiro. Levantamos o capô por alguns segundos para retirar a fita adesiva de sua boca, mas em nenhum momento descobrimos seus olhos, nem faríamos isso até que o devolvêssemos de volta ao mundo. Quanto ao restante, e de acordo com o protocolo habitual, nós o despimos completamente e imobilizamos seus pés e mãos, amarrando-os à mesa sobre a qual o colocamos.

Aranha, como de costume, assistia à sessão em segundo plano. Marreta estava encarregado das manobras para minar a resistência do sujeito em dar respostas às nossas perguntas, e cabia a mim cuidar de extrair dele o que ele sabia e, de passagem, enfraquecer suas defesas pela via dialética. Naquela ocasião, entretanto, foi Marreta quem

falou com ele primeiro. Quando viu que estava voltando a si, inclinou-se sobre ele e disse perto de seu ouvido:

— Olá, pombinha. Já estamos em casa.

— Quem são vocês? — perguntou o homem em questão.

— Que falta de originalidade — opinou Marreta. — Sempre a mesma pergunta.

— Onde estou? — gritou o prisioneiro.

— Em casa, já te disse. Ei, você se tornou um soldado e tanto. Daqueles que andam por aí com uma bala na agulha. Que figura. Você quase nos matou.

— Estou arrependido de não ter matado vocês — respondeu o homem, desafiador.

— Fazer o quê? Mas não tem problema, nós gostamos disso. Você vai falar agora.

— Falar o quê?

Fiz um sinal para Marreta e tomei a palavra.

— Daqueles que cruzaram a fronteira recentemente. Para começar.

A resposta foi categórica.

— Cago para vocês dois e para todo mundo que estiver aqui.

Olhei para o homem nu, encapuzado e imobilizado que acabava de dizer aquelas palavras e recuperei duas sensações que já tinha tido tantas vezes que começava a achar difícil conviver com sua repetição. Por um lado, o desconforto de perceber que aquelas pessoas que estávamos enfrentando tinham uma convicção que em nada deixava a desejar à

nossa, pelo menos em termos dos sacrifícios que alguns deles, certamente não todos, nem todos com a mesma coragem, estavam dispostos a fazer para defendê-la. Por outro lado, o desgosto de ter que maltratar um homem indefeso, por mais que eu quisesse acreditar que a causa justificava isso, o que era cada vez mais difícil para mim, e por mais que eu tivesse aprendido a fazer das tripas coração para esquecer que o homem que estava ali deitado era um ser humano como eu. Certa vez, quando confidenciei ao Aranha quanto eu não gostava daquela parte do nosso trabalho, ele me disse algo que me serviu de orientação, não de alívio:

— Você tem que se sentir mal fazendo isso. Se você se sentisse bem, seria minha obrigação te tirar daqui. Senão você faria isso por prazer, o que seria uma bomba para a Companhia. Você não precisa parar de se sentir mal e, ao mesmo tempo, precisa bloquear esse sentimento quando for necessário. Só isso.

De qualquer forma, eu tinha que me recompor e continuar com a tarefa.

— Resposta errada — eu disse sem ênfase.

Marreta não precisou de mais nada. Aplicou sobre o sujeito uma das muitas formas de violência que dominávamos e que combinavam um impacto retumbante sobre a capacidade da pessoa afetada de se opor àquele que poderia exercê-la com uma ausência absoluta de vestígios. Observei o corpo nu se contorcer, o máximo que as amarras lhe permitiam, sem pensar em nada além de neutralizar qualquer vislumbre de

emoção em meu espírito, assim como fiz com minha voz quando falei com ele novamente:

— Vamos tentar de novo. Quantos e quem cruzou a fronteira desde que você esteve onde nós o encontramos? Como estão organizados?

— Você vai ter que me matar — ele disse. — Se tiver coragem.

— O que não temos é vontade, cara — acrescentou Marreta. — Com uma coisa tão insignificante como você, não queremos nem sujar as mãos.

— Não precisamos te matar — eu o advirto. — Só precisamos aumentar a punição até que você não aguarde mais. Fale logo o que nos interessa e nós te mandaremos de volta para aquele vilarejo tão lindo onde você vive agora, para que possa continuar fazendo a revolução e flertando com todas as garotas estúpidas que o admiram tanto por atacar pessoas inocentes.

— Você é um burro, um cachorro que come o lixo que os outros nem se dignam a cheirar. E eu não sou um delator.

— Delator é aquele que abre a boca sem motivo — eu me oponho. — Neste momento, você tem um motivo. Faça um favor a si mesmo, responda ao que for perguntado e livre-se do que está por vir.

— Eu quero é me livrar de vocês, escória.

— Nós não existimos — eu lhe digo. — Nós aparecemos e desaparecemos e, se você fizer sua parte, nunca mais voltará a nos ver. Eu te prometo isso.

— Vá se foder.

Não estávamos contando com isso. Que ele fosse um dos durões, que existiam, mas não eram muitos, nem costumavam ser tão arrogantes, nem tão jovens. Olhei para Aranha, que estava observando a cena com uma expressão de descontentamento no rosto. Ele deixou o queixo cair um pouco e eu acenei com a cabeça para Marreta, que começou a preparar os instrumentos a fim de passar para a próxima fase. Então, tive o primeiro indício de catástrofe, mas, por algum motivo, não me opus, não disse ao meu chefe que, daquela vez, talvez devêssemos desistir, que ele não era um peixe tão grande para que levássemos as coisas tão longe. Eu me pergunto se não me abstive porque ele tinha conseguido penetrar minha armadura com seu desprezo, assim como Marreta foi mais insensível e talvez mais enérgico do que em outros momentos por causa da lembrança da bala que tinha buscado seu peito, mesmo sem o encontrar. Seja como for, depois de uma das descargas, que em teoria não devia ser letal, o prisioneiro ficou completamente imóvel. Marreta primeiro o sacudiu, depois tentou reanimá-lo. Ele se empenhou muito, mas sem sucesso. Sempre havia esse risco, mesmo que fosse alguém jovem e saudável. Alguns corações são mais frágeis do que outros, assim como alguns são mais teimosos e endurecidos.

Quando percebeu que ele já não ia mais se mexer, Aranha disse apenas:

— Que merda, Marreta. Era só o que me faltava.

49 A VERDADE

Os anos não foram ruins para ele. Seu cabelo está grisalho, mas ele parece alerta e em forma. Também está bem-vestido, usando um terno de bom corte, uma camisa branca que é realmente branca, tanto que quase cega se a olhar diretamente, pela maneira como reflete a luz da lâmpada fluorescente do teto. Imagino que a gravata que ele tirou não destoe do conjunto, ou melhor, eu sei disso: já vi as que ele usa nas fotos dos eventos públicos em que participa. Quanto ao cômodo, não é grande, mas também não é pequeno, e é frio e impessoal o suficiente para que seja impossível saber onde estive, se é que no fim conseguirei sair daqui vivo. Há algumas cadeiras, uma mesa entre nós dois, uma prateleira de metal. Ele não perdeu, ou não perderam os que agora o servem, a noção e o hábito do sigilo permanente.

— Olá, Um — ousou dizer.

Temo que ele possa ficar com raiva, mas sorri.

— Ninguém mais me chama assim — ele diz. — Pode usar o meu nome agora.

— Antes de mais nada, obrigado por me receber.

— Você soube ser convincente com aquele que me convenceu.

— Espero que eu também seja convincente agora.

— Diga-me você. Estou te ouvindo.

— É indispensável que eu esteja algemado enquanto estiver falando?

Um encolhe os ombros.

— Não sei. Depende do que você diga e faça. Por via das dúvidas...

Olho ao meu redor. Embora eles estejam escondidos atrás da luz que brilha em meu rosto e me impede de ver suas feições, distingo pelo menos outros três homens na sala. Na verdade, é uma multidão.

— Todas essas pessoas são confiáveis? — eu pergunto.

— Pode falar como se elas não estivessem aqui.

Não é o que eu preferiria, mas não tenho escolha. Entro em ação.

— A primeira coisa que quero te dizer é que não tenho nada a ver com o que Marreta estava fazendo. Voltei para a Cidade porque ele me ligou e disse que a filha estava em apuros e que já não podia mais cuidar dela, por causa da doença, e me pediu para cuidar disso.

— E você cuidou — ele comenta.

— De maneira controlada. Sem complicações, como se diz. Ele sorri presunçosamente.

— Para sua informação, encontraram um corpo esta manhã e parece, a julgar pelas primeiras impressões, que ele sofreu algumas complicações.

Decido entrar na brincadeira.

— Eu poderia dizer que não sei do que você está falando.

— Poderia, mas que diferença isso faz agora?

— Eu também poderia pensar que o homem a quem você se refere tinha informações que eu duvido que ele fosse capaz de obter por si mesmo, e que, por outro lado, imagino quem podia obtê-las e fornecê-las a ele, mesmo que eu não saiba exatamente como conseguiu fazer isso tão depressa.

— Isso também não importa agora — ele opina.

— Para mim importa, sim. Isso me faz pensar que quem deu a dica ao homem de quem estamos falando contava com a possibilidade de que ele fizesse justiça com as próprias mãos. Em resumo, que ele acabaria comigo.

— A alma humana é imprevisível.

— Nem tanto, mas não quero me desviar do assunto. O que quero dizer é que vim sabendo que ponho tudo em risco. E, além disso, sabendo que posso perder tudo. Não é por mim que estou aqui.

— Tudo isso é você quem está dizendo. Só aceitei o encontro que você propôs. E, considerando os antecedentes, tomei precauções razoáveis.

Ele ainda é a raposa e a enguia que sempre foi. Inteligente para encontrar as brechas e explorá-las em seu benefício. Sorrateiro a ponto de sempre sair limpo de qualquer contratempo.

— Como vejo que terei que dizer tudo sozinho — digo —, gostaria de contar com a sua permissão para fazer algumas conjecturas.

Por uma fração de segundo, minhas palavras parecem deixá-lo desconfortável. Percebo isso no breve olhar de viés que lhe escapa na direção de seus companheiros e na maneira como se mexe no assento. Então ele se recompõe.

— Não precisa pedir permissão. Já disse que estou te ouvindo.

— Estou falando de coisas que não sei — peço desculpas.
— Estou apenas supondo. Eu não falava com Marreta havia muitos anos quando fui ao hospital vê-lo. No entanto, o que aconteceu, juntamente com o que a filha dele me contou, me permite fazer uma hipótese que não me parece totalmente equivocada. Algo deve ter acontecido de errado com ele nos últimos tempos. Ninguém o conhecia melhor do que eu, e é por isso que sei que ele era um homem forte e muito sofrido, mas também impulsivo e com tendência a não medir bem as consequências de suas ações. Em resumo, quando algo, o que quer que fosse, dava errado em sua vida, ele voltava a atenção para alguém. Uma pessoa com imagem pública, com quem ele lidou em outra época e em outro contexto muito diferente e, digamos, bem menos público, e sobre quem ele sabia certas coisas que não eram do interesse dessa pessoa que viessem à tona.

Faço uma pausa, por precaução. Um continua inabalado.

— A partir daí, não sei como ou por qual canal — continuo —, imagino que ele deva ter enviado uma mensagem, pedido algo, não sei. O suficiente para disparar alguns alarmes. Marreta às vezes não pensava nesse tipo de detalhe. Quando

você deixa alguém perceber que você pode ser um perigo, esse alguém faz seus próprios cálculos e não responde apenas à ameaça específica que você representa, mas pode ir além.

— O que exatamente você quer dizer com isso?

— Há coisas que eu não sei, ou melhor, que para mim são impossíveis de dizer, e é por isso que vou tomar cuidado para não ir tão longe. O fato de um homem ainda jovem ficar tão gravemente doente e morrer em um curto espaço de tempo sempre nos faz pensar, mas é verdade que isso também acontece naturalmente.

— Pelo amor de Deus, que ideia mais desagradável — ele disse, escandalizado.

— O que eu vejo com mais clareza é outra coisa.

— Outra coisa?

— Sobre a filha dele.

— Explique-se.

Respiro fundo. Estou ciente do que está em jogo.

— Não disponho de todas as informações, então não tenho escolha a não ser fazer algumas suposições, mas pude falar com ela e isso me dá várias pistas. Ficou claro que o relacionamento dela com o pai já estava muito deteriorado, e de forma visível, o que imagino que tenha aparecido imediatamente na investigação preliminar sobre Marreta e suas circunstâncias atuais, se é que já não estava em seu arquivo como resultado do monitoramento de rotina a que ele seria submetido. Também não deve ter sido muito difícil

descobrir que a garota tinha um temperamento difícil e pouca aversão ao perigo. A genética tem esses efeitos.

— Às vezes, a genética também falha — ele observa. — É sempre uma questão de duas pessoas.

— É verdade — admito —, mas digamos que ela tenha herdado outras características da mãe, para o bem e para o mal, como acontece com tudo. Em resumo, sua atratividade física, da qual já tinha começado a tirar proveito de uma forma um tanto contraproducente para ela, mas que, se bem direcionada, poderia servir ao propósito de dissuadir o pai da intenção de incomodar quem não devia com o que não devia. Não há melhor corda para amarrar alguém do que controlar sua fraqueza. Todos nós temos uma e, se alguém se apoderar dela, estaremos à sua mercê. Daí a ideia de capturar a garota, de acompanhá-la e guiá-la em sua aventura, para apanhá-lo de passagem.

— Isso meio que parece uma distorção — ele reprovou.

— A verdade é que não era um vínculo fácil de manter, mas o caminho é mais suave se tivermos os meios adequados. E aqui estava esse ex-policial desonrado, mas apenas até certo ponto, porque ele mantinha vínculos com seus ex-colegas e, portanto, dispunha da proteção necessária. E o mais importante: essa proteção implicava disciplina, ou seja, zelo no cumprimento das ordens. Eu vi isso com aquele comissário. Então não pensei em algo que me ocorreu mais tarde.

— O quê?

— Lembrei-me dos policiais com quem lidei há muito tempo. Aqueles que permitiam que eu e meus colegas entrevistássemos, vamos chamar assim, seus detentos. Esse comissário tem idade suficiente para ser um dos que estavam no jogo naquela época e que mantinham contatos com aqueles que nos mandavam. Ele certamente não parece ter se saído mal na vida. Além do trabalho de chefia e o motorista, ele sabia apreciar a boa mesa.

— É pecado não se dar mal na vida?

— Não necessariamente.

— Por um momento, pareceu-me que você estava me censurando por alguma coisa.

— É a última coisa que vim fazer aqui.

Um deixa escapar o ar de forma claramente audível.

— Então a que veio? Fale de uma vez.

— Para te explicar, em primeiro lugar, que não estou envolvido no que o Marreta estava, nem nunca estarei: o que aconteceu, aconteceu, todos saíram como puderam, e não acho que saí pior do que merecia, nem preciso de mais. Para te deixar claro, também, que se eu cruzei algum caminho, foi sem saber e sem querer, e que nunca quis fazer mal a ninguém; se alguém se machucou, foi em minha própria defesa e em defesa de outra pessoa que eu tinha que proteger.

— Sim. E, além disso, você terá algum pedido, suponho.

— Acima de tudo, um. Que alguém que possa persuadi-los fale com esses policiais metidos a delinquentes e os

convença a se esquecerem da garota para sempre. E que ela, nesse meio-tempo, seja levada para um lugar seguro e que ninguém a impeça de ter uma vida um pouco melhor.

— Nada mais? Nada para você?

— Só quero voltar para minha livraria e esquecer tudo o que aconteceu. Se isso for possível. E se não for, o que quer que seja.

Minha resposta consegue desconcertá-lo. A essa altura da sua vida e da minha, eu me permito apontar isso como pouco mais que um sucesso modesto.

— Vamos lá — ele me incentiva. — Com certeza você tem algo mais a pedir, e até mesmo uma série de razões bem elaboradas para apoiar seu pedido.

— Não vou mentir para você — admito —, e não acharia nada ruim poder acreditar que ninguém virá atrás de mim por causa daquele corpo de que você falou antes, e não acho que seja uma solução ruim para ninguém. Quem vai se beneficiar de um julgamento em que sabe-se lá o que vai acontecer? Nem mesmo os filhos dele, que ficarão mais felizes sem saber o que o pai andava fazendo.

— Concordamos que a justiça a todo custo não é a melhor solução em todas as circunstâncias — ele observa com ar de cumplicidade.

— Mesmo que não funcione, a solução injusta pode consertar algo de outra maneira. Ou é nisso, pelo menos, que alguns de nós acreditam.

Digo isso, é claro, com a intenção de fazer com que ele se sinta incluído nessa primeira pessoa do plural, mas não para o ofender, que é a última coisa que me convém neste momento, mas, ao contrário, para despertar nele a antiga solidariedade pelo esforço que um tempo atrás compartilhamos e durante o qual fui seu soldado. Ou seja: alguém a quem, neste momento, só um desgraçado pode abandonar. Há motivos para temer que ele o seja, mas também há motivos para acreditar que talvez não. Ele não acompanhou naquela época o Aranha em sua descida ao inferno, deixou-o ir sozinho, como os outros, mas nunca o abandonou. E ele mantém consigo o fio que usei, porque soube guardar silêncio, como eu tenho me mantido em silêncio até hoje, e estou pronto para seguir calado.

— Eu sempre disse isso, Pua — ele diz por fim. — Você tem uma inteligência muito afiada e muito malévola. O apelido lhe caiu como uma luva.

— Minhas desculpas, se não fui sincero de alguma forma.

— A verdade, no final das contas, é o que menos importa. Todo mundo tem a sua, a que mais o conforta. Se essa é a sua, quem sou eu para estragá-la. A questão agora é que você nos diga onde a garota está presa.

— Ela não está presa. Diga-me que tenho seu compromisso, no que diz respeito a ela, e eu te passo agora mesmo o endereço onde podem encontrá-la.

— E se eu não me comprometer com nada? — ele me testa.

— A esta altura — eu lhe digo, buscando seus olhos —,
passo do mesmo jeito.

50 A QUEDA

A tarefa era a menos tentadora que eu poderia imaginar, a que eu menos gostava de realizar até então e a que eu teria mais vergonha de lembrar de agora em diante. No entanto, tinha que ser feita, e era importante, por mais suja que fosse, fazê-la bem. Enquanto aplicava as ferramentas sobre aquilo que havia sido um homem, enquanto mergulhava os pedaços naquele líquido corrosivo, enquanto esvaziava o balde, pegava os restos, esfregava o contêiner até deixá-lo imaculado e depois reduzia o pouco que restava das cinzas no forno, não deixava de me lembrar do que Aranha tinha dito quando percebeu que nosso prisioneiro nunca mais falaria.

— O pior é que estamos chovendo sobre o molhado.

Quando Marreta ouviu aquilo, fez cara de quem não estava entendendo.

— Ele não é o primeiro — acrescentou Aranha. — E estou lhes dizendo o mesmo que disse aos outros. É preciso fazer com que ele desapareça sem deixar rastros e, se for assim, ninguém poderá relacioná-lo com a gente. Entendido?

Ao ouvir aquilo, Marreta ficou atônito, mais ainda do que quando o garoto morreu em suas mãos, de forma tão repentina e inesperada. Não sei que força sombria brotou das profundezas do meu ser, que além de limpar minha mente

até fazer com que quase me doesse pensar, me deu coragem e firmeza para colocar meus pensamentos em prática. Um dia, do outro lado da fronteira, Marreta teve essa clareza e firmeza por mim; foi por isso que pude pesar os prós e os contras e temer o que aconteceria se eu não conseguisse resolver adequadamente aquela tarefa atroz. Agora era minha vez de cuidar dele. E eu não poderia falhar.

Quando tudo estava pronto, e não antes, parei para amarrar algumas pontas soltas. De repente, entendi melhor a transformação que tinha notado na atitude e no comportamento de Prego e Cortiça quando nos encontramos em uma daquelas reuniões que tínhamos com certa regularidade. Aquele que costumava ser um modelo de agilidade e acuidade mental de repente parecia mais lento e até um pouco mais obtuso. Aquele que não pestanejava diante de nada respondia em tom intempestivo e até tinha uma espécie de tique, um movimento espasmódico que sacudia a bochecha de vez em quando. Se os dois precisaram de drogas para sair do buraco, e se o uso de drogas os tinha levado a outras que acabariam por afundá-los por completo, eu só descobriria mais tarde, mas o que senti me deixou suficientemente alarmado. Assim que nos livramos do corpo, fui dar uma volta com Marreta na praia. O dia estava escuro e cinza, para variar, mas pelo menos o vento era suportável e a chuva, leve e fraca.

— Isto é um sinal, parceiro — eu disse.

— De quê? — ele perguntou, ainda atordoado.

— De que temos que desistir. Nós dois. E especialmente você. Você pode se dar mal por continuar nisso. Você tem pessoas para cuidar.

— E você acha que eles vão nos deixar, justo agora?

— Se eles não forem idiotas, sim. E eu diria que não são.

— Eles não vão simplesmente nos deixar ir embora.

— Não estou dizendo para deixar a Companhia. Estou dizendo para deixar essa função.

— Não acho que eles vão facilitar as coisas para nós.

— Eles estão em dívida conosco, Marreta. Fizemos o que ninguém mais fez antes. E o que acabou de acontecer é a gota d'água.

— Como você planeja propor isso?

— Vou falar com o Aranha. Pedirei para falar com o chefe.

— Você também faria isso em meu nome?

— Se você quiser, sim.

Marreta lançou ao mar o olhar de um homem vencido.

— Você é bom nisso. Eu não. Fale por nós dois.

— Conte com isso.

— E me dê um abraço. Que se dane.

Fiz o que ele pediu. Pela primeira vez, desde que o conheci, senti que aquele corpo grande estava traspassado pelo medo. E achei que a falta de costume era a razão pela qual ele estava tremendo daquele jeito.

Contei ao Aranha e, daquela vez, ele não tentou me convencer. Pelo contrário, passou a mensagem para Um, a quem eu pude expor pessoalmente nosso pedido alguns dias

depois. Aleguei que a parceria estava quebrada, mais por parte de Marreta do que por mim, o que devia estar de acordo com o relatório que Aranha tinha lhe dado, e que eu não tinha vontade de aprender a trabalhar com um novo parceiro. Também tentei enfatizar o valor que poderíamos ter em outras funções. Referi-me à experiência que nós dois tínhamos acumulado, mas, de passagem, lhe dei a entender que isso nos manteria sob controle: permanecer na Companhia significava que não nos perderiam de vista e que nosso sustento dependia dela. Em vez de nos transformarmos em servos relutantes ou fugitivos à margem da organização, era do interesse deles nos manter como devedores com algo ou muito a perder. Um ponderou minha proposta. Depois me advertiu:

— Isso não é algo que eu possa decidir. Tenho que consultá-lo.

— Já estávamos contando com isso.

— Meu relatório será favorável. Vocês prestaram um serviço e pagaram um preço alto. Não podemos ser ingratos com vocês.

Eu apenas me atrevi a olhar para Aranha. Seu rosto era o retrato vivo da amargura. Como tantos outros antes e depois dele, tinha colocado a própria carne e a de outros na grelha, e tinha saído queimado e com o peso das queimaduras alheias em sua consciência. A unidade à qual ele havia dedicado tanto esforço estava desmoronando e, com ela, seu prestígio e seu papel na Companhia. Para complicar a situação, eram

novos tempos. As ações secretas, antes tão celebradas, estavam se tornando cada vez mais controversas. As relações com o país vizinho estavam em vias de melhoria, e logo suas autoridades exigiriam o abandono de certos métodos para aumentar a colaboração. Tudo o que faltava para Aranha era ter cometido o mesmo erro duas vezes.

No final, Marreta e eu fomos transferidos para uma unidade de análise. Ocasionalmente, saíamos às ruas, mas agora fazíamos a maior parte do nosso trabalho em um escritório. Eu estava na Cidade, mas poderia estar a mil quilômetros de distância dali. Era melhor para ele, para a família, e eu não tinha nada que me impedisse ou me aconselhasse a morar em um lugar ou outro. Aluguei um apartamento em um bairro tranquilo. Todas as manhãs eu saía para ir ao escritório e todas as noites voltava para dormir como se fosse um funcionário dos correios ou de uma seguradora. Eu me dava bem com os vizinhos, dos quais tentava saber o mínimo possível. Nada melhor para preservar a cordialidade do que se limitar a um cumprimento sorridente ao cruzar com eles no saguão ou no elevador e, quando muito, conversar sobre o tempo. E como os dias eram longos o suficiente para que eu realizasse o trabalho que me foi confiado, em meu tempo livre eu me dedicava a uma investigação, que acabou sendo infrutífera, mas serviu para me manter na ideia de que eu ainda estava cumprindo alguma missão. Examinei os arquivos de cima a baixo, procurando uma pista que me permitisse descobrir quem

tinha plantado a bomba que tinha acabado com a vida do meu irmão. O máximo que cheguei foi a deduzir que era provável que no envio do comando que o fez e nas instruções com que atuavam tivesse alguma responsabilidade um dos homens para cuja morte eu tinha contribuído, aquele que entre nós tinha o apelido de Suíno. Mas ele poderia muito bem não ter tido nada a ver com isso e a decisão poderia ter sido de outra pessoa, assim como poderiam ter sido dezenas de terroristas que prepararam o explosivo e acionaram o detonador.

Quem sabe, talvez eu pudesse ter permanecido naquele escritório até envelhecer, desempenhando uma função cada vez mais irrelevante e irrisória, mas a sorte não me tinha reservado esse destino. Anos depois de nossa transferência, surgiu uma notícia que virou tudo de cabeça para baixo. A polícia tinha prendido dois indivíduos acusados de vários crimes violentos, tinha apreendido suas armas e, após a análise balística, descobriu-se que uma delas era a mesma que tinha disparado o projétil encontrado em um cadáver que tinha aparecido queimado e enterrado em uma cova em uma floresta alguns anos atrás. No início, me custou reconhecê-los nas fotos da polícia publicadas nos jornais. Prego e Cortiça, mais que deploráveis, pareciam como se estivessem voltando de uma longa travessia pelo inferno. E o que veio depois foi ainda pior. Sob a pressão da polícia e o peso das evidências, eles não apenas confessaram os crimes, como Prego cedeu e contou o que tinha feito em outro tempo a

serviço da Companhia. A investigação policial conduziu a uma imagem que fez o sangue de Marreta e o meu gelarem: a de Aranha algemado e conduzido perante o juiz para responder às acusações feitas contra ele por seu antigo subordinado. O escândalo foi enorme e, no dia seguinte, Marreta e eu fomos convocados para uma reunião na capital. Quando chegamos ao local para onde tínhamos sido convocados, uma casa no subúrbio, Um estava nos esperando.

— Não preciso dizer que a situação é grave — ele começou.

— No mínimo — concordei.

— Temos uma garantia. Aranha não vai falar.

— Como você sabe disso? — perguntou Marreta.

— Eu sei. Eu o treinei. Isso significa que, pelo menos em princípio, vocês não têm nada a temer. E o cadáver de vocês não será desenterrado.

— Essa é uma das poucas certezas que tenho — eu disse.

— No entanto, há precauções a serem tomadas. Vocês devem deixar a Companhia imediatamente. E, por razões de segurança, nunca mais se relacionem um com o outro. Nós vamos ajudá-los. Dinheiro, documentos, tudo o que vocês precisarem para começar uma vida nova. Longe daqui.

Marreta e eu trocamos um olhar.

— Isso é inegociável — advertiu Um. — Vocês serão protegidos até o fim e disponibilizaremos os meios necessários, mas devem se esforçar ao máximo para

desaparecer do mundo e da vida um do outro. Caso contrário, não posso me comprometer a manter a proteção.

— Suponho que só podemos aceitar sua oferta — concluí.

— Receio que sim.

— Tinha me saído muito bem até agora — disse Marreta.

— Não vamos decepcionar vocês. Nem o Aranha. Não podemos deter os policiais que o prenderam, nem os juízes, mas não vamos deixá-lo sozinho na cadeia. E vamos tirá-lo de lá assim que pudermos.

— Isso é o mínimo que devemos a ele — eu disse, não sabendo muito bem se estava advogando por ele ou por meu companheiro e por mim, caso um dia também fôssemos presos.

No fim das contas, não fomos. Vimos como nossos companheiros foram julgados e condenados à prisão, mas Aranha nunca transmitiu sua responsabilidade a ninguém, e tudo o que Prego conseguiu entregar durante o julgamento foram nossos nomes de guerra e os de algum outro, que, como disse o advogado de Aranha, poderiam muito bem ser fruto de uma ficção de elaboração pessoal e não poderiam ser usados para incriminar seu cliente nem qualquer outra pessoa. Também vimos como a disputa da qual tínhamos participado continuou e foi vencida com outras armas. O papel daqueles obscuros exterminadores era cada vez mais repudiado pela sociedade como um ato de barbárie e, pior ainda, como um grande erro que tinha facilitado o rearmamento moral dos terroristas. Na pequena cidade onde

abri minha livraria, encarava a diatribe com sentimentos contraditórios. Às vezes, eu achava que eles estavam absolutamente certos. Em outros momentos, queria pensar que, apesar de tudo, meus colegas e eu tínhamos contribuído de alguma forma para aquela vitória que eles não nos deixariam reivindicar. Mas isso, no final, era o de menos.

Havia uma coisa que eu não me permitia, nem me permitirei: vangloriar-me das minhas ações, como vi alguns terroristas sobreviventes fazerem. Ainda hoje, quando às vezes penso nas famílias dos homens que ajudei a eliminar e, especialmente, nos pais do infeliz que fiz desaparecer, olho-me no espelho e sei que sou uma praga que empesteia a Terra. Tudo o que posso fazer, já que não consigo reunir a coragem necessária para lhes pedir perdão, é desaparecer como se nunca tivesse existido.

EPÍLOGO

LEA

Até neste banco, onde me sento para te ver, ouço o som cristalino da sua risada, Lea, e, ao ouvi-la, tenho por um instante a ilusão de receber a absolvição que não mereço e que sei que jamais alcançarei. Eu me pergunto se, além do que posso supor, pela luz que agora preenche seu rosto, você está feliz e contente com sua vida; se o que falta nela você conseguiu colocar na prateleira dos seus esquecimentos para que não estrague o que você merece e pode se tornar. Você não sabe quem eu sou, não conta comigo, nem mesmo me vê, mas escrevi este livro para você, esta confissão à qual foi reduzido o escritor que eu queria ser quando era jovem e que a vida não permitiu que sequer nascesse.

Fico feliz em ver que você está à vontade nesta cidade, que parece contente com os estudos que sua mãe temia não ter recursos para te proporcionar. Eu poderia dizer que ela finalmente os teve porque cuidei para que os tivesse, e poderia te contar como consegui obtê-los, mas isso não tem grande mérito, é mais uma das maquinações em que me tornei hábil para meu próprio mal, e ter sido capaz de facilitar para você a carreira com a qual sonhava não é nenhuma dádiva de minha parte. É a maneira menos

desajeitada, a forma menos pobre e perniciosa que encontrei para compensar tudo o que eu não soube ou não estava em condições de oferecer.

É verdade que só fiquei sabendo de sua existência muito depois de seu nascimento. Aqueles que poderiam ter me contado, porque tinham sua mãe sob vigilância discreta, não acharam oportuno que eu dispusesse dessa informação. Eles nem devem ter pensado que eu tinha o direito de saber. E por muitas razões, mas acima de tudo por uma, eu não deveria colocar os pés na cidade onde você nasceu e cresceu. É por isso que não tive notícias suas até poucos anos atrás, quando já estava fora da luta que me levou até lá em outro tempo e acreditei, por outro lado, que já teria passado tempo suficiente para que eu pudesse voltar em segurança.

Não posso considerar isso uma desculpa, nem a defendo como tal. Somente explica o fato de que, quando te vi pela primeira vez, com sua mãe, você já fosse uma adolescente e me custasse assimilar o que comecei a sentir quando reconheci no ar de suas feições uma semelhança com as minhas, essas que hoje já não tenho mais, ou só tenho parcialmente, graças ao cirurgião. O que o nome que ela te deu, quando o descobri, me confirmou.

Eu não tinha outra intenção, ao voltar lá, a não ser vê-la e comprovar que ainda estava viva e a salvo, como sempre me tinham garantido. Nada poderia estar mais longe da minha mente do que recuperar o contato com sua mãe. Durante anos, o que eu era e o que eu fazia impediram que isso

acontecesse: teria sido perigoso para nós dois, sem mencionar que eu nunca poderia lhe falar sobre as minhas ações. Passado aquele tempo, quando meu serviço na Companhia terminou e a organização terrorista que colocou minha cabeça a prêmio tinha sido quase completamente desmantelada, meus motivos eram outros. Eu não me considerava no direito de reaparecer, nem mesmo para pedir que ela me perdoasse. Para ela, assim como para o restante dos meus companheiros, o melhor serviço que eu poderia prestar era permanecer completamente invisível. Se eu tivesse sido capaz de consertar alguma coisa que tinha quebrado em sua existência, o que por mais de uma razão eu duvidava, a oportunidade já tinha passado havia muito tempo.

Você pode imaginar minha perplexidade quando descobri que você estava lá. Não porque fosse inexplicável para mim, pois me custava pouco imaginar quando e como você tinha sido concebida, mas porque nunca tinha parado para pensar nessa possibilidade e porque, quando eu a vi de repente, não soube o que poderia nem o que deveria fazer com a responsabilidade que sua existência colocava sobre meus ombros. Por um tempo, cheguei a duvidar de tudo em que tinha acreditado até então, e até pensei seriamente em aparecer para a sua mãe e dizer que eu estava lá, apenas para ajudá-la a suportar, se ela me permitisse, o fardo que sua criação pudesse colocar sobre ela. Essa ideia teve vida curta e caiu por terra quando percebi que a maior parte daquele peso

ela já tinha assumido sozinha, e que minha aparição inoportuna, com essa intenção, poderia ser vista mais como um sarcasmo do que como uma oferta digna de se considerar.

Além disso, pensei em outra coisa, muito mais dolorosa para mim. Por causa da maneira como tudo tinha acontecido, por causa da maneira como eu tinha entrado e saído da vida da sua mãe e, portanto, da sua, eu estava condenado a ficar fora de ambas. Isso, e não o contrário, era o que minha responsabilidade exigia de mim. De um lado, a responsabilidade que tinha diante de meus companheiros, com os quais tinha me envolvido em uma guerra secreta sobre a qual eu não podia revelar nem contribuir para que de qualquer forma nada fosse descoberto, e menos ainda quando estava em liberdade porque alguém, que poderia ter me arrastado com ele para a prisão, tinha se calado para me libertar. De outro, a responsabilidade que tinha diante de você. Entendi que minha vida me condenava a não compartilhar a sua de forma alguma, e que eu não podia e não devia forçar minha entrada em seu mundo. Entre outras coisas, como você pode ver pelo que fica contado nestas páginas, porque eu não tinha nada com o que melhorá-lo, a não ser uma história feia e infeliz com a qual só poderia obscurecê-lo.

Mesmo assim, não pude deixar de ter notícias suas, não pude deixar de tentar procurar uma maneira de ser útil para você e sua mãe. A vida e os meus passos errados me impedem de estar com você, de coletar de outra forma que

não seja a que estou fazendo agora neste parque, como um furtivo e um intruso, a luz que você emite; mas eles não podem me impedir de sentir por você o amor que você inspirou em mim desde o primeiro momento em que te vi. No início, era só um reflexo do que sua mãe inspirou em mim há vinte anos, mas logo o senti provido de um calor próprio, uma mistura do que em você há dela e de mim, do melhor que eu tenho sido e que nunca, esta é a minha esperança hoje, será arruinado em você pelo pior que eu sou.

É por isso que cuidei para que sua mãe recebesse o dinheiro que lhe faltava, que sei que é apenas dinheiro e não compensa o que por outra parte eu não te dei, mas é o que posso lhe dar desta praia onde sou prisioneiro dos meus atos. E é por isso que eu te mantive, até hoje, à margem da história que, neste texto tardio, alguém dirá talvez que inoportuno, eu me esforcei para contar a você. Talvez você se pergunte por que me dei ao trabalho de registrar essa sucessão de eventos sombrios, torpes e inclusive abomináveis. Ainda mais quando alguém, como disseram em algo que li em minha juventude, não pode expressar o que é, mas apenas sê-lo, e é por isso que, no final, toda confissão é uma mentira, e somente no coro, em todas as vozes que não estão aqui, ou que estão filtradas apenas pela minha, é possível encontrar certa verdade.

Você pode considerar isso o meu testamento, o ensinamento que a vida me tem dado e que eu gostaria de te transmitir. Enquanto vivemos, enquanto lutamos para

sobreviver, em concordância e, muitas vezes, em conflito uns com os outros, nós, os seres humanos, acreditamos obstinadamente que somos fortes e inteligentes, os animais mais inteligentes da criação, nada menos. À medida que a vida passa, e ela nem sequer precisa passar inteira, basta percorrer um pequeno caminho, percebemos que isso não é verdade. Com muita frequência, somos animais fracos e estúpidos, que fazem repetidamente o que se pode esperar dessa dupla condição e, por isso, acabamos sendo também maus e nocivos para aqueles que esbarram conosco. Ninguém que possa ser chamado de humano está isento dessa capacidade, mas alguns de nós a exercitamos mais do que os outros, talvez porque sejamos mais fracos e mais estúpidos, e não há melhor exemplo do que aquele que eu mesmo represento. Não escrevi aqui o que fiz para justificar minhas ações, mas para que vocês saibam: seus resultados e suas causas, e a cadeia de acidentes e escolhas que os ligaram. Como quase todos nós, achei que tinha motivos, escolhi pensando em acertar e, quando escolhi ciente de que não estava acertando, fiz isso porque o que tinha feito antes não parecia me deixar outra saída. No final, sua mãe, com aquela bondade que é inteligência e também força, sempre soube ver claramente: nenhuma ideia, nenhuma causa, justifica que uma mãe tenha que chorar por seu filho.

Você também vai se perguntar, se chegou até aqui, por que no último momento, em vez de lutar pela causa da justiça ou encontrar uma maneira de trazer toda a verdade à luz, decidi

me render, ficar calado, fazer um pacto com aquele que me usou e provavelmente até tenha concordado em acabar com a minha vida. O motivo é você, ou algo que tem a ver com você. Sei que se eu tivesse pedido ao meu parceiro o que ele me pediu, para protegê-la, ele teria agido da mesma forma; ele teria até entendido, como eu entendi, que eu o enganei para enfrentar tudo e todos e tentar encontrar uma maneira de tirá-la da situação difícil em que se encontrava. Quando lutei para libertar Vera da armadilha em que ela tinha caído por causa dos crimes do pai, que eram os meus, senti que estava lutando por você: para que você, como ela, não pagasse pelo que não te correspondia, para que você vivesse limpa da mancha do que nós dois fizemos e que só deveria ficar impressa em nós. É por isso que tudo o que eu queria era que ela se salvasse, e é por isso que desisti de todas as outras aspirações e fiz um pacto com aquele que não tinha sido justo comigo, nem com o meu amigo, nem com os outros. O mundo é um lugar sujo, Lea, não há escolha a não ser conviver com a sujeira e encontrar uma maneira de contê-la. Marreta sabia que eu a encontraria, ou ninguém a encontraria, e fez o melhor que poderia ter feito, o que eu teria feito por você: certificar-se de que eu não me esquivaria do desafio.

Até hoje, enquanto eu te observo, deitada na grama com seus companheiros, Um tem cumprido sua parte do acordo. Vera está bem, aqueles que poderiam complicar sua vida estão longe dela e atados de pés e mãos, como sempre

acontece com aqueles que não têm ficha limpa, e eu estou livre e voltei para cuidar da minha livraria. Também cumpri meu compromisso: continuo a manter silêncio sobre o que devo manter em silêncio, e não me meto em mais assuntos do que os que o meu negócio exige. Não tenho certeza de que um dia qualquer, quando eu levantar as persianas, não apareça um par de homens armados diante de mim para se apoderar da minha pessoa e garantir que meu silêncio seja absoluto e definitivo, sem a necessidade de que aqueles que se beneficiam dele acreditem em minha palavra, embora até agora eu a tenha mantido. Ninguém sabe ao certo o que há no interior de outra alma, e a do homem de quem isso depende está muito longe de ser um livro aberto para mim. Na época, fiz minha aposta com ele e não falhei, mas um apostador deve saber que não há cavalo com o qual ele sempre possa ganhar.

Por via das dúvidas, porque é o que tenho e porque não posso ser em seu caminho mais do que um fantasma silencioso e devotado, escrevo este livro e o deixo para você, Lea, como te deixo tudo mais, porque você é minha herdeira legítima e o emblema vivo do melhor que já conheci. Nunca se esqueça do que você é: o fruto de um amor verdadeiro e indestrutível, mesmo que um dos que o sustentaram tenha precisado se servir da mentira para viver, mesmo que tenha precisado ir embora e não tenha podido ficar para cuidar dele. Isso faz de você, para sempre, um milagre e um triunfo,

do que nada que a vida traga ou tire de você nunca poderá te despojar.

Não tenho o direito de te dar meu livro agora. Você não precisa dele para nada e não será útil para você neste momento, quando outros desafios e estímulos estão te chamando. Vou apenas encaderná-lo e deixá-lo guardado nas prateleiras da minha livraria, que um dia, como tudo o mais que possuo, será sua. Se você está aqui agora, lendo-o, significa que o encontrou, e só tenho mais duas coisas a te dizer, que são aquelas que resumem minha vida, qualquer vida, em relação a você, em relação a todas as pessoas que passaram por ela. A primeira é o perdão, por tudo o que eu não soube, não pude ou não quis suficientemente te dar; pelos danos que não consegui parar de te causar. A segunda é o agradecimento, por todos e por cada um, até o menor, dos momentos de beleza que você me proporcionou. Por este agora mesmo, pelos anteriores, pelos que virão, mesmo que não haja mais nenhum. Eu me levanto do banco e me afasto de sua vida. E caio no nada, mas ainda não está totalmente escuro.

Getafe-Illescas-Madri-San Sebastián-Barcelona-Pamplona,
12 de novembro de 2022 – 15 de fevereiro de 2023

AGRADECIMENTOS

Há muitas pessoas que me ajudaram, de uma forma ou de outra, a escrever este livro, e a maioria delas não vou mencionar pelos nomes. Refiro-me àquelas que passaram por situações difíceis e complicadas em ambientes violentos, algumas até participaram da violência em maior ou menor grau, e tiveram a generosidade e a confiança de compartilhar suas memórias comigo. Não quero fazer um julgamento sumário de ninguém, fossem quais fossem o lado e o papel que desempenharam neste ou naquele conflito, e é por isso que recorro a esta referência genérica.

Devo uma menção específica, como sempre, aos meus leitores de plantão: meu pai, Juan José Silva, meu irmão, Manuel, meu amigo Carlos Soto e minha esposa, Noemí Trujillo. Também aos meus fiéis, atentos e generosos companheiros de viagem da equipe editorial da Destino: Emili Rosales, Anna Soldevila, Alba Fité, María García e Juan Vera. E aos meus agentes: Laure Mer-le d'Aubigné, Gloria Gutiérrez e Maribel Luque.

O leitor atento terá encontrado no texto referências a Franz Kafka, Marcel Proust, Virginia Woolf, Walter Benjamin, Homero, Júlio Verne e César Vallejo. A eles e aos demais professores com quem tento aprender, sou

eternamente grato, a começar pela primeira de todos, minha mãe, Francisca Amador. Este é o primeiro livro que escrevo na íntegra sem tê-la fisicamente ao meu lado, mas seu espírito ainda está comigo e seu incentivo, juntamente com o calor de minha família, sustenta cada palavra que escrevo.

* *Pua*, em português (*púa*, em espanhol), tem o significado de “objeto de ponta aguda”; no entanto, na Espanha, a palavra também é usada coloquialmente para designar pessoas tidas como inteligentes e astutas. (N.T.)



© Aniol Resclosa

Lorenzo Silva é uma das principais referências da literatura contemporânea de língua espanhola, e seus romances históricos e policiais já conquistaram mais de 2 milhões de leitores. Ele escreveu, entre outras obras, *La flaqueza del bolchevique* (finalista do Prêmio Nadal, 1997), *Carta blanca* (Prêmio Primavera, 2004), *Recordarán tu nombre*, a Trilogia de Getafe, Castellano e seu recente *Nadie por delante*. É também autor do livro de viagens *Del Rif al Yebala: Viaje al sueño y a la pesadilla de Marruecos* e de *Sereno en el perigo* (Prêmio Algaba na categoria Ensaio).

É o criador da série protagonizada pelos investigadores Bevilacqua e Chamorro, que inclui, entre outros, *El alquimista impaciente* (Prêmio Nadal, 2000), *La marca del meridiano* (Prêmio Planeta, 2012) e *La llama de Focea*. Em colaboração com Noemí Trujillo, também assina uma nova série policial que começou com *Si esto es una mujer*, cuja sequência é *La forja de una rebelde*.

Você pode encontrá-lo no Twitter em

@VilaSilva

 PlanetaLivrosBR

 Planetadelivrosbrasil

 PlanetadeLivrosBrasil

 planetadelivros.com.br

 Planetadelivrosbrasil

#acreditamosnoslivros